UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

SUARA BASTOS

**O circo e suas construções de sentido:
um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano**

**São Paulo
2013**

SUARA BASTOS

**O circo e suas construções de sentido:
um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano**
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração:
Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

São Paulo
2013

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Bastos, Suara.

O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano / Suara Bastos; orientador Danilo Silva Guimarães. -- São Paulo, 2013.
280 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Circo 2. Construtivismo 3. Perspectiva 4. Construção de conhecimento 5. Psicologia 6. Fotografia I. Título.

GV1801

Nome: Bastos, Suara.

Título: O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Experimental

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Ao Circo por me conduzir à Psicologia e
à Psicologia por me reconduzir ao Circo.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Dr. Danilo Silva Guimarães pelo acolhimento, seriedade e profissionalismo na condução deste trabalho.

À Professora Dra. Livia Mathias Simão pela simpatia e cordialidade ao compartilhar o seu conhecimento e por participar do Exame de Qualificação.

Ao Professor Dr. Mario Fernando Bolognesi pelo pronto aceite em participar do Exame de Qualificação, por suas sugestões e pelos sempre agradáveis bate-papos sobre circo.

Aos colegas do Laboratório de Interação Verbal e Construção do Conhecimento: Paula Franciulli, João Marcel Ferreira Lopes, Hernán Sánchez Rios, Larissa Laskovski e Juliano Casimiro de Camargo Sampaio pela atenção, receptividade e apoio.

Agradeço especialmente aos queridos Djalma Francisco Costa Lisboa de Freitas pelas inestimáveis contribuições ao longo de todo o percurso e a Cássia Regina Palermo Moreira pelo carinho e cuidadosa revisão ortográfica.

À querida Sirlene Lopes de Miranda por ler este trabalho criticamente e pelas preciosas considerações.

À Flávia Menezes Duarte pelos diálogos sobre a vida e os desafios acadêmicos.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do PSE, em especial à Sônia Maria Caetano de Souza, pela gentileza e orientações.

Aos funcionários da Biblioteca Dante Moreira Leite, em especial a Elaine Cristina Domingues Martins, Maria Marta Nascimento e Cristiane de Almeida Câmara Carvalho pela atenção afetuosa e pelo precioso auxílio.

À Yone Fonseca pelo grande incentivo no início desta jornada.

Aos amigos Rones Mendes da Cunha e Valéria Agra pela amizade sincera.

Ao meu marido José Carlos Maruoka, pela compreensão de que este é um trabalho que exige muita dedicação, pelo incentivo, suporte e apoio incondicionais e principalmente por todo o amor, sorrisos e sentidos compartilhados.

À minha linda filha Sinara Isabelly Bastos Hope, simplesmente a razão de tudo.

Aos meus enteados Luis Henrique, Mariana e Rafael por fazerem parte da minha história.

Aos meus estimados sogros Sra. Hisako e Sr. Satio Maruoka por serem exemplos de gratidão e generosidade.

À minha mãe Mercedes de Freitas Moreira, minha irmã Iara Aparecida Bastos e sobrinho Herculano Teixeira Doria Neto pelo que representam na minha vida.

Ao meu pequeno e amado cãozinho Billy por alegrar todos os meus dias e à Rosa Maria Batista de Sousa pelos mimos dedicados a ele.

Ao Circo “D.P.A.C”, na pessoa de seu proprietário, por permitir a realização desta pesquisa em suas dependências, e aos entrevistados por gentilmente compartilharem suas histórias de vida.

Aos Circos Francisco Athayde (1985), Tihany (1987) e Hermanos Vasquez (1988) por serem fonte de inspiração.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa de mestrado.

*A história é assim: a grande roda que se reinventa
para chegar de um jeito diferente ao mesmo lugar
que, então, já é outro.*

Alice Viveiros de Castro

RESUMO

Bastos, S. (2013). *O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O interesse por este estudo surgiu a partir de minha experiência pessoal por haver trabalhado e acompanhado três diferentes circos no México, por quatro anos. Considerando a compreensão do ser humano em sua singularidade no contexto cultural em que está inserido, esta investigação teve como objeto de estudo o cotidiano do circo e suas construções de sentido, propondo-se a olhar para a perspectiva do próprio circense. Mediante a fala dos participantes, investigou-se (a) elementos descritivos de seu cotidiano, (b) os momentos de tensão nas relações eu - outro e (c) as posições dialógicas que emergiram no processo de construção de sentidos. A investigação realizada é de natureza qualitativa, e o referencial teórico-metodológico adotado foi o Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia que, entre outras proposições, visa à busca da gênese do processo de pesquisa, a não separação entre teoria e método e considera o pesquisador como parte importante do processo de investigação. Foram realizadas entrevistas com questões semiestruturadas e, após cada uma delas, foi solicitado ao participante que tirasse fotografias de qualquer lugar que lhe fosse significativo no Circo. A utilização do recurso fotográfico se deu como uma linguagem complementar às entrevistas, e se justifica quando se pretende compreender os significados atribuídos à imagem pelo olhar do autor da fotografia. Participaram deste estudo seis circenses adultos, sendo duas mulheres e quatro homens. Observei entre os entrevistados um encantamento com relação ao circo e ao estilo de vida itinerante. Nesse campo comum de significados, os integrantes compartilham aspectos relacionados às relações familiares, profissionais, sociais e interpessoais. Nas narrativas emergiram preocupações relacionadas ao futuro do circo em razão das dificuldades enfrentadas atualmente, em especial por causa da retirada dos animais do picadeiro, gerando uma significativa queda na bilheteria, fato que indica que o circo vem atravessando um período de mudanças culturais, já que seus espetáculos sempre estiveram relacionados à apresentação de animais. Alguns entrevistados sentem um estranhamento por parte da sociedade sedentária envolvente com relação ao circo e aos que a ele se dedicam. O circo é aberto ao público, que adentra seus domínios sem impedimentos, ressaltando por essa perspectiva a tênue relação entre o público e o privado nesse universo. Todos os participantes validaram minha posição como circense e foram muito generosos ao compartilharem comigo suas histórias de vida, possivelmente por identificarem em mim alguém que pudesse compreendê-los, em virtude de minha experiência pregressa, que me propicia conhecer as características e peculiaridades do dia a dia no circo. Este estudo aponta desdobramentos para novos projetos em Psicologia sobre circo, por exemplo, relacionados à efetividade da forma de estudos da criança circense e sobre uma possível reflexão de um modelo de atendimento psicológico que dê conta de lidar com os conflitos e o sofrimento psíquico dessa e de outras populações itinerantes. O circo, em contrapartida, abre possibilidades para novas pesquisas na área com relação às

questões culturais, visando à construção de conhecimentos e ao entendimento dos universos semiótico-culturais de pessoas e grupos sociais diferenciados.

Palavras-chave: construtivismo, perspectiva, construção de conhecimento, psicologia, circo, fotografia.

ABSTRACT

Bastos, S. (2013). *The circus and its construction of meaning: addressing the circus artist perspective on his own daily life*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Sao Paulo.

The interest for this study arose from my personal experience once I worked with and accompanied three different circuses in Mexico for four years. Considering the understanding of the human being in its uniqueness regarding the cultural context in which we are inserted, this research object is the study of everyday life in the circus and its constructions of meaning, aiming at addressing the circus artists own perspective. Based on what was reported by the participants, three things were investigated a) descriptive elements of their everyday life, b) the moments of tension in the self-other relations and c) dialogical positions that emerged in the process of meaning construction. The research is qualitative, and the theoretical and methodological framework was the semiotic-cultural constructivism, which, among other propositions, aims at searching the genesis of the research process, the non-separation of theory and method, and regards the researcher as an important part of the research process. Interviews were conducted with semi-structured questions. After each one of them, the participants were asked to take photos of anything in the circus with important meaning to them. The use of photographic resource served as a supplementary language to the interviews, and its use is justified when we intend to understand the meanings attributed to the images through the eyes of the author of the picture. The study included six circus adult performers, from which two were female and four male. I observed enchantment among the participants in relation to the circus and its itinerant lifestyle. In this common field of meanings, members share aspects related to family as well as carry out professional, social and interpersonal relationships. In the narratives, concerns related to the future of the circus emerged due to the difficulties it currently faces – mainly due to the removal of animals from the arena, which caused a significant drop in ticket sales; a fact which indicates that at this time the circus is experiencing a period of cultural changes, since its presentations have always been related to the presentation of animals. Some participants share the view that there is estrangement from the surrounding sedentary society regarding the circus business and those who dedicate their lives to it. The circus is open to the public – and people enter its premises without being hindered by this perspective, emphasizing the tenuous relationship between the public and private sectors in this universe. All participants validated my position as a circus artist and were very generous in sharing their life stories with me – possibly because they were able to relate to me for regarding me as someone who could understand them, due to my past circus experience, which allows me to know the characteristics and peculiarities of everyday life in circus. This research points out the development of new project in psychology concerning the circus, such as, for example, those related to the effectiveness of the method in which circus children are educated, and regarding a possible reflection psychologically oriented that accounts for the conflict and psychological distress in this and other mobile populations. The circus, in contrast, opens up possibilities for further research in the area relating to cultural issues in order to build knowledge and understand people's cultural-semiotic universes and different social groups.

Keywords: constructivism, perspective, construction of knowledge, psychology, circus, photography.

SUMÁRIO

1 CONVITE AO PICADEIRO	16
1.1 Um olhar para o circo.....	19
1.2 O percurso histórico do circo	22
1.2.1 O circo moderno	26
1.2.2 O circo no Brasil.....	31
1.3 A construção cultural de significado no cotidiano circense: uma proposta teórico metodológica	35
2. OBJETIVOS	41
3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	42
3.1 O uso da fotografia na construção de sentido	46
3.2 Procedimentos	49
3.2.1 Participantes - o circo e seus integrantes.....	51
3.3 Forma de análise dos resultados	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
4.1 O circo D.P.A.C.....	54
4.2 Relato das visitas preliminares à pesquisa.....	55
4.2.1 Primeira visita	56
4.2.2 Segunda Visita	69
4.2.3 Terceira Visita	78
4.3 Relatos dos dias da pesquisa e sínteses interpretativas	79
4.3.1 Primeiro dia: entrevista com M.C.A.	80
4.3.1.1 Relato de como ocorreu a entrevista de M.C.A.	80

4.3.1.2 Síntese Interpretativa da entrevista de M.C.A.	87
4.3.2 Segundo dia: entrevistas com C.K., E.B e P.S.	92
4.3.2.1 Relato de como ocorreu a entrevista de C.K.	92
4.3.2.2 Síntese interpretativa da entrevista de C.K.	98
4.3.2.3 Relato de como ocorreram as entrevistas de E.B. e de P.S.	102
4.3.2.4 Síntese interpretativa das entrevistas de E.B. e P.S.	104
4.3.3 Terceiro dia: entrevistas com L.E e A.R.P.	109
4.3.3.1 Relato de como ocorreu a entrevista de L.E.	109
4.3.3.2 Síntese interpretativa da entrevista de L.E.	112
4.3.3.3 Relato de como ocorreu a entrevista de A.R.P.	114
4.3.3.4 Síntese interpretativa da entrevista de A.R.P.	116
4.3.4 Quarto Dia: fotografias tiradas por P.S e E.B. e síntese interpretativa das imagens	118
4.3.4.1 Síntese interpretativa das imagens de P.S. e E.B.	130
5 O CIRCO E SEUS SENTIDOS	133
5.1 O diferente sob o olhar do comum	133
5.2 O futuro do circo	138
5.3 A retirada dos animais do picadeiro	142
5.4 A relação entre o circense e a escola formal.	144
5.5 A educação para a arte e para o trabalho	147
5.6 O viver itinerante.	151
5.7 Um lar em constante movimento.	156
5.8 Os sentidos de família e os relacionamentos interpessoais	158
5.9 Do picadeiro ao coração	161

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS	174
APÊNDICE A - Roteiro da entrevista semi-estruturada.....	178
APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com M.C.A.	179
APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com C.K.	188
APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com P.S. e E.B.	207
APÊNDICE E - Transcrição da entrevista com L.E.	228
APÊNDICE F - Transcrição da entrevista com A.R.P.	248
APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	260
APÊNDICE H - Fotos tiradas na primeira visita ao circo.....	263
APÊNDICE I - Fotos da casa de C.K.	274
ANEXO A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa	280

1 CONVITE AO PICADEIRO

Viver algo notável gera a necessidade de contar: você sabe o que eu vi? Você sabe o que me aconteceu? E tudo o que nos acontece, é notável, porque nos concerne.
Ecléa Bosi

A primeira vez que estive em um circo foi por volta dos 12 anos de idade, e ainda guardo na memória as boas lembranças daquela tarde, como o cheiro de pipoca, as peripécias do palhaço, o colorido das luzes e o movimento das águas dançantes.

Alguns anos se passariam até que uma colega, em uma roda de amigos, me fizesse uma proposta inusitada: *ir em seu lugar para outro país para trabalhar em um circo*. Como a proposta naquele momento pareceu-me, no mínimo desafiadora, aceitei o convite, e em poucos meses embarquei para a Cidade do México para trabalhar em um dos grandes circos daquele país.

A temporada que duraria oito meses, se estendeu por quatro anos, período em que trabalhei em três 3 diferentes circos, e no qual pude conhecer de perto essa atividade, o estilo de vida circense e a cultura local.

Curiosamente, o segundo circo do qual participei foi justamente o primeiro que visitei em minha infância, pois por ser um circo internacional, naquela ocasião encontrava-se em turnê por terras mexicanas. E, coincidentemente durante o período desta pesquisa, tive o prazer de visitá-los e de rever seu espetáculo, uma vez que esse mesmo circo apresentou-se aqui na cidade de São Paulo.

Trabalhar, viver e morar no próprio circo, além de uma valiosa experiência de vida, tornou-se uma paixão, pois desde o primeiro momento fui tomada pelo signo de liberdade dessa vida itinerante, mesmo diante dos desafios enfrentados no cotidiano circense, como viajar em caravanas, morar em trailer e as constantes mudanças de cidades para as apresentações.

O convívio nesse tecido cultural e as interações com os circenses naquele período de minha vida foi tão intenso, que me lançou a um doloroso desafio, porque

naquele momento não sabia que, ao me despedir do picadeiro, naquela sessão de domingo, em minha última apresentação como artista circense, apenas me reencontraria naquele universo muitos anos depois, pois embora fosse o meu desejo retornar ao mundo do circo, acabei seguindo por caminhos que me distanciaram dele.

A decisão de deixar o circo deu-se por ser este o lugar no qual eu queria ficar, mas ao qual eu não pertencia, pois por ser estrangeira e por não haver nascido em uma família circense, via-me estrangeira também com relação ao próprio circo.

Mas por haver sido irremediavelmente transformada por ele, ao deixar voluntariamente o circo e aquele estilo de viver, retornando à sociedade à qual eu pertencia, essa sociedade já não era o lugar no qual eu queria ficar, por sentir falta do mundo do picadeiro.

E assim, na busca por compreender tais sentimentos e emoções, advindas dessa significativa experiência, cheguei à Psicologia, que gradativamente permitiu-me entrar em contato com essas questões, refletir e ressignificar minhas inquietações pessoais, propondo-me novas formas e construções de sentido.

Ainda que passados vários anos daquele meu primeiro encontro com o circo, meus olhos, como se fossem os olhos de uma menina, ainda o veem com o mesmo encantamento, e minha história até este momento continua permeada por essa experiência.

Como o circo me conduziu para o estudo da psicologia, a Psicologia, hoje, generosamente, me permite retornar ao circo, desta vez como psicóloga e pesquisadora, para uma investigação a partir da base teórico-metodológica do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, abordagem que me propicia refletir sobre as relações eu - outro e compreender o processo de desenvolvimento simbólico individual.

No entanto, retornar ao circo nesta nova condição apresentou-se como um dilema presente em grande parte do percurso desta investigação pois, em diversas ocasiões a relação entre esses dois modos de estar no circo caracterizou-se por impetuosos momentos de tensão intrasubjetiva que emergiram na fronteira entre essas diferentes perspectivas, ambas intensas e ambas contidas em mim mesma.

Nesse sentido, a inserção na comunidade pesquisada deu-se inicialmente de forma afetivamente acentuada, gerando a questão apontada e que se refere às tensões vivenciadas de modo intrasubjetivo entre a relação de afeto que mantenho

com o circo e as exigências concretas de uma dissertação de mestrado, ou seja, as demandas intersubjetivas.

Estar naquele universo, agora na posição de pesquisadora com a função de estabelecer um elo entre essas duas culturas, ou melhor, de fazer uma ponte entre aquilo que o outro é, ou demonstra ser e o que será comunicado, exigiu um forte reposicionamento, uma vez que para tornar a cultura visível, é necessário compreender e ter clareza do lugar no qual se é colocado, e estar ciente de que esse mesmo lugar contém lacunas e vieses que também deverão ser considerados e interpretados. (L. M. Simão comunicação em aula, 21 de agosto de 2012).

Dado que a posição de psicóloga é a de alguém que deve pensar sobre as múltiplas possibilidades de ser, ou seja, alguém que precisa dialogar e transitar em todas as possibilidades do ser e do “vir a ser” do indivíduo, estar neste lugar encerram-se muitas responsabilidades éticas e teóricas.

Dessa maneira, como forma de solucionar a questão apontada, durante o período de coleta de informações me foi necessário um intenso e constante movimento de aproximação e distanciamento do circo, dos participantes e dos dados empíricos, como forma de garantir efetivamente uma contribuição acadêmica e científica tanto para a Psicologia quanto para o universo circense, uma vez que, essa investigação poderá contribuir para reflexões sobre as aplicações teóricas e metodológicas referentes ao uso da imagem como recurso simbólico para a compreensão da construção de sentido em cenários específicos como o circense, para o entendimento sobre as relações eu - outro no contexto da itinerância e sobre a relevância desses assuntos na propagação de práticas culturais.

Com base no exposto, o tema desta pesquisa surge a partir de minha inquietude por revisitar e compreender o circo no Brasil, na atualidade, tendo como objeto de estudo o cotidiano circense com um olhar para a perspectiva dos que o vivenciam. A opção por investigar o dia a dia dos que no circo vivem, se dá por haver sido para mim uma rotina muito prazerosa, já que o estilo de vida circense permite unir, ao mesmo tempo, trabalho, moradia e viagens, o que propicia o agradável conhecimento de diferentes lugares e costumes.

Assim, retornar ao circo para estudá-lo em suas nuances e peculiaridades, permite-me revisitar minha própria história, além de dispor desse universo como ferramenta e objeto de estudo para investigações na área da Psicologia envolvendo as relações eu - outro e as construções de sentido.

Como nos aponta Spink (2003), “o desejo de pesquisar surge da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais e intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre ela” (p. 26). Portanto, a presente pesquisa está, intimamente ligada à minha história pregressa no encantador universo circense.

1.1 Um olhar para o circo

Como a rotina circense tem suas próprias especificidades, desconhecidas por aqueles que não compartilham dessa atividade, pude perceber que não raro, os olhos que veem o circo de fora, muito pouco apreendem o que o mundo de dentro dele realmente é ou mostra-se ser.

Possivelmente por esta razão, ouço com frequência relatos de pessoas adultas que estiveram em um circo uma única vez, quando crianças ou que sequer o fizeram. Em uma ocasião recente, conversando com alguém que se enquadra neste último caso, aproveitei a oportunidade para perguntar o que esta pessoa pensava sobre este universo, ao qual ela me respondeu em tom um tanto reticente:

- F. M. Duarte (comunicação pessoal, 26 de julho de 2012),

quando penso em circo a primeira coisa que me vem à mente é a figura do palhaço, do riso. Na verdade, nem imagino outra coisa, acho que apenas assistiria o espetáculo e não pararia para pensar, mas acredito que no meu olhar, eu não gostaria de estar ali, acho que pelo desconforto, por não ter uma rotina, um local fixo, sei lá. Não faço nem idéia como tudo isto funciona, nunca parei para pensar.

Esse relato é um entre tantos outros que chama a atenção pela falta de conhecimento ou curiosidade por parte da maioria das pessoas, a respeito da grandiosa lona colorida que chega e toma conta de uma determinada região da cidade. Como aponta Magnani (1998, p. 37) “o aparecimento repentino do imenso toldo de lona num terreno desocupado não deixa de despertar atenção e de alterar, momentaneamente, a paisagem e a rotina do bairro”, mas não a ponto de fazê-los parar e pensar sobre o que dá suporte e mantém toda esta estrutura, ou sobre as pessoas que ali vivem e trabalham.

Esse fato me faz supor que, devido a esse desconhecimento, faz-se presente no discurso de alguns, como relatado por alguns participantes, um tom depreciativo algumas vezes incutido nesse tipo de diálogo, com relação ao circo e ao que a ele está associado. Por essa razão, faz-se necessário comentar sobre algumas características do mundo circense, como forma de apresentá-las aos que não estão familiarizados com este universo.

Segundo Novelli Júnior (1980), o circo é “uma casa de espetáculo autônoma e itinerante, que desloca consigo o grupo de artistas que realizam o espetáculo, assim como as habitações para esse grupo e toda a infra-estrutura de apoio necessária” (p. 14).

Geralmente o circo chega até a cidade mediante o trabalho do secretário, cuja função é levantar as possíveis praças onde o circo poderá se instalar e de providenciar as liberações e licenças necessárias junto aos órgãos públicos. Essa é uma das principais razões do desconhecimento por parte dos trabalhadores e dos artistas, sobre o seu próximo destino, pois isso dependerá da disponibilidade de terrenos e também da resolução das questões burocráticas exigidas para a instalação do circo.

A natureza da atividade circense é essencialmente itinerante, ou seja, o circo desloca-se constantemente de cidade, nunca permanecendo por muito tempo em um mesmo local. Sua locomoção ou permanência em uma determinada localidade, depende, entre outros aspectos, da receptividade do público e das entradas na bilheteria. Entre as peculiaridades da vida no circo, uma das principais é a integração de trabalho, lazer, moradia e o convívio com os familiares. A rotina de treinamentos é contínua e visa a garantir ao artista a máxima qualidade em sua arte, assim como o aperfeiçoamento dos níveis técnico e estético de sua apresentação.

De modo geral, os artistas iniciam seu aprendizado ainda quando muito crianças, pois desde tenra idade presenciam os ensaios diários dos adultos e assim, aos poucos, vão se aperfeiçoando em uma ou outra atividade circense, passando gradativamente a se apresentar no picadeiro.

A lona é de extrema importância para os circenses, pois além de ser um grande atrativo, é a moldura de todo o espetáculo e garante, em grande parte, a segurança do público. Sua qualidade e resistência são essenciais para enfrentar os dias de temporal e ventania tão temidos pelos circenses, pois já foram a causa de tragédias. A queda do mastro principal sobre um trailer, que ocasionou a morte de

um casal de artistas, por exemplo, ocorreu alguns anos antes de minha chegada ao México e me foi relatado por um parente próximo desse casal.

Acidentes com os artistas durante apresentações de números arriscados e sem proteção não são incomuns, assim como acidentes com os empregados do circo. Eu mesma presenciei, no primeiro circo no qual trabalhei, um acidente fatal com um jovem de 18 anos que recebeu um descarga elétrica de um dos postes de iluminação, quando tentava direcionar o refletor de luz para o centro do picadeiro, onde eu me encontrava. Conforme afirma Bolognesi (2003, p. 31), a morte é uma possibilidade real no cenário circense.

Deslocando-me para a posição de espectadora, enquanto público que prestigia o circo, muitas vezes não nos damos conta das inúmeras peculiaridades desse universo porque geralmente nos atentamos apenas para o que está acontecendo no picadeiro, foco principal do espetáculo, e ao qual o circo propositadamente nos convida a olhar. Isso acontece porque o circo também esconde o que está por trás dele, com recursos que distraem a atenção do público como forma de favorecer os efeitos de ilusão e fantasia inerentes ao espetáculo circense.

Há, portanto, nesse cotidiano, caminhos desconhecidos e que apenas os circenses em seu dia a dia percorrem, e são esses caminhos que, ao meu ver, também fazem deste um tema muito interessante.

Ao mesmo tempo em que fascinam alguns, os circenses, ao possuírem um estilo de vida peculiar, como morar em trailers e ter uma vida itinerante, podem gerar algum estranhamento à sociedade que os envolve e que, por vezes, estabelece modelos de comportamentos e rotula os que não se enquadram em tais modelos, “Afinal, o preconceito contra o circo e as artes circenses vem de longa data” (Castro, 2005, p. 207).

De acordo com Duarte (1995), “se os artistas aparecem como seres estranhos a uma sociedade fixante e normalizadora, o fascínio exercido sobre os cidadãos comuns inspira-se na execução de atos emissores de signos de liberdade, desafio e aventura” (p. 191).

Como forma de contextualizar e para uma melhor compreensão sobre os aspectos culturais da atividade circense, passo a apresentar o percurso histórico do circo no Brasil e mundo.

1.2 O percurso histórico do circo

Registros apontam que por volta dos anos 70 antes de Cristo, surgiu o primeiro circo em Roma, denominado Circo Máximo. A data específica de sua criação não é clara, assim como o contexto em que foi fundado. De acordo com Ruiz (1987), esse circo foi destruído em um incêndio.

Bolognesi (2010) também enfatiza que o Circo Máximo é um marco essencial na história do circo, apesar de ter sido destinado à disputa de corridas em bigas¹ com caráter associado a atos religiosos e políticos.

Ruiz (1987) afirma que esse anfiteatro foi reedificado somente no reinado de Júlio César, 40 anos antes de Cristo, tornando-o um monumento descrito como Coliseu de Roma², local destinado a apresentações de circo e teatro.

De acordo com o autor, esses recintos destinados a atividades artísticas deixaram de ser construídos por um longo período, forçando os artistas a realizarem apresentações improvisadas nas praças públicas e nas entradas das igrejas. Em meados do século XVIII, conforme destaca Ruiz, novas construções de anfiteatros foram erguidas e a construção da primeira delas favoreceu convencionar-se o tamanho ideal para a arena (picadeiro) de 13 metros de diâmetro. Anos mais tarde, esses locais deixaram de ser utilizados por ordem do imperador Nero.

Após a queda do Império Romano, a arena de Arles, na França, foi a primeira a ser reaproveitada para a realização dos espetáculos, retomando assim as apresentações semelhantes aos hipódromos gregos, em que os espetáculos começavam com uma apresentação solene, com desfiles de generais e de suas tropas (Ruiz, 1987).

Ainda, como descreve Ruiz (1987), durante séculos seguintes, a diversão foi sendo reinventada em apresentações realizadas em feiras e em barracas, contando com a demonstração de truques mágicos e de malabarismo, trazendo ao foco o

¹ Carro romano de duas ou quatro rodas, puxado por dois cavalos. (Ferreira, 2010).

² Prédio de três andares, sustentado por pórticos e colunas, onde cabiam cerca de 87 mil espectadores, circundando um arena de 200 metros por 187 de largura, até uma altura que atingia 53 metros (Ruiz, 1987).

gênero das apresentações populares dos gregos e romanos, bem como o posterior surgimento dos palhaços nas apresentações da *Comédie dell'Arte*³.

Alguns argumentos também justificam o aparecimento dos palhaços nos espetáculos. Segundo Castro (2005), um espetáculo baseado na disciplina militar e na valorização do perigo deixava a plateia muito tensa, sendo necessário momentos de relaxamento e distração. Nesse contexto, surge a figura do palhaço para quebrar os rituais de tensão advindos da origem militar.

Silva (2003) também confirma que no período de 1870 a 1910, as apresentações eram exibidas nos mais variados espaços, ou seja, nas ruas, nas feiras, nos tabladros e nos palcos teatrais.

No final do século XVIII, havia várias apresentações equestres em toda a Europa. Também se desenvolviam paralelamente a essas apresentações as montarias, as caças e os combates de animais, acompanhadas de cavalgadas e de fanfarras. Em particular na Inglaterra, tiveram início apresentações de acrobacias equestres de egressos das fileiras militares. Em Londres, destacavam-se as apresentações realizadas pelas companhias de Hayam, Jacob Bates, Price e Philip Astley (Silva, 2003).

As praças e feiras eram ocupadas por companhias ambulantes que se apresentavam ao ar livre, em barracas cobertas de tecidos ou de madeiras; palcos de pequenos teatros estáveis ou fixos (teatros de variedades e “*music-hall*”). As companhias contavam com acrobatas, dançadores de corda, equilibristas, malabaristas, manipuladores de marionetes, atores e adestradores de animais (Silva, 2003).

Nesse sentido, vale ressaltar que alguns autores apontam para diferenças entre as feiras e o circo europeu propriamente dito. Bolognesi (2003) enfatiza que diferentemente dos espetáculos das feiras ambulantes, os primeiros circos europeus eram permanentes e se instalavam apenas nas grandes cidades, constituindo espetáculos destinados a aristocracia e à crescente burguesia. O autor comenta ainda a criação da chamada Alta escola, para formação em montarias, que acentuou a tendência aristocrática do circo por volta de 1830.

³ Uma forma de teatro popular improvisado, que começou no século XV na Itália e se desenvolveu posteriormente na França. Trata-se de uma apresentação popular que se manteve até o século XVIII. (Ferreira, 2010).

Já em 1926, foi criada a primeira escola oficial de circo no mundo, a Escola de Circo de Moscou, cujo projeto inicial era o de capacitar os artistas circenses, adequando-os aos novos tempos e para exercerem as funções de artistas da revolução. Como resultado desse trabalho, após as dificuldades iniciais e a escolha de uma metodologia de ensino que respeitasse a tradição e valorizasse o conhecimento e uma renovação na linguagem, a Escola de Moscou revolucionou o ensino das artes circenses e a estética dos espetáculos de circo, além de conquistar a excelência na capacitação técnica. Além disso, Moscou foi a primeira escola a oferecer curso de palhaço aos artistas (Castro, 2005).

Enquanto isso, o Circo Soviético investia em uma expressão própria, diferenciando-se do teatro e de outros espetáculos dramáticos, investindo no artista, na sua formação, criatividade e diversidade artística, bem como em tecnologia e em uma estética própria (Castro, 2005; Bolognesi, 2010).

Segundo Castro (2005), a escola soviética de circo renovou a linguagem das artes circenses, criando uma forte base de *ballet clássico*, uma disciplina rígida e conhecimentos científicos de fisiologia e biomecânica.

Enquanto soviéticos, chineses e populações dos demais países comunistas valorizavam o circo e incentivavam a criação de escolas desde que não desrespeitassem a tradição, os ocidentais, ao contrário, valorizavam mais a estreia da televisão e de outros espetáculos (Castro, 2005).

O circo pós-guerra, de modo geral, transformou-se num espetáculo repetitivo que priorizava o público infantil. Somava-se ainda o crescimento desenfreado das cidades, a chegada da televisão e o aumento do custo de vida, deixando o circo em todo o mundo ocidental em uma situação financeira difícil (Castro, 2005).

Diante dessas dificuldades, a maioria dos empresários circenses preferiu apostar no conhecido, ou seja, não se arriscar em inovações artísticas, manter uma folha de pagamento modesta e um espetáculo sem muitas inovações; como consequência, o circo recebeu críticas por se configurar um espetáculo previsível e repetitivo. Restava então, ao público, levar as crianças ao circo uma vez ao ano, e nada mais. Esse fenômeno ocorreu em todo o ocidente, ressalta Castro (2005).

Embora essa parte histórica seja um aspecto descrito por vários pesquisadores, surgem algumas críticas na descrição da história do circo. Castro (2005) critica o contexto histórico descrito pelos pesquisadores e historiadores franceses e ingleses, uma vez que privilegiaram o ponto de vista da Europa

Ocidental, bem como dos empresários e dirigentes dos grandes espaços circenses franceses e ingleses, por não destacarem a criatividade dos artistas que fizeram parte deste processo.

A crítica de Castro (2005) fundamenta-se no fato de que para se estudar as artes circenses é preciso considerar a maestria dos chineses (com suas acrobacias), indianos, egípcios, russos, ucranianos, ciganos e outros povos que participaram desse processo, embora reconheça que o circo, como espetáculo de variedades no picadeiro, tenha nascido de uma iniciativa inglesa.

Outros teóricos, a exemplo de Silva (2003), afirmam que muitas vezes, ao longo dos estudos, o circo aparece tratado de modo estático, tomado em si mesmo, sem que esteja articulado a uma historicidade dos próprios modos dos circenses se constituírem como grupo social e histórico.

Castro (2005) enfatiza, por exemplo, que “acreditar na figura do palhaço como exclusiva do circo é negar uma história de milênios em troca de uns meros cento e poucos anos de circo clássico” (p. 66). A figura do palhaço tem seu lugar de maior destaque no contexto circense, mas o circo, enquanto casa de espetáculos, não detém a exclusividade nas apresentações de artes circenses, salienta a autora.

Também nesse sentido, Bolognesi (2003) ressalta que os palhaços exercem uma função cômica importante no circo, mediante a exploração do insólito, sendo destinada a eles a apresentação de enquetes, conhecidas como entradas, que geralmente expressam conflitos entre duas personagens. A maquiagem carregada, os sapatos exagerados, uma peruca incomum e o nariz inchado ou achatado com tom de vermelho favorecem seu caráter de fascínio e diversão.

Além da figura do palhaço, os saltimbancos⁴, durante o século XVIII, percorriam a Europa realizando apresentações de destreza a cavalo e provas de equitação. Na Inglaterra, na França e na Espanha surgiam as companhias de provas equestres, tais como as companhias de Beates e a de Price (Ruiz, 1987).

Pantano (2007) também corrobora para a compreensão da origem da arte circense e aponta duas hipóteses possíveis: a hipótese que justifica sua origem pelos jogos olímpicos que aconteciam na Grécia, contando com acrobacias e uso de animais, bem como pelos espetáculos realizados pelos gladiadores em Roma, que se enfrentavam em duelos; e uma segunda vertente, que enfatiza o aparecimento

⁴ Elemento de um elenco de artistas populares itinerantes. Artista popular, histrião, que em geral se exhibe nos circos ou nas feiras, ou por conta própria. (Ferreira, 2010).

das apresentações de saltimbancos (incluindo palhaços, equilibristas e acrobatas) em feiras, desde a Idade Média, perpetuando uma modalidade de espetáculo reconhecido como teatro de feira.

Durante o século XIX, os espetáculos circenses se proliferaram por toda a Europa, o número de companhias crescia e, em sua maioria, em instalações estáveis, construídas em estrutura de madeira ao ar livre, em anfiteatros ou em teatros adaptados (Silva, 2003). Posteriormente, nas duas primeiras décadas, ocorreu a união de egressos militares e famílias de artistas ambulantes, saltimbancos, ilusionistas, ciganos, atores dos teatros de ruas e feiras, favorecendo um novo grupo de artistas que emigraram do continente europeu (Silva, 2003).

Segundo Silva (2003), as companhias que se mantiveram na Europa continuaram construindo seus espaços de apresentação em madeira, chamados de “circos estáveis”, pois quando terminava a temporada, a estrutura montada nos terrenos permanecia. Muitos teatros de cidades grandes eram alugados e passavam por reformas e adaptações para receberem os circos. Entretanto, como ressalta a autora, o circo ambulante ou circo sob tenda, na Europa, era considerado estabelecimento de segunda categoria, em comparação aos de madeira fixos ou aos teatros adaptados.

Portanto, como pode ser observado, há algumas controvérsias quanto à real origem da arte circense, porém os historiadores apontam para o Circo Máximo de Roma como o primeiro circo e para Philip Astley como criador do circo moderno, conforme descrevo a seguir.

1.2.1 O circo moderno

Dados indicam que o circo moderno existe há cerca de dois séculos, mas existem divergências sobre a data precisa. Para Ruiz (1987), Duarte (1995) e Silva (2003), a data seria 1770, quando o inglês Phillip Astley, exímio cavaleiro, organizou seu espetáculo equestre, com apresentações de saltimbancos, saltadores e palhaços, que revezavam suas apresentações com as demonstrações hípias.

Castro (2005) relata esse ocorrido um pouco antes, na data de 1768, sendo a contribuição de Astley significativa para que o espetáculo ocorresse em um círculo, o

que proporcionou uma dinâmica especial para as cenas, trazendo de volta a milenar arena dos gregos e a tradicional roda das praças públicas.

Embora não exista exatidão quanto a data específica, vários autores concordam que a origem do circo moderno se caracteriza por apresentações artísticas de iniciativa de Philip Astley no século XVIII (Ruiz, 1987; Duarte, 1995; Bolognesi, 2003; Silva, 2003; Castro, 2005; Pantano, 2007).

Esse suboficial da cavalaria, como conhecedor da arte de montaria, chegou à conclusão de que seria mais fácil manter-se de pé, sobre um cavalo, a galope, se este estivesse correndo em um círculo perfeito, em razão da força centrífuga. Escolheu, assim, o picadeiro circular como espaço artístico do circo. Astley implantou essa ideia em Londres, instalando o *Astley's Royal Amphitheatre of Arts*, inserindo no circo o rufar dos tambores e as vozes de comando para a execução de números de risco (Ruiz, 1987; Duarte, 1995; Silva, 2003; Castro, 2005).

Os primeiros espetáculos de circo eram uma mistura de teatro e equitação, apresentando pantomimas⁵, melodramas⁶, burletas⁷, que aconteciam num palco montado ao fundo, e apresentações circenses que ocorriam no picadeiro, sendo a duração dos espetáculos, nos primeiros anos, de 5 a 6 horas (Castro, 2005).

Conforme nos descreve a autora, o espetáculo de Astley contava com cavaleiros, equilibristas, funâmbulos⁸ e acrobatas que se vestiam com uniformes militares e mantinham uma rígida disciplina. Um desfile de todos os artistas envolvidos marcava o início e o término das apresentações. Aqueles que não estavam se apresentando formavam uma barreira no fundo do picadeiro para garantir a segurança dos colegas, estrutura que permaneceu por mais de 400 anos nos espetáculos tradicionais de circo (Castro, 2005).

Silva (2003) descreve a composição do espaço físico e arquitetônico do circo de Astley: uma pista de terra cercada por proteção em madeira, na qual se elevava em um ponto pequenas tribunas sobrepostas, semelhantes a camarotes, cobertas de madeira, como a maior parte das barracas de feira daquele período, acopladas a pequenos barracões, sendo o resto do cercado formado por arquibancadas ou galerias, bem próximas à pista. Esse espaço, porém, foi construído de modo

⁵ Arte ou ato de expressão por meio de gestos; mímica (Ferreira, 2010).

⁶ Peça demasiadamente sentimental e romântica, com situações e diálogos turbulentos e pomposos, mas de caracterização escassa e superficial (Ferreira, 2010).

⁷ Comédia ligeira, originária do teatro italiano do século XVI, menos caricatural que a farsa, e geralmente musicada (Ferreira, 2010).

⁸ Equilibrista que anda e volteia na corda ou no arame (Ferreira, 2010).

semelhante aos lugares onde se adestravam cavalos e/ou ensinava equitação e às construções de alguns teatros, nos quais o tablado era cercado por algum tipo de arquibancada de madeira, sem pista para animal, mas com espaço para se assistir de pé (Silva, 2003).

Londres exibia o espetáculo que se tornou famoso em todo o mundo, assim como a figura de Astley. Ele foi convidado pelo embaixador francês a fazer uma apresentação com sua companhia de circo em Paris, fato ocorrido em 1772. Astley inaugurou uma filial francesa de seu circo, “Amphithéâtre Anglois”, cerca de onze anos depois, deixando seu filho sob o comando da companhia de Londres. Posteriormente, a filial francesa foi administrada pelo italiano, Antônio Franconi, que favoreceu o refinamento das apresentações e a penetração destes espetáculos nas camadas aristocratas (Ruiz, 1987).

Silva (2003) acrescenta que um cavaleiro de nome Hughes, que havia feito parte da primeira trupe de trabalho de Astley, deixou essa companhia para montar a sua própria, em 1780, com o nome de *Royal Circus*, e pela primeira vez esse tipo de espetáculo e espaço aparecia com o nome de “circo”, propriamente dito. Hughes construiu um circo com um lugar adaptado como palco e uma pista em que se realizavam as apresentações de cavaleiros e saltadores. Essa estrutura permitia a exibição de espetáculos maiores em que o público poderia assistir inteiramente as apresentações, conforme sua disposição de arquibancadas. Quando, em 1794, o anfiteatro de Astley pegou fogo, ele o reconstruiu aos moldes do de Hughes, ou seja, com pista e palco (Silva, 2003).

Na Rússia, a partir dos grandes espetáculos apresentados pelos franceses, foi fundado o Circo de Moscou. A iniciativa foi de Magnus Hinné, em São Petersburgo, contudo, foi seu sucessor, Caetano Sanicelli, que associado ao Patrício Truzzi, alicerçou o circo russo que mais tarde se firmou com a criação do Circo Estatal em 1919 (Ruiz, 1987).

Considerando as mudanças no circo moderno ao longo das décadas, Silva (1996) destaca, em sua dissertação de mestrado sobre a arte e saberes circenses, um enquadramento militar das artes populares. A autora nos aponta que embora a “militarização” dos espetáculos circenses tenha se constituído um elemento significativo na origem do circo moderno, verifica-se um distanciamento da realidade circense de Roma, principalmente no significado dado ao cavalo. Enquanto Roma valorizava o cavalo como exemplo de força física e virilidade, que favorecia a disputa

nas corridas militares; no circo moderno, o cavalo favorecia a valorização das habilidades humanas no adestramento do animal ensinando-o comportamentos de distinção e elegância. Além disso, Roma valorizava a ação guerreira do momento, os valores estatais e religiosos; ao passo que no circo moderno perpetuavam-se as relações comerciais, de troca e de trabalho.

Nesse contexto comercial do circo, Bolognesi (2003) ressalta as características absorvidas pelo circo moderno tais como nomadismo e diversidade dos espetáculos. Aos poucos, o circo moderno foi se deslocando de ideais aristocráticos e burgueses, adquirindo uma função mais comercial, passando por sucessivas transformações.

Em 1830, por exemplo, o circo inglês atravessou o Atlântico realizando apresentações nos Estados Unidos e esteve também no Rio de Janeiro, favorecendo a divulgação da cultura circense. O surgimento das grandes lonas, como coberturas imensas, abriu espaço para novos artistas, e a vida itinerante favorecia a divulgação do circo por diversas plateias em diferentes países (Ruiz, 1987).

Desse modo, o circo se constituiu como uma tradição (Bolognesi, 2003), transmitida de geração a geração, e nesse espaço se configuraram as relações administrativas, artísticas, familiares e de ensino - aprendizagem.

Segundo Bolognesi (2003) a educação no universo circense acontecia dentro do próprio circo, ou seja, as crianças eram ensinadas sob a lona, dentro do contexto familiar. Os espetáculos também eram familiares, de modo que praticamente todos os membros da família participavam tanto das apresentações quanto das montagens e desmontagens da lona ao término dos espetáculos. A troca de conhecimentos entre as gerações circenses e o processo de ensino - aprendizagem intrafamiliar circense, algo talvez típico do circo brasileiro, constituíam a ideia de tradição circense.

Conforme nos descreve Castro (2005), o circo talvez tenha sido o último segmento artístico a render-se à educação formal, uma vez que no século XIX já estavam institucionalizados o ensino da dança, da música, da pintura e do teatro. As Academias de Belas Artes, os Conservatórios Musicais e os Teatros Oficiais foram criados com a nobre missão de formar artistas, entretanto, essa realidade não contemplava aqueles que espontaneamente desabrochavam os dons artísticos, como os ciganos e os saltimbancos que engoliam fogo, dançavam em cordas

balançantes, exibiam-se em equilíbrios sobre cavalinhos ou faziam a plateia rir. Portanto, o circo era tolerado como uma forma de divertimento, mas não reconhecido como arte (Castro, 2005).

Já os artistas revolucionários da jovem União Soviética valorizavam a essência da arte popular. Atores dos tabladros de feira, marionetistas, domadores de ursos e circenses eram respeitados como nunca tinham sido em toda a história da humanidade (Castro, 2005).

Esse contexto torna possível a visualização de um histórico de preconceitos ao circense por alguns povos; por outro lado e talvez ao mesmo tempo, a exibição de um fascínio pela realidade circense que retratava a liberdade, a estranheza do viver itinerante e um deslumbramento pelas apresentações artísticas e perigosas (Duarte, 1995).

De acordo com a autora, os circenses muitas vezes eram tratados como nômades, expressão que era retratada em tom pejorativo nos dicionários da época como sendo povos aqueles que “não têm habitação fixa, não deixam traços duradouros de sua existência e não eram civilizados” (Duarte, 1995, p. 38). A autora sugere que talvez o medo dessa imagem de desestabilização trazida pelo nomadismo fosse o ponto crucial dos argumentos contra os circenses. Além disso, o uso de gírias, danças e rituais, bem como enfeites e costumes favoreciam a disseminação da estranheza e do medo. Assim, o desordeiro, o desconhecido, o estrangeiro que não possui residência fixa e transmite o proibido, favoreceu, segundo a autora, uma imagem negativa daquele que está de passagem pelas cidades. Entretanto, ela aponta para outras sensações, pois mais do que medo, esse desconhecido favorecia também um fascínio quase incontrolável, ou melhor, se por um lado, com a visita dos circenses, havia um receio do desconhecido, por outro lado havia um deslumbramento, não menos marcante.

Nesse sentido, possivelmente o temido fosse a sensação de alegria explosiva e a transformação da cidade, uma vez que os artistas, vistos como grupos nômades, situavam-se na contramão da sociedade em relação à tendência de fixação predominante na época. Entretanto, como aponta a autora, os artistas não foram alvo da intolerância dedicada aos ciganos, pois apesar do receio que os artistas provocavam, eram muitas vezes recebidos em clima de festa nas cidades em que passavam.

1.2.2 O circo no Brasil

Ao contrário do que ocorreu na Europa, o circo no Brasil não se firmou pela apresentação de espetáculos equestres, mas pelo aparecimento por volta do século XVIII de ambulantes e ciganos que realizavam apresentações artísticas visando ao próprio sustento (Pantano, 2007).

Também se verifica o registro de artistas estrangeiros que migraram para o Brasil, atraídos pela notícia de que havia bastante dinheiro a ganhar por aqui, o que favoreceu a vinda de famílias circenses americanas, chilenas, inglesas, peruanas, francesas, argentinas, japonesas e italianas, dentre outras (Ruiz, 1987).

Silva (1996), Pimenta (2003) e Pantano (2007) confirmam tais afirmativas. A partir da década de 1830, a chegada das famílias tradicionais circenses, de diversas nacionalidades, impulsionou o circo no Brasil (Pimenta, 2003). Tais famílias que se organizaram e montaram suas companhias circenses por aqui foram atraídas pelos ciclos econômicos, principalmente do café e da borracha (Silva, 1996; Pantano, 2007).

Andrade (2010), por sua vez, declara que em 1813, foi inaugurado o Real teatro de São João, favorecendo a vinda de circenses oriundos de grupos diversos para o Brasil. Segundo esse autor, a família Bragassi foi a primeira a chegar por volta do ano de 1830. Entretanto, outros registros de pesquisadores quanto à origem do circo brasileiro são encontrados.

Conforme ressalta Castro (2005), as artes circenses chegaram ao Brasil com as caravelas. A autora ressalta que os portugueses gostavam muito de comédias, especialmente de espetáculos que mesclavam canto, dança e pantomima, e que tinha no humor o centro de sua estrutura dramática. “Não podemos falar de espetáculos circenses, no sentido atual, acontecendo no Brasil Colônia, mas o jeito brasileiro de ser artista estava sendo formado ali, durante os séculos XVI e XVII” (Castro, 2005, p.86).

Segundo Ruiz (1987), o circo brasileiro chegou a disputar com Lisboa apresentações de espetáculos na França e na Espanha, pois vários artistas se sentiram atraídos pela possibilidade de sucesso financeiro no novo país.

Por outro lado, há também registros de ciganos que visitavam os povoados da Capitania, realizando comédias e outras apresentações (Castro, 2005; Angelo,

2009). De acordo com esses autores, percebe-se que a história do circo nacional está repleta de saltimbancos, funâmbulos, volantins⁹, dentre outros, que visitavam o Brasil realizando suas apresentações em praças e outros locais públicos.

Também nesse sentido, registros diversos afirmam que já existiam saltimbancos no Brasil desde o século XVII, mas sempre relacionados a apresentações teatrais, sendo que no século XVIII aparecem relatos de circos propriamente ditos (Ruiz, 1987).

Ruiz (1987) e Andrade (2010) afirmam que o primeiro circo que tenha se apresentado aqui foi o circo do português Manoel Antônio da Silva, provavelmente em 1828. Castro (2005), apresenta registros do Circo Bragassi no Rio de Janeiro, um pouco mais tarde, a partir de 1837, quando pela primeira vez no Brasil apresentou-se um espetáculo com elefantes.

As pantomimas, trazidas aos picadeiros por Philip Astley (Londres), conseguiram maior adesão no circo brasileiro a partir da segunda metade do século XIX, como alternativa para valorizar as apresentações artísticas em épocas que não se podia contar com apresentações de feras amestradas, haja vista o custo de aquisição e manutenção dos animais (Pimenta, 2003).

A autora descreve que o sucesso das comédias no circo brasileiro favoreceu a valorização do palhaço no picadeiro, fossem mediante apresentações de mímica ou como pilhérico (verbais). Desse modo, essa personagem tornou-se o protagonista dessas apresentações, caracterizando uma arte genuína e singular.

Conforme descrito por Andrade (2010), em São Paulo, na segunda metade do século XVII, os bandeirantes partiram em busca de riquezas, abrindo caminhos para terras pouco conhecidas do centro-oeste. Em decorrência da descoberta do ouro em Minas Gerais, grande parte da produção cultural deslocou-se para lá, inclusive o circo.

Entre os avanços e recuos da divulgação cultural e apresentações circenses em meio aos processos políticos e culturais que ocorriam no Brasil, houve um afastamento das atividades recreativas ligadas originalmente às festas religiosas, em razão dos conflitos entre colonos e religiosos. A atenção da população voltou-se para as manifestações, nitidamente populares, favorecendo o surgimento de um

⁹ Andarilho, funâmbulo. (Ferreira, 2010).

grande número de jogos, brincadeiras e divertimentos, sem necessitar da aprovação da Igreja (Andrade, 2010).

As autoridades da época, afastadas do clero, começaram a aliar-se aos circenses, comemorando os acontecimentos político-sociais com apresentações de espetáculos de variedades, que atraíam plateia considerável para a época, o que enfureceu a Igreja, que tentou resgatar o uso de teatro para as festividades religiosas (Andrade, 2010).

Segundo Pimenta (2003), as comédias apresentadas no circo passaram por um momento de transição para o chamado circo-teatro¹⁰, ou seja, de apresentações teatrais em tabladros de aproximadamente um palmo de altura. A explicação mais citada pelos pesquisadores para o surgimento do circo-teatro no Brasil refere-se à criação de um pavilhão por Benjamim de Oliveira e Afonso Spinelli em 1918, época de reestruturação do Rio de Janeiro após a gripe espanhola, onde eram apresentadas adaptações de romances franceses, histórias bíblicas e peças portuguesas.

Nos anos 1920 e 1930, a escalada do espetáculo circense se alterna entre o interior e a capital. A princípio, os grandes centros cafeeiros atraem os espetáculos circenses em função da movimentação de renda, fruto do plantio do café, que entra na decadência em 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York, e, posteriormente, em 1930, com a queda dos governos café-com-leite a partir do movimento tenentista¹¹. Com isso, as companhias percorriam a capital e passavam a disputar público com as demais expressões culturais da emergente indústria cultural e com aqueles circos que se mantiveram no centro da cidade.

O circo passa a oferecer um espetáculo urbano em São Paulo por volta da virada do século XX, enquanto na capital federal, o Rio de Janeiro, ele estava presente desde 1840 (Sousa Júnior, 2008).

Todos os circos que se apresentaram na primeira metade do século XX em São Paulo são formados, dirigidos e têm seus espetáculos conduzidos e interpretados por membros de famílias circenses originárias da Europa, da América do Sul e da Ásia. Muitas dessas famílias se transferiram para o Brasil e não voltaram

¹⁰ Apresentações teatrais que ocorriam debaixo da lona do circo, aproveitando-se as qualidades dos artistas circenses, como espetáculos que trazem ao circo um modelo de teatro convencional (Andrade, 2010)

¹¹ Tenentismo – Os movimentos militares liderados por tenentes das forças armadas e que culminaram na Revolução de 1930, que pôs fim à Primeira República (Ferreira, 2010).

mais para seus países de origem, passando, no decorrer das primeiras décadas do século XX, por uma aculturação que envolveu casamentos entre famílias circenses, os quais geraram filhos brasileiros imbuídos da tradição do picadeiro (Sousa Júnior, 2003).

Decorre daí uma das principais características da família circense, estudada a fundo por Silva (2007): a tradição. Esta autora ressalta que a família circense se configurou como o mastro central que favorecia a sustentação e transmissão de saberes, valores e práticas entre gerações, resgatando também os saberes de seus antepassados expressos nas relações sociais e de trabalho.

Nas décadas de 1930 e 1940, a maior parte das famílias já havia incorporado o circo-teatro ao espetáculo circense a grande novidade introduzida por Benjamim de Oliveira por volta de 1910 que, além de números circenses tradicionais como o malabarismo, trapézio, equilibrismo, palhaços, o adestramento de cavalos entre outros, a segunda parte passa a ser reservada à sessão de dramatizações (Sousa Júnior, 2008).

Principalmente nas décadas de 1960 e 1970, houve um declínio do circo-teatro, por causa da crise financeira da época e a ascensão da televisão, que favoreceu a perda de grandes atores que se apresentavam nessa modalidade de circo. Destaco que, por não se tratar do objetivo do presente trabalho, a temática do circo-teatro não será discutida de maneira aprofundada.

De acordo com Ruiz (1987), o circo moderno se constituiu em uma tradição que passou por vários momentos de crises e dificuldades, dentre elas a falta de acesso a terrenos adequados, a má vontade das autoridades municipais em cederem espaço físico para os circos e a competição desleal com o aparecimento das novelas, em especial aquelas que eram transmitidas no mesmo horário dos espetáculos circenses.

Assim, em meio às dificuldades, muitos artistas das companhias circenses eram forçados a permanecerem nas grandes cidades em busca de outra atividade profissional, gerando uma despovoação do picadeiro. Entretanto, o circo se reinventava e se mantinha na competição com as companhias internacionais desse gênero artístico (Ruiz, 1987).

Pantano (2007), todavia, discorda que a TV tenha dificultado a propagação da arte circense, pois para a autora, esse fato pode ter favorecido a valorização dos espetáculos circenses em função das mudanças culturais que a população adquiriu

com a vinda da televisão, além de que havia como diferencial nesses espetáculos a figura do palhaço.

Nesse contexto, foi inaugurada em 1978, na cidade de São Paulo, a primeira instituição de ensino da arte do circo, a “Academia Piolin de Artes Circenses”. Essa “escola” funcionou debaixo das arquibancadas do estádio do Pacaembu e posteriormente, foi transferida para uma lona no Anhembi (atual área do Sambódromo), fechando as portas no ano de 1983, em razão da falta de verba para sua manutenção (Angelo, 2009). Essa experiência de ensino das artes circenses demonstrou que era possível formar pessoas não nascidas em circos de lona.

Nessa época, no Rio de Janeiro, por iniciativa dos artistas cariocas, a proposta de uma Escola Nacional de Circo foi entregue ao Serviço Nacional de Teatro e, em maio de 1982, o sonho desses artistas foi realizado, sendo inaugurada a Escola Nacional do Circo – FUNARTE, possibilitando um avanço na formação de artistas e na criação de instituições regulamentadas (Angelo, 2009).

Recentemente, a Escola Nacional do Circo, da Fundação Nacional de Artes, mantida pelo Ministério da Cultura, foi reaberta no Rio de Janeiro, em 17 de dezembro de 2012, configurando uma grande satisfação para os artistas em processo de formação, para os amantes das artes circenses e para a cultura brasileira.

A seguir, passo a apresentar os pressupostos teórico-metodológicos do construtivismo semiótico-cultural em psicologia, abordagem na qual esta dissertação se assenta.

1.3 A construção cultural de significado no cotidiano circense: uma proposta teórico metodológica

Advinda de minha experiência descrita anteriormente, emerge a vontade de retornar ao circo da atualidade para revisitá-lo e estudá-lo aos olhos da Psicologia, visando a construir novos conhecimentos sobre esse contexto.

Para minha satisfação, ingresso no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para desenvolver minha dissertação de mestrado tendo o circo como

objeto de pesquisa e também o meu próprio percurso no universo circense como parte desta investigação. Isso foi possível por meio do olhar da perspectiva teórica descrita a seguir, que permite e valida a posição e a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa, tem como foco a compreensão do desenvolvimento psicológico do indivíduo em sua singularidade, e enfatiza a importância dos aspectos culturais como parte desse desenvolvimento.

Sendo assim, as reuniões com o orientador, as participações nas disciplinas e nos grupos de estudo, assim como a frequência nas atividades do Laboratório de Interação Verbal e Construção do Conhecimento me permitiram ao longo de todo o percurso, entrar em contato e gradativamente aprofundar o conhecimento sobre os aspectos teóricos do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia.

A abordagem na qual este estudo se apoia, emerge principalmente do final do século XX, e das proposições de Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin, George Mead, Pierre Janet, Jean Piaget, Ernst Boesch e Jaan Valsiner. Essa perspectiva teórico-metodológica permite um olhar sobre: as interações verbais pertinentes às relações eu - outro; as construções e reconstruções de conhecimento e os processos de desenvolvimento simbólico individual (Simão, 2010).

Ernst Boesch autor, contemporâneo presente nesta perspectiva teórico-metodológica é um dos pioneiros da psicologia cultural européia que focaliza em suas proposições a noção de ação simbólica, integrando-as às questões relativas ao processo subjetivo cultural do viver humano.

Boesch (1991) aponta a perspectiva de cultura como um campo de ação simbólica no qual os indivíduos encontram-se imersos e em constante interação. Agindo nesse campo cultural, os indivíduos constroem significados que, juntamente com os significados construídos pelos outros indivíduos, constituem a cultura, cuja funcionalidade é regular a ação do próprio indivíduo (Simão, 2002).

Nesse sentido, essa perspectiva me permite tomar o circo como um espaço para a ação simbólica dos circenses, que ao integrarem novas experiências a partir de sua interação com o meio, desenvolvem-se e constroem seus significados, promovendo transformações, à medida que também são transformados.

Segundo Simão (2002 p. 88), “o sujeito para Boesch é um indivíduo que cresce por descobrir as oportunidades e limites de ação que a cultura lhe oferece”. Assim, podemos compreender que o homem age sobre o mundo e cada nova ação possibilita uma contínua construção e reconstrução de significados nas relações

estabelecidas com os “outros” de seu mundo, portanto, o homem nasce num tecido cultural, em um ambiente social pré-estruturado e, através de processos de significação constrói a sua singular biografia.

Entender que o desenvolvimento caracteriza-se por contínuas transformações ocorridas em um processo que atravessa a trajetória multilinear que as pessoas estabelecem com o seu meio, traz a questão sobre a forma com que a relação eu - outro se dá, de modo que, possibilita as múltiplas transformações, tanto de um como do outro.

Portanto, compreender como se dá a relação eu - outro no universo circense, permite a compreensão de aspectos dessa interação peculiar, visto se tratar de um contexto itinerante em que os indivíduos encontram-se cotidianamente em um mesmo ambiente e em constante interação.

Do ponto de vista do construtivismo semiótico-cultural, as relações eu - outro acontecem em um “entregajo” comunicativo e dialógico, em “um processo bidirecional de socialização, em que cada ator em interação transforma ativamente as mensagens comunicativas recebidas do outro” (Simão, 2010, pp. 19-20). Portanto, é na bidirecionalidade transformativa, que a comunicação estabelecida entre o eu e o outro, que novas formas de organização das pessoas e da própria relação emergem. A relação entre pesquisador e participante ilustra essa relação transformativa uma vez que, mediante essa interação, tanto um quanto outro saem transformados. Durante o momento da entrevista, em que ambos estão em diálogo, as mensagens transmitidas tanto pelo pesquisador quanto pelo participante transformam o próprio percurso da interação, pois, a emergência de novidades indicam a ambos novos caminhos que, poderão ser ou não seguidos (Simão, 1992).

Dessa forma, vê-se que a relação que se estabelece em um processo comunicativo e ativo que emerge das relações eu - outro assumem um papel central nessa perspectiva teórico-metodológica, trazendo o diálogo como um dos principais protagonistas do processo de desenvolvimento humano.

Assim, a figura do outro no diálogo aparece como o ponto chave da experiência do eu com seu mundo, pois é esse outro que “tece considerações, aprovações, reprovações e toda sorte de ações comunicativas, verbais e não-verbais, tornando-se esse outro o representante e concretizador singular, a cada momento, das sugestões, possibilidades e limites afetivos, cognitivos e acionais em dada constelação sócio-cultural” (Simão, 2004, p. 30).

Dessa forma, é no diálogo que as negociações eu - outro se dão, e são essas negociações que colocarão o ator e o interlocutor, mutuamente interdependentes, diante de suas possibilidades e limites, mostrando assim, as oportunidades para novas significações e configurações da realidade; portanto, é nessa negociação dialógica que eu e outro constroem e reconstroem ativamente suas próprias realidades.

Partindo dessas pressuposições teórico-metodológicas do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, fica claro que esta perspectiva aponta para o diálogo que as pessoas estabelecem com seu mundo como um dos principais agentes de construção e reconstrução de significados que emergem nas e das relações eu - outro.

Portanto, em razão das particularidades inerentes ao mundo do circo, que são vivenciadas cotidianamente pelos que dele fazem parte, como o fato de estarem em constante relação e diálogo entre si, como circenses, com a sociedade sedentária envolvente e com o público que frequenta o circo, o contexto circense é um cenário que possibilita trazer importantes elementos para a compreensão e reflexão sobre as relações eu - outro e suas construções de sentido.

Quando utilizo o termo “sociedade sedentária envolvente”, o faço a partir da expressão “sociedade envolvente” utilizada em Antropologia, quando esta se refere à sociedade que está em torno das comunidades indígenas. A palavra “sedentária” foi acrescida por mim, por considerar importante distinguir o circo da sociedade estática, não itinerante, ou seja, da sociedade fixa à qual os circos percorrem.

No que concerne questões do entendimento psicológico das relações eu - outro, a noção de transformação contínua e ininterrupta encerra uma compreensão de que o universo do circo, assim como, o universo referente às relações que as pessoas estabelecem com seu mundo, tocam, inapelavelmente, em questões quanto ao entendimento do que é real e verdadeiro no conhecimento que se tem de si e dos demais, levando-nos, assim, a questionar o tipo de relação que estabelecemos conosco e com o outro (Simão, 2010).

Portanto, as relações eu - outro, incluídas aqui as relações que os circenses e/ou a sociedade sedentária envolvente estabelecem com o circo, estão sujeitas a uma incessante e marcante transformação. É no diálogo que as negociações se dão, e são essas negociações que colocarão o ator e o interlocutor, pertencentes a uma interdependência mútua, diante de suas possibilidades e limites, mostrando

assim as oportunidades para novas significações e configurações da realidade. Nota-se que é nessa negociação dialógica que eu - outro constroem e reconstroem ativamente suas próprias realidades.

Como já apontado, no âmbito do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, o indivíduo desenvolve-se mediante as relações simbólicas que estabelece com o outro em meio a um espaço cultural, formando um caráter relacional e construtivo da relação (Simão, 2004, p. 13).

Logo, as experiências do indivíduo constituem o meio pelo qual a sua subjetividade se constrói, ancorada na elaboração cognitivo-afetiva das sugestões socioculturais que recebe. No campo do circo, a subjetividade do circense é permeada pelas relações eu - outro estabelecidas intra e intersubjetivamente.

De acordo com Guimarães (2007, p. 9), uma das principais vias de transformação no desenvolvimento humano ocorre através da busca do sujeito pelo compartilhamento de experiências com o outro, isto é, na busca pela intersubjetividade. Assim, a intersubjetividade se apresenta como um campo de negociação de sentidos em que os indivíduos em interação buscam o estabelecimento de algum plano de compartilhamento.

Para Valsiner (1998), a intersubjetividade só é possível a partir de alguma descentralização do eu, ou seja, quando o sujeito assume não apenas o ponto de vista de seu interlocutor, mas também quando acredita que o interlocutor está se esforçando tanto para entendê-lo quanto para ser entendido.

A subjetividade do indivíduo, se constitui no entremear de suas elaborações cognitivas e afetivas daquilo que no espaço cultural o toca. Parafraseando Simão (2004, p. 6), as possibilidades de construção das subjetividades individuais no campo ou espaço sociocultural estão atreladas à acepção particular e ao lugar proeminente da capacidade de significar o mundo.

A construção de significados se dá em relação contínua e ativa que emerge em contato entre eu e outro, proporcionando, comumente, novidades e novos sentidos que podem ser diferentes do que foi inicialmente vislumbrado, favorecendo a construção de um novo conhecimento.

Essa questão está também relacionada com as próprias transformações que o circo vem enfrentando ao longo de seu percurso histórico, visto que contemporaneamente seus espetáculos têm de se adequar não apenas à retirada dos animais, mas também à concorrência com as novas formas de entretenimento

existentes atualmente e que distanciam parte do público das atrações do picadeiro, mudanças essas que exigem a emergência de novas formas de organização e por consequência a construção de um novo conhecimento.

Assim, o surgimento de um novo significado não resulta da anulação da posição inicial do eu ou do outro, mas sim de uma eventual transformação e reconstrução das trajetórias que o diálogo com o outro pode assumir.

Isso me leva a observar dialogicamente uma construção de transformações que altera todos os envolvidos, uma vez que ser tocado pelo outro requer a modificação do entendimento de si mesmo, assim como proporciona a preservação daquilo que, essencialmente, ambos são, ou seja a singularidade de cada um.

Portanto, com vistas a melhor compreender as particularidades dos circenses entrevistados, foram percorridos os objetivos descritos a seguir.

2. OBJETIVOS

Considerando-se a compreensão do ser humano em sua singularidade no contexto cultural em que está inserido, esta investigação teve como objeto de estudo o cotidiano do circo e suas construções de sentido e buscou investigar por meio da fala dos participantes a) elementos descritivos de seu cotidiano, b) os possíveis momentos de tensão nas relações eu-outro e c) as posições dialógicas que emergiram no processo de construção de sentidos.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Levando em conta a particularidade inerente a cada ser humano, aqui apresentados como os artistas circenses, o método que melhor se adequa com os objetivos propostos é o de natureza qualitativa. Como um estudo de caso, esta pesquisa configura-se pelo estudo de uma entidade bem definida, que investiga o circo em seu contexto único e particular, de forma a conhecer e compreender os seus “comos” e “porquês”, procurando evidenciar as particularidades do ponto de vista dos circenses, a fim de promover uma maior compreensão sobre o cotidiano da população pesquisada, buscando os aspectos que estão em jogo e que são particulares daquela situação.

Enquanto referencial teórico-metodológico adotado para o desenvolvimento deste estudo, o construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, entre outras proposições, busca a gênese do processo de pesquisa, a não separação entre teoria e método e considera o pesquisador como parte importante do processo de investigação.

Para Valsiner (2006), o método da pesquisa é um processo cíclico, no qual há uma relação constante entre as suposições gerais sobre o mundo do pesquisador, elaborações teóricas e o fenômeno a ser compreendido. Assim, o método usa a natureza do fenômeno e as construções teóricas para transformar o fenômeno em dados.

De acordo com Guimarães (2010), o percurso de investigação, norteado pela referência ao objeto de estudo, é um dado importante no processo de construção de conhecimento dentro dos referenciais construtivistas, tratando-se, justamente, de explorar o processo microgenético, em que novidades conceituais podem emergir.

A análise microgenética enquanto abordagem metodológica está inscrita numa interpretação histórico-cultural e semiótica dos processos humanos. Trata-se de uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos, sendo o exame orientado para o funcionamento dos sujeitos focais, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação, resultando num relato minucioso dos acontecimentos (Góes, 2000). Por essa razão, faz-se importante o detalhamento do percurso de investigação, possibilitando assim que soluções encontradas temporariamente possam ser sinalizadas.

Segundo Valsiner (2007), a análise microgenética pode capturar novidades que emergem no processo de construção de conhecimento, reorganizando experiências que desestabilizam o indivíduo.

A metodologia adotada no presente trabalho parte da compreensão de que o método significa a realidade e que o contato do pesquisador com os elementos da pesquisa perpassa transbordamentos de sentido (Guimarães, 2010, p. 28).

Nesta perspectiva, o que se busca na atividade de pesquisa não é a garantia de fidedignidade e precisão no retratar uma realidade externa objetiva, mas novas formas de apreensão, no acontecimento empírico, de aspectos pelos quais a realidade se manifesta (Bettoi & Simão, 2002, p. 613).

A análise dos dados foi realizada por mim enquanto pesquisadora e se deu a partir do olhar para a perspectiva dos circenses entrevistados sobre o seu cotidiano. Nesse sentido, uma pesquisa constitui-se um campo de ação simbólica onde, ao menos dois indivíduos, sujeito e pesquisador, encontram-se em conversação, tensão e negociação sobre um fenômeno, tema do seu diálogo (Simão, 1988).

Partindo do exposto, o fato de já ter vivido e trabalhado em um circo não me coloca como uma estranha nesse universo. Ao contrário disso, esse fato pode ter facilitado o meu acesso ao circo e aos circenses, por talvez me considerarem não apenas como uma psicóloga pesquisadora, mas como alguém que já pertenceu ao “seu lugar”.

De acordo com a perspectiva teórico-metodológica que norteia esta investigação, estou ciente de que meu olhar pessoal fez parte desse processo de investigação. Considero que essa condição, de já ter seguido caminhos como circense, tenha favorecido minha apreensão de alguns aspectos do cotidiano do circo, que possivelmente não seriam acessíveis de outro modo.

Dessa maneira, a idéia de revisitar o circo, agora como pesquisadora, tendo-o como um campo, um espaço de interações intersubjetivas, onde as relações entre os circenses são estabelecidas e os significados construídos, me propiciou retornar a um ambiente que me é familiar.

A ideia de “campo” trabalhada aqui, se dá a partir de uma perspectiva pós-construcionista, como campo-tema, ou seja, não como um universo “distante”, “separado”, “não relacionado”, “um universo empírico” ou um “lugar para fazer observações” (Spink, 2003, p. 28).

O campo não é aqui entendido como o local fora do laboratório, aonde o pesquisador vai para realizar sua coleta de dados, ou seja, não como uma noção de campo fisicamente determinado, mas com base na perspectiva de Kurt Lewin (1951), ao propor o campo como uma totalidade de fatos psicológicos, que não são reais em si mesmos, mas são reais porque tem efeitos (Spink, 2003, p. 21).

Diz Lewin (1951 p. 71): “Uma das características básicas da teoria de campo em Psicologia, a meu ver, é a necessidade de descrever o campo que influencia um indivíduo não em termos “fisicamente objetivos”, mas da maneira que existe para a pessoa naquele momento”.

Spink (2003) propõe, mediante essas reflexões, a proposição de “campo-tema”, onde o campo não é mais lugar específico, mas se refere à processualidade de temas situados. Para o autor,

Campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto - como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades. (p. 36).

Diante dessa perspectiva, os meios de comunicação utilizados na pesquisa passam a ser incluídos como componentes do campo. Nesse sentido, podemos considerar o aparelho gravador utilizado para registrar as entrevistas aqui realizadas, e a câmera fotográfica com a qual foram feitos os registros fotográficos, como parte do diálogo que mantive com os circenses durante os nossos encontros.

Dessa forma, o campo-tema é algo do qual o pesquisador faz parte, desde que se vincula com sua temática de interesse. Assim, estou no campo-tema não apenas quando me localizo no circo territorialmente, quando me encontro fisicamente naquele espaço. O circo é, portanto, o “lugar” no qual tenho estado, desde as primeiras reflexões e estudos preliminares sobre esse tema. O espaço do circo, por sua vez, é o local, o lugar privilegiado do circense. É no picadeiro, embaixo da lona, que ele vive, e inscreve cotidianamente sua história de vida, transformando sua realidade a partir de suas experiências intersubjetivas.

Para Ide (2005, p.72),

Os lugares são identitários, pois seus membros se reconhecem nele, campo de possibilidade para suas ações; são relacionais, pois sendo o lugar um constructo simbólico, pressupõem outras pessoas; são históricos pois eles *vivem* na história, que foge da história feita pelo pesquisador ou cientista (em outras palavras, as pessoas do lugar fazem sua história e não são reféns dela).

Campo, então, é o argumento no qual estamos inseridos; argumento este que têm múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes (Spink, 2003 p. 28).

Enquanto parte do campo, o pesquisador, ao negociar a sua entrada nos espaços para a realização de sua pesquisa, encontra possibilidades, restrições e resistências, que devem ser consideradas durante seu percurso de coleta de informações.

Com base nisto, antes de chegar ao circo concretamente para negociar minha entrada como pesquisadora, fui tomada pela insegurança por não saber se seria recebida neste território de maneira acolhedora ou se minha presença geraria tensões. Como aponta Ide (2006), a processo de pesquisa é negociado entre pesquisador e o local que irá visitar.

Embora tenha sido um processo negociado desde o primeiro momento, a entrada no cenário do circo e meu contato com os circenses ocorreu de forma tranquila.

Portanto, nesse caso, este circo como território mostrou-se um ambiente acolhedor e receptivo, e os circenses entrevistados se mostraram interessados em apresentar o seu cotidiano propiciando-me adentrar através de sua perspectiva neste mundo mágico que é o universo circense.

Visando atingir os objetivos propostos na presente pesquisa, foram realizadas entrevistas com questões semi-estruturadas, onde foram propostas uma série de perguntas-guia (APÊNDICE A), relativamente abertas e não muito precisas, com a finalidade de conhecer o cotidiano do circo e seus significados, a partir da perspectiva dos próprios circenses entrevistados.

Optei pela realização de entrevistas semi-estruturadas, por ser uma modalidade de entrevista em que o entrevistador adota uma postura menos diretiva, que permite ampliar o papel do entrevistado, de maneira que ele possa construir seu discurso, de forma mais livre e espontânea ao apresentar a sua realidade particular,

permitindo dessa forma a emergência de aspectos significativos sobre as questões propostas.

Uma das principais vantagens da entrevista como técnica de pesquisa é que torna acessível por meio dos discursos, o entendimento da realidade humana, permitindo uma melhor compreensão de seus significados, valores e opiniões a respeito das vivências pessoais dos entrevistados. Para Fraser e Gondim (2004), a entrevista dá voz ao interlocutor, permitindo que ele fale de si e de suas experiências por meio da interação entre pesquisador e entrevistado, produzindo assim um discurso compartilhado por ambos.

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (Duarte, 2004, p. 215).

Com base no trecho exposto, o uso de entrevistas como técnica em pesquisa permite conhecer como o entrevistado observa seu mundo e analisa sua história de vida subjetivamente, possibilitando também compreender como se dão as relações intersubjetivas estabelecidas nas interações eu - outro no universo circense.

Como linguagem complementar às entrevistas, lancei mão do recurso fotográfico ao solicitar aos entrevistados que tirassem fotografias do que lhes fosse significativo no circo. A relevância para sua utilização neste trabalho é apresentada no capítulo a seguir.

3.1 O uso da fotografia na construção de sentido

Antes mesmo de conceber a possibilidade da existência dessa dissertação, e em seguida, já nos estágios iniciais dessa pesquisa, era meu desejo retratar o circo

fotograficamente como forma de demonstrar suas peculiaridades, vendo-o pelos olhos de quem dele faz parte.

Ao tiramos uma fotografia, ao mirarmos nossa câmera para determinado ponto, pessoa ou paisagem, não retratamos somente o que a câmera consegue captar, mas também uma emoção, um sentimento de algo pessoalmente significativo.

Registrar uma bela flor por exemplo, pode não querer necessariamente significar, para quem a registra, apenas uma bela flor, mas alguns dos inúmeros sentidos e significados que ela pode expressar, nos fazendo lembrar de alguém distante, por exemplo, de algum lugar que visitamos recentemente ou há algum tempo, de um perfume conhecido, ou apenas de um belo jardim.

Ao revisitar meus álbuns de fotografias, não apenas os dos meus tempos de circo, dou-me conta da importância do uso desse recurso para a memória afetiva. Olhar para aqueles momentos ali retratados, nos permite retornar a eles, muitas vezes revendo-os de diferentes formas.

Apreciar uma fotografia, seja de momentos alegres ou não tão alegres, faz com que nos remetamos ao momento retratado, como se estivéssemos no mesmo lugar, com os mesmos sentidos e emoções, de algo que já não é, mas que, por estar ali registrado, continua sendo, embora algumas vezes transformado em algo novo.

Se nos perguntarmos sobre como nos sentimos em relação a alguma fotografia, poderemos atestar que há algo significativo no ato de fotografar e de observar a imagem retratada.

Na presente pesquisa a utilização do recurso fotográfico se dá como uma linguagem complementar às entrevistas, e sua utilização se justifica quando pretendemos compreender os significados atribuídos à imagem pelos olhos do autor da fotografia.

De acordo com Neiva-Silva e Koller (2002), comparativamente, o uso do recurso fotográfico ainda é pouco utilizado em pesquisa em Psicologia no Brasil, embora venha contribuindo para a construção do conhecimento científico em Psicologia há mais de cem anos. Atualmente, o principal objetivo, ao se trabalhar com a fotografia é a atribuição de significado à imagem.

Pela perspectiva do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, abordagem na qual estou inserida, a busca do significado, como já apontado anteriormente, é especialmente importante, uma vez que o indivíduo desenvolve-se

mediante relações simbólicas que estabelece com o outro em meio a um espaço cultural, formando assim um caráter relacional e construtivo da relação (Simão, 2004, p. 13).

Por intermédio da análise da literatura, Neiva-Silva e Koller (2002) identificaram quatro funções para o uso da fotografia na pesquisa psicológica: a) registro; b) modelo; c) feedback; d) autofotográfica.

Como registro, documentando ocorrências, sendo mais importante nesse caso apenas o conteúdo de cada foto, ou de um conjunto delas, não levando em conta o autor das fotografias.

Com a função de modelo, quando apresenta-se aos participantes fotos com um determinado tema, geralmente relacionado com o objeto de estudo, mas que não retratem os próprios participantes, para posteriormente serem analisadas as percepções, falas ou reações das pessoas com relação às imagens. Nesse caso o principal foco de análise passa a ser o observador e suas respostas, e não considerar o autor das fotos, visto que provavelmente não mudaria a opinião da pessoa com relação à imagem.

Quando utilizado como instrumento de feedback aos participantes da pesquisa, as pessoas são analisadas em determinado aspecto, como por exemplo, um traço de personalidade; depois são fotografadas por terceiros em diferentes circunstâncias, e em seguida as fotos são apresentadas aos mesmos, para posterior avaliação.

Na presente pesquisa a função deste recurso é a denominada autofotográfica. Nesse caso, solicita-se ao participante que tire um determinado número de fotografias na tentativa de responder a uma questão específica; em seguida, as imagens são analisadas juntamente com as entrevistas com o objetivo de se levantar as percepções a respeito de suas próprias fotografias. Como função autofotográfica, são considerados importantes tanto o conteúdo quanto o autor das fotos.

A percepção dos autores a respeito de suas próprias fotos pode ser apreendida de diferentes maneiras. Pode-se pedir aos participantes que escolham as imagens percebidas como mais importantes; que estabeleçam uma ordem a partir das fotos que sejam consideradas mais significativas; ou que escrevam uma legenda para cada foto ou um parágrafo sobre o conjunto delas. Pode-se ainda realizar entrevistas, alcançando com maior profundidade a percepção dos participantes a respeito das fotografias. (Neiva-Silva & Koller, 2002, p. 238).

O método autofotográfico utilizado nesse estudo propicia que outros aspectos da imagem fotográfica sejam também observados, como por exemplo, a maneira como as fotos se relacionam com as dimensões do passado, do presente e do futuro na vida do indivíduo. Os autores sugerem que fatores como o conteúdo e o processo, são os que prioritariamente devem ser considerados no uso da fotografia na pesquisa psicológica. O conteúdo referindo-se às imagens em si, que podem se referir a um aspecto afetivo por exemplo, e o processo por esta dimensão se caracterizar pela forma como a pessoa interage, responde e compreende o mundo ao seu redor (Neiva-Silva & Koller, 2002, p. 243).

Para Neiva-Silva e Koller (2002), a metodologia autofotográfica é vantajosa no sentido de permitir que o participante retrate seu mundo, da forma como o percebe, com a mínima interferência do pesquisador, mas permitindo que ele tenha acesso a um rico conteúdo.

3.2 Procedimentos

Inicialmente no Projeto de Pesquisa ficou estabelecido que a proximidade seria um critério de escolha do circo para a realização desse estudo, pois, por serem itinerantes, seria importante que o mesmo estivesse localizado em uma região próxima a capital.

Durante o processo de submissão para a aprovação do referido projeto junto à Plataforma Brasil, um circo instalou-se nas proximidades de onde resido, e por essa razão, decidi contactá-lo e verificar a viabilidade da realização deste estudo em suas dependências.

Na tentativa de conseguir autorização, realizei três visitas preliminares com o intuito de me apresentar, de realizar um primeiro contato com os circenses e de comentar as diretrizes deste trabalho de pesquisa. As visitas ocorreram nos dias 13, 20 e 30 de março de 2012.

Em minha primeira visita ao Circo D.P.A.C., fui apresentada ao responsável, senhor M.C.A. que me recebeu prontamente e autorizou que a pesquisa fosse

realizada lá com os circenses e nas dependências do circo. Nesse encontro foram relatadas as diretrizes para a realização da pesquisa, as quais o senhor M.C.A. concordou. O relato dessas visitas preliminares encontram-se no decorrer deste trabalho.

Seguindo as sugestões de M.C.A. quanto aos melhores horários para ir ao circo e sobre com quem conversar e em que momento, após esse primeiro contato as visitas ocorreram com sua ciência prévia através de ligações telefônicas realizadas por mim.

Durante as visitas preliminares à pesquisa, encontrei-me com alguns integrantes do circo com os quais conversei informalmente. Esses encontros são relatados no decorrer desta investigação e são narrados com base na minhas memórias sobre aquele momento.

Como no dia 13 de abril de 2012 este trabalho recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (CEP- HU), de acordo com as normas estabelecidas pela Plataforma Brasil, sob o parecer de número 12275, avisei M.C.A. que já poderia realizar as entrevistas.

O agendamento das entrevistas ocorreu em comum acordo com os participantes da pesquisa e as mesmas foram registradas em áudio por um aparelho gravador de voz.

Ao final de cada entrevista, foi entregue aos participantes uma câmera fotográfica digital e lhes foi solicitado que tirassem quantas fotos quisessem de qualquer coisa ou lugar que lhes fosse significativo no espaço do circo e que os ajudasse a descrever como se vêem dentro do contexto circense. Eles poderiam aparecer nas fotos ou não.

Os participantes foram informados que as fotos em que por ventura houvesse conteúdos que pudessem identificar o circo ou alguém do circo, seriam eliminadas e somente permaneceriam para seleção e posterior publicação, as fotos que garantissem o sigilo de tais informações.

Porém como foi considerado relevante o fato de dois participantes terem posado para algumas fotografias, assim como as fotografias tiradas por mim durante a primeira visita, essas imagens foram alteradas em computador a partir de um programa de manipulação de imagens (GimpShop), de modo que pudessem ser

utilizadas por não permitirem a identificação do circo nem dos participantes, conforme exigência e anuência do Comitê de Ética em Psicologia.

Os participantes foram tranquilizados sobre a não necessidade de experiência prévia em fotografia para a realização dessa atividade, e quando necessário, foram orientados sobre como utilizar a máquina fotográfica.

Após haverem tirado as fotos, foi solicitado aos participantes que as comentassem procurando descrever seus significados pessoais. Com exceção dos entrevistados E.B. e P.S., todos os participantes tiraram suas fotografias no mesmo dia, logo ao término das entrevistas.

Como aquele era o último final de semana do circo naquela localidade e parte dos aparatos circenses já estavam sendo desmontados, assim como o picadeiro, os participantes E.B. e P.S. preferiram tirar suas fotografias quando o circo já estivesse instalado no outro local, pois segundo eles, estaria mais bonito. Suas fotografias foram tiradas após algumas semanas e encontram-se no decorrer deste trabalho.

Todas as entrevistas, portanto, foram realizadas em quatro dias, sendo os três primeiros consecutivos e o último quarenta e quatro dias após o terceiro, ocasião em que E.B. e P.S. tiraram suas fotografias, conforme combinado previamente.

Os conteúdos das entrevistas que foram transcritos na íntegra e de forma fiel às gravações, encontram-se ao final deste trabalho (APÊNDICES B, C, D, E, F).

3.2.1 Participantes - o circo e seus integrantes

Foram considerados como critérios de exclusão para a participação nesta pesquisa os trabalhadores eventuais em circo, vistos aqui como não circenses, bem como pessoas menores de idade. As entrevistas foram realizadas em três dias consecutivos de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Embora não houvesse um número previamente determinado de participantes, não foi possível a realização de mais entrevistas naquele momento, pois como era o último final de semana naquela localidade, os integrantes do circo não dispunham de

tempo hábil para conversar, pois estavam se preparando para mudar de cidade. Entretanto, outros integrantes do circo manifestaram interesse em participar da pesquisa, dispondo-se a me conceder a entrevista em outra oportunidade.

Assim, este estudo se constituiu de seis artistas circenses, de ambos os sexos, adultos, sendo dois do sexo feminino e quatro do sexo masculino, que faziam parte, no momento da entrevista de um circo no Brasil.

Os entrevistados receberam todas as informações sobre os objetivos e procedimentos deste estudo, tomando ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresentado detalhadamente por mim e que está localizado no APÊNDICE A.

Seguindo as determinações do Comitê de Ética e Pesquisa em Psicologia troquei as iniciais do nome do circo e utilizo apenas as iniciais dos nomes próprios dos entrevistados a fim de resguardar e preservar suas identidades.

Embora tanto o circo, na pessoa de seu responsável, quanto os participantes tenham informado que não haveria problema que suas identidades fossem divulgadas, acredito que a garantia de sigilo tenha propiciado a emergência de temas que possivelmente não teriam emergido se essa condição não houvesse sido garantida. Em outras palavras, e com base nas entrevistas, acredito que a garantia de que suas identidades seriam preservadas, fez com que alguns participantes se sentissem mais a vontade para comentar determinados assuntos que emergiram em suas narrativas. Essa questão será retomada mais detidamente no capítulo 'Resultados e Discussão'.

Entrevistados (E)	Iniciais dos Nomes	Sexo	Idade	Nacionalidade	Atividade
E 1	M.C.A.	Masc.	36 anos	Brasileira	Administrativo
E 2	C.K.	Fem.	71 anos	Romena	Artista/Vendas
E 3	E.B.	Masc.	40 anos	Chilena	Palhaço
E 4	P.S..	Masc.	48 anos	Chilena	Palhaço
E 5	L.E.	Fem.	50 anos	Brasileira	Artista/Adm.
E 6	A.R.P.	Masc.	54 anos	Brasileira	Empresário

Quadro 1: Demonstrativo dos Entrevistados.

3.3 Forma de análise dos resultados

As etapas das análises dos relatos verbais são descritas a seguir, como forma de explicitar a maneira pela qual se deu a preparação das informações disponíveis, transformando-as em dados passíveis de serem analisados.

A primeira fase de tratamento de dados consistiu-se na transcrição integral das seis entrevistas, que se encontram na íntegra nos APÊNDICES.

Em um segundo momento foi elaborado um Protocolo de Análise, como forma de sistematizar os diálogos separando-os por seu referencial semântico, para que em seguida fossem levantados os respectivos aspectos expressivos das falas (Wertsch, 1991).

A partir disso, para a interpretação dos dados foram selecionados trechos relevantes dos diálogos, passíveis de uma análise qualitativa, de modo que, através do fluxo da narrativa, da análise do referencial semântico e dos aspectos expressivos da fala, pudessem ser identificados os (a) elementos descritivos do cotidiano dos circenses, (b) os possíveis momentos de tensão nas relações eu-outro e (c) as posições dialógicas que emergiram no processo de construção de sentidos.

As narrativas foram analisadas levando em consideração o contexto em que o indivíduo está inserido e sua história de vida pessoal, uma vez que o envolvimento com as histórias é fundamental ao processo de desenvolvimento humano (Hammack, 2010).

Em seguida são apresentadas as sínteses interpretativas de cada entrevista juntamente com as análises das imagens fotográficas de cada participante. As fotografias são analisadas como alternativa para a apreensão de aspectos complementares da linguagem dos participantes, e a utilização desse recurso se justifica quando pretendemos compreender os significados atribuídos à imagem pelos olhos do próprio autor da fotografia. Em seguida são apresentadas as diferentes posições dialógicas na construção de sentidos da população pesquisada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste ponto, os resultados são organizados da seguinte maneira: inicialmente apresento a história do Circo D.P.A.C., no qual esta pesquisa foi realizada e que me foi relatada pelo próprio proprietário. Na sequência, estão os relatos das três visitas preliminares à realização da pesquisa, que visam a apresentar a maneira como ocorreu minha entrada no campo pesquisado, ou seja, como fui recebida pelos integrantes do circo.

Em seguida apresento os relatos dos quatro dias da pesquisa com o intuito de mostrar a forma como ocorreram as entrevistas de cada participante e, imediatamente após cada relato, segue um comentário pessoal, ou seja, algumas impressões pessoais sobre cada dia.

As sínteses interpretativas são apresentadas logo após cada comentário e são ilustradas por trechos das entrevistas, por se considerar importante a narrativa do próprio indivíduo. As imagens fotográficas tiradas pelos participantes são analisadas no decorrer de cada síntese.

Ao final, são apresentados os dados referentes às construções de significados, no capítulo denominado 'O circo e suas construções de sentido'.

4.1 O circo D.P.A.C.

O circo D.P.A.C. enquanto família-empresa protagonista dessa investigação, será considerado aqui como um circo tradicional, por ser conduzido por uma família de circo, que embora não seja de muitas gerações de circenses, já vem escrevendo a sua história há mais de 35 anos, e possui uma tradição que começou por acaso: de um pequeno circo de bairro, passou a ser um dos maiores circos do Brasil,

transformando-se em uma empresa com estrutura para se apresentar em todo o país.

Sua história é curiosa pois, de acordo com o relato do proprietário A.R.P., tudo começou quando há quase 40 anos, seu irmão mais velho decidiu acompanhar um circo. Na ocasião, o dono desse local foi pedir autorização para sua mãe, que não permitiu que o filho os acompanhasse. Mas, mesmo assim, contrariando a mãe, o rapaz seguiu com o circo e, passados alguns anos, já estava trabalhando em outro maior.

Então, aos 14 anos de idade, em férias escolares, A.R.P. decidiu visitar o irmão; acabou se encantando pela vida circense e acompanhando o mesmo circo.

Ele relata que, para ajudar seu irmão, começou vendendo pipocas, mas que quando faltava alguém, era incentivado a entrar no picadeiro para substituir em pequenas participações. Como seu irmão na ocasião fazia um número de palhaço, ele acabou por aprender também essa arte.

Passados poucos anos, o irmão e A.R.P. (então com 19 anos de idade), saíram desse circo decidindo-se por “montar os próprios pauzinhos” e assim... “de um circo pequeno, nós montamos um circo” (sic).

Atualmente A.R.P. vem se retirando gradativamente da direção de seu circo, deixando-a a cargo de seus filhos.

4.2 Relato das visitas preliminares à pesquisa

Neste capítulo são relatadas como ocorreram e o que aconteceu nas visitas preliminares à pesquisa, realizadas no Circo D.P.A.C.

Como eu não conhecia essa empresa circense nem tampouco alguém que ali trabalhasse, o objetivo principal dessas visitas foi o de me apresentar e relatar as diretrizes dessa investigação a alguém que fosse responsável pela instituição, visando a uma possível autorização para a realização da pesquisa naquele espaço.

No relato da primeira visita, apresentarei 11 das 22 fotografias que tirei na ocasião, como forma de familiarizar o leitor com o universo circense. Essas imagens

foram selecionadas por ilustrarem o caminho que percorri durante esse primeiro contato. As demais fotografias encontram-se ao final deste trabalho (APÊNDICES).

4.2.1 Primeira visita - (13/03/2012)

Cheguei ao circo por volta das 10h da manhã. Enquanto eu estacionava o carro, um funcionário do circo se aproximou e me perguntou se eu precisava de ajuda. Informei que gostaria de falar com o responsável e ele me disse que no momento o responsável estava dormindo e me pediu que retornasse após as 10h 30 min. Aproveitei para perguntar quando haviam chegado na cidade e ele me informou que fora no dia anterior, quando montaram o circo e que, por esta razão, todos estavam cansados e dormiam até mais tarde. Perguntei quanto tempo ficariam na cidade e ele me disse que aproximadamente dois meses, e que depois iriam para Brasília.

Eu me apresentei dizendo ser pesquisadora da Universidade de São Paulo e perguntei se não haveria mais alguém que pudesse me atender. Ele me pediu que aguardasse, pois iria verificar, e em seguida se dirigiu à entrada do circo. Neste momento um rapaz estava saindo do circo e o funcionário com o qual eu havia conversado, me apontou dizendo que eu gostaria de conversar com ele.

Em seguida essa pessoa se dirigiu a mim, aproximando-se. Apresentei-me como ex-artista circense, psicóloga e pesquisadora e relatei em linhas gerais os objetivos da pesquisa. Em seguida, perguntei se havia alguma possibilidade de realizar a mesma no circo.

O rapaz (M.C.A.) sem fazer nenhum questionamento, me disse prontamente que sim, a pesquisa poderia ser realizada ali, e enfatizou que desde aquele momento eu poderia ficar à vontade para conversar com as pessoas e inclusive para tirar fotos.

Perguntei se eu necessitaria da autorização formal de alguém para isso, e ele me disse já estava dando esta autorização, pois era o responsável geral do circo. Agradei e informei que em algum momento eu iria necessitar de uma autorização por escrito, para que pudesse ser apresentada na universidade e ele me disse que não haveria nenhum problema quanto a isso.

Elogiei a lona e ele me disse que de fato era um circo muito bonito, e que tinha uma configuração de entrada diferente dos demais circos, referindo-se a dois túneis pelos quais o público passava até chegar às arquibancadas.

O primeiro túnel levava da entrada do circo até a praça de alimentação, e o segundo, da praça de alimentação até dentro da lona, local onde ocorrem as apresentações.

Perguntei se poderia conhecer e ele me disse que sim, convidando-me a entrar nas dependências do circo. Nesse momento nos encaminhamos ao interior do circo. Logo na entrada estavam sentados um homem e uma garota. M.C.A. prontamente me apresentou a eles, informando que eu era da universidade e dizendo que em algum momento iria procurá-los para conversar.

Fala 1 – *Quando ela vier quero que você a atenda ok?*

O rapaz assentiu com um movimento de cabeça.

M.C.A. me disse que estava com um pouco de pressa, pois já estava de saída para um compromisso quando me atendeu, mas enfatizou que eu ficasse à vontade. Agradei e informei que iria entrar um pouco para conhecer o picadeiro e as

instalações e ele me disse que não havia nenhum problema, inclusive autorizando para tirar fotos se eu quisesse.

Agradei novamente e aproveitei para pedir seu telefone, pois entraria em contato em breve.

Ele passou o número mas me pediu que aguardasse uns três dias para entrar em contato, pois como havia perdido seu aparelho celular, naquela tarde iria providenciar um outro, e por essa razão não sabia em quanto tempo o novo aparelho estaria habilitado.

Comentei que em algum momento eu iria assistir ao espetáculo e ele disse que aos finais de semana as apresentações são melhores, pois como há mais público, tudo fica mais bonito. Nos despedimos. Fiquei sozinha por uns 15 minutos e aproveitei para conhecer melhor suas dependências e tirar algumas fotografias, tanto de dentro, quanto de fora do circo. Entrei no picadeiro, e dei uma olhada no fundo do circo, para ver os trailers, mas não me senti à vontade para ir até lá, pois ainda não conhecia ninguém. Em seguida retornei à praça de alimentação, mas como não havia alguém com quem eu pudesse conversar retirei-me e fui embora. Na saída em direção ao estacionamento também não encontrei ninguém.

Figura 1. Vista do primeiro túnel que leva à praça de alimentação. Nesses degraus um empregado do circo recebe os ingressos do público. Segundo o proprietário, a ideia do túnel foi uma inovação de sua parte. (Foto: Suara Bastos).

Figura 2. Vista da praça de alimentação desde o primeiro túnel. Ao final desse túnel, o público tem acesso à praça de alimentação. Ao fundo vê-se a entrada do segundo túnel que segue em direção às arquibancadas e também a lona azul e branca que cobre a lateral do circo. (Foto: Suara Bastos).

Figura 3. Vista da lateral direita da lona. Nessa imagem é possível observar, do lado de dentro da lona, parte da estrutura que sustenta as arquibancadas. Esse caminho dá acesso para o fundo do circo. (Foto: Suara Bastos).

Figura 4. Vista de uma das saídas do segundo túnel. Essa saída é utilizada pelos artistas ou empregados do circo e dá acesso ao fundo do circo. Passagem geralmente utilizada em dias de chuva ou durante as apresentações. (Foto: Suara Bastos).

Figura 5. Vista desde a saída lateral do segundo túnel. Caminho que dá acesso ao fundo do circo por debaixo das arquibancadas. (Foto: Suara Bastos).

Figura 6. Vista lateral da arquibancada. Imagem que busca ilustrar a estrutura que suporta as arquibancadas do circo. (Foto: Suara Bastos).

Figura 7. Vista de parte do fundo do circo. Local onde os artistas se preparam para a apresentação. (Foto: Suara Bastos).

Figura 8. Vista do interior do circo. Imagem diurna de parte do picadeiro. (Foto: Suara Bastos).

Figura 9. Vista de parte da arquibancada e dos camarotes. É possível observar nessa imagem a saída do túnel leva à praça de alimentação. (Foto: Suara Bastos).

Figura 10. Vista da cortina de entrada. Acesso dos artistas ao centro do picadeiro.
(Foto: Suara Bastos).

Figura 11. Vista do túnel em direção à saída do circo. Essa saída dá acesso ao estacionamento. (Foto: Suara Bastos).

Como esse foi o meu primeiro contato com esse circo, inicialmente senti-me apreensiva, pois não sabia se conseguiria a aprovação para a realização da pesquisa, mas ao mesmo tempo, sentia-me tranquila devido ao circo ser para mim, um local agradavelmente familiar, e por saber que, de maneira geral, os circenses são receptivos e atenciosos com as pessoas de fora. Esse fato ficou comprovado pela forma com que fui recebida pelo primeiro rapaz e em seguida por M.C.A.

Minha experiência prévia indicava que durante o dia é um bom momento para conversar com as pessoas, pois nesse período costumam estar ensaiando, exercitando-se no picadeiro, ou se dedicando às suas atividades rotineiras. A partir do final da tarde, já não é um período conveniente para abordá-los, uma vez que há sempre uma agitação diferente no circo, pois, ao aproximar-se o horário do espetáculo, os artistas estão finalizando suas atividades de casa, como o jantar, para em seguida preparar-se para receber o público.

Foi prazeroso recordar-me de como o circo vai se transformando ao longo do dia, e também após o final do espetáculo, pois ao apagar das luzes, tudo fica

tranquilo e silencioso, mas não menos agradável. Nos meus tempos de circense, era nesse momento que costumávamos nos reunir do lado de fora do trailer ou ao redor do picadeiro para conversar ou apreciar a canção que algum colega dedilhava em seu violão. Portanto, quando M.C.A. convidou-me para entrar e conhecer as dependências do circo, tive a oportunidade de me reencontrar com esse espaço, para mim tão significativo. Naquele momento, sentei-me na arquibancada para apreciar o picadeiro, uma vez que, sentar-me ali, ao fundo, é o meu local preferido, quando o objetivo é contemplar toda a imensidão do circo e pensar sobre suas várias dimensões.

Estando ali, procurei identificar, ao observar os aparelhos instalados no picadeiro, os possíveis números que se apresentariam durante o espetáculo, e imaginar toda a movimentação que acontece no decorrer das apresentações dos artistas.

Concordo com M.C.A. quando me sugere que assista ao espetáculo no final de semana, sinalizando que nessas ocasiões “as apresentações são melhores” e “tudo fica mais bonito”. Também em meus tempos de circo, costumávamos usar nossos melhores trajes e adereços para os dias e apresentações que em haviam mais público, e isso geralmente acontecia nos finais de semana.

Pareceu-me curioso o fato de M.C.A. não haver questionado sobre minha experiência no circo, mas suponho que sua pronta autorização possa estar relacionada a esse fato.

Essa visita foi muito importante e produtiva, pois além da receptividade, já nesse primeiro contato fui autorizada a realizar a pesquisa nas dependências desse circo, fato que me deixou bastante satisfeita.

4.2.2 Segunda Visita - (20/03/2012)

Aproximadamente após uma semana de nosso primeiro encontro, liguei para o M.C.A. por volta das 15 h, perguntando se poderia visitar o circo. Ele disse que não havia nenhum problema e me perguntou a que horas eu pretendia ir. Respondi que aproximadamente dentro de uma hora e ele me recomendou que eu fosse por volta das 19 h 20 min. por ser este o horário em que os artistas já estão chegando para o espetáculo das 20h 30 min., e nesse caso, poderia conhecê-los e

conversar com eles. Agradei e confirmei que iria à noite. Cheguei no horário combinado e me dirigi à portaria. Notei que a entrada principal estava interditada por uma fita adesiva, certamente para impedir a passagem, pois havia uma jovem e uma senhora que estavam organizando a praça de alimentação. Fiz sinal para elas e perguntei por M.C.A.. Elas me pediram para aguardar, pois iriam avisar que eu o procurava.

Após alguns instantes ele apareceu, e nos cumprimentamos. Prontamente pediu que eu entrasse e que ficasse à vontade para conhecer as pessoas e “fazer amizade” (sic).

Apresentou-me à jovem garota, que se chama E., e lhe pediu que me acompanhasse e que levasse para conhecer os “bastidores” do circo e também que me apresentasse às pessoas. Ela gentilmente disse que me acompanharia.

Apresentei-me, e agradei por sua disponibilidade e ela disse que não havia problemas, pois como ainda faltava muito para o início da apresentação, tinha algum tempo disponível.

Perguntei-lhe quem era a senhora que estava com ela, e fui informada de que era a pessoa que trabalhava na bilheteria.

Fala 2 - *Você pode conversar com ela depois, me disse.*

Fala 3 - *Ok, muito obrigada – respondi.*

Enquanto caminhávamos pelas “laterais” do circo, ela foi me mostrando as instalações, os trailers e os caminhões onde viviam os funcionários e artistas.

O primeiro que vimos logo na entrada, do lado direito, foi o trailer do proprietário do circo. Perguntei a E. se ele vivia lá e ela me disse que não, que ele e sua esposa vinham apenas nos finais de semana, mas que dois de seus filhos seguiam sempre com o circo. Mais adiante, notei que havia uma pequena barraca azul, e perguntei de quem era. E. me disse que o palhaço dormia ali, mas em seguida falou:

Fala 4 - *Na verdade ele não é o palhaço, é o rapaz que vende os palhacinhos na entrada do circo. Ele não trabalha no picadeiro.*

Como ela já estava maquiada para a apresentação, perguntei qual era a sua atuação durante o espetáculo e ela me contou que fazia um número de força, juntamente com seu marido e com um amigo de ambos.

Perguntei-lhe há quanto tempo estava no circo e se era de família circense, ao qual ela respondeu que não, que chegara ao circo com sua mãe, quando tinha aproximadamente três anos de idade.

Disse que depois de algum tempo, sua mãe deixou o circo, mas que ela por gostar muito, continuara.

Perguntei há quanto tempo estava naquele circo e ela disse que já era a segunda vez que trabalhava ali. Perguntei a razão de haver saído, e ela comentou que havia recebido uma proposta melhor.

Indaguei se o proprietário não se importava se o funcionário saísse e retornasse, ao que ela informou que essa era uma prática comum nos circos.

Questionei se recebiam os salários semanalmente (pois era assim que os circos pagavam no México) e ela me disse que sim.

Nesse instante chegamos à carreta que era o “camarim” das mulheres. Entramos, e pude perceber que era bastante parecido com o camarim dos meus tempos de circo. Foi como se eu estivesse entrando para me preparar para o espetáculo. Havia muitas “boás” (enfeite de plumas) coloridas penduradas, seguramente para a apresentação do “bailado”.

Perguntei quantas meninas participavam do bailado e ela me disse que não havia um número certo, pois sempre entravam e saíam garotas. Perguntei se todas eram brasileiras e ela me disse que sim.

Indaguei quem era a coreógrafa e ela me disse que não havia ninguém com essa função, pois essa era sempre uma atribuição das dançarinas mais antigas, ou seja, elas deveriam ensinar o baile para as recém chegadas.

Nesse momento entrou uma garota no camarim, que ao sair perguntou para E:

Fala 5 - *Quem é ela?*

E. respondeu que eu era da universidade.

Fala 6 - *Ah!* – respondeu a garota.

Eu imediatamente, me apresentei e disse que era da USP. A garota então, me olhou, e disse:

Fala 7 - *Tem um amigo nosso que também é da USP, você o conhece? Ele é um rapaz alto e forte.*

Respondi que infelizmente não o conhecia pois a universidade é muito grande, e em seguida perguntei de que área ele era.

Fala 8 - *Da Educação Física!* – respondeu.

Fala 9 - *Lamento, não o conheço. Ele é do circo?*

Fala 10 - *Não, é só um amigo do pessoal do circo. Ele vem aqui de vez em quando.* – respondeu a garota que conversou rapidamente com E. e se retirou. Quando ela saiu, perguntei a E. se há muito tempo tinha seu “número de circo” e ela me disse que não, pois teve que treinar muito para ganhar força.

Perguntei se ensaiava muito e ela me disse que todos os dias por volta das 15 hs. Comentou que costuma acordar entre 12 e 13 h, pois sempre vai dormir muito tarde. Questionei sobre o que faziam quando o circo chegava nas cidades e ela me disse que sempre iam conhecer o centro, olhar as lojas.

Fala 11 - *Hoje mesmo eu e minha amiga fomos no cabelereiro.* – enfatizou. Perguntei se tinham férias e o que costumavam fazer nesse período, e ela disse que geralmente tiram umas duas semanas por ano. Contou que nesse período costuma ir visitar uma tia em Vitória, no Espírito Santo, mas que depois de uma semana já queria vir embora.

Perguntei a razão de querer voltar e ela me disse que já não se acostuma com o estilo de vida.

Fala 12 - *Lá eles levantam cedo e dormem cedo. A vida não tem graça.*

Fala 13 - *Você já se imaginou vivendo fora do circo?* – perguntei.

Fala 14 - *De jeito nenhum, eu gosto muito daqui.*

Em seguida saímos do camarim. Percebi que já haviam alguns artistas se preparando para o espetáculo, mas E. não os apresentou a mim.

Imaginando que já seria hora dela se preparar para a apresentação, agradei a atenção, perguntando se poderia voltar a conversar com ela novamente, ao que ela respondeu que sim. Em seguida me acompanhou até a praça de alimentação, onde ficou conversando com algumas garotas que estavam organizando o “stand” para a venda das maçãs do amor, das pipocas etc.

Fiquei ali alguns instantes, mas percebi que não me dariam atenção. Então, perguntei a E. se ela poderia me apresentar à bilheteira. Ela então me disse que iria falar com ela e que retornaria em seguida. Ao retornar me disse que a mesma não poderia me atender naquele momento, provavelmente só após as 21 h, pois estava vendendo as entradas para o espetáculo.

Tive a impressão que a bilheteira não queria me atender, de qualquer forma, agradei, e me retirei. Já na saída, observei que, naquele momento, não havia ninguém comprando ingressos na bilheteria.

Fiquei parada na entrada por alguns instantes, imaginando se seria melhor ir embora ou permanecer mais algum tempo, pois talvez fosse possível conversar com mais alguém. Reparei que o vendedor de palhacinhos (aquele que mora na pequena barraca de lona azul) estava do lado de fora, próximo à bilheteria, mas pela sua fisionomia notei que ele não queria conversar comigo.

Sem saber o que fazer, me dirigi ao carro onde fiquei por alguns instantes.

Decidi-me então por retornar à entrada do circo e aguardar por ali, na esperança de conhecer mais alguém.

Ao descer do carro percebi que havia outro rapaz próximo à bilheteria. Aproximei-me e, tentando puxar conversa com o vendedor de palhaços, sorri e perguntei:

Fala 15 - *Será que o estacionamento vai lotar? Será que devo estacionar meu carro em outro lugar?*

Ele continuou com um ar de sério e me disse:

Fala 16 - *Espero que lote, não é? É isto o que queremos né? O circo lotado é melhor para todos nós.* - respondeu olhando-me fixamente.

Fala 17 - *Claro que sim, você tem razão. Vai lotar com certeza.* – concordei. Percebi que o outro rapaz ficou me olhando, então aproveitei para cumprimentá-lo:

Fala 18 - *Boa noite!*

Fala 19 - *Nós aqui no circo não gostamos de dar entrevistas! Somos todos analfabetos. Neste momento a bilheteira disse em voz alta:*

Fala 20 - *Todos não! Só se você for analfabeto, porque eu não sou.*

Fala 21 - *Ah, mas o meu intuito não é só fazer entrevista, eu gostaria de conhecê-los. Eu já trabalhei em circo e gosto muito. O meu trabalho é só contar um pouco da história do circo.* – justifiquei.

Embora ele continuasse sério, eu perguntei:

Fala 22 - *Vem muita gente aqui fazer entrevistas?*

Fala 23 - *Xiii, vira e mexe vem gente aqui. Outro dia mesmo veio um pessoal da F.G.*

Fala 24 - *E o trabalho deles era sobre o quê, você sabe?*

Fala 25 - *Eu não.*

Fala 26 - *Desculpe, qual é o seu nome?*

Fala 27 - *B.*

Fala 28 - *Muito prazer B., eu sou Suara. Como comentei, eu já trabalhei e morei em circo, e gosto muito. O objetivo do meu trabalho é mostrar para as pessoas o circo como ele é, do ponto de vista dos circenses. Gostaria de mostrar que é bacana, que não é como as pessoas pensam.*

Fala 29 - *É verdade, eles pensam que somos um bando de analfabetos, que não tomamos banho.*

Fala 30 - *Eu sei disto, por esta razão eu estou aqui. Sou aluna da Universidade de São Paulo, e o tema da minha dissertação de mestrado é o circo. Eu gostaria de contribuir para desmistificar esta ideia sobre os circenses.*

Fala 31 - *Da USP? Ah, eu conheço a USP. Uma vez tive um acidente e me levaram para o hospital de lá, e fui muito bem atendido. O hospital é muito bom.*

Fala 32 - *O que aconteceu?*

Fala 33 - *Caiu uma coisa dentro do meu olho, mas me levaram lá e fui atendido na hora. Hoje estou muito bem.*

Fala 34 - *Fico feliz, a USP é realmente muito bacana.*

Fala 35 - *Acho que depois daqui vamos para um local lá perto.*

Fala 36 - *Sério? Que legal. Outro dia tinha um circo bem em frente. Acho que era o C.S.*

Fala 37 - *É... mas nós não podemos ficar naquele terreno.*

Fala 38 - *Como assim?*

Fala 39 - *Aquele espaço só alugam para pessoas de fora. Isto é um absurdo. Uma vez montamos o circo lá e nos fizeram sair de um dia pro outro. O dono ficou com uma dívida muito alta, e está pagando até hoje. Isto é um absurdo. Não deviam deixar vir circos de fora para o Brasil, deviam ficar só os circos brasileiros.*

Fala 40 - *Por esta razão acredito que meu trabalho seja importante. Eu gostaria de contribuir para mudar a imagem que as pessoas fazem do circo, pois pela minha experiência sei que a grande maioria das pessoas desconhece como é a rotina e o cotidiano circense, e por esta razão têm um conceito errôneo sobre isto.*

Fala 41 - *Eu entendo, e um mestrado tem uma abrangência muito maior não é mesmo?*

Fala 42 - *Sem dúvida, por isto estou aqui. Mas só irei realizar a entrevista com quem se interessar em participar da pesquisa, a participação não é obrigatória. Além disso, nenhum participante e nem o circo será identificado.*

- Fala 43 - *Ah!*
- Fala 44 - *Você está aqui há muito tempo?*
- Fala 45 - *A vida toda.*
- Fala 46 - *Qual é a sua função?*
- Fala 47 - *Faço de tudo, mas principalmente sou o motorista. Antes éramos em dois, agora só estou eu. Eu que dirijo o carro de som.*
- Fala 48 - *Ah, é você que faz a propaganda? Eu ouço você passar na minha rua.*
- Fala 49 - *Você mora perto daqui?*
- Fala 50 - *Moro na rua paralela a esta, estamos bem pertinho.*
- Fala 51 - *Ah, já sei onde é. Eu conheço bastante coisa aqui.*
- Fala 52 - *Tem amizades fora do circo?*
- Fala 53 - *A gente sempre tem, mas geralmente não nos relacionamos muito com as pessoas de fora.*
- Fala 54 - *Por que não?*
- Fala 55 - *Sei lá, eles não querem muito contato com a gente.*
- Fala 56 - *E vocês querem contato com eles?*
- Fala 57 - *É... também tem isso. Acho que é as duas coisas.*
- Fala 58 - *Como vocês chamam as pessoas de fora, que não vivem no circo?*
- Fala 59 - *Sei lá... não sei, são de outra sociedade.*
- Fala 60 - *Você tem sua família aqui no circo?*
- Fala 61 - *Só eu e minha mãe.*
- Fala 62 - *Quem é sua mãe?*
- Fala 63 - *A bilheteira.*
- Fala 64 - *E vocês vivem no mesmo trailer?*
- Fala 65 - *Não, cada um tem seu trailer separado.*
- Fala 66 - *E você mesmo cozinha?*
- Fala 67 - *Eu mesmo.*
- Fala 68 - *E gosta de viver aqui?*
- Fala 69 - *Eu gosto.*
- Fala 70 - *Você faz alguma apresentação no espetáculo?*
- Fala 71 - *Eu não.*
- Fala 72 - *Sério, nunca pensou em se apresentar?*
- Fala 73 - *Eu não. Quase nem entro lá dentro do circo.*
- Fala 74 - *Já trabalhou em outros circos?*
- Fala 75 - *Não. Tem gente que fica indo de um circo para outro, mas isto acaba queimando o filme da gente.*
- Neste momento um rapaz se aproximou e começou a conversar com B., que me disse:
- Fala 76 - *Foi ele, H. quem me levou para a USP.*
- Fala 77 - *Ah é? Muito prazer, meu nome é Suara e sou pesquisadora da USP. Como já trabalhei em circo estou pesquisando esta área. Você está no circo há muito tempo?*
- Fala 78 - *Eu nasci aqui. Meu pai que fundou este circo, era o sonho dele.*
- Fala 79 - *E você pensa em sair do circo algum dia?*
- Fala 80 - *De jeito nenhum.*
- Fala 81 - *O circo tem quanto tempo?*
- Fala 82 - *Muito anos, nem sei. Meu pai que gosta de contar essas histórias.*
- Fala 83 - *Mas ele era de circo?*
- Fala 84 - *Que nada. Um dia passou um circo na cidade dele e seu irmão decidiu ir embora com o circo. Dois anos depois quando o circo retornou, ele também decidiu acompanhar e estamos aqui hoje.*
- Fala 85 - *Nossa, que história bacana.*
- Fala 86 - *Vem uma hora aí conversar com ele, ele adora contar esta história.*
- Fala 87 - *Venho sim, vamos marcar direitinho. Você acha que ele vai se importar se eu fizer a pesquisa aqui?*
- Fala 88 - *De jeito nenhum. Você vai assistir ao espetáculo?*

Fala 89 - *Gostaria.*

Fala 90 - *Então entre, que já vai começar.*

Fala 91 - *Ok, muito obrigada.*

Em seguida me despedi de ambos e entrei para assistir o show. No intervalo encontrei com B. que sorriu para mim.

Revisitar o circo nesse dia foi muito interessante, pois fui conduzida por E. pelos contornos da lona e pelas dependências de todo o espaço circense, em um momento em que haviam mais pessoas nesse ambiente, ao contrário do que aconteceu em minha primeira visita. Nessa ocasião pude observar a disposição dos trailers e carretas, como também as demais instalações, por exemplo, o local de instalação do gerador de luz e da cozinha.

Como já estava próximo do horário de início do espetáculo, ao nos aproximarmos do fundo do circo, observei que já havia alguns artistas se maquiando e preparando seus aparatos para a apresentação, mas preferi não me aproximar e apenas os cumprimentei à distância, pois sei que esse é um importante momento de concentração, uma vez que estão ocupados checando se as roupas e aparelhos estão em ordem, para que tudo corra bem durante seu número.

Outra razão para eu não me aproximar foi por saber que a presença de pessoas estranhas ao circo pode causar algum desconforto, isso porque como no circo todos se conhecem, quando alguém de fora chega, essa pessoa destoa de todo o contexto, tornando sua presença mais evidente, e portanto, gerando curiosidade quanto ao que pretende, de onde vem etc.

Assim, considerei mais prudente não impor minha presença naquele momento, mas sim me deixar conhecer, pois supunha que as pessoas com as quais eu já havia conversado iriam comentar a meu respeito e sobre o propósito de minha visita, o que possivelmente facilitaria meu contato futuro com os demais.

Ao entrar na carreta (camarim) das meninas, percebi que a disposição dos espelhos, das cadeiras, das vestimentas e dos adereços como os boás estavam dispostas de uma maneira muito parecida ao camarim no qual eu costuma me vestir para as apresentações.

É interessante notar que conversando com E. sobre sua rotina de ensaios diários - suas atividades cotidianas, como passear pelo centro da cidade e o fato dela não imaginar-se fora do circo por gostar desse estilo de vida – houve um momento em que tive a impressão de estar conversando comigo mesma, pois o contexto que ela me apresentou era muito semelhante ao que vivenciei.

Assim como nos meus tempos de circense, não há nesse circo uma coreógrafa com a missão de ensinar e ensaiar os bailados às outras garotas, pois essa ainda é a função das meninas com mais tempo no circo.

Embora E. houvesse dito que poderia voltar a conversar com ela, dando a entender que participaria da pesquisa, não nos encontramos novamente durante todo o percurso de investigação.

Assim como M.C.A. que me deixou a vontade para “fazer amizade”, E. também me recebeu muito bem e foi receptiva comigo mas, ao contrário de ambos, a garota com quem conversei no camarim, não demonstrou muita simpatia por mim (Fala 5) e ao me perguntar se conhecia seu amigo que também era da USP (Fala 7), deixa claro o seu desconhecimento sobre a instituição e suas dimensões.

Quando E. me informa que a bilheteira, por estar ocupada, não poderia me atender, tive a impressão de ser essa uma desculpa para a mesma não conversar comigo, pois, ao sair do circo, notei que não havia ninguém comprando ingressos, fato que me deixou um pouco incomodada.

Quando decidi retornar à entrada do circo, após haver ficado alguns instantes no carro, o fiz por saber que seria importante conhecer mais pessoas que pudessem participar de minha pesquisa. Mesmo tendo notado que o vendedor de palhacinhos que se encontrava próximo à bilheteria não estava com uma expressão muito receptiva, decido abordá-lo (Fala 15).

Sentindo-me sem graça com sua resposta e tom de voz um pouco agressivos, e ao notar que o outro rapaz (B.) nos observava, decidi conversar com ele também (Fala 18).

Ao ser contestada primeiramente pelo palhaço e em seguida por B. de forma rude (Fala 19), emergiu um distanciamento entre a situação em si e a minha expectativa sobre a forma como seria recebida por eles, ou seja, tal como destaca Simão (2004), estabeleceu-se no diálogo uma tensão que emergiu a partir da ruptura sobre a expectativa que eu trazia sobre esses contatos. Isso, aparentemente, levou-me a reconstruções afetivo-cognitivas para continuar dialogando (ou não) com B, exigindo de mim uma reorganização de sentido – o que, possivelmente, também ocorreu com ele naquele momento.

Quando a bilheteira (L.E.) intervém e discorda (Fala 20), ressaltando que ele deveria falar por si e não por todos os circenses, senti-me mais confortável, pois

temia ser hostilizada por ela também, visto que em um primeiro momento a mesma não demonstrou boa vontade em conversar comigo.

Por essa razão, vislumbrei a possibilidade de manter-me no diálogo com B., uma vez que o desejo por algum tipo de compartilhamento de sentidos exige ajustes das diferentes posições em que os interlocutores encontram-se no diálogo (Guimarães, 2010).

Dessa forma, dirigi-me a ele novamente e justifiquei a minha presença (Fala 21), colocando-me como um deles, ou melhor, como alguém que também é (ou foi) de circo, e que não acredita que todos os circenses sejam analfabetos, tal como destacado por ele mas como alguém que conhece o contexto em que ele vive e que compreende, de certa forma, o que ele sente, presumindo assim minimizar a resistência e tensão estabelecidas nesse diálogo.

Na Fala 28, procurei reforçar meu vínculo com o circo e os meus objetivos com relação à pesquisa, enfatizando minha intensão em contribuir para que as pessoas conheçam mais sobre o circo e a vida circense, como forma de demistificar um possível conceito errôneo que pudesse existir aos olhos dos de fora desse universo.

A partir desse ponto (Fala 29), B. concorda comigo, permitindo, finalmente, que se estabeleça algum plano de compartilhamento entre nós.

No trecho seguinte (Fala 30), quando trago para o diálogo a instituição a qual pertenço, dá-se início um processo de maior confiança com relação a minha pessoa e as minhas intenções. Assim, ao me permitir ajustes afetivos-cognitivos pertinentes a esse diálogo, possivelmente também permiti a B. um movimento semelhante, isto é, fui colocada numa posição em que tive de transpor meus limites permitindo assim, como processo desse movimento, o acesso a ele e o dele a mim.

“a contra-argumentação do outro conota as posições relativas assimétricas dos interlocutores naquele momento porque aponta para limites da ação simbólica do ator, ao mesmo tempo que o desafia a transpô-los” (Simão, 2004 p. 35).

Ao continuar dialogando com B., percebo que, ao contrário do que ele pretendeu demonstrar, é um rapaz que se expressa muito bem e que possui algum conhecimento sobre a vida acadêmica (Fala 41) quando deixa claro o reconhecimento de que uma pesquisa como esta pode ser relevante para o mundo circense e quando se sente indignado sobre a valorização dos circos internacionais

em detrimento dos nacionais. Embora a aparência não seja um quesito para trabalhar no picadeiro, achei curioso o fato de ele por ser um rapaz bem apessoado e de lindos olhos azuis, nunca haver se apresentado como artista, uma vez que também possui um bom porte físico o que facilitaria para números que necessitassem de força física.

Essa minha surpresa talvez se deva ao fato de que um dos circos no qual trabalhei era administrado por um casal que tinha sete filhos, sendo cinco deles rapazes que possuíam o mesmo biotipo de B. e, naquela ocasião, este era um grande atrativo para o circo: os garotos chamavam muito a atenção das jovens, que lotavam os espetáculos, gerando muitas entradas na bilheteria.

Comentar que as pessoas de fora imaginam que no circo todos são analfabetos, e que não tomam banho, pode justificar a sua resistência em falar comigo, bem como o fato de não se relacionar com as pessoas desta “outra sociedade” (Fala 59) - denominada aqui como sociedade sedentária envolvente - por sentir-se diferente. O fato colocado por B. evidencia as tensões que emergem das diferenças entre as posições “eu” e “outro”, pois ele tem uma ideia de como “os de fora” veem o circo, imaginando que eles não querem muito contato com os circenses (Fala 55); porém ao realizar esse movimento de distanciamento, ou seja, ao não entrar em contato com os desta “outra sociedade”, não tem como certificar-se se suas suspeitas se confirmam ou não, além de privá-los de conhecer, ao menos um pouco, como é de fato a “realidade” do circo e dos que ali vivem.

Após esse contato e uma vez transposta a impossibilidade inicial de diálogo com B., nas ocasiões seguintes em que nos encontramos, fui recebida por ele de forma cordial; apesar disso, durante todo o percurso de investigação, ele não demonstrou interesse em participar da pesquisa.

Quanto ao vendedor de palhacinhos, eu o encontrei em outras ocasiões durante minhas idas ao circo, e ele mesmo demonstrou simpatia e receptividade, dispondo-se a conceder entrevista em algum momento. Todavia, com a mudança do circo não houve oportunidade para conversarmos.

Finalizei essa visita muito satisfeita: primeiramente porque a bilheteira (L.E.) aceitou participar da pesquisa e também por haver sido apresentada a H., filho do proprietário, que muito simpático e receptivo também autorizou que a pesquisa fosse realizada ali, e ainda, afirmou que seu pai ficaria muito satisfeito em compartilhar a história do circo comigo.

Embora houvesse comentado com todos os que já havia conversado que tinha trabalho em circo, não houve nenhuma reação de surpresa por parte deles, mas assim como no caso de M.C.A., acredito que esse fato tenha facilitado minha inserção no circo em questão.

4.2.3 Terceira Visita – (30/03/2012)

Por volta das 11h entrei em contato com o M.C.A. por telefone, dizendo que precisaria colher a assinatura do responsável, autorizando a participação do circo na pesquisa. Ele prontamente disse que ele mesmo poderia assinar. Colhi então seus dados pessoais para que pudesse preparar a carta e combinamos de nos encontrar ao final da tarde. Ao chegar no estacionamento, por volta das 17 h, encontrei H., filho do proprietário, com quem eu havia conversado na visita anterior.

Ele estava conversando com algumas pessoas. Nos cumprimentamos e eu disse que havia agendado com o M.C.A. Ele pediu que eu aguardasse, pois em seguida iria chamá-lo. Após alguns minutos, quando passou por mim na entrada do circo, disse-me que já estava indo avisar M.C.A. que eu o aguardava. Aproveitei a oportunidade para informá-lo de que estava ali para colher a assinatura, autorizando a participação dos circenses na pesquisa, e ele prontamente disse que assinaria. Comentei que a carta estava em nome do M.C.A., pois o mesmo havia dito que ele poderia assinar. H. leu a carta, e disse que não havia nenhum problema e que M.C.A. assinaria. Aproveitei ainda, para detalhar as ações do projeto, uma vez que em nosso encontro anterior não tive essa oportunidade. Conteí que como havia trabalhado em circo, estava interessada em mostrar como era o estilo de vida no circo, uma vez que a sociedade, na maioria das vezes, desconhece como são os circenses e até os veem com algum estranhamento. Informei que meu maior interesse era o de passar a essência da vida circense, uma vez que quem é de circo dificilmente o abandona, por gostar justamente do estilo de vida.

Neste momento ele me disse:

Fala 92 - Sabe o que o circense mais detesta? É que confundam a gente com ciganos. Nossa, a gente detesta! Nós não somos ciganos. E o pior é que às vezes aparecem uns ciganos aqui na porta e ficam chamando a gente de irmão. E eu digo... irmão? Como assim? Nós não somos irmãos. E eles dizem, que são ciganos como nós. Aí eu vou logo dizendo que nós não somos ciganos, somos circenses. Até a minha esposa pensava assim. Quando a conheci lá em Brasília, há dois anos, ela me disse a mesma coisa. Falou que éramos ciganos, que vivíamos mal e nem tínhamos banheiro. Eu até briguei com ela. As pessoas perguntam se vivemos em cabanas, será que eles nunca ouviram falar em trailer e motorhome? Mas não, eles acham que não temos como ir ao banheiro ou tomar banho. Tá louco!

Fala 93 - *É verdade, eu também já passei por isto.*

Fala 94 - *Bom deixa eu ir lá chamar o M.C.A. Agradei e fiquei aguardando. Ao retornar, H. estava sorrindo e me disse:*

Fala 95 - *Ele já está vindo. Pedi pra ele se vestir, pois estava quase vindo te atender sem camisa.*

Agradei novamente e ele se retirou. Em seguida, M.C.A. assinou a carta enfatizando novamente que eu me sentisse à vontade no circo. Neste momento, B. passou, e ao me ver, sorriu e nos cumprimentamos. M.C.A. me perguntou quando começaria o trabalho, e eu informei que em breve. Nos despedimos.

Após essa visita me senti ainda mais tranquila e confiante quanto a realização da pesquisa, pois além de ter o aval também de H. (filho do proprietário), M.C.A. assinou a carta autorizando formalmente a participação do Circo D.P.A.C., conforme solicitação do Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (CEP-HU).

Ao conversar com H., percebi que compartilhamos de um mesmo sentimento, ou seja, o fato de acreditarmos que algumas pessoas têm uma visão pouco clara sobre o circo e a vida itinerante, provavelmente por desconhecerem, ou melhor, por não terem muitas informações sobre essa atividade. Nesse sentido, considero que o conhecimento a respeito do circo propiciará maiores esclarecimentos e, portanto menos estranhamento sobre o circense e sua forma de viver. O exemplo da esposa de H. ilustra esse fato, pois embora seja da cidade, atualmente vive no universo do circo e parece mostrar-se adaptada a este novo estilo de vida.

4.3 Relatos dos dias da pesquisa e sínteses interpretativas

A partir deste ponto, são relatados os dias da pesquisa e como ocorreram as entrevistas. Imediatamente após cada relato, que estão descritos seguindo a ordem cronológica de acontecimentos, teço alguns comentários sobre as entrevistas e os entrevistados.

Não se trata aqui da apresentação das entrevistas, que estão disponíveis na íntegra ao final desta dissertação, mas de impressões pessoais e anotações sobre o ocorrido durante a sua realização.

Ao final de cada comentário são apresentadas as sínteses interpretativas juntamente com as análises das imagens fotográficas.

A pesquisa aconteceu em quatro dias, sendo os três primeiros dias consecutivos, e os últimos 44 dias após o terceiro.

No dia 04/05/2012, primeiro dia da pesquisa, foi realizada unicamente a entrevista de M.C.A. No dia seguinte (05/05/2012), realizei as entrevistas de C.K., E.B. e de P.S., e no dia 06/05/2012 as de L.E. e A.R.P. O quarto dia da pesquisa aconteceu no dia 19/06/2012, quando E.B. e P.S. tiraram suas fotografias, conforme combinado anteriormente.

4.3.1 Primeiro dia: entrevista com M.C.A.

Nesse primeiro dia de pesquisa foi realizada apenas a entrevista com M.C.A., que tirou suas fotografias nessa mesma ocasião.

4.3.1.1 Relato de como ocorreu a entrevista de M.C.A.

Conforme havia combinado no dia anterior (03/05/12), via contato telefônico, cheguei ao circo (04/05/12) por volta das 19 h 30 min. para a realização da entrevista com M.C.A.

Logo na entrada do estacionamento, encontrei B. Abri o vidro do carro e o cumprimentei.

Perguntei se estava tudo bem com ele, e ele disse que sim. Comentei que estaria no circo no dia seguinte e se ele teria disponibilidade para conversarmos um pouco.

Fala ⁹⁶ - Como já vamos embora neste final de semana, estou sem tempo agora. Fiquei surpresa pois acreditava que o circo ainda ficaria mais uma semana na cidade. E ele me informou que aquele seria o último final de semana.

Perguntei em que horário costumavam desmontar o circo, e informei que gostaria de acompanhar a desmontagem, e ele disse que não iriam desmontar, pois aquela lona ficaria instalada onde está, por mais um mês.

Embora um pouco triste com a notícia comentei que sendo assim, gostaria de acompanhar a montagem do circo no outro local; contudo, ele informou que isso também não seria possível pois, a lona já havia sido instalada.

Apesar do desapontamento comentei que me programaria melhor para quando o circo fosse desmontado novamente, assim poderia acompanhar tudo, e ele apenas disse que tudo bem.

Perguntei se M.C.A. já havia chegado e ele disse que sim, que se ele não estivesse na entrada do circo, eu poderia perguntar por ele na bilheteria.

Agradei e estacionei o carro mais próximo da entrada.

Caminhei em direção a bilheteria e aguardei alguns instantes, pois havia uma família comprando ingressos.

Logo me abaixei para conversar com a bilheteira (que eu já sabia ser a mãe de B.). Cumprimentei-a e perguntei se M.C.A. se encontrava. Ela disse que ele já estava saindo para falar comigo.

Agradei novamente e ela muito simpática sorriu e perguntou se eu era a pessoa que estava fazendo um trabalho sobre circo para a Unicamp. Eu disse que sim, mas que meu trabalho era para a USP. Ela então comentou que havia uma senhora no circo que poderia me contar muitas histórias interessantes, pois era Romena e havia vivido no circo a vida toda.

Agradei a indicação e disse que iria procurar conhecê-la. Aproveitei e perguntei se ela também poderia conversar comigo, para contar um pouco de sua história. Ela sorriu e respondeu:

Fala 97 - *Quando você quiser.*

Perguntei se poderia ser no dia seguinte e ela disse que sim. Combinamos então que nos veríamos no final da tarde, pois ela me contou que iria na Rua 25 de Março fazer algumas compras com uma amiga. Perguntei se elas iriam de manhã e ela disse que não, que iriam após o almoço, pois a amiga do circo primeiramente teria que levar o filho na escola. Disse que sairiam por volta das 13 h. Perguntei se costumavam ir sempre na Rua 25 de Março e ela disse que sim.

Fala 98 - *Nós conhecemos tudo na 25 de março.* – respondeu.

Fala 99 - *Sério? Que legal, pois eu conheço muito pouco, quase não sei andar lá.*

Fala 100 - *Eu sei, eu conheço muita gente que mora aqui em São Paulo e não vai lá.*

Fala 101 - *O que costumam comprar?*

Fala 102 - *Compramos coisas para vender no circo.*

Fala 103 - *E quando o circo está longe, como fazem?*

Fala 104 - *Os lojistas mandam pra gente, já são nossos amigos.*

Fala 105 - *Que bacana, depois pego umas dicas com você.* – brinquei.

Fala 106 - *Com certeza, amanhã conversamos melhor.*

Fala 107 - *A que horas você estará de volta?*

Fala 108 - *Por volta das 5 h, antes da novela.*

Fala 109 - *Ok, se eu chegar entre 17:30 e 18:00 h está bom pra você?*

Fala 110 - *Está ótimo, me procura lá no trailer, vou fazer um café pra gente.*

Fala 111 - *Muito obrigada, vai ser um prazer. Nos vemos amanhã então.*

Como M.C.A. já estava me aguardando, me despedi dela e agradei novamente. Ela, então, pediu a M.C.A. que me apresentasse a senhora romena.

M.C.A. e eu nos cumprimentamos. Perguntei como ele estava e ele disse que estava tudo bem.

Ao adentrarmos na praça de alimentação, M.C.A. me disse que a senhora romena se encontrava “na pipoca”.

Fala 112 - *Ela tem muita história interessante pra te contar.* – confirmou ele.

Nos aproximamos dela e ele nos apresentou. Informou que eu estava fazendo uma pesquisa e que gostaria de conversar com ela. Eu então disse que haviam me dito que ela estava a vida toda no circo, e ela assentiu com a cabeça. Perguntei se ela teria um tempo no dia seguinte para conversarmos, pois gostaria de ouvir sua história e sorrindo ela me disse que não havia nenhum problema.

Perguntei em que horário eu poderia vir e ela disse que eu poderia chegar às 14 hs.

Fala 113 - *Eu fico te esperando aqui, disse, apontando para as mesinhas ao lado. Não podemos conversar no trailer pois meu marido está martelando lá.*

Eu então disse que não haveria problemas, e que estaria ali no dia seguinte. Agradei e segui com M.C.A. para dentro do circo, local escolhido por ele para conversarmos. No caminho ele foi me contando que a outra lona já estava instalada no outro local e que havia tido muito trabalho naqueles dias.

Ele escolheu um local próximo ao picadeiro, onde nos sentamos e realizamos a entrevista. Informei que a entrevista seria gravada e que leria para ele o TCLE. Ele disse que não haveria problemas em assinar o termo, e me pediu que antes de ligar o gravador, lhe desse algumas pistas sobre o que seria perguntado. Informei, então, que faria questões relacionadas à sua história de vida no circo, sobre suas atividades e seu cotidiano, ao que ele respondeu:

Fala 114 - *Ok, vamos lá.*

Ele se mostrou tranqüilo durante a entrevista, exceto nas vezes em que o operador de som aumentava muito o volume da música. Isso aconteceu por várias vezes, pois quando M.C.A. solicitava para que ele abaixasse o som, ele abaixava, mas em seguida o aumentava novamente.

Ao final da entrevista, pedi que ele tirasse as fotos e ele disse:

Fala 115 - *Então vamos lá fora, pois aqui dentro não tem nada a ver comigo.*

Desliguei o gravador e nos encaminhamos novamente em direção à praça de alimentação, onde ele me apresentou mais duas pessoas que talvez pudessem conversar comigo. Uma dessas pessoas era a jovem que iria com L.E. (bilheteira) na Rua 25 de Março no dia seguinte.

Aproveitamos então para nos sentar para que M.C.A. pudesse assinar o TCLE.

Já na entrada do circo entreguei-lhe a câmera para que ele pudesse tirar as fotos. M.C.A. tirou quatro fotos. Perguntei se ele gostaria de tirar mais algumas e ele me disse que não.

Figura 12. Primeira fotografia tirada por M.C.A. *“Aqui é onde eu fico sozinho, fico mais à vontade. Então, aí eu faço o que eu quero, mando, desmando. Então, é onde eu me ponho ali, entendeu?”*

Figura 13. Segunda fotografia tirada por M.C.A. “É a bilheteria, aí que eu... também... é, a minha amiga trabalha ali, eu fico aqui prestando atenção”.

Figura 14. Terceria fotografia tirada por M.C.A. “É o caminho de ir embora e não voltar mais”.

Figura 15. Quarta fotografia tirada por M.C.A. “A frente do circo, pro seu pessoal ver como é a nossa vida aqui”.

Após ver as fotos na máquina fotográfica, questionei M.C.A. sobre o que aquelas imagens significavam para ele, e ele me disse que a primeira era do lugar onde ele ficava sozinho, onde se sentia mais a vontade. Disse que ali era o seu lugar, onde se colocava, onde fazia o que queria, onde mandava e desmandava.

Quanto a segunda foto, M.C.A. contou-me que havia tirado da bilheteria, pois como sua amiga trabalhava ali, ele costumava ficar prestando atenção. Quando perguntei sobre a terceira foto, ele sorriu e me disse que era a saída, para quando fosse embora, que seria o caminho de ir e não voltar mais – “é o caminho de casa”.

Em seguida pedi que comentasse a quarta fotografia que havia tirado, e ele me disse que tirara da frente do circo, para que o “meu” pessoal conhecesse como que era a vida no circo.

Nesse momento se aproximou um rapaz, genro da senhora romena, para conversar com M.C.A., que o apresentou a mim. Perguntei se ele poderia participar da pesquisa, e ele se dispôs a conversar comigo, caso estivesse no circo no dia seguinte à tarde, e eu o agradei.

Quando ele se afastou, M.C.A. e eu nos encaminhamos em direção ao estacionamento para que eu pudesse ir embora.

No entanto, antes de despedir-se, M.C.A. começou a me relatar mais sobre a sua insatisfação com o circo e reafirmou que, de fato pretende sair em poucos meses. Ele desabafou dizendo que trabalhava muito e que ganhava muito pouco, por isso não via a hora de ir embora.

Fala 116 - *Cada vez me dão mais coisa pra fazer. Quando entrei era pra fazer só uma coisa, depois me pediram para abastecer os carros, depois para ajudar na divulgação*

dirigindo o carro de som, depois para consertar uma coisa ou outra, colocar e tirar placas, fazer serviço de pintura etc.

Nesse momento o rapaz que vende os palhacinhos vinha se aproximando e M.C.A. disse:

Fala 117 - *Olha, você pode conversar com ele também. Este também tem história.*

Aproveitei e perguntei ao rapaz se ele poderia conversar comigo no dia seguinte e ele me disse que sim. Nesse momento, aproveitei para agradecê-los e para me despedir de ambos.

Ao saber que o circo já estava de mudança, lamentei o fato de não ter a possibilidade de acompanhar o ritual de desmontagem, assim como a montagem de toda estrutura na outra localidade, pois quando eu vivia em circo, este era um momento muito prazeroso para mim.

Recordo-me que sempre que possível, ficava apreciando toda aquela movimentação que geralmente se iniciava logo após o término do último espetáculo e que seguia noite afora. Essa situação repetiu-se inúmeras vezes, fosse sob um lindo céu estrelado ou embaixo de chuva e baixas temperaturas.

Em qualquer dessas circunstâncias esse era para mim um momento sempre agradável e muito interessante, pois levando em conta a gigantesca dimensão de toda estrutura do circo como os mastros, as arquibancadas, as cadeiras, as aparelhagens de iluminação, fiações etc., era curioso observar como em apenas algumas horas tudo era armazenado e transportado.

Como nas noites de mudança costumava-se desligar toda a iluminação do circo logo após a última apresentação do dia, a maioria dos artistas já seguia viagem em direção a outra localidade: aos poucos, o terreno antes envolto por sons, luzes e cores ia se despidendo de todo o colorido e alegria circense, mostrando-se desabitado, vazio, e a agitação antes presente ia lentamente dando espaço às poucas vozes que ainda ali ecoavam dispersas no espaço aberto. E assim, silencioso e sereno, o circo se despedia da cidade que o acolhera e seguia em frente, tranquilo e esperançoso rumo ao novo destino.

Na manhã seguinte, já no novo local, recordo-me de ser despertada bem cedinho pelo lindo sol da manhã e pelo corre-corre do lado de fora do trailer onde vivia, pelos estrondos das batidas que cravavam as estacas no chão, para que pudessem sustentar a imponente lona colorida que aos poucos se recompunha até mostrar-se reluzente e confiante para acolher e abrigar a mais um ansioso e encantado público.

4.3.1.2 Síntese Interpretativa da entrevista de M.C.A.

M.C.A. é um rapaz carioca, de 36 anos, solteiro, que acompanha o circo há quase 17 anos. Não é de família circense, e nunca havia ido em um circo, mas apesar disso decidiu-se pela vida circense por curiosidade, por querer ganhar dinheiro e por ter um desejo de viajar e conhecer o mundo.

⁰⁹ **Suara – Por que você entrou?**

¹⁰ M.C.A. - *Eu entrei porque ... por querer conhecer o mundo também. Eu falei: “Ah! O pessoal viaja muito, eu vou conhecer”.*

Diante da insatisfação de viver na cidade e frente a tensão que se apresentava na relação eu - eu, M.C.A. projeta expectativas na vida do circo, vendo-a como uma possibilidade de mudança para o seu próprio viver.

Com o tempo tece forte vínculo de amizade com o proprietário em quem deposita sua confiança, mas atualmente descreve inquietações que se apresentam nas relações de trabalho entre ambos.

¹³³ **Suara – Você saiu sete vezes e voltou pra este mesmo circo?**

¹³⁴ M.C.A. – *É.*

¹³⁵ **Suara - E assim, o que é que te faz voltar pra este circo?**

¹³⁶ M.C.A. – *Ah! A amizade do dono, né?*

¹³⁷ **Suara – Vocês são bastante amigos?**

¹³⁸ M.C.A. – *É. Eu evito um pouco agora, porque... se fico perto dele, tem serviço, aí já... tô me afastando dele já.*

Sendo assim, M.C.A. vê frustradas suas expectativas com relação ao que esperava, ou seja, quanto ao aumento de seus ganhos financeiros e, por essa razão, diz-se cansado pela demanda da vida itinerante. Diante dessa ruptura e como forma de reorganizar sua relação com o circo, expressa novamente o desejo de sair e dedicar-se a uma nova atividade na cidade.

²⁴ M.C.A. – *Ah!... Eu tô, tô, tô querendo já sair fora, já.*

A tensão na relação eu - eu se apresenta porque, embora a vontade de sair seja uma constante na fala de M.C.A., dizendo-se desgastado com as atividades

que realiza, demonstra sentimento de familiaridade quanto às suas atividades cotidianas, enfatizando que o viver no circo é “gostoso”, e que se sente livre estando ali.

⁰⁴ M.C.A. – *Ah! Tem que gostar muito Suara, a vida nossa aqui é cansativa, é um horário... é bom... uma área que a gente qué compartilhar com todo mundo que vem aqui. Então é gostoso, não é ruim não. Tem que se apaixonar pelo circo mesmo.*

⁴⁵ **Suara - Como é que é dormir no circo, acordar no circo, fazer as refeições no circo?**

⁴⁶ M.C.A. – *Não... é gostoso, que você sai, você come o que você quer também, faz o que você quer. Então, o circo dá comida, eu parei de comer no circo e faço em casa, então eu quero comer alguma coisa, vou lá, compro, faço.*

Em seu discurso M.C.A. parece acreditar que tem o circo como um meio e não como um fim; que o circo representa apenas uma atividade, uma ocupação, fazendo parecer que não está alí por afeto, porém o fato de já ter saído e retornado tantas vezes, demonstra o apreço e forte vínculo afetivo com esse universo.

Inicialmente entrou no circo como soldador, mas em pouco tempo passou a ser secretário, trabalhando com a parte burocrática. Por considerar-se “bom de conversa” e incentivado pelo proprietário, preferiu dedicar-se às atividades administrativas e não ao picadeiro, inclusive por estar convencido de que nessa função haveria mais possibilidades de aumentar seus ganhos financeiros.

Nesse sentido, o circo também se apresenta para M.C.A. como um espaço de construção de novos conhecimentos, pois lhe permite entrar em contato e desenvolver-se em diferentes atividades.

¹¹ **Suara - Mas você já conhecia o circo antes?**

¹² M.C.A. – *Não. Não, aí o primeiro circo, eu entrei no circo como soldador, depois eu... me ofereceram um trabalho melhor porque eu tinha conversa, né? Entrei como secretário, é... tipo... office boy. É office boy que a gente fala, catador de papel aqui do circo.*

¹³ **Suara - Como assim, catador de papel?**

¹⁴ M.C.A. - *Pega documentação, leva na prefeitura, leva no fórum, no bombeiro, dá entrada no pedido de alvará. Aí, daí, fui aprendendo a fazê secretaria. Aí virei secretário do circo também, aprendi fazê praça, arrumá terreno, fechá contrato pro circo, pro circo estrear na cidade.*

³⁶ M.C.A. – *Não, aí já acaba. Vou pra propaganda, depois vou pra documentos, então algumas coisas mais eu tenho que fazer .*

⁴¹ **Suara - *E durante o dia vocês fazem o quê?***

⁴² M.C.A. - Durante o dia? Trabalha, faz propaganda, fica dirigindo, perdido na cidade (Sorri).

Assim, as atividades diárias relatadas por M.C.A. estão relacionadas com a disponibilidade e a dedicação integral do circense ao circo, uma vez que, “com exceção do espetáculo, qualquer hora do dia pode ser hora de trabalho, assim como pode ser de descanso, refeição, bate-papo, compras etc”. (Novelli Júnior, 1980 p. 40).

M.C.A. diz sentir-se uma estrela aos olhos do público, como uma pessoa famosa, porém segundo ele, essa sensação acaba quando sai do circo e volta a morar na cidade, pois volta a ser uma pessoa “normal”.

⁷⁶ M.C.A. - *É assim, a gente, a gente pro público é uma estrela. É como se fosse, a gente... assim uma pessoa bem vivida, famosa também. Então eles vê a gente assim, e isso a gente sai do circo, vai morar na cidade, aqui caba tudo, né? Aí apaga a estrela, aí a gente num tá mais... num é mais aquilo, então caba tudo. O pessoal a gente... até que eles num têm diferença não, eles trata a gente também bem.*

Embora aparentemente ele demonstre que lida bem com o sentimento de estar fora, parece-me que seu real desejo é o de não deixar o circo, pois, embora afirme que “desta vez” sua saída será definitiva, acredito que há uma grande probabilidade de ele retornar, por já haver construído vínculos cognitivo-afetivos nesse espaço, fato que fica evidente quando traz a relação de “parentesco” com o público por quem demonstra preocupação e respeito, e com os demais circenses, demonstrando tê-los afetivamente como alguém de sua família.

⁶⁸ M.C.A. - *... O público mesmo, a gente... em primeiro lugar, a gente trata como se fosse um parente nosso, entrando aqui, né?*

Para dar conta desse estado de ruptura que se apresenta, ou seja, da tensão intrasubjetiva de como é sua vida e de como ele gostaria que fosse, M.C.A. projeta novas expectativas no futuro, procurando visualizar outras possibilidades para a sua vida.

Segundo ele, viver em um circo é como viver em um bairro ou em uma cidade pequena, referindo-se não apenas ao fato de todos se conhecerem, mas também às tensões que emergem e que são inerentes às relações eu - outro. Compara essas

tensões às brigas que ocorrem entre irmãos, fazendo uma vez mais, referência à questão de parentesco. Segundo ele, os desentendimentos que emergem nas relações interpessoais não atrapalham o desenvolvimento do espetáculo e que, para dar conta de lidar com isso, adota uma postura de distanciamento das pessoas de quem não gosta.

¹⁸⁴ M.C.A. - *Eu vou falar a verdade. É igual um bairro, quando um vizinho não dá certo com o outro: sai uma fofoca, um fala mal do outro, um é falso com aquele lá. Tem uns que se dá bem, então... é desse jeito. É igual uma... é igual cê tá em casa: cê briga com o irmão, depois cê tá cum... brigado com o vizinho; o outro lado da rua tá brigado com aquele fulano...*

Ele orgulha-se por manter uma boa relação com as pessoas da sociedade sedentária envolvente e diz que elas sentem-se curiosas por saber sobre o seu estilo de vida, e que gosta quando tem a oportunidade de descrever sua rotina circense.

Desde o início de sua entrevista, e ao me perguntar se a entrevista já estava sendo gravada, M.C.A. demonstra de alguma forma a importância do que vai dizer a seguir, muito provavelmente por essa ser uma forma dele valorizar seu próprio viver no circo, pois nesse sentido, é possível observar que ao longo de seu percurso nesse universo, ele faz negociações de sentido sobre como é viver no circo e sobre o que esse representa para ele.

M.C.A. parece considerar o fato de que em alguma medida, eu já saberia como é a vida no circo, pois não faz menção a esse fato em nenhum momento. Ao desabafar sobre suas insatisfações pessoais percebo que ele estabelece comigo uma relação de confiança. Certamente por haver se sentido seguro para trazer tais questões.

Em algumas ocasiões nosso encontro demandou negociações de sentido, visto que, embora ambos conhecêssemos a linguagem técnica circense, como no caso de “lóca de praça” e “portô”, eu o faço a partir de meu conhecimento desses termos em língua espanhola ao contrário de M.C.A. que os conhece em nossa própria língua.

⁵⁵ **Suara - Lóca de praça?**

⁵⁶ M.C.A. - *É lóca de praça, porque é assim, é o pessoal que não entende, não sabe o que acontece. Que se vim uma ventania, e vim um temporal, a pessoa não vai sabê.*

¹¹⁰ **Suara - *Você já trabalhou... como artista?***

¹¹¹ M.C.A. – *Ah! Eu fui... balancei o trapézio umas vez, mas saí fora. Não quis mais não.*

¹¹² **Suara - *Balançar o trapézio é o quê?***

¹¹³ M.C.A. – *É... treiná pra fazê alguma coisa, sê “portô”, que fica pegando o pessoal lá.*

¹¹⁴ **Suara - *É o “catcher” né, que eles falam, que fica deste lado daqui?***

¹¹⁵ M.C.A. - *Não sei se é “catcher”, é o que fica sozinho: “portô”.*

¹¹⁶ **Suara - *Ah! Tá, tá.***

As imagens fotográficas de M.C.A. refletem a tensão que ele enfrenta nesse momento. Embora reafirme que quer deixar o circo buscando apresentar em sua primeira fotografia o “lugar onde fica sozinho”, ele acaba por retratar o túnel de entrada que dá acesso à praça de alimentação, ou seja, ao interior do circo, reforçando a ideia de que traz sentimentos ambíguos quanto a deixá-lo ou não. Isso fica também evidente quando ele elege como local para a entrevista o interior do circo.

¹⁹⁷ **Suara - *Me fala a história da primeira foto.***

¹⁹⁸ M.C.A. – *A primeira foto, foi onde eu fico sozinho, fico mais a vontade. Então, ali eu faço o que eu quero, mando, desmando. Então, é onde eu me ponho ali, entendeu? A outra, a bilheteria ali, que eu... também... é, a minha amiga trabalha ali, eu fico por aqui prestando atenção, e a saída aqui é quando eu for embora. É o caminho de pra ir e num voltá mais (Risos).*

Esse forte vínculo afetivo também emerge em sua segunda fotografia, quando ele retrata, desde o “seu” lugar, não apenas o cuidado que tem com a bilheteria, mas o local onde fica “prestando atenção” por aí estar sua amiga bilheteira e também por ser o seu “apartamento”, sua moradia no circo.

O desejo racional de ir embora se expressa na imagem de número 3 de M.C.A., ao garantir que “é o caminho de ir embora e não voltar mais”, no entanto, ao finalizar com a imagem de número 4, como uma forma de reorganização de sentidos, ele diz: “esta foto é para o seu pessoal conhecer a nossa vida aqui”, ou seja, ele nos convida (agora como público) a conhecer a sua vida no circo. Ao dizer a “nossa vida”, compreendo que ele se inclui novamente enquanto um circense e não como quer parecer, alguém distante afetivamente desse contexto.

¹⁹⁹ **Suara - *E a outra foto, você tirou quatro fotos?***

²⁰⁰ M.C.A. - *Não, eu tirei aqui... a frente do circo só, mais pra... uma coisa aí pro pessoal de vocês vê como é que é a nossa... a nossa vida aqui. A gente, chega*

essas hora, não tem nada pra fazê, fica... sem nada... sem pensá. Então, a saída é pra ir embora, a última foto que eu tirei.

²⁰¹ **Suara - É, legal.**

²⁰² M.C.A. - *O caminho de casa* (Risos).

4.3.2 Segundo dia: entrevistas com C.K., E.B e P.S

Conforme havia sido combinado no dia anterior, no segundo dia de pesquisa seriam realizadas as entrevistas de C.K. e de L.E. Porém, como L.E. não chegou a tempo para ser entrevistada, sua entrevista foi realizada na manhã do dia seguinte.

Nesse dia entretanto, realizei a entrevista de C.K. às 13 h, e as dos irmãos E.B e P.S. por volta das 17 h.

As fotografias de C.K. encontram-se ao longo do relato de como foi sua entrevista, porém as de E.B. e P.S. encontram-se no capítulo 'Quarto dia: fotografias tiradas por P.S. e E.B. e síntese interpretativa das imagens', pois eles não fizeram as fotografias no mesmo dia da entrevista.

4.3.2.1 Relato de como ocorreu a entrevista de C.K.

No dia seguinte cheguei com um atraso de 10 minutos e C.K. já estava à minha espera em seu trailer. Sorridente, me convidou para entrar para que eu pudesse conhecer sua casa. Pedi licença e perguntei se deveria tirar os sapatos, e ela disse que não seria necessário. Agradei e entrei. Fiquei muito surpresa com o tamanho de sua "sala" que é bastante grande em comparação com a maioria dos outros trailers nos quais eu já havia estado. Elogiei não só o tamanho, como a decoração e a arrumação de sua casa, pois estava tudo organizado e limpo.

Comentei que aquele era um ônibus muito maior do que a maioria, e ela contou que foi o seu marido quem fez as modificações, informando que a sala se expande muito mais do que a maioria dos ônibus iguais àquele.

Fala ¹¹⁸ - *Meu marido diz que, como estamos sempre viajando, precisamos morar confortavelmente.*

Concordei com ela, fazendo um sinal de positivo com a cabeça.

Perguntei em que lugar ela costumava se sentar durante as viagens e ela apontando, me disse que se sentava ao lado do seu marido, no banco do passageiro.

A senhora C.K. fez questão de me mostrar todo o "ônibus" e me autorizou a fotografá-lo sem restrições. Pedi licença e tirei várias fotos de sua casa, que encontram-se no APÊNDICE I ao final deste trabalho. Perguntei se era necessário guardar muitas

coisas do trailer antes das viagens, pois com a locomoção, objetos mal acomodados podem cair e quebrar, mas ela me disse que não.

Questionei onde poderíamos conversar e ela me disse que na praça de alimentação, localizada bem ao lado de sua casa. Ao sairmos, me perguntou se eu aceitaria um café.

Fala 119 - *Se a senhora for tomar, e se não for dar trabalho, eu aceito sim, obrigada.*

Sorridente, ela disse que não seria trabalho nenhum, pois como tinham uma máquina de café, o faria rapidamente.

E foi o que de fato aconteceu: enquanto eu me dirigia ao local indicado para a entrevista, ela já se aproximou com uma xícara de café.

Nos sentamos a uma das mesas da praça de alimentação. Expliquei-lhe que iria gravar a entrevista, e ela disse que não haveria nenhum problema. No ponto sobre o sigilo, que consta no TCLE, ela sorriu e disse que não seria necessário manter as coisas em sigilo, e que eu poderia divulgar o nome dela se assim o desejasse.

Após todos os esclarecimentos iniciamos a entrevista, que se encontra na íntegra ao final deste trabalho (APÊNDICE C), e que teve duração aproximada de 1 hora e 05 minutos. Apesar do longo período em que estivemos conversando, foi um momento muito agradável e prazeroso pois C.K. mostrou-se muito alegre e positiva durante todo o tempo.

Ao finalizarmos a entrevista solicitei a C.K. que, por gentileza, tirasse as fotografias de qualquer coisa ou lugar que lhe fosse significativo no circo. Ela hesitou por um momento, dizendo que não tinha ideia do que fotografar, mas em seguida me disse que poderíamos tirar de sua “casa” e do local onde se vende as pipocas, comentando que ela mesma havia colocado o vaso de plantas, por gostar de tudo bonito. Quando fiz menção de entregar-lhe a máquina fotográfica, ela pediu que eu mesma tirasse as fotografias. Concordei e após eu haver fotografado cada local indicado, C.K. se posicionou diante deles para que eu também pudesse fotografá-la.

Figura 16. Primeira fotografia de C.K.

Figura 17. Segunda fotografia de C.K.

Figura 18. Terceira fotografia de C.K. *“Normal, no. Sabes, meu marido nunca quise comprar trailer. Com o preço deste, ele poderia comprar cinco trailer... mas ele quis fazer este para nós”...*

Figura 19. Terceira fotografia de C.K.

Figura 20. Quarta fotografia de C.K.

Após haver tirado as fotografias para ela, conforme havia solicitado, pedi que por favor, comentasse as imagens, e ela apenas me disse que eram lugares importantes, demonstrando especial orgulho por sua casa. Logo após esse comentário, notei que C.K. ficou inquieta, pois seu marido havia acabado de chegar. Ela então, demonstrou-me sua inquietação, dando-me a entender que teria que atendê-lo. Dessa forma, agradeci, e ela, sorridente, despediu-se de mim.

Embora houvesse me atrasado um pouco para nosso encontro, C.K. demonstrou ser muito pontual, pois já me aguardava em sua casa. Ela me deixou muito à vontade ao me convidar para entrar e me autorizar a tirar as fotografias.

Ela é uma senhora encantadora, sorridente e muito simpática. C.K. me falou abertamente e de maneira espontânea sobre o seu passado e sua vida atual, demonstrando satisfação em compartilhar sua história como circense.

4.3.2.2 Síntese interpretativa da entrevista de C.K.

C.K., romena de 71 anos de idade, é nascida e criada em circo. Como está há 33 anos trabalhando no Brasil, inicia sua entrevista comentando que o tempo de permanência aqui excedeu em muito sua expectativa inicial.

⁰¹ **Suara - *Há quanto tempo a senhora está no circo?***

⁰² C.K. - *Em el 79... já son 33 anos. Nunca a gente pensou que vamos ficar tanto tempo, porque chegamos assinar o contrato de só de dos anos.*

Apesar de todo o tempo de convívio com a língua portuguesa, C.K. ainda apresenta dificuldades em se expressar plenamente em nosso idioma, mas compreende quase tudo que lhe é dito. O fato de haver estrangeiros nos circos é bastante comum, pois este é um espaço que recebe nações diversas e onde se falam diferentes idiomas (Ruiz, 1987).

O autor aponta para o fato de que independentemente do tamanho do circo e da sua localidade, sempre há entre seus integrantes pessoas naturais de vários países (Ruiz, 1987).

Ela casou-se na Romênia aos 18 anos de idade e, assim como ela, o marido também é romeno e de origem circense. Ambos têm uma tradição familiar de atuar

em números com cavalos, ou seja, possuem o conhecimento de uma atividade que se perpetuou ao longo de algumas gerações.

⁰⁴ C.K. – *Normal... nasci em circo! Somos de generaciones de mãe, pai. Meu marido também era... era como se chama... hã... de generacione com cavalo, com carneiro, ursos.*

Ao falar sobre sua vida no circo, diz que não é uma vida fácil, principalmente por causa das temporadas de chuva, que são sempre uma preocupação pelo risco que representam para os circos, e também pelo barro e a lama que fazem com que ela não consiga manter sua casa limpa. C.K. relaciona a dificuldade expressa em seu discurso com as condições climáticas e do local, ou melhor, do terreno onde o circo está instalado.

¹² C.K.- *... Agora, que posso falar de nostra vida? No é fácil. No é fácil. A verdade é que quando é tempo muito bonito, quando tene um lugar muito bonito você é outra persona. Agora, quando a gente pega lugares donde tá (risos) chuva, lama, (risos)... eso no é fácil. Así que acho que... é muita gente pergunta: “E porque vocês fica em circo?” Porque acho que esa coisa que sempre você se muda, é... agora é melhor, agora é melhor, agora é pior. Sempre você tem aquela esperança que você vá a outra ciudad MELHOR (risos)... E así vai pra frente, no?*

A fala de C.K. sobre a expectativa e a confiança que tem de que em outro lugar será “melhor” vem ao encontro do que aponta Ruiz (1987), ao afirmar que a persistência e esperança no amanhã são um dom do indivíduo circense, visto que, como o recomeçar é inerente a sua atividade, há sempre um desejo de que as coisas sejam diferentes do que foram anteriormente.

É interessante observar que a noção de “terreno” emerge em outros momentos na narrativa de C.K. pois, no trecho abaixo, ao falar sobre a possibilidade de estabelecer-se definitivamente em um local fixo, ela diz: “pode ser que um dia a gente fica parado em um terreno”, o que significa que não se trata de ficar parado em uma casa, mas de se estabelecer em um “terreno”, exatamente como no caso do circo.

⁴² C.K. – *... Pode ser que um dia a gente vá parar. A minha filha tá com seu marido em Campo Limpo, tene um chácara, em centro de Campo Limpo. Tene chácara, tene a casa, tene tereno. Pode ser que um dia a gente fica parado num terreno e... nós ficamos cinco meses uma vez. Quebrô uma cosa em motor de ônibus e ficamô cinco meses, é... no fue fácil (risos).*

Nesse sentido, fica explícita não apenas sua intensa relação afetiva com o circo, mas também a noção de estabilidade implicada pela experiência circense. A questão do terreno reaparece em outras ocasiões no discurso de C.K., quando por exemplo, faz referência ao lindo terreno em que trabalhava na Alemanha remetendo-se ao sentido de valorização atribuído às atividades circenses por parte daquele governo.

²⁶³ C.K. – *Eu trabalhei em la Alemanha, catedral era de lado de nosotros. Y el circo trabalhava de lado de catedral. Trabalhava num lindo tereno, com água, com banheiro, com luz. Se pode fazê unas coisas, ninguém vai falar vai ficar aqui perto de una igreja, mas tem tantas lugares que pode fazer uma coisa boa. Para mí? Yo já soy fora. Pra nova generacion que quiere ainda, que gosta ainda dessa vida.*

Embora ela diga que não é uma vida fácil, está a vida toda no circo, o que demonstra um contínuo movimento de reconstrução de sentidos ao longo de sua existência.

Ainda que já passados 15 anos desde que deixou de apresentar-se no picadeiro, enfatiza que aquele foi um momento muito difícil e se emociona ao dizer que sente saudades quando ouve a música do número do avião, demonstrando uma permanente tensão com relação a isso. Apesar da tristeza relatada por C.K, ela diz estar ciente de que esse é o curso natural das coisas, e demonstra uma certa conformidade com relação ao passar do tempo e às mudanças e limitações físicas que o envelhecimento impõe.

²⁶ C.K. – *Verdade é que no é fácil. Sobretudo é costume, no? Devagar, devagar... eu entrava na B. em picadeiro como “partner” e dava todo meu corazón... Recebi tantos elógijs de, a todo mundo, quando chegava gente: “Senhora, no entra mais em picadero?”. Precisa entender que meus ossos também tá sofrendo, porque você quando entra lá, você dança, você fica e depois (risos)... pode ser... no sê. Pode ser você quando se afasta completamente, pode ser que é mais fácil, ficar em casa, no? Como dona de casa, sei lá. Pero cuando se está em picadero, treina, dor sempre em seu corazón, quando ascuta música. Tudo isso...*

Emerge em alguns momentos, durante a interação verbal com C.K. não apenas aspectos sobre o conhecimento dela para e pelo circo, mas os processos de construção e os direcionamentos desses conhecimentos. Ela comenta que não acreditava um dia conseguir se dedicar a outra atividade, pois nunca havia se imaginado vendendo pipocas e batatas fritas, mas que hoje, sente satisfação com o que faz. Neste sentido, percebe-se que o investimento afetivo que ela canaliza em

sua nova ocupação, bem como o conhecimento construído a partir de sua experiência, reorganizam o modo como ela pensa a própria existência, uma vez que suas ações atuais não são remetidas diretamente ao picadeiro, mas são remetidas a ele de maneira simbólica; ou seja, sua relação afetiva pelo trabalho no picadeiro, foi transferida para sua atividade atual.

³⁰ C.K. – *Pipoca. Pipoca e batata. E... tengo tanto amor, que sea tudo bonitinho, que sea tudo fresquinho, como era em picadero. Así que por eso falo, precisa tener amor pelo que você tá fazendo. No é verdade? (Risos).*

O caso de seu marido também ilustra essa relação, pois tendo ele desistido do curso de engenharia mecânica, utiliza-se do conhecimento adquirido e de suas habilidades criativas para o próprio circo, ao se dedicar à construção de seu próprio aparelho de trabalho.

¹⁶ C.K. - *A idéia é original, tudo é feito dele. Porque el sempre adorô estas coisas de inventar las cosas. El ônibus tambien é feito de ele. No existe outro ônibus como esse daqui. Existe em la América aquelas coisas que son muito bonitas, muito elegante tudo, sólo... sai um pedacinho pequeno, choca outro carro acabô. Esse no. Esto tá (risos) uma cosa... uma coisa pesada, pero uma cosa muito firme. El sempre adorô esas cosas... y... como falê: mãe, pai, queria que sigue ser engenheiro, no? Depois de dois años ele falô – “No quero mais. Eu voy segui a minha tradição”. El foi muito bom na acrobacia no cavalo, é muito bom, foi em todo o que el fez. Fez cama elástica, aquela que parate na cúpula. Trabalhô em avión comigo, e na cavalo, no? Toda família... é, mas o menos essa es nostra vida.*

O fato de comentar que se sente livre caminhando na rua, pode estar relacionado, como já apontado, com o formar-se para e pelo circo, pois a necessidade de manter-se em caminhada, mesmo quando se está parado, é algo inerente do indivíduo circense.

⁸⁶ C.K. - *... Nossa! Me parece andando na cidade parece que... a minha liberdade na rua (risada) porque todo dia vai, lavo, passo, tem tapete que tá sujo. No suporto tapete sujo.*

C.K. apresenta profundo respeito pelo público e justifica o pouco contato que tem com os de fora do circo, em razão da falta de tempo pelas diversas atribuições que tem em seu dia a dia. Contrariando a fala de B. quando afirmou que todos os circenses são analfabetos, o discurso de C.K. traz uma dimensão social e política pertinente e interessante. Tanto que, ao final de nosso encontro, traz o sindicato

como assunto para nossa conversa, demonstrando interesse e preocupação quanto ao futuro do circo. Percebo que para ela é importante trazer esse tema naquele momento por ver em mim alguém que possivelmente poderia lhe ajudar a dar visibilidade para os problemas enfrentados pelos circenses no momento atual.

²⁵⁷ C.K. - *El Sindicato de los Artistas, yo nunca conocí ejos, como yo no so... no sé falar muito bem, nunca tuvo oportunidade de ver essa gente, no? Eu sempre falo: "Gente, precisa lutar. Pra quê"? Pra esso terreno. Pra circo gente. Por que cada vez se levanta otros edificios, circo sempre chega jogado.*

Em alguma medida, C.K. compartilha comigo sua ideia sobre pesquisa ao afirmar que “a gente que está pesquisando... sabe muito mais”, mas que “morre sem saber nada”, referindo-se sabiamente ao fato de que, quanto mais se conhece, mais se tem a dimensão do que ainda há por conhecer.

Foi possível perceber que C.K., em sua relação comigo, estabelece um vínculo de confiança, por haver me permitido fotografar sua casa, por haver solicitado que eu tirasse as fotos em seu lugar e também por haver compartilhado comigo os álbuns de fotografias de seus tempos de juventude.

Quanto às imagens de C.K., a primeira foto que tirei foi do local onde se dedica à venda de pipocas, possivelmente por ser um local que estava a pouca distância de onde nos encontrávamos. Em um primeiro momento ela não manifestou vontade de ser fotografada ao lado desse espaço, mas o fez na segunda imagem tirada por mim. Essa atitude pode demonstrar o fato de ainda não se sentir muito confortável com a atividade de venda de produtos, e que talvez ainda busque construir novos significados para essa atividade.

A maioria das imagens de C.K. são de sua casa, que notadamente é um espaço afetivamente muito importante e significativo para ela.

4.3.2.2 Relato de como ocorreram as entrevistas de E.B. e de P.S.

Ao chegar ao circo no horário combinado para encontrar-me com L.E., fui informada de que ela ainda não havia retornado das compras. Enquanto a

aguardava, um rapaz e seu cãozinho se aproximaram da praça de alimentação. Como eu ainda não o conhecia, aproveitei a oportunidade para me apresentar e relatar as diretrizes gerais de minha pesquisa.

Perguntei se ele poderia participar, e ele prontamente me disse sim, dizendo que seria possível naquele mesmo momento. Ele se apresentou, informando-me ser o palhaço do circo.

Convidei-o então para nos sentarmos, a fim de que pudéssemos iniciar a entrevista. Comentei que caso L.E. chegasse com tempo de ser entrevistada, retomariamos nossa entrevista em algum outro momento, e ele concordou. Após alguns minutos de conversa, seu irmão, se aproximou de nós e também, gentilmente, se dispôs a me dar a entrevista.

Em seguida, apresento o relato de como foi esse encontro.

Abordei-o perguntando se o cãozinho atuava no picadeiro e ele disse que não, pois o havia ganhado há poucos dias.

Perguntei se ele pretendia colocá-lo no espetáculo, e me disse que talvez só para entrar correndo durante a sua apresentação.

Questionei qual era o seu número e ele me disse que era o palhaço do circo. Apresentei-me dizendo que há algum tempo estava em contato com as pessoas do circo, pois estava realizando algumas entrevistas para minha pesquisa sobre o circo e os circenses. Comentei que já havia entrevistado algumas pessoas e que, naquele momento, estava aguardado para conversar com L.E..

Perguntei seu nome, ao qual ele respondeu que era E.B., e se ele poderia conversar comigo em algum momento, e ele disse que sim, que não haveria nenhum problema. Perguntei-lhe quando seria o melhor dia e horário para ele, e ele prontamente disse que poderia ser naquele mesmo momento.

Fiquei agradavelmente surpresa com sua solicitude, e concordei, convidando-o para sentar. Comentei que quando L.E. chegasse nós veríamos com ela se poderíamos ou não continuar a entrevista, e ele disse que não haveria problema.

Nos sentamos a uma das mesas da praça de alimentação e começamos a conversar. Expliquei sobre o tema da pesquisa, sobre as questões que constam no T.C.L.E, e que ao final pediria que tirasse algumas fotografias. Em seguida iniciamos a entrevista.

Após uns 10 minutos aproximadamente, um senhor se aproximou de onde estávamos e permaneceu em pé ao nosso lado. Eventualmente completava alguma resposta de E.B. Em seguida soube que se tratava de P.S., seu irmão.

E.B. lhe informou sobre o que conversávamos e perguntou-lhe se ele também poderia participar da pesquisa. Ele disse que sim, mas que antes teria que ir ao mercado, e regressaria em seguida. Agradei e ele se despediu.

Nesse ínterim, L.E. chegou já bastante atrasada para abrir a bilheteria. Ela se desculpou pelo atraso, e eu disse que não se preocupasse, pois eu poderia retornar no dia seguinte, ao que ela concordou.

Combinamos que nos veríamos em seu trailer às 9 h da manhã, do dia seguinte. Ela me indicou onde morava e disse que eu poderia procurá-la sem problemas. Agradei e continuei a entrevista com os dois irmãos.

Ao regressar, P.S. se sentou ao nosso lado, e prosseguimos a entrevista. Em alguns momentos me dirigia a um e em outros momentos me dirigia ao outro irmão.

Após algum tempo, E.B. pediu licença e se despediu dizendo que infelizmente não poderia ficar mais, pois tinha um compromisso. Solicitei que, por gentileza, tirasse as fotografias e ele me perguntou se haveria a possibilidade de tirar em algum outro momento. Justificou dizendo que estava um pouco atrasado e que como já haviam começado a desmontar o picadeiro, preferia tirar as fotos na próxima localidade. Como P.S. também concordou com o irmão, combinamos que eu os visitaria quando já estivessem instalados no próximo local, para que pudessem tirar as fotografias. A partir desse ponto, continuei a entrevista apenas com P.S., que também se mostrou muito gentil durante o nosso encontro. Após a saída de E.B., ele comentou comigo que como o irmão era o cozinheiro do circo, tinha horário para preparar a comida dos “meninos”. Ao terminar a entrevista com P.S. agradei pela atenção e nos despedimos.

Entrevistar os irmãos E.B. e P.S. foi muito gratificante pois ambos transmitem, de acordo com o meu entendimento, em cada palavra e em cada gesto, o verdadeiro sentido de ser circense. É um apaixonamento pela profissão e pela vida que levam, que transcende as eventuais dificuldades que uma vida itinerante pode oferecer.

É um olhar grato e emocionado para o que fazem, juntamente com a certeza de estarem onde realmente deveriam estar. A análise das fotos de ambos, encontram-se no relato do quarto dia da pesquisa momento em que os irmãos tiraram suas fotografias.

4.3.2.3 Síntese interpretativa das entrevistas de E.B. e P.S.

Início a entrevista com E.B. que tem 40 anos de idade e diz com prazer que é nascido e criado no circo. Ele diz gostar muito da vida de circense e ainda mais quando se encontra no picadeiro. A profissão de palhaço, da qual sente muito orgulho, preenche acontecimentos tristes como a morte do pai, portanto, para ele, o ser palhaço ganha sentidos maiores do que sua dor pessoal.

01 **Suara - Como é que é viver no circo?**

02 E.B. - *Muito gostoso.*

03 **Suara – Gostoso por quê?**

04 E.B. - *Porque eu tenho 40 ano de circo fui nascido e criado no circo. Minha cara ... (riso) já fala tudo, né? Quando vejo circo meu sorriso vem completo, né? Que adentro, você entra no picadero você... vira a cabeça completo. Meu pai uma época teve mal, meu pai faleceu, no mesmo dia eu tive que trabalhar e mostrar o sorriso adentro do picadero.*

Como é comum no universo circense, E.B. aprendeu com seu pai diferentes números de circo, ou seja, diferentes formas de se apresentar no picadeiro, embora tenha decidido atuar como palhaço. Atualmente ele também exerce a função de cozinheiro, portanto, o circo se mostra como um ambiente que lhe propicia a constante construção de conhecimento em diferentes atividades.

05 **Suara – Você era palhaço? Sempre foi palhaço?**

06 E.B. – *No. Eu fiz cama elástica, fiz arame, fiz monte di coisa.*

E.B. relata com pesar que ficou 15 anos afastado do picadeiro, período de intensas tensões intrasubjetivas entre como estava sua vida naquele momento e como gostaria que estivesse, ou melhor, ao mesmo tempo que queria ficar na cidade para cuidar da mãe adoentada, sentia saudades da vida itinerante que lhe exigiu uma constante reorganização de sentidos enquanto esteve fora. Comenta que por essa razão, evitava ir ao circo pois naquele período sentia-se muito atraído por ele.

13 **Suara - Como você se sentiu no tempo que estava fora?**

14 E.B. - *Eu no hiva pro circo.*

15 **Suara - Não?**

16 E.B. - *Não.*

17 **Suara - Por quê?**

18 E.B. - *Porque sabia que me hiba a puxar.*

19 **Suara – Já?**

20 E.B. - *Me puxar.*

21 **Suara - Puxar, quer dizer... Ah! Que ia te chamar?**

22 E.B. - *Me chamar de volta, então no hiba... É eu morava em Bom Jesus dos Perdões, né?*

26 E.B. – *Eu morava em Bom Jesus dos Perdões, perto da Atibaia. Sempre este circo montava em Atibaia... meu sobrinho: “Vamo lá assistir”. “Não. Hoje que tenho um compromisso, tenho outra coisa pra fazê”. E nunca comparecia pra... nunca... nu í. Porque sabia que ia me acabá puxando.*

Durante um curto período de tempo E.B. e o irmão tiveram a oportunidade de “tocar” o próprio circo, porém a falta de conhecimento em como administrar tal estrutura fez com o que o sonho de ambos não se concretizasse.

Por não trazerem sentimentos de tristeza ao relatarem esse episódio, acredito que apesar do investimento afetivo e financeiro, tenham conseguido lidar satisfatoriamente com a ruptura da expectativa de serem proprietários de circo, pois

demonstram ter ciência de que não dispunham, naquele momento, das habilidades necessárias para tal empreitada.

Possivelmente por haverem passado por tal experiência, hoje demonstrem estarem adaptados à vida atual, ou seja, no circo em que se encontram e com as atividades que realizam.

²⁶ *Aí aconteceu isso que faleceu a minha mãe, cabei vendendo a casa e falei: “Vamo montá o circo”, pra meu irmão. Chegamo um ponto que tocamo quatro meses o circo. No conseguimos tocá mais, porque... tem que sabê manipula o circo, é um papel, é uma... uma polêmica, e nunca tuvimo apoio de ninguém, né? Ni da Prefeitura, ni da Governo, ni do Estado. Intentamo procurá patrocínio e tudo, no conseguimos arrumá. Eu falei: “Qué sabê de uma coisa? Vamo guardá o material, vamo vê que nós faz da vida”. Aí apareceu B.P. e oferecio serviço pra nós. Já vai interá cinco mês que tá aqui.*

Portanto, podemos considerar que tanto o fato de haverem deixado o circo como o insucesso relatado constituíram-se como rupturas, mudanças que abalaram estruturas antes imaginadas como estáveis e que prescindiram de reelaboração de expectativas como forma de lidar com as inquietações vivenciadas.

Mesmo E.B. afirmando que no período em que esteve afastado não se adaptou à vida na cidade; dadas as possibilidades que tinha, ele pôde exercer seu potencial de ação ao buscar o conhecimento de uma nova atividade profissional, ou seja, ao aprender os afazeres da construção civil, atividade que, em certa medida, lhe propiciou o reconhecimento e prestígio deixados no picadeiro.

⁴⁵ **Suara - Como é que você se adaptou, ou não adaptou?**

⁴⁶ *E.B. – No me adaptei. Sempre me puxava o circo, só que... como eu tinha minha mãe doente, tinha dado derrame, eu falei: “Eu tenho que me adapta, né?”. Comecei como ajudante de pedreiro... depois fui pra pedreiro, que... comecei a trabalhar em construção civil. Comecei a amarrar ferrage, comecei a trabalhá mai, fazendo mai coisa... Foi indo, foi indo e atrave de um amigo, que começou a me ensinar alvenaria, ele falo: “Não. Eu vou te ensiná a aprumá o tijolo”. Asi asi começou a ensinar a assentá cerâmica, piso, tudo, e foi indo... E hoje em dia, se procurá ali em Bom Jesus dos Perdões, se eu chegá, eu arrumo um serviço na hora. Porque eu arrumei uma freguesia muito grande, parte social, porque eu comecei só a trabalhar para persona... no Mafe, no Vale do Sol, condomínio chique. Enton, hiva arrumê muito prestígio, porque eu sempre gostei fazer coisas.*

Ele confessa que, apesar do amor que sente pelo circo, se tivesse que parar novamente ele se adaptaria, pois já sabe como é a vida na cidade. Nesse sentido, acredito que, embora tenha se sentido deslocado quando esteve fora do circo, o

conhecimento construído pela experiência vivida poderia lhe manter na cidade novamente, se necessário fosse.

¹⁴⁰ E.B. - *Se eu pararia... eu me adapto, porque... eu quando saí, foi uma porrada que eu tomê... que foi difícil o começo... pero tendo braço e mão... ninguém morre de fome.*

¹⁷⁹ E.B. - *No porque... eu já morê fora... enton pá mim.... eu acho normal, porque já me acostumê tanto com um circo como fora, né? Enton, já morê quinze ano fora. Enton pá mim, se eu tuve que o dia da amanhã, pará de circo, eu sei que no vá sê fácil...*

Atualmente as expectativas que E.B. projeta para o futuro dizem respeito a querer obter mais conforto e a se estabilizar definitivamente no circo.

¹² E.B. - *Eu gastei casi oitenta mil real... e agora tô negociando ele. Tá a ponto de... vendê ele. Se eu vendê, eu já vou comprar um trailer pa mim e uma camionete pa mim, que tem bom estado... pa pode continua, né? Agora minha vida toda vai sê aqui. Acabá no circo.*

Quando E.B. relata que os amigos dos tempos em que esteve fora não acreditavam que ele era de circo, podemos supor que isso se deva à valorização da atividade circense pelo público, como algo excepcional ou - e muito mais provavelmente - por ser uma atividade bastante diferente. “Não acredito!”, diz o amigo – pode expressar a grandeza atribuída ao espetáculo, ou como comenta Ruiz (1987 pp. 13-14), por ser o circo “uma atmosfera que se identifica em muitas imaginações, com a gente estranha dos acampamentos ciganos, hoje aqui, amanhã ali, talvez um mês depois em outro país”. Nesse sentido, parece incomum conhecer alguém de circo, possivelmente pelo próprio caráter itinerante dessa atividade.

Assim como o irmão, P.S. também é palhaço e esteve afastado do circo por um período. Ele relata que conseguiu se manter ausente apenas por um ano, momento em que se sentiu perdido, solitário e isolado de tudo, e refere-se à vida na cidade como monótona.

²⁵⁶ P.S. - *Ele parô de circo, e vivio da vida da cidade, né? Por vários anos. Eu só consegui pará um ano. Só que... eu me perdi eu...*

²⁵⁷ **Suara - Neste um ano, você se perdeu?**

²⁵⁸ P.S. - *Me perdi, me perdi. Me desorientado totalmente de circo. No tinha contacto com ninguém. Sabe quando você... te coloca no meio da Amazônia?*

²⁵⁹ **Suara – Uh-huh.**

²⁶⁰ P.S. - *Fiquei sumamente solitário.*

Embora no circo também haja atividades rotineiras e cotidianas, elas não são sentidas dessa forma nem por E.B. nem por P.S., por causa dos constantes deslocamentos para os diferentes lugares que o circo percorre. Isso se confirma quando P.S. comenta satisfeito que hoje está olhando para uma determinada paisagem e amanhã já estará olhando para outra.

184 **Suara - *Mas o circo de certa forma não vira rotina?***

185 E.B. - *Não.*

186 **Suara - *Não?***

187 P.S. - *Não porque... no é rotina, porque já semana que vem já tamô mudando. Tem um parenteses diferente da pessoa da cidade. Hoje tô morando olhando esse prédio, amanhã no tô mais. É tudo, tudo diferente.*

188 E.B. - *E a...*

189 P.S. - *O circo grande a gente mora dos mês, três...*

190 E.B. - *E já pá nói já...*

191 P.S. - *Já começa...*

192 E.B. - *É o que eu tava falando, porque já incomoda, começa atrapalhá, né? Vira rotina.*

193 **Suara - *Que interessante.***

194 E.B. - *Vira rotina.*

Refletindo pela perspectiva apresentada por P.S., compreendo que estar no “meio da Amazônia”, no sentido de estar perdido na mata, pode representar o sentimento de sentir-se sozinho em um local extremamente “hostil” e desconhecido, sem saber que rumo seguir, e completamente vulnerável a toda sorte de intempéries. Fica claro o quanto foi difícil para ele esse período e o quanto desejava retornar ao circo por ser o local onde estabeleceu vínculos afetivos e profissionais, bem como por ser um espaço dinâmico, que lhe propicia atividades diárias e o permanente convívio com os colegas e familiares.

Quando pergunto qual a melhor parte do circo, P.S. me fala sobre o “ser” palhaço, evidenciando o quanto para ele essa é uma atividade prazerosa e pessoalmente significativa, pois lhe permite estabelecer uma relação dialógica com o público, transmitindo alegria e recebendo afeto.

200 P.S. - *Olha nói somo de família de palhaço, por exemplo, nós a parte de ser de família de palhaço, nós fazemo palhaço porque a gente gosta ...*

202 P.S. - *E... eu acho que transmitir alegria, recibir o afecto do público, é gratificante. À parte do circo, a gente faz espetáculo beneficente, quando a gente pode, quando vamo trabalhá pá asilo. Já fuimo trabalhá casa de recuperacion de menor.*

Nos contatos que estabeleci tanto com E.B. quanto com P.S. houve momentos de compartilhamento intersubjetivo relacionado à minha experiência de ser circense, pois ambos validaram o fato de que já trabalhei em circo. Isso fica evidente, por exemplo, quando fizeram menção à forma como se dá o número de palhaço, que apresentam, e ainda, quando trouxeram nomes de pessoas e histórias de outros circos supondo que eu já os conhecia.

Em determinado momento, ao concordar com P.S. que o circo é uma poesia, percebo que me desloco novamente e momentaneamente para a posição de circense, fato que, ao que me parece, foi também sentido pelo entrevistado.

A relação que tanto E.B. quanto P.S. estabelecem com o público é de respeito e interação por estarem sempre preocupados em lhes oferecer o melhor de sua arte. A relação entre si é de amizade e companheirismo. Após as tensões vividas, ambos relatam satisfação por estarem de volta no universo circense, tendo novamente o circo como campo de ação simbólica, pois nesse contexto, ambos compartilham os significados sobre o “ser” circense.

4.3.3 Terceiro dia: entrevistas com L.E e A.R.P.

Nesse terceiro dia de pesquisa foram realizadas as entrevistas com L.E. no período da manhã e com A.R.P. à noite, durante a segunda parte do espetáculo. As fotografias tiradas por ambos encontram-se em seus respectivos relatos.

4.3.3.1 Relato de como ocorreu a Entrevista de L.E.

No dia seguinte, procurei pelo trailer de L.E. pontualmente às 9h conforme havíamos combinado. Ela estava de saída, mas assim que me viu, retornou prontamente ao seu trailer e me convidou para entrar. Sentei-me à mesa ao lado da porta e ela, sempre

muito simpática e falante, sentou à minha frente e apresentou-me seu cãozinho de estimação.

Relatei as diretrizes da pesquisa e ela me perguntou por onde queria iniciar a entrevista. Nossa conversa foi muito agradável e durou aproximadamente 1 h.

L.E. contou-me, entre outras coisas, sobre seu dia a dia, sua rotina de caminhadas, sua família de tradição de circo-teatro, sua preocupação com o futuro do circo e sobre o seu passado.

Quase ao final da entrevista, adentrou em seu trailer uma garotinha, a quem L.E. carinhosamente chama de “minha ciganinha”. A menina ficou sentada ao nosso lado até o final da entrevista e passou parte do tempo brincando com dois pequenos palhacinhos que se encontravam sobre a mesa. Quando comentei que eram muito bonitas as pequenas estatuetas, L.E. me disse que o palhaço era o símbolo do circo, assim como a pipoca e as maçãs do amor que ela vende durante os espetáculos.

Antes de despedir-me, solicitei que L.E. tirasse suas fotografias, e ela, sem hesitar, me disse que tiraria do lado de fora do circo.

Então, pegou a câmera e desde a porta, do lado de dentro do seu trailer, tirou duas fotografias da lona do circo. Perguntei-lhe o porquê daquela escolha e ela me disse que simplesmente gostava de olhar o circo daquela perspectiva.

Disse que se eu quisesse, poderia fotografar os pequenos palhacinhos também.

Imediatamente fotografei as duas estatuetas de gesso, e em seguida tirei uma foto, da pequena menina com L.E. Com excessão dessa última imagem, as demais encontram-se a seguir.

Figura 21. Fotografia tirada por L.E. “Ai, eu vou tirar ali de fora”.

Figura 22. Fotografia tirada por L.E. “...daqui da lona... o circo é meu canto, minha vida, é tudo pra mim.”

Figuras 23 e 24. Fotografias tiradas por mim. “Por que o palhaço é o símbolo do circo? “Ah é, imagina.. é igual pipoca e maçã do amor...”

4.3.3.1 Síntese interpretativa da entrevista de L.E.

A entrevistada L.E. tem 52 anos de idade, e é de família de tradição de circo-teatro. Atualmente exerce a função de bilheteira do circo e é a mãe de B., com quem conversei na segunda visita preliminar à pesquisa. Sua fala tem um tom nostálgico e refere-se com orgulho ao passado e às suas origens. É saudosa dos tempos em que a chegada do circo era uma grande atração nas cidades.

⁶⁴ L.E. - ... *Eu lembro dos tempo maravilhoso. A gente chegava na cidade... Nossa! As criança corria atrás daqueles caminhão. A gente viajava, né? Em cima de caminhão lotado, daquela cidade pequeninha... O circo lotava, né?*

Ela deixou de se apresentar há 10 anos, e atualmente detem as vendas de maçãs do amor. Relembra que sofreu ao se despedir do picadeiro, pois para ela, ver as outras “meninas” maquiadas para entrar em cena, causava-lhe tristeza, mas que em pouco tempo havia se acostumado às novas atividades, resignificando o fato de não ser mais artista.

Apesar de gostar muito do estilo de vida circense e relatar que as viagens são o melhor do circo, afirma que em alguns momentos pensa em parar e morar em um local fixo, pois diz sentir-se cansada quando percorrem grandes distâncias.

Embora essa vontade esteja expressa em seu discurso, não há nenhum movimento de L.E. nessa direção. Acredito que imaginar que algum dia estará “parada” já traz momentaneamente uma tranquilidade com relação ao que vivencia no presente, ou seja, dessa forma encontra alternativa para os conflitos gerados por esse desejo não atingido.

⁹⁹ **Suara - E você já pensou em parar?**

¹⁰⁰ L.E. - *Ai... pra ser sincera já. Às vezes eu penso sim. Ainda não parei porque eu não tenho condição... pra mim ainda eu acho, não de... assim... eu penso sim em parar.*

¹⁰¹ **Suara - Parar quer dizer o quê?**

¹⁰² L.E. - *Pará de circo é morar numa cidade.*

¹⁰³ **Suara - Num lugar fixo?**

¹⁰⁴ L.E. - *Numa casa, sonho assim... é bom né você vai nos lugar. Aí eu vejo, eu entro numa loja que falo - “Ai meu Deus se eu tivesse”... A gente fala uma pra outra: “Se eu tivesse uma casa...” Vamo supor, a gente podia comprá um relógio desse,*

colocá na minha cozinha: “Ai se eu tivesse uma sala, né? A gente sempre imagina assim, sempre vem aquela esperança, ou a gente as vez fala: “Quando eu tivé minha casa, quando tivé minha casa”. Então... você já fala assim por quê? Porque você já qué ter...

¹⁰⁵ **Suara - Mas você acha que esse fato de você querer ter assim, porque que será? Será que há dez anos atrás você pensava assim também?**

¹⁰⁶ L.E. – Não, não pensava. A dificuldade acho de hoje em dia. Você vai ficando... não sei. Você vai pegando uma idade, você vai vendo a vida mais diferente. Você qué assim, uma coisa mais tranqüila, né?

L.E. validou minha experiência como circense e demonstrou confiança em sua relação comigo, pois além de haver me convidado para seu trailer, compartilhou a foto de sua querida amiga.

As imagens fotográficas de L.E. representam a forma como vê e como se sente com relação ao circo atualmente, porque ao retratá-lo desde a sua casa, demonstra haver ressignificado sua existência como artista, estando adaptada às suas novas atividades, ou seja, a bilheteria e as vendas.

As duas primeiras imagens, portanto, trazem a dimensão da relação dentro - fora que ela estabelece com picadeiro, uma vez que hoje, só o vê de fora. Esse fato fica evidente quando, no quarto dia da pesquisa, questiono a razão de haver tirado as fotos por aquela perspectiva e ela me diz que:

³⁸⁷ L.E. - *Eu não entro no picadeiro, lá é do artista, é sagrado, é respeito.*

Já a fala de L.E. sobre as fotos tiradas por mim dos palhacinhos, trazem a dimensão das questões econômicas, primeiramente porque a figura do palhaço é extremamente significativa, por ser ele o mediador entre o público e o circo, ou seja, é em grande parte por causa dessa personagem que o público assiste e retorna aos espetáculos gerando entradas nas bilheterias e consequentemente nas vendas de pipoca e de maçãs do amor.

Assim como os demais entrevistados, a fala abaixo retrata o vínculo afetivo que L.E. mantém com o circo, e indica que apesar das dificuldades apontadas por ela, esse ambiente tem para si o sentido de toda uma vida, por ser o local onde ela se constituiu em todas as suas dimensões, ou seja, como artista, profissional, esposa, mãe, amiga etc.:

²⁰⁰ L.E. - *Olha pra mim é... eu nasci e me criei nessa vida e abraçaria essa causa... com todas as garra... até o fim. E mesmo um dia se eu consegui parar, se eu pará de*

circo, eu não sei o amanhã o que tá reservado pra mim, pode ser que eu pare, pode ser que eu desencarne antes ou não sei né... o que vai acontecer, mas sempre eu vou... abraçar esta causa com carinho. Vou lembrar sempre. Vou falar bem, e... nasci e me criei e... sobrevivi, não tenho nada que falar de circo. Pelo contrário, me ensinou muita coisa boa, viajei muito, conheci esse Brasil do Chuí ao Oiapó... Conheci várias cultura, sofri, chorei, ri é como a vida é, né? Então... foi muito bom, levei muita alegria, fiz meu número... trabalhei bastante... fiz força capilar... fiz um monte coisa.

4.3.3.2 Relato de como ocorreu a entrevista de A.R.P.

Na saída do trailer de L.E., após o término de sua entrevista, encontrei-me com um dos palhaços e conversamos um pouco, enquanto me dirigia à saída do circo.

Ao passarmos em frente ao trailer do proprietário, perguntei-lhe se o mesmo estava no circo naquele momento, e ele me respondeu que sim. Disse que poderia chamá-lo se eu assim o desejasse.

Como ainda era muito cedo, achei melhor não incomodar sem haver agendado previamente, então comentei que não seria necessário, pois retornaria à tarde.

Ainda no período da manhã fiz um contato telefônico com M.C.A. para perguntar se ele poderia comentar com o Sr. A.R.P. que eu o procuraria naquele mesmo dia.

M.C.A. me orientou que seria melhor que eu fosse direto ao circo procurá-lo, e me informou que por volta das 16 h seria o melhor horário. Agradei e nos despedimos.

Cheguei ao circo exatamente às 16 h e encontrei B. na portaria. Conversei um pouco com ele e perguntei-lhe se o senhor A.R.P. se encontrava. Ele me informou que o mesmo havia acabado de sair. Lamentei e comentei que achava que ele estaria no circo naquele horário, e B. me disse que ele havia decidido “pegar” um dos carros e auxiliar M.C.A. na divulgação do espetáculo, já que aquele seria o último final de semana na cidade.

Perguntei a que horas ele estaria de volta e B. me orientou a retornar às 18 h. Agradei e nos despedimos.

Retornei ao circo às 18 h, conforme combinado. Perguntei a B. (que ainda se encontrava na entrada do estacionamento) se A.R.P. havia chegado, e ele disse que sim. Ao descer do carro, encontrei-me com H., filho de A.R.P., que me informou que seu pai se encontrava em seu trailer. Perguntei se poderia ir falar com ele, e H. me disse que iria avisar que eu estava no circo. Caminhamos juntos até a praça de alimentação e H. me pediu para aguardar, adiantando que seu pai estaria jantando naquele horário, e por essa razão demoraria aproximadamente uns 20 min para me atender.

Eu disse que não haveria problemas e que o aguardaria. Perguntei se poderia esperar assistindo ao espetáculo, e ele me pediu para ficar à vontade.

Percebi que os palhaços com os quais eu havia conversado no dia anterior estavam se apresentando no picadeiro. Assisti até o final da primeira parte do espetáculo, pois já haviam se passado mais de 20 minutos, e me dirigi até a praça de alimentação.

Como não vi nem A.R.P. nem seu filho, fiquei aguardando ao lado de um rapaz que trabalha no caixa e que se dispôs também a me conceder entrevista.

Perguntei se ele havia visto H. ou o proprietário e ele me disse que não. Decidi então, aguardar junto a ele, pois os veria caso passassem por mim.

Como até o final do intervalo ainda não os havia visto, reconheci uma moça que trabalha no trailer de A.R.P. e lhe perguntei se ele já havia terminado o jantar. Ela informou que já fazia algum tempo que ele havia saído.

Em seguida dirigi-me até a entrada do circo, onde se encontrava M.C.A. Nos cumprimentamos e ele me perguntou se eu havia conseguido falar com A.R.P. Conteí-lhe o que havia acontecido e ele me disse que eu mesma poderia falar com ele, que se encontrava no estacionamento. Perguntei quem era, pois não o conhecia. M.C.A. então o apontou, me dizendo que era o senhor de boné. M.C.A. orientou que eu aguardasse, pois naquele momento A.R.P. estava auxiliando a organizar os carros no estacionamento do circo.

Fala 120 - *Vai lá direto e se apresenta, ele vai te receber bem.*

Caminhei em direção ao estacionamento, e percebi que A.R.P. estava conversando com H. e com uma senhora.

Apresentei-me e informei sobre o andamento da pesquisa, e em seguida perguntei se ele poderia me relatar a história do circo, ao que ele assentiu imediatamente.

Informei que estava à disposição para agendar a entrevista para o dia e horário que melhor lhe conviesse, e ele me disse que poderíamos conversar naquele mesmo momento.

Agradei e nos dirigimos à praça de alimentação, onde ele gentilmente me concedeu a entrevista. Ao final, quando solicitei que fizesse as imagens fotográficas, ele, sem levantar-se, tirou duas fotografias de locais próximos.

Figura 25. Primeira fotografia tirada por A.R.P. “Então, porque o o... ninguém tem isso né. Essa idéia de, de fazê uma entrada pela carreta... e... até o B.P. quando veio aqui falo: Olha, nunca tire isso aqui... nunca tire isso aqui, porque é, é o diferencial, né?”

Figura 26. Segunda fotografia tirada por A.R.P. “É, as duas né? Então como nós tinha muito, eu tive a ideia né... falei vamo fazê uma escadaria na própria carreta e servi né... de, de passarela né, de... e aí eu coloquei isso e nunca consegui tirá.... mas ela é bonita também no terreno bonito entendeu? O circo fica bonito no terreno bonito, não como esse .. né?”

M.C.A., ao me incentivar a ir até A.R.P. (Fala 120), confirma a receptividade dos circenses, pois todos os entrevistados, sem exceção, foram muito gentis e atenciosos comigo e com a pesquisa. Isso se confirma com a reação de A.R.P. ao me aproximar dele, pois mesmo estando ocupado, recebeu-me sorridente, concedendo a entrevista de pronto.

4.3.3.3 Síntese interpretativa da entrevista de A.R.P.

A.R.P, proprietário do Circo D.P.A.C., entrou na vida circense por acaso, e com o tempo foi construindo os conhecimentos necessários para se apresentar no picadeiro, e também para posteriormente montar o próprio circo. Seu relato

demonstra insatisfação e tristeza com relação às inúmeras dificuldades que o circo vem enfrentando, e pelas colocações de A.R.P. percebo que ele ainda está em um processo de reconstrução de novos significados, buscando maneiras de superar essas rupturas.

³⁸ A.R.P. - *Ah! É... o problema do, do circo no Brasil. O circo ele tá, ele tá muito abandonado né, é... Ele não tem... apoio político... de maneira nenhuma, né? Você vê... os terrenos hoje que, que pertencem ao... que pertencem ao Estado ou pertencem ao Município... eles proíbe de armar o circo... eles não deixam né, eu... eu não sei o porquê né, de uma história milenar né, num tê... é... esses terreno gratuito... E hoje nós tamos passando por uma dificuldade grande, de locação de área... porque antigamente, mesmo você... uma área grande, nós trocávamos com... permanente... com ingresso... né? Era rara as vezes a gente pagava um terreno. Sempre quando a gente ia pedí um terreno... o dono do terreno: - "Não. Dá uns ingresso pra gente dá pra família". E fazia aquela troca.*

Embora ele relate gostar muito da vida circense, está se afastando gradativamente da direção da empresa, deixando-a a cargo de seus filhos. Percebo que A.R.P. está atravessando um momento de tensões intra e intersubjetivas, geradas pela percepção das mudanças pelas quais o circo vem passando, assim como suas próprias mudanças pessoais que também necessitarão ressignificações, uma vez que em certa medida, questões como o envelhecimento regulam o seu campo acional simbólico no contexto circense.

Mesmo considerando a possibilidade de se afastar da direção do circo, acredito que A.R.P. terá dificuldades para se manter longe da rotina itinerante. O trecho abaixo ilustra o quanto se manter em movimento é significativo e crucial para ele.

³⁶ A.R.P. - *Ah! A parte boa é que você mora dentro do, do, do do... digamos aí, dentro da fábrica, né? Quer dizê, num tem esse trabalho todo como tem as pessoas que moram na cidade né, de... tê que pegá ônibus ou de pegá carro, pegá trânsito, né? Você tá dentro ali do, do... do que é teu né, no caso né... e passa a ser um costume. E a gente acostuma tanto com a... com a vida itinerante que, quando o circo fica parado, como nós estamos aqui há dois meses, já... a gente qué muda. Sabe, parece que fica no sangue aquilo, né?... Então a gente não vê a hora já de ir pra outra cidade, como se diz né (risos).*

O seguir em frente, o continuar a caminhada, além de ser inerente a essa atividade, é prazeroso para os que se dedicam ao circo.

Acredito, pela análise de sua narrativa, que o fato de A.R.P. ter-se mostrado disponível em me conceder a entrevista também esteja relacionado com a sua

necessidade pessoal de compartilhar suas angústias e decepções atuais, estando ciente de que, em alguma medida, esse trabalho lhe daria voz e pudesse de alguma maneira auxiliar nas dificuldades enfrentadas pelo circo atualmente. Isso é observado quando, em algumas ocasiões, ele não responde exatamente o que foi lhe perguntado, evidenciando o fato de que estava ali por ter algo a dizer e por querer fazê-lo.

Após haver sido desligado o gravador, A.R.P. ressalta que para ele, participar da entrevista era uma forma de ajudar a escrever a história do circo, o que contribuiria para a manutenção dessa cultura e tradição.

Foi possível estabelecermos em alguns momentos de nosso agradável encontro, um plano de compartilhamento intersubjetivo, quando ao conversarmos, usávamos termos utilizados pelos circenses e conhecidos por mim, como “pista” e “fechar praça”.

Atribuir a ideia dos túneis a si mesmo e fotografá-los, reforça a dimensão da exclusividade expressa ao longo da narrativa de A.R.P., ou seja, o quanto ele aprecia o fato de que seu circo tenha algum diferencial em relação aos demais.

4.3.4 Quarto Dia: fotografias tiradas por P.S e E.B. e síntese interpretativa das imagens

Após um período de 44 dias sem visitá-los, retornei ao Circo D.P.A.C. para que os irmãos E.B. e P.S. pudessem tirar suas fotografias, conforme havia sido combinado anteriormente. Encontrei-me primeiramente com P.S. e em seguida com E.B. A seguir, apresento o relato desse dia, juntamente com as fotografias de ambos. Em seguida segue a análise interpretativa das respectivas imagens.

No dia 13/06 liguei para o celular de M.C.A., para perguntar quanto tempo ainda ficariam em Interlagos, pois gostaria de programar uma visita para que os irmãos E.B. e P.S. pudessem tirar as fotografias.

Como o telefone de M.C.A. apresentou-se fora de área durante dois dias consecutivos, imaginei que ele já não estivesse trabalhando no circo; por essa razão contactei por telefone L.E., que me atendeu gentilmente.

Perguntei quanto tempo estariam instalados naquela localidade, e ela me informou que ficariam mais dois finais de semana.

No dia seguinte, contactei P.S. para agendar o melhor momento para visitar o circo, e ficou combinado que nos veríamos na terça-feira seguinte (19/06/2012).

Questionei se estariam no circo no período da tarde e ele me disse que sim, porém me pediu que ligasse para ele, quando estivesse chegando.

No dia combinado, liguei para P.S. aproximadamente as 13 h e informei que estaria no circo entre 15 e 16 h. Ele me disse que estaria me aguardando.

O dia estava chuvoso e nublado, quando cheguei ao circo, e apesar do frio, P.S. me aguardava na praça de alimentação. Cumprimentei-o e agradei por me receber.

Perguntei como ele havia estado e como estava o circo, e ele me disse que estava tudo bem. Perguntei por seu filho e ele me disse que o garoto estava na escola.

Questionei como era a escola e ele me disse que a anterior era melhor, pois essa estava localizada em um bairro perigoso, e isto era uma preocupação para ele.

Lamentei e em seguida retomei as informações sobre a nossa pesquisa. Informei novamente que estava ali para que pudéssemos tirar as fotografias, que haviam ficado pendentes.

Ele balançou a cabeça em sinal de concordância e disse que estava à disposição.

Entreguei-lhe a máquina fotográfica e pedi que ele ficasse à vontade para fotografar o que lhe fosse significativo no circo.

Ele olhou para mim e prontamente disse: o picadeiro!

E eu respondi: Vamos lá!

Ao nos adentrarmos no circo, reafirmei que ele poderia tirar quantas fotos quisesse.

P.S. seguiu com passos firmes em direção ao picadeiro, onde se encontrava um rapaz fazendo alongamento. Como nesse horário não se costuma acender as luzes, o picadeiro encontrava-se escuro, e por essa razão fiquei preocupada com a qualidade das fotos que seriam tiradas.

P.S. entrou em um dos camarotes e, subindo rapidamente em uma cadeira, alcançou o picadeiro, que estava há aproximadamente meio metro do chão. Ele olhou para mim e fez um sinal para que eu o acompanhasse. Gentilmente segurou-me pela mão, para que eu não corresse o risco de cair, ao equilibrar-me na cadeira.

Acompanhei P.S. que cruzou todo o picadeiro e desceu novamente, desta vez pela lateral da parte de trás do circo.

Ele me disse: - "Quero que você conheça nosso camarim. Eu quero tirar fotos daqui".

Nesse momento, ele me entregou a máquina fotográfica e entrou em seu "camarim".

Compreendi então, que ele gostaria que eu tirasse uma foto dele. Em seguida se sentou e me pediu que tirasse mais uma, e assim o fiz prontamente.

Foi um momento muito comovente, pois pude sentir o quanto ele estava orgulhoso de estar ali dentro, do seu camarim, e o quanto aquele era um espaço significativo para ele.

Em seguida, entreguei-lhe a máquina novamente, e ele subiu no picadeiro e começou a fotografar. Distancei-me um pouco para deixá-lo à vontade e também para observá-lo a distância.

P.S. tirou sete fotografias, e ao final, aproximou-se de mim para me entregar a máquina fotográfica.

Figura 27. Primeira fotografia de P.S. “É o lugar principal da nossa família... porque é donde seria nosso camarim, nosso encontro. Donde nós prepara nossa esquete... a gente se comunica... pra poder entrar em cena...”

Figura 28. Segunda fotografia de P.S. “... também fico sentado no camarim, de repente pra meditar e refletir das coisas que... o que que tá certo, o que que está errado... e... descansar também”.

Figura 29. Terceira Fotografia de P.S. e a Primeira tirada por ele mesmo. “Bom, isso é o palco do circo né, que representa nosso picadeiro e também o lugar de ensaio dos artistas que ficam treinando, como você tá vendo ali, o rapaz tá alongando e é uma das partes importantes do circo também.”

Figura 30. Quarta Fotografia de P.S e a Segunda tirada por ele mesmo. “Bom, a cadeira representa para mim um monte de coisa, por exemplo... e... me influe a alma que... que... representa por exemplo, infinidade de públicos, e também, quando não tem muito público e... a gente que tem o papel de responsável de fazer o palhaço... e de querer fazer reír, nós qué vê essas cadeiras sempre lotadas, sempre lotadas.”

Figura 31. Quinta Fotografia de P.S e a Terceira tirada por ele mesmo. “Bom... esse aí, como tava falando, eu tente demonstrar o palco por completo... pra identificar que a responsabilidade de um artista quando entra em um cenário daquela dimension, tem que ser completamente profissional e disposto e estar preparado mentalmente para dar conta do recado, porque es uma grande responsabilidade.”

Figura 32. Sexta Fotografia de P.S e a Quarta tirada por ele mesmo. “Bom, eu mostre essa parte da lona... eu tinha tirado outra foto da lona mais, eu queria identificar a lona, por exemplo, se... se... se significa por exemplo, o teto de todos os artistas, que trabalham em um palco, também por exemplo, sendo uma mãe, porque protege todos os funcionários que trabalham em um circo, essa semelhante lona, es uma grande mãe...”

Figura 33. Sétima Fotografia de P.S e a Quinta tirada por ele mesmo. “Isso... son las cortinas que representan também a entrada, o palco donde desfilam grandes artistas como trapezistas, malabaristas, os palhaços e... e... os funcionários que montam e desmontam, tem que passar por meio da cortina também.”

Agradeci e procuramos um local ainda no picadeiro, onde houvesse mais claridade para que ele pudesse comentar sobre suas fotos.

Repassei uma por uma e ele foi relatando o significado de cada uma delas. O relato na íntegra encontra-se ao final desta dissertação (APÊNDICE D).

Após haver relatado os sentidos de suas fotografias, cruzamos novamente o picadeiro, desta vez, em direção à praça de alimentação. Ao chegarmos, encontramos com M.C.A., que me cumprimentou alegremente.

Eu retribui o cumprimento e comentei que havia tentado ligar para ele várias vezes, e ele me contou que lhe haviam roubado o telefone.

Comentei que havia imaginado que ele já não estivesse trabalhando no circo. Ele me disse que ficaria apenas até o próximo domingo, pois teria de ir para sua cidade, “tocar” sua campanha, e continuou me dizendo que gostaria muito de abrir uma escola de circo lá. Desejei-lhe sorte dizendo que esperava que tudo corresse bem. Ele sorriu.

Em seguida perguntei a P.S. se poderia chamar o seu irmão, para que ele pudesse tirar as fotografias. Ele me disse que sim.

Como eu havia revelado as fotografias que os participantes haviam tirado nos dias anteriores, aproveitei a oportunidade para entregar as de M.C.A., que as olhou, sorriu e me agradeceu.

Em poucos instantes chegou E.B., e nos cumprimentamos. Perguntei se ele havia melhorado da falta de ar e ele me disse que se sentia melhor.

Comentei que estava ali para que ele pudesse tirar as fotos que havíamos combinado, e ele me disse que não haveria nenhum problema.

Entreguei-lhe a máquina fotográfica e informei que ele poderia tirar quantas fotos quisesse, de qualquer lugar que lhe fosse significativo.

Ele me olhou e, imediatamente disse: “do picadeiro”!

Nesse instante olhei para seu irmão, pois fiquei surpresa pelo fato de os dois haverem feito a mesma escolha.

E.B. percebendo a minha surpresa, perguntou-me:

Fala 121 - O meu irmão já tirou do picadeiro?

Informei que sim, mas que ele ficasse a vontade para tirar suas próprias fotos, e ele justificou dizendo que se seu irmão já havia tirado, estava tudo bem, pois era como se fosse a mesma coisa.

Reafirmei dizendo que seria importante que ele tirasse suas próprias fotos, e ele então, seguiu em direção ao picadeiro.

Acompanhei-o, mas após tirar a primeira fotografia, ele saiu rapidamente de dentro do circo e, sorridente me disse que já sabia de onde iria fotografar.

Figura 34. Primeira Fotografia tirada por E.B. “É esse daqui é aonde nós trabalha né. Tudo o que tem de nossa vida é ali, a alegria, a tristeza, tudo vem dali. O ganha-pão de cada dia nosso, tudo... pertence ao picadeiro, tudo de bom.”

Percebi que ele começou a levantar um tecido que cobria alguma coisa na praça de alimentação. M.C.A., que ainda se encontrava por ali, brincou dizendo:

Fala 122 - Ei, tirar foto daí é mais caro! – sorrindo.

Eu então me aproximei e, para minha surpresa, era uma grande maquete do próprio circo.

E.B. tirou uma fotografia da maquete e comentou a própria foto dizendo que aquela maquete “era a coisa mais linda” e que os seus olhos sorriam quando a via.

Figura 35. Segunda Fotografia tirada por E.B. *E aí a marquete eu mostre, que é a coisa mais linda que tem o circo, pá mostra qual é a coisa mais linda que nós tem... o fruto bonito do circo, é tudo, em geral. Não tem nada que você pode ficá triste olhando. Eu cada vez que olho esta marquete, eu fico alegrado... eu sorrio com os olho... fico contente. Por isso, foi a primeira coisa que eu quise mostrá prá você, é a marquete... até você ficou empolgada, no ficô? Coisa mais linda, isso aí... e esse na hora do espetáculo, o pessoal olha e tá bobo de olhá isso aí. Até eu, eu sempre cada vez que passo aqui, tenho que olhá lá por dentro. Quando chego aqui, parece um brinquedo de criança. Lindo! Eu adoro vê isso aí.”*

Em seguida perguntei a E.B. se L.E. encontrava-se no circo, pois eu queria lhe entregar suas fotos. Ele me disse que não, que ela havia ido até a Rua 25 de Março. Perguntei se a senhora C.K. se encontrava, e ele disse que não a havia visto, pois como o dia estava chuvoso, seu trailer havia estado fechado o dia todo.

Comentei que, nesse caso, iria dar uma volta no shopping, ao lado do Circo, e que retornaria mais próximo ao horário do espetáculo. Disse que não queria atrapalhar, ao que P.S. comentou:

Fala 123 - *Você não atrapalha nunca, mas é que daqui a pouco terei que buscar meu filho na escola, e você ficará sozinha.*

Agradei e nos despedimos.

Retornei ao circo duas horas depois, mas ainda não havia ninguém. Sentei-me na praça de alimentação e aproveitei para começar a digitar o relato deste dia de

pesquisa. Depois de algum tempo chegou B., que veio me cumprimentar. Perguntei se sua mãe já estava no circo e ele me disse que sim.

Conversei alguns instantes com ele sobre a maquete, e em seguida ouvi L.E. dizer:

Fala 124 - *Olha quem está aí! Oi Suara, tudo bem?*

Dirigi-me até ela, que estava acomodando as maçãs do amor que havia feito, para venda. Cumprimentei-a e ela me disse que era uma sorte eu estar ali, pois gostaria muito de me apresentar uma pessoa que também era de circo, e que tinha um livro maravilhoso que gostaria de me mostrar.

Fala 125 - *Eu também já falei de você pra ela* – comentou.

Em seguida, pediu que eu a aguardasse uns instantes pois iria chamar a pessoa que estava em seu trailer. Justificou-se dizendo que não me convidaria para ir até lá pois, como estava chovendo, havia muita lama ao redor de onde havia estacionado. E isso era verdade.

Eu disse que não se preocupasse pois ficaria aguardando.

Depois de alguns instantes, apresentou-me uma jovem que identificou-se como L. e como sendo a filha da proprietária do circo-teatro G.

Senti-me muito satisfeita e pude notar o prazer de L.E. em nos apresentar. Aproveitei para entregar as fotos de L.E., que ficou muito feliz.

Nesse momento perguntei-lhe porque ela havia tirado as fotos desde o seu trailer, da lona do circo e ela me disse que aquele era o seu lugar, seu canto, seu mundo. Comentou que não entra mais dentro do circo, que seu lugar agora é do lado de fora, pois dentro do circo é para o artista, e sorrindo, em seguida me disse:

Fala 126 - *Não passo mais dentro do picadeiro, não sei... tem uma coisa de respeito, sei lá. Aquele lugar é sagrado pra mim.*

Como a senhora C.K. já havia chegado à praça de alimentação para preparar a venda das pipocas, entreguei-lhe suas fotos e ela, sorrindo, me disse:

Fala 127 - *Que boa lembrança, no?*

Percebi que ela ficou olhando a foto do ônibus e perguntei a razão dela o haver escolhido para fotografar, e ela me disse:

Fala 128 - *Normal, no? Sabes, meu marido nunca quise comprar trailer. Com o preço deste, ele poderia comprar 5 trailer... mas ele quis fazer este para nós...*

Percebi que ela ficara emocionada ao comentar a fotografia, abracei-a e agradei novamente.

Em seguida convidei L., do circo-teatro, para nos sentarmos, a fim de que pudessemos conversar, e assim o fizemos.

Conversamos por quase 20 minutos, nos quais ela me contou a história de sua família e me mostrou o livro recentemente lançado por sua tia de aproximadamente 70 anos, sobre a história do circo-teatro de sua família. Perguntei como poderia adquirir o livro e ela me passou seus meios de contato. Percebendo que o espetáculo já estava prestes a começar, agradei a todos e me despedi, desejando que nos víssemos novamente em uma breve oportunidade.

Foi muito prazerosa esta minha última visita ao circo, pois além de ter sido recebida de forma afetuosa - o que me deixou muito satisfeita - tive a oportunidade de entregar cópia das fotos dos entrevistados M.C.A., C.K., L.E. As fotos de A.R.P. não foram entregues porque ele não se encontrava no local naquele momento. O comentário de C.K. sobre suas fotografias reafirma o quão significativo e importante é o espaço que ela habita, pois seu lar representa muito para si e para sua vida.

Percebo que o sentimento de respeito que L.E. tem pelo picadeiro é genuíno, pois quando me conta que evita “entrar dentro” do circo, por ser aquele um lugar sagrado, o faz com emoção e alegria.

Acompanhar os irmãos P.S. e E.B., no processo de tirar suas fotografias, foi um momento único, pois pude perceber que ao realizar essa atividade, ambos estavam “inteiros” e comprometidos com a realização dessa tarefa. Emocionei-me com E.B. ao ver a maquete, pois como ele comentou, seus olhos, assim como os meus, sorriram quando a viram.

Também me senti satisfeita por M.C.A., pois naquele final de semana, ele estava despedindo-se do circo e seguindo em direção a um futuro diferente, e que aparentemente ele deseja muito.

As fotografias de E.B. e de P.S. serão entregues oportunamente.

4.3.4.1 Síntese interpretativa das imagens de P.S. e E.B.

Ao selecionar os lugares de onde tirou suas fotografias, P.S., de certa forma, nos convida a seguir com ele pelo caminho que percorre diariamente como artista. Primeiramente retrata o lugar que, para ele, é o principal de sua família, pois é no camarim que conversam sobre a apresentação. É nesse espaço “mágico” que, ele e seu irmão deixam de ser temporariamente P.S. e E.B. e passam a ser, à medida que vão colocando suas vestes coloridas, os palhaços do circo.

Esse é um local que representa para ele o seu momento de concentração; é onde se prepara emocionalmente para entrar no picadeiro, visto que, diferentemente de outros números circenses, uma condição para ser palhaço é o domínio da arte de improvisar. Essa necessidade é uma demanda constante de quem se dedica a esse ofício pois, “o público nunca é o mesmo e isso faz com que cada espetáculo seja único” (Pantano, 2007, p. 15). Como a cada apresentação o circo recebe um público diferente, as características particulares de cada um devem ser sentidas por esse artista que tem a incumbência de fazer rir.

Esse movimento pode ser observado na imagem de número 02 ao comentar que é o momento para meditar e repassar mentalmente como será a sua apresentação, certamente imaginando diferentes possibilidades para oferecer ao expectador. Esse é, portanto, para P.S., um momento solitário, introspectivo e de recolhimento.

Em seguida ele nos transporta até o picadeiro, referindo-se novamente à importância do treinamento e ensaio, ou seja, do estar preparado para oferecer o seu melhor desempenho, demonstrando comprometimento e responsabilidade com o seu trabalho, e desde esta perspectiva, podemos compartilhar com P.S. a vista que tem de um dos camarotes e de parte das arquibancadas.

As palavras “... me influi a alma”, retratam o quanto ele se sente “tomado” ao estar voltado para essas cadeiras, estejam elas repletas de pessoas ou quase vazias. Vivenciar diariamente essa emoção revela a tensão constante de estar nessa posição, ou seja, o conflito intrasubjetivo de sempre desejar que estejam lotadas mesmo sabendo que essa expectativa algumas vezes não será alcançada.

Na fotografia 6 ele retrata a lona como a “grande mãe” de todos os artistas, aquela que protege, acolhe e abriga. A mãe que ampara e nutre mas ao meu entender que também ensina e desafia a transpor limites como o apontado acima. As imagens de P.S. ilustram de maneira sequencial o movimento de dentro para fora, ou melhor, o movimento vivenciado por ele desde seu momento de recolhimento até a realização concreta do espetáculo, movimentos que perpassam momentos de tensão e rupturas de expectativas.

Quanto as imagens de E.B., o fato de ele haver me perguntado de onde seu irmão havia tirado a fotografia revela a cumplicidade e o companheirismo que há entre ambos. A primeira fotografia tirada por ele retrata o forte vínculo de afeto e de gratidão que tem com o picadeiro, espaço que para ele é “tudo de bom”.

Esse sentimento se fortalece ao retratar a maquete do circo demonstrando a forma de completude que vê esse universo, pois se antes, ao decidir deixar o picadeiro algo lhe faltava, hoje, ao retornar ao circo, é tomado pelo sentimento de totalidade. Por essa perspectiva, a maquete retrata o todo que é formado por cada uma das partes representadas, onde o viver circense acontece e ganha sentidos diversos.

Embora seja uma estrutura estática, ao apreciar uma maquete daquela dimensão, curiosamente é quase impossível não se sentir “tomado” por uma

sensação de movimento e de alegria. Entendo que E.B. ao me dizer: “... *até você ficou empolgada, no ficô*”?, tenha notado que naquele momento compartilhei com ele intersubjetivamente um estado de sentir-me “alegrada” e, sendo assim, este talvez seja um sentimento espontâneo de quem já viveu naquele contexto e já percorreu os caminhos ali representados. E esta é uma inexplicável sensação ocasionada pelo movimento de contemplar a plenitude do circo com o olhar de fora, imaginando-se dentro, e é nesta fronteira das diferentes dimensões do vivido, que tudo parece se completar.

5 O CIRCO E SEUS SENTIDOS

A partir deste momento, passo a discutir os pontos referentes às construções de significados, com base nos relatos dos entrevistados, e à luz do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, uma vez que, por essa perspectiva, leva-se em conta a importância das experiências inquietantes, nas relações eu - outro para a construção da subjetividade (Simão, 2004).

Os dados são discutidos por eixos temáticos, na seguinte ordem: O diferente sob o olhar do comum; O futuro do circo; A retirada dos animais do picadeiro; A relação entre o circense e a escola formal; A educação para a arte e para o trabalho; O viver itinerante; Um lar em constante movimento; Os sentidos de família e os relacionamentos interpessoais; Do picadeiro ao coração.

Tais informações foram selecionadas por contemplarem os objetivos deste trabalho, ou seja, por dizerem respeito ao cotidiano circense, aos momentos de tensão que emergiram nas relações eu - outro, as construções de sentido e também em virtude da força com que emergiram nos relatos. Os temas que não foram por mim selecionados neste momento, poderão ser retomados oportunamente em futuros trabalhos.

Para facilitar ao leitor a identificação dos interlocutores dos trechos das falas apresentadas, optei por nomeá-los também como Entrevistado 1 (E1), Entrevistado 2 (E2), Entrevistado 3 (E3), Entrevistado 4 (E4), Entrevistado 5 (E5) e Entrevistado 6 (E6), sendo respectivamente M.C.A., C.K., E.B., P.S., L.E. e A.R.P.

5.1 O diferente sob o olhar do comum

Propor que as questões que investigassem como os circenses imaginam que são vistos aos olhos da sociedade sedentária envolvente, foi intencional, visto que essa foi uma de minhas inquietações iniciais quando me propus a investigar esse universo, pois ao meu ver, em razão do desconhecimento, há e sempre houve um

estranhamento por parte da sociedade com relação aos circenses e a seu estilo de vida.

Minha curiosidade era saber se essa era uma impressão unicamente minha, baseada em minha experiência pregressa, ou se de fato era uma condição enfrentada pelos que se dedicam ao circo.

No meu caso, ao retornar ao Brasil encantada com o que havia vivido, meu impulso era sempre o de relatar às pessoas as experiências que havia vivenciado, mas recordo bem que havia invariavelmente um olhar incrédulo e de reprovação com o que eu estava relatando. Fui orientada inclusive a evitar comentar esse fato, pois poderia me prejudicar caso esse assunto emergisse em alguma entrevista de trabalho. Nesse sentido, Louro (1999) comenta que:

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (p. 12).

Com o intuito de confirmar ou não a minha hipótese, perguntei aos entrevistados se em algum momento sentiam-se vítimas de algum tipo de preconceito por parte da sociedade sedentária envolvente. Vale ressaltar que dentro do universo plural da psicologia no qual este estudo se insere, estou partindo da definição de preconceito *“enquanto fronteiras simbólicas rígidas, construídas historicamente e com forte enraizamento afetivo que acabam por se constituir em barreiras culturais entre grupos sociais e entre indivíduos”*. (Madureira, 2007).

Algumas oposições emergiram nas narrativas dos participantes, ao tratarmos desse tema.

E1 - M.C.A.

⁷⁵ **Suara - ...você sente algum preconceito por ser de circo e as pessoas de fora... Como é que você acha que as pessoas de fora vêem as pessoas que trabalham no circo?**

⁷⁶ M.C.A. - *É assim, a gente, a gente pro público é uma estrela. É como se fosse, a gente... assim uma pessoa bem vivida, famosa também. Então eles vê a gente assim, e isso a gente sai do circo, vai morar na cidade, aqui caba tudo, né? Aí apaga a estrela, aí a gente num tá mais... num é mais aquilo, então caba tudo. O pessoal a gente... até que eles num têm diferença não, eles trata a gente também bem.*

⁸⁸ **Suara - Então, você não sente preconceito assim... de fora?**

⁸⁹ M.C.A. – Não, não.

⁹⁰ **Suara - É... Quando vocês chegam na cidade, como que você acha que é o olhar das pessoas?**

⁹¹ M.C.A. – Ah! Eles fica interessado em saber como é que vai... como é que é... da onde se é... fica... trata super bem.

¹⁵³ **Suara - E as pessoas te perguntam assim, como é que é morar no circo, essas coisas, ou não?**

¹⁵⁴ M.C.A. – Não, pergunta... A gente fala tudo isso aí: aqui como é que é, a viagem, é... o temporal, é... montagem... desmontagem...

E2 – C.K.

¹⁰⁵ **Suara - Tem algum preconceito, alguma coisa?**

¹⁰⁶ C.K. – No. Quem gosta de circo é uma parte da população, no? Que adora el circo. Agora você vai ver também la situacion del país. [...]

E3 - E.B.

¹⁰⁵ **Suara - E as pessoas?**

¹⁰⁶ E.B. - Lógico....

¹⁰⁷ **Suara - recebem o circense igual?**

¹⁰⁸ E.B. - Lógico, tem as persona... tem um poco de receio da gente...

¹⁰⁹ **Suara - Tem?**

¹¹⁰ E.B. - Pensa que... como aconteceron monte de coisa, é... um leon pegô um menino, otra coisa, isso, isso, enton... a parti disso, eu acho que não... ao contrário... a persona qué sabê, é curiosa ...

E4 - P.S.

³⁴⁹ **Suara – Mas você acha que as pessoas de fora têm algum preconceito com quem é do circo? O que você acha?**

³⁵⁰ P.S. - No.

³⁵¹ **Suara – Você não sente isso?**

³⁵² P.S. – Acho que no. Porque...eu sempre tive grandes amigos, da alta, no debaixo y... y sempre tive amizade com persoas que... sabem dialogar e como eu sê dialogar, [...]

E5 – L.E.

¹³³ **Suara – É? Por quê?**

¹³⁴ L.E. – Ah!... Eu não sei. Tem pessoas não, que acham, - “Ai você é do circo né, que legal! Me conta. Nossa! Adoro”. E tem pessoas ainda que você fala que é de circo, te olham você de outra maneira. Você sente que ficam mais... você sente que fica mais restringida, não sei, assim... te olha com inferioridade... – “De circo”... Às vezes, mas tem sim.

¹³⁵ **Suara - Mas eles chegam a falar?**

¹³⁶ L.E. - Ah não, num chega, mas não precisa fala. Você sente já o tratamento que você tem.

¹⁵⁵ **Suara - Preconceito?**

¹⁵⁶ L.E. - Ainda tem... é...

¹⁵⁷ **Suara - Mas você passou por alguma situação que te deixou constrangida mesmo?**

¹⁵⁸ L.E. - Não. Nunca assim... Só de.... assim de senti que as pessoas que.... depois que soube também que eu tinha uma amizade... que souberam que eu era de circo, assim já... deu uma excluída assim, mais... né? Que não tem, pessoas que ainda não tem um conhecimento como é que é circo. Então as pessoas não sabe... tem muitas pessoas muito ignorante ainda. Existe. Mesmo que... que tenham estudo, ainda elas acham que... sabe, de circo, cigano. E na verdade eu tenho amizade com tanto cigano... também, que são pessoas maravilhosa. Adoro. Amo de paixão!

¹⁶⁹ **Suara - Como é que você acha que as pessoas de fora do circo, vêm quem é de circo? O que você acha que eles pensam, o que eles acham?**

¹⁷⁰ L.E. - O que eu acho que eles pensam, assim, que a gente, assim... "Ai, que gente de circo pessoa suja". "Pessoa que dorme com todo mundo". "Como será que deve ser a vida de pessoas de circo"? "Acho que dorme com todo mundo, home com mulhe". Assim, tipo assim, um dorme com outro, com outra. Muitas pessoas acho, que pensam dessa maneira. "Aí dorme tudo misturado". "Ai como será que é"? Será que tomam banho"? "Ai pessoa suja". Ai ai não sei...

M.C.A. afirma que não sente que sofre preconceito por ser de circo, e que, ao contrário disso, as pessoas o tratam muito bem e sentem-se curiosas com relação a esse universo. Como já viveu no contexto circense e na cidade, diz que estando dentro do circo é como se fosse uma estrela brilhante, pois os outros o veem como um artista, uma pessoa especial que realiza uma atividade diferente e inusitada. Já viver na cidade, sente-se como se essa estrela se apagasse, pois retorna ao lugar comum, onde não há novidade ou curiosidade em seu jeito de viver e nas atividades que realiza.

Embora alguns prefiram se sentir como uma estrela brilhante, M.C.A. aparentemente, parece lidar bem com o fato de voltar a ser uma estrela apagada, pois imagina que voltará a brilhar em uma nova profissão. Como nos aponta Boesch (1991), necessita-se de um tempo para que essa estrela se realoque no céu e possa buscar seu brilho em alguma outra atividade. Portanto de acordo com essa perspectiva, para M.C.A. essa dualidade não representa um problema neste momento.

C.K. também discorda que haja algum tipo de preconceito e justifica dizendo que é apenas a parte da população que gosta de circo que frequenta os espetáculos

e com a qual ela tem mais contato. E.B. primeiramente diz que não há, mas em seguida admite que há pessoas que têm receio dos circenses, e atribui esse fato aos inúmeros acidentes que já ocorreram como o público e com os animais.

Também de seu ponto de vista, as pessoas sentem-se curiosas quanto ao seu estilo de vida. P.S. compartilha a opinião de seu irmão E.B. quanto a não haver se sentido vítima de preconceito, mas atribui isto ao fato de sempre haver se relacionado com pessoas mais esclarecidas, passando-me a idéia de que quanto maior o esclarecimento, maior o conhecimento sobre o que é um circo e portanto, há menos preconceito.

L.E. afirma que já sofreu preconceito, embora não diretamente. Segundo ela, já aconteceu de que quando algumas pessoas ficaram sabendo que era circense, afastaram-se dela, excluindo-a. Também admite ter sido tratada com superioridade, e por essa razão, em algumas ocasiões evita falar sobre seu trabalho ou sobre onde mora. Ela também atribui esse fato ao desconhecimento por parte de algumas pessoas sobre como é um circo e, para ela, mesmo pessoas “com mais estudo” ainda confundem circenses com ciganos.

Como aponta Madureira (2007):

analisar a questão do preconceito e da discriminação pressupõe, portanto, uma leitura atenta em relação ao que está expresso nas entrelinhas das práticas culturais. Uma das principais artimanhas do preconceito está em não se mostrar de forma explícita. O que, por sinal, faz sentido, uma vez que a ‘eficácia excludente’ do preconceito está, justamente, no seu ocultamento (p. 58).

A.R.P., ao lembrar-se da famosa apresentadora de T.V. que se referiu aos circos brasileiros como “cirquinhos” diz que se sentiu diretamente ofendido, pois acredita que deveria haver mais respeito e consideração pelos circos nacionais, e é enfático quanto à existência do preconceito, mas reconhece que antigamente era muito maior.

E6 – A.R.P.

⁴¹ **Suara - E você sente que ainda tem essa coisa que você falou, que as pessoas acham que o circo no Brasil ainda é... mambembe?**

⁴² A.R.P. – Ah! Tem...tem... tem, tem.

⁴³ **Suara - Você sente algum tipo de...**

⁴⁴ A.R.P.- Pra você ter uma idéia, pra você tê uma idéia, eu tava assistindo o programa da H. Na época, e o meu circo não era... tava caminhando pra ser um dos grande... mas ainda não era, ou era, mas não entrô, o nome ainda não tinha entrado, né?...

⁴⁵ **Suara – Oficialmente.**

⁴⁶ A.R.P. – *Isso. E eu ouvi... eu ouvi a H.... não falando por mal não, porque ela teve nos Estados Unidos, antes mesmo do Soleil fazê o Brasil. Ela teve nos Estados Unidos e ela falou: “Gente! Olha, vocês não têm noção do que é o Circo de Soleil”. Quer dizer... é... é... colocando o Circo de Soleil no, no último patamar e... de repente ela falou, não por maldade, né? Ela quis explicar o que era o Soleil, né? - “É muito diferente do nosso cirquinho”. Ainda falou assim, “cirquinho”... é diferente do “cirquinho” O.O, do “cirquinho” é.... G.. Quer dizer, ela simplesmente falou de duas potência do Brasil, né?... Circo muito grande... ela colocou como um nada, perto de um Soleil. [...]*

⁴⁷ **Suara – E quando você se apresenta como de circo, você sente que as pessoas... Qual é a reação que as pessoas têm? Há alguma diferença, você nota, sente isso?**

⁴⁸ A.R.P. - *É... tem, né? Não as pessoas que conhece a gente né, que vê que não é por aí, né?*

⁵⁰ A.R.P. – *É. Mais as pessoa de fora, ficam com receio, né? Depois não, depois vem essa pessoa que tem o pensamento completamente errado né, no no caso né, ele caba, ele caba, pedindo até desculpa, né? - “Nossa, a gente não esperava que fosse assim, né”? Aqui mesmo, aqui teve problema aqui com o muro alto desse aí. Tive que tirá a carreta aqui do lado aqui, porque falaram que... que as pessoas ía subí, ía pulá pro lado de lá. Então... existe o preconceito, né?*

Com base no que foi exposto fica claro que assim como me pareceu nos meus tempos de circo, o circense ainda sente algum incômodo por parte de algumas pessoas, mesmo que algumas vezes não sinta diretamente.

Os tipos de preconceito que emergiram nas entrevistas dizem respeito ao desmerecimento do circo nacional por parte da mídia, ao receio que algumas pessoas sentem dos circenses, acreditando que eles poderão roubá-los, e ainda com relação a forma com que L.E. foi tratada por algumas pessoas quando souberam que ela era circense.

5.2 O futuro do circo

Quanto ao futuro, observa-se, mediante a análise das narrativas, e de acordo com a opinião dos entrevistados, que muitos são os desafios enfrentados contemporaneamente pelos circos no Brasil, como a falta de apoio político, a concorrência com circos internacionais, a proibição de animais em suas apresentações, a falta de terrenos centrais para sua instalação, a internet e outras

formas de entretenimento como shoppings centers e redes de fastfood. Esses aspectos parecem ter gradativamente afastado as pessoas dos espetáculos circenses.

E2 – C.K.

¹⁴⁰ C.K. – [...] *Agora, hoje em dia... a crianças não: “Voi ir na shopping, voy ir na McDonald’s, voy ir naqueles lugares”... Isso é la juventud de hoje. Ninguém no, no pensa: “Ai vamo ver un circo”...*

Por esta perspectiva, estes fatos indicam para alguns entrevistados que o circo está passando por um momento bastante difícil, que o transformará significativamente. A fala de A.R.P., a seguir, expressa esta preocupação.

E6 – A.R.P.

⁹⁵ **Suara - Como que você vê o futuro?**

⁹⁶ A.R.P. – *Olha, não sei viu? Eu... vai ser bem crítico... vai ser bem crítico...*

C.K. aponta para as mudanças culturais e fala sobre o momento difícil que o circo enfrenta atualmente, como a significativa diminuição de público que reflete diretamente no preço dos ingressos, pois, se por um lado, o baixo valor cobrado como forma de atrair pessoas não é suficiente para arcar com os altos custos de uma empresa circense, por outro lado, grande parte da população ainda considera o valor cobrado muito alto para seu custo de vida. Portanto, é um momento difícil tanto para o circo quanto para o público.

Um bom exemplo disto, é o caso da senhora que nos interrompeu durante a entrevista de C.K., perguntando o valor das entradas e relatando que se sente triste por não conseguir levar toda a família para assistir ao espetáculo, pois, se for considerar que provavelmente seus dois filhos irão consumir alguma coisa na praça de alimentação, bem como irão querer comprar uma das muitas lembranças vendidas nos intervalos, isso acarretaria uma despesa que comprometeria muito sua renda familiar.

Com relação a isso, C.K. comentou:

E2 – C.K.

¹¹⁶ C.K. – *Esso que ia falá, são personas que tene quatro, cinco filhos é difícil de chegar em circo. Agora, pra circo também é muito difícil com aquel dinerin, quando... esse dineiro já junta, paga todo mundo. Onde está el terreno? Onde está el luz? Onde está el água? Que tá com miles... despois de dois meses três mil gasto de água. Muito caro, el terreno também, um absurdo. Pra isso no pode cobrar só nove e noventa del comienzo, é impossível, no?*

L.E. também expressa em seu relato preocupação e incerteza quanto ao futuro da tradição circense. Ela enfatiza as mudanças entre as gerações passadas e a de hoje em dia porque segundo ela, desponta uma nova geração que já não opta por ficar no circo, pois deseja estudar e buscar uma vida fora desse contexto, muito diferente das pessoas de sua geração, que se viam como uma continuidade do próprio circo. Esse comentário se confirma quando P.S. diz que deseja que o filho continue frequentando a escola formal para que tenha uma profissão e consequentemente uma outra opção em sua vida.

Essa percepção de L.E. pode estar relacionada ao fato de que o circo de antes vivia isolado em si mesmo, ou seja, tinha pouco contato com o mundo exterior a ele, e possivelmente por essa razão, o circense vislumbrava poucas possibilidades para sua vida fora deste contexto.

Esse fato pode ser atribuído às dificuldades de comunicação existentes até pouco tempo atrás, quando não existiam celulares e internet. Com o advento da tecnologia, todas as pessoas, incluindo os circenses, tiveram acesso a inúmeras informações e, como consequência desses novos conhecimentos, percebem outras alternativas de vida para si e para suas famílias.

E5 – L.E

⁵³ **Suara - *É uma vida toda no circo?***

⁵⁴ L.E. - *É uma vida toda no circo. Então porque muitos anos atrás, há muitos e muitos anos então, as pessoa nasciam no circo, criava e morria no circo, nunca tinha uma... não pensava em ter nada lá fora... Porque hoje em dia as pessoas, a maioria filhos de circense de quarta geração, terceira geração, já tem outro conceito. As crianças, neto e bisneto de, de antigo de circo já, já qué... Não qué mais fica no circo.*

⁵⁵ **Suara - *Sério?***

⁵⁶ L.E. - *Já querem estudar, já pensa em ter alguma coisa lá fora. E na minha época de criança a gente nem imagina que... o mundo lá fora, em saí. A gente era uma continuidade daqui.*

⁶⁰ L.E. – *Ah! Eu vejo o futuro do circo, na minha opinião né, que cada um tem sua opinião, vou expressar minha opinião, que eu acho. Que vai ser bem difícil a vida de*

circo. Eu acho, que vai ser bem... assim, eu acho que o teatro vai entrar. Você vê, o teatro põe alguma coisa de circo, tá ganhando mais espaço do que o circo, o teatro.

Relacionado a isso, recordo que quando eu vivia em circo, a única forma de comunicação utilizada para enviar ou receber notícias da família era por meio de cartas, cujas respostas demoravam até um mês para chegar às nossas mãos. Isso porque as cartas chegavam a um endereço fixo na Cidade do México, geralmente a residência do proprietário do circo e, apenas quando alguém vinha da capital até onde se encontrava o circo é que recebíamos a correspondência. O circo, portanto, ficava verdadeiramente isolado, e com restrito acesso a informações.

Embora as dificuldades apontadas e que emergiram das narrativas ao longo das entrevistas provoquem insegurança e gerem incertezas quanto ao futuro, esta mudança de comportamento sentida por L.E., está relacionada a questões culturais e são um processo natural, visto que a cultura não é algo estático.

Como apontado anteriormente, os entrevistados se dispuseram a compartilhar suas histórias comigo, sem restrições. Acredito que, possivelmente isso possa ter ocorrido por haverem, de alguma maneira, identificado em mim uma pessoa que pudesse compreendê-los, devido a minha experiência pregressa.

Provavelmente o conhecimento que possuo nesse contexto tenha facilitado significativamente o meu contato com essa população desde o início, uma vez que, por conhecer as características e peculiaridades do dia a dia circense, pude me aproximar e me distanciar sempre e quando me pareceu necessário, procurando assim, manter minha presença em uma medida que fosse confortável para todos e para o bom andamento da pesquisa.

Embora M.C.A. tenha se mostrado adaptado quando inserido no contexto circense, ele não demonstrou preocupação quanto ao futuro do circo, possivelmente por naquele momento estar se afastando desse contexto.

5.3 A retirada dos animais do picadeiro

Ainda pensando em questões relacionadas ao futuro do circo, o tema ‘retirada dos animais do picadeiro’ emerge de forma intensa em alguns relatos. Para C.K. e para A.R.P., o circo perdeu muito com a aprovação da lei que proíbe, em algumas capitais, a apresentação de animais nos espetáculos circenses, embora ambos concordem ser de suma importância que os animais do picadeiro sejam mantidos bem alimentados e em condições favoráveis para o seu bem estar, e ainda, defendem uma fiscalização efetiva por parte dos órgãos competentes, e punição para quem não cumprir as normas estabelecidas para a manutenção dos animais.

O grande descontentamento de A.R.P. relaciona-se ao fato da decisão ter sido tomada “a portas fechadas” e, segundo ele, sem a participação de nenhum representante de circo. Em sua opinião, essa foi uma decisão arbitrária, uma vez que, ainda é permitido que os animais sejam exibidos em rodeios e programas de televisão. C.K. afirma que nesses locais os animais também ficam expostos ao estresse e estão fora do seu habitat natural.

E2 – C.K.

¹⁴⁰ C.K. [...] *El circo depois que tiraron los animales também piorou...*

¹⁴¹ **Suara - A senhora achou que piorou?**

¹⁴² C.K.- *Piorou sí. Muita gente chega e fala, porque fala uma coisa sincera senhora ... ejos como el IBAMA.... no fueron... no tem... para fiscalizar. No tem personal de fiscalizar aquel circo que tá judiando del animal. Aquel circo que no dá comida pra animal, no... Botaron tudo mundo...*

¹⁴³ **Suara - No mesmo pacote.**

¹⁴⁴ C.K. - *No mesmo pacotinho, na mesma panela, como se fala. Tá erado.[...]. Pelo menos el cavalo, que era la mais linda coisa de número de cavalo en picadeiro. Que até hoje em día son gente que se lembra de nosotros. - “Ah, família del cavallo”. - Cavalo, cachorinho, gatinho, son coisas que podia deixar. Pombo, um monte de coisas. Por que que na television aparece na Eliana esas coisas? Na Ratinho, por quê? No é discriminacion, esa coisa? Circo, porque alguém foi mais forte, no? Para tirar. Solo eso prejudicou muito nosotros, muito. No adianta! Son lugares onde uma criança nunca vio nenhum animal, tenia oportunidade quando chegava circo...*

E5 – L.E

²⁵³ **Suara - Você acha que a retirada dos animais foi bom...?**

²⁵⁴ L.E. - *Não, foi ruim.*

255 **Suara - Foi ruim?**

256 L.E. - *Foi.*

257 **Suara – Por quê?**

258 L.E. - *Porque o público vinha mais por causa dos animais também, né?*

259 **Suara - Vinha mesmo?**

260 L.E. - *Vinha, é... chamava né...?*

261 **Suara – Uh-huh.**

262 L.E. - *As criança, tudo. É um conjunto. Era um conjunto. Foi uma tristeza tirá.*

L.E. concorda com os argumentos de A.R.P. e C.K. e reafirma que as apresentações com animais atraíam o público, principalmente as crianças, e que para ela, essa decisão foi um fato lamentável e que causou muita tristeza, além da significativa queda na bilheteria do circo.

E6 – A.R.P.

102 A.R.P. - *Com a tirada dos bicho, já... deu uma queda de, de mais de sessenta por cento, né? E agora entra aí u, u, as internet da vida... aí (risos). Hoje a criança não vai nem no portão (risada).*

106 A.R.P. – *Né?... Eu acho que deveria de respeitar né... um pouco mais né... porque é... você entra numa história de circo, num tem como contá uma história de circo, quer dizer, daqui pra frente num sei como é que vai ser as história né, mas não tem como você começá uma história, escrevê um livro, que não entra os animais. Você vai fazê uma letra, uma música falando de circo, que não entre o elefante? Que não entre... Sabe é uma história muito forte!*

A retirada dos animais do picadeiro é um assunto amplo, muito polêmico e que divide opiniões entre os que militam em defesa dos animais e os que acreditam que sem eles o circo perde seu principal atrativo.

Países como Alemanha, Estados Unidos, Chile, México e França permitem a apresentação de animais no picadeiro desde que sigam regras alimentares, de acomodação e de cuidados com saúde animal, já na Bolívia, na China, no Peru e na Grécia essa prática é totalmente proibida.

No Brasil ainda não há uma lei federal referente a essa questão, mas há o Projeto de Lei 7291/06 que encontra-se em tramitação na Câmara dos Deputados, que visa a estender a proibição para todo o país, pois atualmente apenas nove estados brasileiros não permitem circos com animais. São eles: Alagoas, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo.

Mesmo sendo esse um assunto delicado, a fala e os sentimentos dos entrevistados nos permitem refletir sobre a forma com que a lei foi formulada, sem mobilizar os envolvidos e buscar outras possibilidades, o que parece ter favorecido um forte impacto para a identidade dos circos, uma vez que, como apontado por A.R.P., foi uma decisão tomada de fora para dentro, sem que os circenses pudessem opinar ou propor outras formas de se lidar com essa questão.

Portanto, a partir desta perspectiva, faz-se necessário que, tanto o público quanto o circo, encontrem formas de lidar com essa inesperada ruptura, sentida como uma imposição, de modo que possam se adequar a essa nova realidade, visto que, como apontado por A.R.P. historicamente o circo sempre esteve associado a apresentação de números com animais.

5.4 A relação entre o circense e a escola formal

Quanto ao fato das crianças circenses estudarem ou não, C.K. relata que as crianças do circo, assim como suas netas, frequentam a escola independentemente da localidade onde estão. Um bom exemplo é o filho de 11 anos de P.S., pois ele faz questão que o garoto acompanhe o ensino regular por considerar primordial que o filho tenha uma segunda opção de vida no futuro, mesmo considerando que o menino, assim como as outras crianças do circo, sejam diferentes das crianças da cidade e, mais especificamente, das crianças criadas em apartamento, uma vez que, segundo ele, o contexto circense lhes permite mais liberdade e lhes oferece a possibilidade de conhecer outras coisas em seu cotidiano.

Ao ser questionada, C.K. comenta que em sua opinião, ainda que diante das dificuldades burocráticas, as crianças devem frequentar a escola, mesmo que seja apenas pelo período em que o circo se encontra na cidade, e concorda com a Lei Federal 6.533/78, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de artistas e de técnico em espetáculos e diversões, e que estabelece a entrada das crianças circenses em sala de aula, portanto, um direito que lhes é constitucionalmente garantido. No artigo 29 da referida lei consta que:

Art. 29. Os filhos dos profissionais de que trata esta lei, cuja atividade seja itinerante, terão assegurada a transferência da matrícula e conseqüente vaga nas escolas públicas locais de 1º e 2º Graus, e autorizada nas escolas particulares desses níveis, mediante apresentação de certificado da escola de origem (BRASIL, 1978).

Ao questioná-la sobre esse tema, recebi as seguintes informações:

E.2 – C.K.

165 **Suara - Mas elas estudam?**

166 C.K. - Estudam.

167 **Suara - Aonde elas estudam?**

168 C.K. - Agora... a problema, a problema é justamente esa cosa con lo... de estudar con lo circo. Por exemplo, ellas foram para pegar la papel, a una... onde esta la praça, no tem uma escola así? Diagonal?

169 **Suara - Si.**

170 C.K. - Uma escola así colorida?

171 **Suara - De esquina?**

172 C.K. - Exato. É... la que a gente vai embora. Fomos pegamos el papel, eles ficarom mais uma semana. Tá vendo? Agora pára de novo, vai pra lá, faz outra papelada que é sempre um poco de problema com esas cosas de acompanhar la... Solo que... solo no tem nada a ver, ellos precisam estudar. Vai qualquer ciudad.

173 **Suara - As escolas então aceitam a criança para ficar um mês, dois?**

174 C.K. - Tenemos um mês, uma semana, tenem obligacion de pegar.

175 **Suara - Sério?**

176 C.K. - Porque tenemos uma lei... que tá aprovada no? Que ellos... precisam receber la criança. No tem cadera? Precisa pega cadera (Risos).

177 **Suara - Mas como que ela faz prova, passa de ano, essas coisas?**

178 C.K. - Faz. Faz, faz normal como todo mundo.

179 **Suara - E ela não estranha?**

180 C.K. - No... no que estranha, é... no tene nem tempo de fazer amigos (risos). A gente vai tan rápido a veces. Você fica só um mês, nu dá, até que se adapta no... já a gente vai embora. Antigamente sí, a gente ficava três, quatro meses, era muito bem. Hoje em dia, como não tem muito público, sempre precisa sair, otra ciudad, outra esperança (risos). Porque sempre, primero dos semanas é melhor, e depois, vai caindo la movimiento, no? Sempre...

Como podemos observar, apesar da burocracia relatada por C.K., há uma legislação que procura atender a essa questão, garantindo a matrícula da criança em escola pública, fazendo-se necessário apenas a apresentação do certificado da escola anterior.

Porém há atualmente em tramitação na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 3543/12 que visa a alterar a Lei de n. 6533/78, garantindo aos filhos de artistas de circo, na faixa etária de quatro a dezessete anos de idade, cuja atividade seja itinerante, vagas nas escolas públicas ou particulares. Esta proposta foi apresentada pelo ex-circense e Deputado Francisco Everardo Oliveira Silva, também conhecido como Tirica, e determina que as escolas acolham essas crianças mesmo sem o

certificado da escola anterior no momento da inscrição. Essa proposta ainda será analisada pela Comissão de Constituição e Justiça e, caso seja aprovada, será enviada ao Senado para análise.

Porém, para Xavier e Santos (2009), o principal problema não está na falta de acesso à escola, mas na forma com que as crianças são recebidas, ou melhor, como são acolhidas nas instituições, bem como na qualidade da didática de ensino, ou seja, ainda não há um olhar para a criança em sua singularidade e na especificidade do contexto circense.

De fato essa é uma intrigante questão, visto serem crianças itinerantes e que chegam a frequentar várias escolas em um mesmo ano, o que dificulta a apreensão dos diferentes conteúdos, a formação de vínculos com os colegas, professores e com a própria instituição, fatos esses que podem comprometer sobremaneira a efetividade de sua educação (Xavier e Santos, 2009).

Essas questões sugerem que está aí um frutífero campo de estudos para futuros pesquisadores que se interessem por avaliar a efetividade do ensino regular para uma população tão específica quanto a circense, como forma de assegurar se esse é um bom modelo de educação como também de propor e testar outras possíveis metodologias de ensino, se esse for o caso.

Ao conversar com a A.R.P. sobre essa temática, sinto-me intrigada quando ele questiona que razões uma pessoa com formação universitária teria para continuar no circo, afirmando que não vê nenhum sentido nisso. Com relação a esse aspecto, eu me pergunto: Por que não? Pois certamente haveria aí um importante espaço a ser preenchido por pessoas com uma melhor formação que poderiam contribuir, por exemplo, com uma melhor qualidade cênica, sonora, estética, entre outros.

E.6 – A.R.P.

¹⁰⁰ A.R.P. - *Vai se formá pra fica no circo? Não tem lógica, né? Não tem... porquê. O circo é, é, é, eu sei também que o circo é uma escola né, uma escola muito grande né. Mais... qué dizê, ela te ensina... te ensina você vivê, né?.*

Sem concluir esse raciocínio, A.R.P. afirma que o circo também é uma escola, mas uma escola da vida, referindo-se ao fato das crianças de circo serem mais atiradas do que as “de apartamento”. Neste quesito concordo com ele, pois o

ambiente lúdico do circo, por ser rico em estímulos diversos, favorece um maior contato com a criatividade e com questões relacionadas ao próprio corpo.

Nesse sentido, o circo como escola da vida é de fato algo importante, mas em nenhuma hipótese deve-se desmerecer o conhecimento que a escola formal propicia e que conduz a uma formação profissional. Sendo assim, seria importante considerar que ambos os fatores, ou melhor, a cultura circense e a educação regular não apenas podem, como devem caminhar juntas visando uma melhor qualidade de ensino e o bem estar das crianças.

5.5 A educação para a arte e para o trabalho

A rotina de ensaios sempre foi uma constante no cotidiano circense. Como pôde ser observado nos relatos, os ensaios são frequentes, de forma regular e levados muito a sério. Duarte (1995) comenta que os artistas necessitavam de uma rígida rotina de constantes treinamentos para que pudessem executar seus números com perfeição e desenvoltura, fossem eles de acrobacia, contorcionismo, mágica ou de adestramento de animais. Para a autora o tempo dedicado aos ensaios eram tão importantes quanto a criatividade e o talento.

A criança de circo desde muito pequena começa a se preparar para apresentar-se no picadeiro, ou seja, desde tenra idade é educada para a arte e para o trabalho. Geralmente quem as ensina são os próprios pais, avós ou algum outro adulto do circo. A transmissão cultural é realizada com prazer e orgulho e se dá através da comunicação oral como no caso do circo em questão.

Isso pode ser observado por meio dos relatos abaixo, como no exemplo de C.K., ao comentar que aprendeu a trabalhar com o seu pai, e que ela mesma ensinou suas filhas e atualmente dedica-se ao ensino de técnicas e números circenses para as netas.

E.2 – C.K.

13 Suara – Ela é sua neta?

14 C.K. – *Quatro años ensine ella. Agora tenho outra netinha, que também estoy ensinando é... o trabalho com monociclo, parada de cabeça. Vamo vê que dá! Porque, a gente no obriga,... no é uma obligacion que vá se lá de circo... no é. Cada uno faz que quer, pero em general, quen nasce dentro de circo (risos) quiere fazer... coisa de circo, no?...*

17 Suara – Com quantos anos começa a ensinar as crianças?

18 C.K. – *Así que a crianças, a gente no... no judia (risos). Por exemplo, myas netas, começaram com cavalo na cinco años. Sólo que coisa muito fácil, nada de coisa que você vai quebrá os manos, as pernas os ossos, no.*

19 Suara – A senhora começou a trabalhar com quantos anos?

20 C.K. – *Já tava no picadero na cinco años. Sólo fazia com meu pai coisa de acrobacia. Essa que pai segurava na mano, segurava em cima fazendo espacate, coisinhas só... era deitada na chom, me pegava de perna, levantava lá em cima, lá de baixo, coisas mais fáceis... Depois nos sete años comecei cavalo também, ténia um pônei pequeno, no? Nas sete años...*

E.5 – L.E. .

201 Suara - Você aprendeu a fazer com que idade? Como é que foi?

202 L.E. - *Olha, eu na verdade, eu comecei em circo pequena. Em circo teatro a gente começa a trabalhá cedo, oito, nove anos a gente já vai fazendo alguma coisinha. Entra numa caixa de magia, entra numa coisinha. Circo teatro a gente usa sempre... usa criança, né? Pra teatro, pra circo teatro, tudo. Sempre trabalhei desde criança pra ajudá minha mãe...*

203 Suara - Quem foi que te ensinava?

204 L.E. - *A minha mãe, meu pai, né?*

E3 – E.B. e P.S.

207 P.S. - *Eu tenho um filho caçula... de onze ano.*

208 Suara - Que é esse garoto que entra com vocês?

209 E.B. – *É.*

210 P.S. – *Isso. Eu queria que ele aprendesse um número... ele tá aprendendo, mas ele já tem... parece que el sangue de que el quiere sê palhaço. El qué sê palhaço, el qué sê palhaço. E a gente não pode cortá o braço dele porque... eu sô pobre, inclusive ele estuda... Ele estuda e eu quero que ele continua estudando, pra no forçar, que ele tem uma profissão lá fora, porque quando ele tem uma profissão, ele vai te uma opção própria.*

212 E.B – *Olha, meu pai...*

213 P.S. - *Nada forçado é bom.*

214 E.B - *Meu pai me ensino fazê tantos números, cama elástica, arame, essas coisa... e que eu fui me defini? Palhaço... porque isto daí, foi toda vida.... nossa. Meu pai foi palhaço a vida toda, e foi puxando, puxando geraçon... Aí meu irmon... eu... meu outro irmão que mora na Bolívia, também palhaço. Enton isso já nasceu no sangue. Igual que meu sobrinho, ele faz um número de rola-rola, pero sempre ele gosto mais do palhaço.*

221 P.S. - *Y el, por incrível que parece, ele tem el la alma...*

222 E.B. - *A carisma.*

223 Suara – Uh-huh.

224 E.B. - *Enton isso tem que nascer na persona.*

- 225 P.S. - *Nadie, nadie transpasso nada pra el. Isso aí nasce... espontâneo, qualquer pessoa eu acho que...*
- 226 E.B. - *Porque pinta a cara, qualquer um pinta.*
- 227 **Suara – É.**
- 228 E.B. - *Pero vamô vê na hora de trabalha, né? Qualquer um pinta a cara.*
- 229 **Suara - Porque tem, tem técnica pra ser palhaço, não é?**
- 230 P.S. – *Tem, tem, tem.*
- 231 E.B. – *No. Tem que tem dom, que nasce cada dentro da persona.*
- 232 P.S. - *E la técnica também, porque... por exemplo, tem que ter bom voz... tem que sabê conhecê o público, porque quando você tá meio... sendo cansativo, partí pra outra...*
- 318 **Suara – Com quantos anos ele está?**
- 319 P.S. – *Ele, onze.*
- 320 **Suara – Onze.**
- 321 E.B. - *A gente no obriga ele trabalha. Ele trabalha quando qué, quando qué.*
- 322 **Suara – Sí, sí.**
- 323 P.S. – *Aqui eu fale que meu filho participava mai... na hora que qué brincá, vai brincá, e na hora que tá cansado, vai descansar...*
- 324 E.B. - *Porque você não pode forçá uma criança.*
- 325 **Suara – A partir de quantos anos ele já teve interesse de entrar?**
- 326 E.B. - *De pequeno que ele gosta!*
- 327 P.S. – *Pequeño. Ele tem muita habilidad pra as coisa.*
- 328 E.B. - *Y el gusta das coisa. Ele agora... ele juntô um dinheirinho este final de semana, que ele vende uns negocinho. Já vai mandá fazê um aparelho pá ele.*
- 330 E.B. - *Vá mandá fazê um cubo. Enton, com isso aqui nasce dele. Ele ganha seu dinheiro vendendo suas coisas, porque ele vende algumas coisas pro persoal, né? Brinquedinho, tudo. Junta seu dinheirinho e...*
- 331 **Suara - Ele vende na hora do espetáculo?**
- 332 E.B. – *Na hora de espetáculo. Enton junta y: “Pai eu quero compra isso”... Compra. Enton nasce dele. A gente no força ele, no faz isso... Enton... ele sozinho vai escolhendo, as atitudes. Solo que a gente dá conselho pra ele.*

Como basicamente toda a vida acontece dentro do próprio circo, aos poucos também vão sendo desenvolvidos e aprimorados os conhecimentos necessários para a manutenção do próprio viver circense, ou seja, aos poucos a criança vai se desenvolvendo não apenas enquanto artista do picadeiro mas também nos afazeres cotidianos. Por essa razão, em geral, o circense conhece toda a rotina do circo pois, como comenta Novelli Junior (1980), “sendo o espetáculo o produto rentável do trabalho e vida do circense ele é o objetivo de todos os esforços, dentro do circo: a articulação de uma comunidade, que mantém o lugar onde vive e trabalha” (p.38).

Ao contrário do que L.E. relatou, C.K. comenta que a criança não é obrigada a dedicar-se a um número específico, pois com o tempo ela mesma decide o quer fazer. A análise dos relatos demonstram que a criança circense aprende as técnicas de diferentes números, seguramente para estar preparada caso o circo necessite de algum tipo de apresentação e não disponha de outro artista, mas que com base em

seu gosto pessoal e em suas habilidades físicas ela dedica-se e aprimora sua técnica em apenas um tipo de apresentação.

Nesse sentido, “o circo apresenta uma estética corporal que possibilita aos seus artistas um amplo conhecimento de suas possibilidades, de seu potencial artístico” (Pantano, 2007, p.25).

E.B. e P.S. comentam que também foram ensinados pelo pai e que aprenderam diferentes números antes de decidirem por trabalhar como palhaços. Aos onze anos de idade, o filho de P.S. já tem seu próprio número no circo, mas para orgulho do pai, tem demonstrado habilidades para lidar com o público e para fazer rir. Embora P.S. afirme que essa foi uma decisão pessoal do garoto e que ninguém “passou” isso para ele, certamente foi influenciado em alguma medida pelo ambiente e pela tradição familiar.

Com relação à essa transmissão do conhecimento, Castro (2005) comenta que:

O saber circense continuou sendo passado de pai para filho e de mestre para discípulos por meio do exemplo e de treinamento duro e repetitivo até os anos 80 do século passado, ou quase – talvez por causa da vida itinerante ou pela dificuldade de normatizar conhecimentos que não dispunham de nenhum tipo de escrita. (p.207).

Duarte (1995) corrobora essa afirmação ao enfatizar que como não haviam escolas de circo, as habilidades eram transmitidas de circense a circense, sem a existência de obras escritas ou mesmo de uma reflexão sistematizada sobre o circo (p. 169).

Apesar do que foi possível observar no circo investigado, onde a transmissão de conhecimento ainda ocorre no núcleo familiar, atualmente existentes escolas dedicadas a ensinar as artes circenses para todos os interessados, sem que necessariamente pensem em trabalhar ou apresentar-se nos picadeiros.

Conforme mencionado no capítulo ‘O circo no Brasil’, a cidade de São Paulo, em 1978, abrigou a primeira instituição dedicada a essa modalidade de ensino, sendo esse um primeiro movimento na direção desse aprendizado fora dos limites da lona.

5.6 O viver itinerante

A rotina diária do circense é bastante diferente da maioria de nós. Muitos não se imaginariam vivendo dessa forma itinerante, mas para os que acompanham o circo, essa é justamente uma de suas melhores características, pois de modo geral são pessoas que gostam de percorrer localidades diferentes, fato que lhes propicia conhecer pessoas e lugares em todo o país.

Para Novelli Júnior (1980), há outras importantes razões que mantêm o circense neste estilo de vida:

esse ritmo de renovação constante, a convivência em grupo, a identificação do local de trabalho e moradia, a flexibilidade de horário de trabalho, a baixa despesa com habitação - sem aluguel, conta de luz, água, etc. – e a profissão de artista são as condições que mantêm o circense em sua profissão e o atraem para a vida do circo. (p.38)

Quando perguntados sobre como é viver e morar em um circo, as respostas abaixo refletem os sentimentos dos entrevistados a esse respeito.

E1 – M.C.A.

⁰¹ **Suara - *Então, eu gostaria de saber de você como é que é viver no circo.***

⁰⁴ M.C.A. – *Ah! Tem que gostar muito Suara, a vida nossa aqui é cansativa, é um horário... é bom... uma área que a gente quer compartilhar com todo mundo que vem aqui. Então é gostoso, não é ruim não. Tem que se apaixonar pelo circo mesmo.*

E2 – C.K.

¹² C.K. [...] *Agora, que posso falar de nostra vida? No é fácil. No é fácil. A verdade é que quando é tempo muito bonito, quando tene um lugar muito bonito você é outra persona. Agora, quando a gente pega lugares donde tá (risos) chuva, lama, (risos)... eso no é fácil.*

E3 – E.B.

⁰¹ **Suara - *Como é que é viver no circo?***

⁰² E.B. - *Muito gostoso.*

⁰⁴ E.B. - *Porque eu tenho 40 ano de circo fui nascido e criado no circo. Minha cara (riso) já fala tudo, né? Quando vejo circo meu sorriso vem completo, né?... Que adentro, você entra no picadero você... vira a cabeça completo.*

E6 – A.R.P.

³² A.R.P. – *Ah! É gostoso, né?*

³⁴ A.R.P. - *É gostoso.*

Com base no exposto, viver no circo, tem um lado positivo e um lado negativo, o que não difere de qualquer outro contexto. Ao mesmo tempo em que é bom e cansativo para M.C.A., C.K. observa que essa não é uma vida fácil, e vê as constantes mudanças com expectativas e incertezas. Para ela, o “outro lugar”, representa sempre algo que poderá ser muito melhor do que era antes, e é isso que a faz continuar nessa direção.

Já para E.B., estar ali, em especial no picadeiro, é magia e encantamento, é um “sorrir completo”, é o que o faz superar inclusive momentos pessoais muito tristes. Assim, esse espaço de viver chamado circo, ganha sentidos únicos e pessoais.

Conforme nos aponta Boesch (1991), os mitos culturais que são passados entre as gerações, são importantes como reguladores das possibilidades de significação das experiências pessoais, onde cada um se apropria desses sentidos de maneira pessoal e singular.

Apesar da ambiguidade e da incertezas quanto ao futuro, viver diariamente ali representa em certa medida, um sentimento de liberdade e tranquilidade na condução desse cotidiano.

E1 – M.C.A.

³⁷ **Suara - *E como é que é viver no circo, a vida do circo?***

⁴⁰ M.C.A. – *... É uma coisa que vamo supor, você tá numa, aqui é um bairro... como se fosse um bairro, uma cidadezinha pequena, então a gente... no horário nosso depois das 6, a gente vai conversa com um, vai ver filme, sai pra fazer alguma coisa; mas tem que tá aqui no horário do espetáculo, que é as 8 e meia, sempre, né? Então acaba as 9 horas, 9 e meia acaba isso já.*

⁴⁵ **Suara - *Como é que é dormir no circo, acordar no circo, fazer as refeições no circo?***

⁴⁶ M.C.A. - *Não... é gostoso [...].*

E3 – E.B.

71 **Suara - Como que é seu dia a dia aqui? Do que é que você mais gosta?**

72 E.B. - *Que mais gosta?*

73 **Suara - *E, do circo.***

74 E.B. - *É... eu, eu sô mais casero (risos). Eu fico mais no meu canto. Saio pá fazê as compra que eu tenho que fazê, assisto televison que eu gosto de assisti o jornal, e durante o dia fico brincando por aqui, andando... o... tenho que fazê alguma coisa, invento alguma coisa pá mim fazê sempre.*

A tranquilidade expressa na fala de E.B. é uma característica comum que encontrei entre todos os participantes. Relacionando esse fato com a minha experiência pregressa, posso afirmar que esse era um sentimento comum, também no circo de vinte anos atrás.

O cotidiano do circense é muito mais tranquilo e com menos estresse do que de grande parte da sociedade sedentária envolvente. Isso me faz pensar que esse pode ser outro fator que, possivelmente, favoreça com que se permaneça nesse contexto.

Quando perguntados sobre qual é a parte ruim de viver no circo, a chuva emerge como uma preocupação em muitos relatos, inclusive quanto ao fato de afastar o público. M.C.A. refere-se aos fortes ventos e aos temporais como um risco para a segurança de todos. Nas falas de C.K. e E.B. esse é também um tema recorrente, e a chuva ganha significado de algo temível, em razão de desastrosos acontecimentos que já ocorreram em circos.

E2 – C.K.

96 C.K. - *Lama e chuva e quando começa aquele vento. Você fica apavorado, fica de joelho pedindo: - “Deus essa chuva”!*

E3 – E.B.

75 **Suara - Tem alguma coisa ruim assim... que você fala que no circo... isto daqui é ruim?**

76 E.B. - *Eu pá mim nunca foi ruim porque... eu fui criado e nascido em isso aqui, né? A única coisa é que ruim é... é o dia que chove, que não vem genti pá nói. A parte disso... pá mim no... já vira uma rotina pá nói... Quando a única coisa que acho ruim... é quando a gente fica muito tempo num lugar.*

Outro ponto curioso sobre a vida circense é o fato de que na maioria das vezes se desconhece para aonde se irá em seguida, ou seja, qual será o próximo destino. Como já relatado no início deste trabalho, é necessário encontrar um terreno que seja conveniente para a instalação do circo e, em seguida, que sejam atendidas todas as demandas burocráticas exigidas pelos municípios.

Em algumas ocasiões, pode acontecer de uma “praça” que está considerada praticamente fechada, não conseguir alguma autorização e, por essa razão, haver a necessidade de mudar o itinerário.

Algumas vezes, as viagens de deslocamento de uma local para outro pode ser algo em torno de 500 quilômetros ou mais, o que não é incomum. Portanto, para ser artista circense é necessário gostar de estar a caminho, e não somente de chegar ao destino, pois viajar é uma situação inerente a essa atividade. E, mesmo diante desses desafios, “o circense não abandona seu ofício porque é milagrosamente movido por uma paixão ancestral que lhe permite encarar as adversidades com otimismo e coragem” (Andrade, 2010 p. 276).

E5 – L.E.

315 **Suara - E você consegue saber pra onde que vai?**

316 L.E. – *Não, não sabe nunca, não tem rota, não tem. Não tem nada.*

317 **Suara – Quer dizer, depende de muita coisa?**

318 L.E. - *De muita coisa. Você vê, nós tava em Brasília ano passado, hoje nós já tá aqui. Amanhã já... estava no sul estes dias, 3 meses atrás... já tá aqui...*

319 **Suara - Mas é bom assim, sem saber onde...?**

320 L.E. - *É bom é... é... É ruim porque você também não pode programar muitas coisa, né? Você fica meio assim... [...]*

Apesar das constantes viagens, os circenses conseguem manter uma rotina diária, independente de onde estejam, como por exemplo, fazer caminhadas regularmente ou sair para comprar diariamente o pão quentinho para o café da manhã. Nesse sentido, podemos pensar que são as ações aparentemente simples, que dão sustentação ao grande espetáculo que é a vida.

E2 – C.K.

74 C.K. – *Hum... eu levanto oito meia... e... depois dessa primeira coisa, que eu voy comprar pão, que yo no soporto comer pão de outro dia (risos).*

75 **Suara – Sério? Todo dia a senhora vai comprar pão?**

⁷⁶ C.K. – *Todo dia eu voy comprar pãozinho, depois de essa, em general... agora quando começo eso frio, a gente parou poquinho, porque criança ficaram todo com tosse, com... Dez a onze meia tá ensaio, tá ensaiando com a... com essa que tá com a monociclo...*

E5 – L.E.

²⁴⁴ **Suara – Como é a sua rotina, o seu dia? Você falou que levanta cedo, né?**

²⁴⁵ L.E. - *Vou pra caminhá, né? Faz muito tempo que eu caminho...*

²⁴⁶ **Suara - Em qualquer praça?**

²⁴⁷ L.E. – *Em qualquer lugar, em qualquer cidade, eu procuro sim, já é...*

²⁴⁸ **Suara - Quanto tempo você caminha geralmente?**

²⁴⁹ L.E. – *Ah! Duas horas por dia, todos os dias dependendo do parque né, que eu vô mais cedo né, que eu consigo. Sempre tento ficá 2 horas caminhando, na parte da manhã.*

Podemos considerar, então, que mesmo diante de um estilo de vida itinerante, os afazeres domésticos de uma dona de casa, são iguais tanto no circo quanto fora dele, e que é possível manter uma rotina diária.

Portanto, se por um lado é possível essa rotina, por outro lado, o desconhecimento do próximo destino dificulta em grande medida o planejamento pessoal da vida do circense, pois apenas permite programações incertas e provisórias, impedindo, por exemplo, projeções futuras e ou de médio e longo prazo, como tratamentos médicos prolongados, dificultando também a formação de vínculos com outros profissionais da saúde, por exemplo.

Como apontado anteriormente, embora itinerante, é possível se manter uma rotina diária de afazeres, mesmo porque, toda a estrutura necessária para o seu viver, acompanha o circense, ou seja, ao deslocar-se, leva consigo não apenas sua família, seu trabalho, mas também seus pertences mais significativos.

Para Simão (2002):

devido ao fato de que os objetos oportunizam ao sujeito que ele experimente seu potencial de ação, e devido ao fato de que colaboram na estruturação do mundo psicológico do sujeito [...] eles, objetos, colaborarão, em última instância, para a identidade do sujeito (p.92).

Ao preparar-se para a viagem, diferentemente de como o fazemos enquanto sedentários, quando viajamos, separamos apenas o que utilizaremos no período em que estivermos fora e nos deslocando. Talvez por essa razão haja sempre um sentimento de viajante, ou melhor, de que em algum momento voltaremos para o

aconchego de nossa casa e ao encontro de quem nos é importante. Para o circense, não há o sentimento de viajante, pois ele sempre está em sua casa e com os seus, não há para onde voltar, e por isso, não há do que sentir saudades, pois sempre leva consigo tudo o que lhe é necessário para suprir suas necessidades, inclusive as emocionais.

Em seus deslocamentos ele carrega tudo o que lhe é mais sagrado, sua casa, sua família, seu animal de estimação e seu trabalho. Como pude observar quando em visita às “casas” de C.K. e L.E., tudo o que lhes é caro está sempre consigo, seus guardados mais preciosos, as fotos de pessoas queridas, seus objetos significativos e suas lembranças de vida.

5.7 Um lar em constante movimento

Embora possa parecer aos olhos de algumas pessoas da sociedade sedentária envolvente que o viver no circo seja precário, os que nele vivem consideram-se confortavelmente instalados e sentem-se satisfeitos com o que possuem.

E.1- M.C.A.

⁴⁷ **Suara – *Você mora ... você tem um trailer?***

⁴⁸ M.C.A. – *Eu tenho, eu tenho, eu moro no apartamento do circo.(Sorri).*

E3 – E.B.

¹¹⁰ E.B. ...*A vida cotidiana igual que os outro, é normal... Você tem seu banheiro, tem seu lugar pá tomá banho, pá cozinhá, pá fazê tudo... Entonces vivo uma vida comum e corrente, só que eu mora em uma coisa... menor que uma casa, né? Pero a vida cotidiana nossa é igual que... que afora. Eu morava em uma casa de... um quarto. E eu tinha que abri a janela... porque no agüentava morá dento de uma casa... Eu me sufocava, me dava falta de ar...*

¹³² E.B. - *A carreta menor tem beliche, tem geladera, tem banheiro, tem pia, tem tudo.*

E5 – L.E.

⁷⁶ L.E. – *É. Então... é lógico, hoje em dia a tecnologia, a gente tem internet dentro da minha casa aqui (risos). Eu tenho... Nossa! Durmo bem, assim, tenho meu chuveiro, tenho minha casa, viajo...*

⁷⁸ L.E. - *Tem televisão, tudo.*

A fala dos entrevistados demonstra um sentimento de satisfação com o local onde residem e com as comodidades que a atualidade lhes oferece. Para o circense, o seu quintal é o próprio circo, e seja vivendo em um trailer, ônibus, cabana ou carreta, referem-se frequentemente a esses espaços como sua casa. Esses lugares têm, portanto, um sentido de lar, de acolhimento e de proteção.

Como em geral nesses locais o espaço é bastante limitado, as coisas estão sempre à mão, e muitas vezes, a mesa do jantar torna-se a cama que aninha à noite uma ou mais crianças. Este fato faz também com que algumas atividades domésticas ocorram no terraço desmontável criado em frente à moradia, local onde se pode ter máquinas de lavar, mesa para as refeições ou simplesmente cadeiras para o descanso (Novelli Júnior, 1980 p. 44).

É muito interessante e curioso ver a engenhosidade com que são construídos esses espaços que, algumas vezes, abrigam famílias inteiras, além de terem para alguns a função de camarim durante o período do espetáculo.

Considero que a experiência de viver dessa maneira seja muito enriquecedora, porque propicia outro olhar com relação às coisas que são necessariamente importantes ter na vida, um olhar mais despojado pois, não se compra mais do que se pode acomodar e transportar, e isso em certa medida, faz com que o caminhar seja “mais leve”, desapegado das imposições que o consumismo faz.

Recordo-me que ao chegar ao circo para entrevistar C.K. ela gentilmente me convidou para entrar e conhecer o ônibus onde vive. Ao entrar, vi que o local era grande e espaçoso, bem maior do que as “casas” que eu já havia tido contato. Ela comentou, com orgulho, que seu marido havia construído o ônibus com as medidas acima das convencionais, para que morassem mais confortavelmente.

C.K., então, me mostrou todas as dependências de sua casa e gentilmente me permitiu fotografar quando lhe solicitei. Sua moradia chama a atenção pela higiene, capricho e organização do espaço.

Logo na entrada de sua sala, é possível observar uma estante com pratos decorativos, bem organizados e limpos demonstrando que ela é uma pessoa atenta aos detalhes. Há também um televisor e quadros pendurados na parede. A disposição dos pratos decorativos chamou-me a atenção de imediato, pois sei que a cada viagem é necessário tirar tudo o que poderá mover-se ou cair. Para minimizar o trabalho que antecede as viagens, alguns circenses optam por não ter nada, ou ter o mínimo de objetos expostos de forma que devam ser retirados, evitando assim sua possível quebra. O quarto de C.K., que é separado por uma porta divisória que garante sua privacidade, as camas estão muito bem arrumadas. No aparador do banheiro também é possível ver os produtos de higiene pessoal dispostos sob a pia.

O ônibus de C.K. é bem ventilado, pois conta com janelas que também propiciam a entrada de luz solar. A cozinha também encontra-se separada por outra porta divisória e fica ao lado da cabine do motorista. Aí podemos observar que há um refrigerador e um fogão de medidas convencionais, assim como um exaustor e pia, além de um micro-ondas, um liquidificador e outros dois produtos eletrônicos, cuja identificação não é possível na fotografia por estarem cobertos com capas protetoras. Nota-se também a limpeza dos panos de pratos e alguns mantimentos que ficam dispostos em potes decorativos. Todas as imagens das fotos da “casa” de C.K. encontram-se nos Apêndices, ao final deste trabalho.

Portanto, como é possível observar, o lar de C.K. confirma as palavras de Novelli Junior (1980), ao apontar que mesmo com uma rotina itinerante, o circense busca as características e o conforto de um lar urbano (p.48).

Pela minha experiência, o conforto do circense não está relacionado a uma moradia fixa, mas às condições indispensáveis que a vida em um lar itinerante pode proporcionar, como um local para cozinhar, um bom chuveiro, uma cama macia para o descanso, além dos eletrodomésticos e da tecnologia que atualmente facilitam sobremaneira a comunicação na vida contemporânea nesse contexto.

5.8 Os sentidos de família e os relacionamentos interpessoais

Os relatos apresentam a grande importância que os circenses dão para a família e para o convívio familiar, pois o fato de viver diariamente ao lado dos

familiares é um dos atrativos desse estilo de vida, assim como o fato de não ser necessário enfrentar trânsito para chegar ao seu local de trabalho.

Fica claro que embora todo o circo não seja uma “grande família”, como podem supor algumas pessoas, mesmo com as possíveis diferenças, quando alguém necessita de auxílio, há apoio e cooperação diante das dificuldades.

M.C.A., L.E e P.S comentam que nem todos se dão bem, e que como em qualquer outro lugar, no convívio e nas relações interpessoais há aproximações e distanciamentos, mas que é possível não deixar isso afetar o andamento do espetáculo.

Como aponta Simão (2004):

A relação cultura-indivíduo dá-se, sobretudo, por meio da figura do outro, que, em seu diálogo com o sujeito, tece considerações, aprovações, reprovações e toda sorte de ações comunicativas, verbais e não verbais, tornando-se esse outro o representante e concretizador singular, a cada momento, das sugestões, possibilidades e limites afetivos, cognitivos e acionais em dada constelação sociocultural (p. 19).

Ao questionar sobre como são as relações interpessoais no circo, nota-se pelos relatos de M.C.A. e L.E. que existem algumas tensões nesse sentido. Isso porém não me surpreende, pois o mesmo acontecia quando eu vivia em circo. Sinceramente não me recordo em nenhum dos três circos nos quais trabalhei, de nenhum episódio de brigas ou xingamentos, mas haviam sim alguns desafetos, muitas vezes declarados, mas que em sua maioria, naquela ocasião, não atrapalhava significativamente o bom andamento do espetáculo.

Recordo-me que quando alguém tinha uma conduta não apropriada, como por exemplo, interessar-se pela esposa ou namorada de um colega, fato que não é incomum, essa pessoa era convidada a se retirar do contexto circense, e o circo seguia viagem sem ela.

E5 – L.E.

¹¹⁶ L.E. - *Aqui a gente trabalha, aqui é uma cidade. Aqui tem pessoas que conversa que num sai daqui, é igual uma cidade assim... família entre aspa, né? Porque você tem as suas diferença, cada um tem a sua vida, eu tenho minha casa. Essa aqui é minha casa, é meu espaço, tenho meu salário, faço da minha vida o que eu quero, recebo, como, ninguém me dá nada. Eu vivo do meu trabalho, do que eu faço, que eu tenho uma venda também que me ajuda, vendo maçã do amor que é minha. E as pessoa é... poucas... as amizade que a gente tem, com o outro. Assim... é um oi. A gente quase não vai muito na casa do outro. É pouco assim, a gente se encontra*

mais na praça de alimentação, que você se reúne ou quando eu trabalhava no fundo no camarim que as pessoas, que a gente se encontra pra... se pintá, maquiá... principalmente quando eu era bailarina, trabalhá. É um oi. A nossa amizade é de fundo de circo e de frente...

¹¹⁸ L.E. - *De todo mundo, mas quando acontece uma coisa com alguém, junta todo mundo pra ajudá...*

¹²⁰ L.E.- *Se acontece alguma coisa com você, são as pessoas bem unidas assim... mais eu, falá pra você que são pessoas... que a gente somos assim... não. De repente eu vejo, eu nunca fui ali no fundo do circo, na casa da outra moça que chama L. também. Eu acho que faz um ano que eu não vou na casa dela, que eu não entro na casa dela, no trailer dela. A gente conversa sim, mais... nem ela vem aqui assim... como uma comparação. Tem pessoas assim, lógico mais chegadas que vive aqui, a P. que eu vi ela nascê, que ela é como se fosse filha também. O filho dela me chama de vó. Então não tem como, a gente tem já uma ligação muito forte já. Então ela vem, senta aqui, - “Ai vó”. Nossa! Eu não vivo sem o filho dela, né? Então é assim o circo, o dia a dia...*

Quando pergunto a M.C.A. ele me diz:

E1 – M.C.A.

¹⁸⁴ M.C.A. - *Eu vou falar a verdade. É igual um bairro, quando um vizinho não dá certo com o outro: sai uma fofoca, um fala mal do outro, um é falso com aquele lá. Tem uns que se dá bem, então... é desse jeito.*

Refletindo sobre as metáforas trazidas por L.E. e por M.C.A., que compararam o circo a uma cidade e a um bairro, respectivamente, podemos imaginar que ambos procuram representar esse ambiente como um microcosmo social. Essa comparação faz sentido se pensarmos, por exemplo, no bairro como um espaço delimitado geograficamente, onde todos se conhecem, convivem e se encontram frequentemente e que, por essa proximidade acabam por tomar conhecimento da vida um do outro propiciando a emergência de tensões e conflitos.

Assim como na cidade, em um bairro ou no próprio circo, há encontros e desencontros, amizades e inimizades, razões e incoerências, bem como as contradições que podem emergir das diferentes vozes existentes nesses contextos, gerando muitas vezes os desconfortos e os dissabores apontados pelos participantes L.E. e M.C.A.

Contudo, há no contexto circense particularidades que podem potencializar em grande medida os conflitos pessoais, porque viver ali significa compartilhar

diariamente e a todo momento com os seus vizinhos, o mesmo espaço de convívio social, profissional e pessoal.

Questões quanto aos relacionamentos interpessoais, levam-me a questionar e refletir sobre a forma com que essa população lida com os tipos de conflitos apontados por M.C.A.. É curioso pensar que por viverem e trabalharem no mesmo local têm de conviver noite e dia com os possíveis desafetos, uma vez que não há para onde se deslocar quando querem se distanciar de determinada pessoa ou situação conflituosa. Com base nisso, acredito que poderia ser relevante uma investigação nesse sentido, ou seja, com o objetivo de levantar a possível demanda de atendimento psicológico relacionada, por exemplo, aos conflitos interpessoais no contexto circense, pois certamente a Psicologia poderia contribuir ao propor e/ou adequar modelos de atendimentos de forma a contemplar essa e outras populações itinerantes.

Felizmente, nessa direção, o Conselho Federal de Psicologia editou recentemente a resolução CFP n. 11/2012, que regulamenta serviços psicológicos por meios tecnológicos de comunicação a distância, ou seja, mediados por computador. Essa Resolução permite que vinte sessões possam ser realizadas pela internet, por meio do Skipe e do MSN e, entre outras determinações, o atendimento eventual de clientes em trânsito e/ou de clientes que momentaneamente se encontrem impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial.

Esta resolução é um passo importante em direção à possibilidade de atendimento psicológico para pessoas com vivência itinerante, tais como os circenses, que ainda estão desassistidos neste sentido.

5.9 Do picadeiro ao coração

C.K. e L.E relatam que lhes foi difícil despedir-se do picadeiro, e que apesar das saudades que ainda sentem, em alguma medida conseguiram superar essa ruptura. Hoje, consideram-se adaptadas às suas novas atividades. Podemos pensar, de acordo com Boesch (1991), que ambas descobriram oportunidades e limites de

ação que a cultura lhes ofereceu, e utilizaram essa oportunidade criando novas possibilidades de ação para si, pois atualmente C.K. dedica-se à venda de pipocas e batatas fritas e L.E se encarrega da bilheteria e das vendas de maçãs do amor.

Por essa perspectiva, podemos considerar que as rupturas ao longo do percurso do sujeito prescindem de elaboração de expectativas como forma de confrontar suas inquietações pessoais.

E2 – C.K.

25 **Suara – Como é que é parar, depois de trabalhar tanto tempo no picadeiro?**

26 C.K. – Verdade é que não é fácil.

27 **Suara – Ainda hoje?**

28 C.K. – *Ainda hoje, que sí. Tem esa coisa ascuto música del avión tudo. Era meu número, todo mundo gostava muito, porque... afinal, tudo é... é... amor pra essa arte. El amor. Certo, dinero é importante. É importante tambien, você gana, no se quê? Sólo que, el amor é também... sem amor...sem gostar... Eu acho em tudo, no é verdade? Muita gente trabalha em uma coisa num gosta. Você precisa passar... num lugar onde você gosta. Até essa coisa, eu falei minha vida, não pensei que eu voi conseguir vender... para público. E hoje em dia toy vendendo... e me sinto muito bem porque...*

29 **Suara – A senhora esta vendendo o quê?**

30 C.K. – *Pipoca. Pipoca e batata. E... tengo tanto amor, que sea tudo bonitinho, que sea tudo fresquinho, como era em picadero. Así que por eso falo, precisa tener amor pelo que você tá fazendo. No é verdade? (Risos).*

E 5 – L.E.

215 **Suara - Como é que foi para você parar de ir?**

216 L.E. – *Trabalhar?*

217 **Suara – É, de ser artista.**

218 L.E. - *Ai foi muito difícil. Este dia... foi terrível.*

219 **Suara - Mas você chegou um dia ou... você foi se preparando?**

220 L.E. - *Não, eu tava trabalhando e... depois... daqui tinha um monte de artista já. Foi em Santos, e... tinha uma moça que trabalhava há tempo aqui, uma senhora que até foi embora do circo e tava precisando de gente pra bilheteria, precisava... aí - “Quem que eu vô pô”? Só que aí eu mesma pedi pra dona do circo - “Ai você no qué por eu na bilheteria”? Porque as vezes eu fica assim, cansada, tipo assim, entrar no bailado tudo, tinha que ficava até o final. Na época do inverno, você faz o teu número mas você tem que ficar esperando o final pra dá a volta na pista. Às vezes eu ficava lá trás falando assim – “Ai que vontade de ir embora, que frio.” Né? Você tem que ficá até o final do espetáculo. Aí eu pensava: “Na bilheteria dá o intervalo eu já vou pra minha casa”. Aí ela falo: “Ah, eu vou vê. Vou falá com o BP, né? De repente”...*

“Depende, como tem bastante bailarina, tem bastante número...”. Aí a moça foi embora, não conseguiram arrumá na época, puseram eu de provisório, mas só que o primeiro dia que eu fui pra bilheteria, que eu me vi sem uma maquiagem, sem um

cílio, foi terrível pra mim. A hora que eu via as outras no picadeiro toda maquiada... É difícil, você se vê... sem maquiagem. Você se vê outra pessoa. Anos você se maquiando na frente do espelho, de repente você chega um dia... que o espetáculo roda o primeiro dia você tá vendo e você tá fora e as pessoas lá dentro, no bailado, aquela agitação... Nossa! Aí as meninas: - "Nossa, você tá sem maquiagem, no sei o quê"- , aí deu sim uma tristeza em mim, me deu.

221 Suara - Que foi que passava pela sua cabeça?

222 L.E. - *Ai acabou tudo, que será, tô velha, acabou, ai não sei o quê. Aquela tristeza, aquela angústia, mas depois foi passando...*

223 Suara - E depois de quanto tempo passou?

224 L.E. - *Ai uma semana já foi passando, não deu uma semana ...*

225 Suara - Você tava com quantos anos então, quando você parou?

226 L.E. - *Ah! Uns quarenta e poucos...quarenta e dois.*

Assim como para L.E. e C.K., para mim, como artista circense, também foi muito difícil despedir-me do picadeiro, pois é como despedir-se de uma parte muito especial de si mesmo, de uma parte mais criativa e capaz de realizar algo que pode seduzir, surpreender e até mesmo criar tensão e suspense.

Como em um ritual, ao colocar o traje para a apresentação, dar um tom mais pesado à maquiagem evidenciando assim as expressões, para que possam ser percebidas à distância, colar os enormes cílios postiços e se adornar com todos os adereços, emerge ali, naquele momento, um outro-eu, o eu-outro-artista que ao mesmo tempo que encanta é encantado, ao mesmo tempo que transforma o público durante aqueles poucos minutos, sai do picadeiro para sempre e incontestavelmente transformado.

É portanto, uma experiência muito pessoal de resignificação, de dar um outro sentido ao vivido, seja vendendo pipocas, estando na bilheteria ou escrevendo uma dissertação de mestrado. A esse respeito, Simão (2004) comenta que:

o construtivismo semiótico-cultural aponta, sobretudo, para o significado da experiência inquietante: aquela que fere expectativas, que instiga afetiva e cognitivamente, seja o ator que a experimenta, seja outra pessoa que experimenta a inquietação do ator, por meio do diálogo, verbal ou não, com ele, e que é, portanto, esse outro, também instigado a partir de sua própria perspectiva (p.13).

O espetáculo do circo é coordenado e não se separa da vida cotidiana, pois a rotina do circense é basicamente adequada aos horários dos espetáculos e das constantes viagens. Ele integra em seu dia-a-dia vários papéis, seja como, artista, dona de casa, vendedora, cozinheiro ou pai de família. É no diálogo entre essas

diferentes posições que os indivíduos interajam e se relacionam nas diferentes horas do dia.

Neste sentido, “o próprio diálogo é, portanto, uma experiência em si mesma que enseja uma metaconstrução de significados por parte dos interatores, significados esses referentes à própria experiência de dialogar com tal ou qual pessoa sobre um tema”. (Simão, 2004, p. 21).

É comum o circense, enquanto artista, apresentar-se único e soberano em seu traje reluzente como personagem central do picadeiro, e no momento seguinte retornar a ele, sem o glamour antes vivenciado, para auxiliar na apresentação seguinte, bem quando, desnudado do artista, apresenta-se ao público como vendedor de souvenirs.

Nota-se com as frequentes interrupções por parte das pessoas da cidade, durante a realização das entrevistas, que o circo em certa medida é um espaço público e aberto para a sociedade, que é bem-vinda a entrar e sair de seus domínios com muita tranquilidade, sem serem impedidos.

Refiro-me especificamente ao fato de que, em determinado momento das entrevistas de C.K. e de E.B., fomos interrompidos por uma mulher e um senhor, respectivamente, que adentraram sem dificuldades até a praça de alimentação onde nos encontrávamos e que, nas duas ocasiões, foram muito bem recepcionados pelos entrevistados, que salientaram que os mesmos se sentissem à vontade para adentrar o interior do circo.

Com base nisto, é possível identificar que no contexto circense as dimensões entre o público e o privado se confundem, visto que se por um lado os cidadãos sentem-se à vontade para adentrar livremente nas dependências do circo, supondo que seja um espaço público, por outro lado, o circense não o impede, mesmo sendo o circo seu espaço privado, salientando assim, a tênue fronteira existente entre estas duas dimensões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela perspectiva do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, o indivíduo nasce e se desenvolve em determinada cultura, transformando-a à medida que também é transformado por ela (Guimarães, 2010). Essa é uma abordagem que oportuniza um olhar sobre as interações verbais pertinentes às relações eu – outro, visto que essas relações são fundamentais no processo de desenvolvimento individual (Simão, 2010, p.20).

Portanto, esta investigação visou a promover a reflexão sobre os temas que emergiram a partir da interação verbal entre mim enquanto pesquisadora e os integrantes do circo, por meio da análise dos diálogos que ocorreram entre nós.

Nesse sentido, a metodologia utilizada mostrou-se eficiente, pois a fala dos participantes propiciou o acesso a um rico conteúdo, revelando suas construções de sentidos com relação ao cotidiano do circo e ao meio exterior a ele. A utilização do recurso fotográfico foi igualmente importante, primeiramente por ser ele mesmo um recurso simbólico, e por complementar a análise das entrevistas reafirmando ou contradizendo a narrativa do entrevistado.

Nesse contexto de interação, os entrevistados compartilharam comigo, como pesquisadora, suas histórias de vida, sem restrições, o que é inestimável, pois os relatos permitiram o acesso a informações sobre seu cotidiano e suas construções de sentido, propiciando assim que novos conhecimentos pudessem ser construídos sobre o dia a dia na atualidade desse específico contexto circense, tais como o viver itinerante, os laços familiares e profissionais, as dificuldades enfrentadas pelo circo, as constantes viagens, assim como os investimentos afetivos, as tensões e rupturas nas relações eu - outro.

Como aponta Simão (1989, p.1196) “o termo *construção* de conhecimento está sendo utilizado aqui para designar o resultante do diálogo dos interlocutores a respeito de um tema”. De acordo com essa ideia, no decorrer de uma interação as informações transmitidas pelos interlocutores modificam-se e transformam-se proporcionando a emergência de um novo conhecimento.

Durante os diálogos com os entrevistados emergiu uma significativa diversidade de temas, que enriqueceram sobremaneira essa pesquisa por propiciarem a aproximação das diferentes perspectivas dos circenses em relação a

sua vida. Conforme Guimarães (2010), adotei aqui a noção de perspectiva como diferentes posicionamentos nas experiências de vida de cada indivíduo, ao priorizar uma determinada maneira de ver as coisas em detrimento de outras.

Dentre os temas que emergiram nas entrevistas, alguns estavam relacionados a questões pessoais, como por exemplo, o desejo de sair do circo e as diferenças profissionais com o proprietário relatadas abertamente por M.C.A. Também nesta direção, P.S. comentou sobre sua relação e insatisfação com outros circos e fez críticas a uma importante figura do meio circense e o participante A.R.P. enfatizou sua opinião sobre política, circos internacionais e as dificuldades enfrentadas pelo circo devido às medidas proibitivas que lhes foram impostas.

Acredito que temas como estes tenham emergido, sem nenhuma restrição pessoal, em virtude do TCLE resguardar o sigilo de suas informações, o que pode ter conferido aos entrevistados um sentimento de segurança para expressarem tais comentários.

A relação que os circenses estabelecem com o circo é de afeto, pois nenhum entrevistado demonstrou insatisfação ou aversão a esse estilo de viver, muito embora também haja nesse contexto momentos de tensões entre os integrantes. Como aponta Simão (2010) a relação eu - outro encerra em si uma ruptura primordial, que precede qualquer tentativa e possibilidade da relação em si mesma.

O vínculo afetivo também está presente na relação com o público que é zelado e respeitado pelos integrantes do circo, os quais estabelecem com ele uma relação dialógica, ao “se alimentar” do riso e do aplauso ofertado, como também por sempre validarem seus gostos e preferências que, em grande medida, determinam o teor do espetáculo (Magnani, 1998). A relação público-artista emergiu de maneira significativa nas narrativas. Podemos imaginar que o circo não existiria sem as pessoas que prestigiam seus espetáculos e os artistas não existiriam se não exercessem o fascínio que exercem nessas pessoas. Desse modo, percebe-se que o público é o grande responsável pela manutenção do circo, visto que não há circo sem plateia e que o vínculo afetivo do circense com o circo perpassa a relação com o público, que pode motivar o circense a continuar envolvido em suas atividades no cotidiano do circo.

Essa relação de vínculo também se estabeleceu comigo como pesquisadora. Todos os participantes validaram minha experiência como circense e estavam à vontade para dialogar comigo; a relação entre nós se estabeleceu de maneira

confiante e empática. Conforme aponta Boesch (1991), a empatia se faz necessária para existir troca de significados entre dois indivíduos em interação, presumindo-se a identificação de um com outro a partir da percepção das diferenças entre ambos. O processo de empatia, que se desenvolveu na relação dos participantes comigo, integrou nossas ações nesse campo comum de significados que é o circo, em direção aos objetivos da pesquisa, compartilhados durante o período de nossa convivência.

Contudo, parece-me que a razão que os levou à participação nessa investigação não foi compartilhada por todos os participantes, pois M.C.A. queria falar de si como forma de validar o seu próprio viver no circo, C.K. e A.R.P. encontraram uma oportunidade de falar de suas angústias relacionadas às dificuldades que o circo enfrenta atualmente, com o intuito de que o presente trabalho pudesse, de alguma maneira, ajudá-los nesse sentido. L.E., E.B. e P.S. demonstraram satisfação de relatar suas vidas no mundo do circo.

Em alguns momentos, durante meus diálogos com os entrevistados, fomos inseridos em um campo comum de significados, ou seja, foi possível estabelecer entre nós um plano de compartilhamento intersubjetivo (Valsiner, 1998), que se deu com base em minha experiência pregressa de circense, fato que acredito ter facilitado minha aproximação com eles, uma vez que foi possível, em alguma medida, compartilhar o que conhecíamos do universo do circo, ou seja, nossas experiências enquanto circenses.

Ao contrário do que eu supunha ao iniciar este trabalho, todos os entrevistados, em algum momento, já pensaram em sair do circo, como no caso de C.K., L.E. e A.R.P., mas ainda não o fizeram, diferentemente dos irmãos E.B. e P.S. que efetivamente deixaram o circo por algum tempo, mas acabaram retornando à vida itinerante afirmando que não se adequaram à vida na cidade. Embora ambos tenham relatado a dor e o sofrimento que sentiram no período que estiveram fora, essa ausência temporária foi, sem dúvida, um momento importante para que fortalecessem seu vínculo com a vida circense, visto que atualmente sentem-se mais seguros e confiantes com relação a esse viver, pois “[...] a descoberta de possibilidades de ação *desconhecidas* também pertence ao processo de crescimento” (Boesch, 1991, p.32).

O espaço “circo” mostra-se como um campo fértil para diferentes aprendizados, por ser esse um ambiente que favorece a construção de

conhecimentos em áreas diversas, pois a maioria de seus integrantes dedica-se a mais de uma atividade.

Embora na vida circense haja uma rotina, ela não é sentida dessa forma por alguns entrevistados, e o viver itinerante é apontado como um atrativo, que favorece com que o circense permaneça nesse contexto e continue exercendo suas atividades.

Foi possível constatar que o preconceito é sentido por L.E., E.B., A.R.P e também por B. Pela perspectiva desses participantes, algumas pessoas “de fora” do contexto do circo, ou seja, da sociedade que os envolve, os vê com algum estranhamento. Felizmente como apontado por A.R.P., atualmente esse estranhamento é bem menor se comparado há alguns anos. Acredito que esta dissertação possa contribuir para um maior entendimento sobre esse universo, assim como as obras dos interessantes autores com os quais me deparei ao longo deste percurso. Castro (2005) e Duarte (1995) confirmam o preconceito com relação aos circenses, afirmando que esse fenômeno vem de longa data.

Para Duarte (1995), por estarem na contramão em relação à tendência de fixação da sociedade predominante no século XIX, a impressão negativa produzida por aquele que está de passagem pode estar relacionada com as definições de nômades indicadas em alguns dicionários e publicações da época e que contribuíram para a marca de rejeição imposta aos que não possuíam habitação fixa. Segundo a autora, essas pessoas eram retratadas como imaturas e infantilizadas, “povos vagabundos” que deixavam sinais de destruição e abandono por onde passavam (Duarte, 1995, p.37).

De acordo com Ferreira (2010) é possível observar que essa definição não é muito diferente nos dias atuais, porque ainda se faz referência aos nômades como povos vagabundos, sem habitação fixa que se deslocam constantemente em busca de alimentos, pastagens etc. O termo nômade indica, portanto, em alguma medida a busca de alguém por algo que lhe falta, e que lhe é essencial, como no caso do alimento.

Embora os circenses não sejam indivíduos nômades, mas itinerantes, isto é, possuem um itinerário pré-determinado, acredito que por não possuírem habitação fixa, ou melhor, por não estarem situados em um ponto fixo da cidade, podem passar a algumas pessoas a imagem retratada acima. Apesar de ser essa uma confusão comum, acredito que a distinção entre os dois termos é fundamental para

auxiliar na compreensão do viver circense, que apresenta a itinerância como inerente e, por essa razão, adequam o seu cotidiano às condições que lhes são necessárias para os constantes deslocamentos.

Pela minha experiência e pelas entrevistas realizadas para essa investigação, posso atestar que no circo não há espaço para pessoas desordeiras ou desocupadas. Esse é um trabalho sério e que exige muita dedicação e cooperação para a manutenção do dia a dia. Para Ruiz (1987, p. 13), “em nenhuma outra atividade humana a cooperação geral é tão necessária”, referindo-se à importância da coordenação de todos os esforços para o bem estar geral, ou seja, para a manutenção desse espaço onde se vive e se trabalha.

As pesquisas realizadas sob a perspectiva do construtivismo semiótico-cultural referem-se às possibilidades de generalização de algum conhecimento tomando-se por base aspectos apreendidos a partir do olhar para a relação eu - outro (Guimarães, 2010 p. 145). Assim, verificou-se nesta pesquisa que aspectos particulares da vida do circense participante desta investigação, podem ser generalizados para o contexto de outras culturas itinerantes, tais como os ciganos, que se deslocam entre cidades, estados ou países em busca de novas oportunidades.

Entre as dificuldades que o circo vem enfrentando e que foram apontadas por alguns entrevistados, está a retirada dos animais do picadeiro, o que emerge como algo de difícil aceitação. Por meio desses relatos, fica claro que esse circo atravessa um período de transição, relacionado a essa questão, que representa para o circense uma grande ruptura em sua trajetória, visto que historicamente sempre esteve vinculado à apresentação de animais. Isso fica evidente quando Ruiz (1987) reforça a ideia de que um grande circo, para se sustentar, tem de possuir necessariamente e ao mesmo tempo, três colunas fundamentais, sendo estes: os palhaços, os trapezistas e os animais.

No entanto, acredito que essa mudança de conduta esteja relacionada às transformações culturais e tendem a se estabilizar no futuro. Como apontado no capítulo ‘O percurso histórico do circo’, o circo vem resistindo, transformando-se e reinventando-se ao longo dos anos. Nesse sentido, acredito que ele irá se adaptar de alguma maneira com essa nova realidade, podendo favorecer, por exemplo, uma maior valorização dos artistas e dos números que exijam maior esforço e dedicação, propiciando uma mudança de cultura nessa direção.

Portanto, o circo enfrenta atualmente um período de transição em que acontecimentos inesperados acabam por desestabilizar situações antes dadas como certas. Nos termos de Zittoun (2004), essas transições podem acompanhar eventos mais amplos da sociedade como no caso apontado e que são sentidas como rupturas no fluxo regular da experiência do indivíduo; em contra partida, são ocasiões propícias para o desenvolvimento individual, ao envolver aquisições de habilidades e construção de novos significados. Conforme aponta Guimarães (2010), o ser humano, ao compartilhar experiências com o outro, e mais, ao buscar compartilhar os sentidos dessa experiência, acaba realizando um movimento de descentramento que leva à construção de novidades para si e para aqueles com quem convive (p.15). Nessa direção, acredito que se a imposição de retirar os animais do picadeiro se mantiver, os circenses encontrarão novos caminhos para continuarem alegrando e encantando os que apreciam essa modalidade de entretenimento, “pois quem vai ao circo não vai ver – salvo raras exceções – este ou aquele artista. Vai ao circo. Vai ver e rever o gênero circense” (Ruiz, 1987 p. 13).

Segundo o construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, a noção de desenvolvimento está profundamente relacionada à compreensão de que as transformações são inerentes às nossas relações no mundo, ou seja, o desenvolvimento se caracteriza como um processo contínuo de transformações do indivíduo em interação com o seu meio. Portanto, por essa perspectiva, podemos afirmar que tudo se transforma ao longo do tempo, mostrando-se sempre diferente do que era antes.

Nos relatos de C.K., A.R.P. e L.E. emergem momentos nostálgicos ao trazerem fatos do passado assim como a angústia relacionada à insegurança quanto ao futuro do circo. Essas questões relacionam-se à noção de temporalidade que, de acordo com Simão (2010 p. 2) é “uma experiência humana que implica construção de pluralidade de significados contextuais traçando relações entre circunstâncias de vida passadas, presentes e futuras”. Nesse sentido, a temporalidade apresenta-se como um instrumento de organização temporária para as construções de sentido relacionadas às inevitáveis mudanças que ocorrem nas vidas dos indivíduos no decorrer do tempo, ajudando-os a minimizar as tensões e as inquietações do momento presente. Essa temática é uma questão fecunda para a Psicologia, uma vez que, o indivíduo lida cotidianamente com a angústia que a imprevisibilidade do

que está por vir representa em sua vida e com o fato de que o seu percurso pessoal é irreversível no tempo (Valsiner, 2001).

Ao optar por trazer alguns dos elementos descritivos do cotidiano circense, espero ter podido em alguma medida despertar a curiosidade de algumas pessoas, contemplar a de outras ou até, quem sabe, desmistificar alguma ideia equivocada que possa existir com relação ao circo e aos seus integrantes.

Acredito honestamente que, em grande parte, é o desconhecimento que faz gerar estranhamentos em nossas relações com o outro, uma vez que em razão das dificuldades que costumamos ter inicialmente, ao tratarmos com o que não estamos acostumados a lidar cotidianamente, tendemos a não aceitar de imediato o que nos parece diferente.

E como é diferente o Circo!

É neste cenário de diferenças que me permito convidar o leitor, assim como pesquisadores - psicólogos ou não - a adentrar e a deixar-se tocar por esse universo.

Como imaginado inicialmente, o circo de fato mostrou-se um rico campo de pesquisas, em virtude dos variados temas que emergiram durante meu contato com os circenses e mediante suas curiosas histórias de vida, permitindo assim a compreensão de aspectos relativos às atribuições de significados e às relações eu-outro nesse singular contexto cultural. Em contrapartida, o olhar para o circo pela perspectiva teórico-metodológica do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia, propiciou que eu compreendesse as relações eu - outro em um processo de viver itinerante, com um lar em constante movimento e em um espaço que envolve, ao mesmo tempo, a família, a arte e o trabalho.

Os encontros com os integrantes do circo participante desta pesquisa, foram valiosos por suscitarem novos questionamentos de pesquisa e sobretudo, por me reaproximar desse universo que me é agradavelmente familiar. Esse processo permitiu que eu repensasse e ressignificasse minha própria experiência como circense além de ampliar minha auto-compreensão como psicóloga e pesquisadora.

Acredito que esse tipo de pesquisa possa possibilitar: novas reflexões sobre os conceitos oriundos do construtivismo semiótico-cultural em Psicologia e sua aplicabilidade em populações itinerantes; a utilização do recurso fotográfico no contexto da pesquisa em Psicologia; o contínuo debate sobre o mundo circense,

levando-se em conta as dificuldades enfrentadas pelo circo atualmente e que foram apontadas por alguns entrevistados.

Essa investigação abre possibilidades para novas pesquisas na área relacionadas, como por exemplo, as questões culturais visando à construção de novos conhecimentos no que tange a populações específicas, como no caso dos circenses, e para o entendimento dos universos semióticos-culturais de pessoas e sociedades, focalizando, em especial, pessoas que possuem hábitos diferenciados da sociedade envolvente e sedentária pois, no circo, embora eles não tenham moradia fixa e, por um lado, possuam hábitos diferentes dos habitantes das cidades; por outro lado, dependem dos cidadãos para apresentarem seus espetáculos, mantendo frequente contato com os moradores dos lugares por onde passam. Este trabalho também buscou explorar a elaboração de sistematizações teórico-metodológicas que possam nortear reflexões e ações sobre a construção de sentidos e os fenômenos psicossociais.

Este estudo aponta desdobramentos para novos projetos sobre circo em psicologia, como por exemplo, as questões relacionadas a efetividade da forma de estudos das crianças circenses, e também sobre um possível modelo de atendimento psicológico que dê conta de lidar com os conflitos e o sofrimento psíquico dessa e de outras populações itinerantes, mediante a possibilidade do psicólogo adequar modelos pré-existentes de acordo com suas possibilidades de ação dentro do contexto do circo e da Psicologia.

Com essa pesquisa, espero ter contribuído para o conhecimento acerca dos aspectos do cotidiano do circo, para a compreensão das relações eu - outro e das construções de sentidos tanto sobre o circo como sobre o que é ser circense à luz do construtivismo semiótico-cultural.

Nesse sentido, estudos sobre o circo podem auxiliar a Psicologia na compreensão de processos semiótico-culturais, ao nos permitir compreender como seus integrantes organizam os significados, propiciando a emergência de uma ideia preliminar em direção a um possível estudo a respeito das demandas de acompanhamento terapêutico ao circense, na medida em que pudemos perceber que o cotidiano dessas pessoas é atravessado por tensões, por um lado semelhantes às vividas pelos não circenses e por outro, bastante específicas, como as discutidas neste trabalho.

Uma importante contribuição que essa investigação promove é a concepção do pesquisador também como participante da pesquisa, apontando para a relevância de, em outras pesquisas, serem incluídas as representações simbólicas do próprio pesquisador com relação ao seu objeto de estudo.

Aspectos importantes não puderam ser contemplados neste momento, como por exemplo, os relacionados às dimensões da afetividade, temporalidade, estética e da subjetividade no contexto circense, por demandarem outros direcionamentos de análise e estudos aprofundados. Espero que esta investigação possa instigar outros pesquisadores na construção de novos conhecimentos, tanto nas direções apontadas quanto nas inúmeras possibilidades que o universo do circo oferece, como forma de proporcionar ao leitor o conhecimento de novas perspectivas sobre os fenômenos psicossociais.

REFERÊNCIAS

- Andrade, J. C. S. (2010). *O teatro no circo brasileiro. Estudo de caso: Circo-Teatro Pavilhão Arethuzza*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Angelo, F. H. B. (2009). *Corpo e subjetividade: um estudo sobre o processo de criação na Escola Nacional de Circo/FUNARTE*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.
- Bettoi, W., & Simão, L. M. (2002). Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem desejável na formação do psicólogo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 613-624.
- Boesch, E. (1991). *Symbolic action theory and cultural psychology*. Berlin-Heidelberg: Springer-Verlag.
- Bolognesi, M. F. (2003). *Palhaços*. São Paulo: Unesp.
- Bolognesi, M.F. (2010). *O circo na história: a pluralidade circense e as revoluções francesa e soviética*. Repertório: Teatro e Dança, v. 15, p. 11-16.
- Bosi, Ecléa (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia*. Ateliê Editorial, São Paulo.
- Castro, A. V. de (2005). *O Elogio da Bobagem - palhaços no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos.
- Conselho Federal de Psicologia Recuperado em 1 de março de 2013, de http://www.crpso.org.br/portal/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_011-12.aspx
- Constituição da República Federativa do Brasil*. (1978). Lei 6.533 que dispõe sobre a regulamentação das profissões de artistas e de técnico em espetáculos e diversões. Recuperado em 2 de fevereiro de 2013, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm
- Constituição da República Federativa do Brasil*. (2006). Projeto de Lei nº 7.291 dispõe sobre o registro dos circos perante o Poder Público Federal e o emprego de animais da fauna silvestre brasileira e exótica na atividade circense. Recuperado em 4 de fevereiro de 2013, de <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=329678>.
- Constituição da República Federativa do Brasil*. (2012). Projeto de Lei 3.543 que visa garantir aos filhos de artistas de circo, na faixa de 4 a 17 anos, cuja atividade seja itinerante, vagas nas escolas públicas ou particulares. Recuperado em 4 de fevereiro de 2013, de

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=538930>

- Duarte, R. H. (1995). *Noites circenses – espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Editora Unicamp.
- Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar, Curitiba, n. 24, p.213-225 Editora UFPR.
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. (5a ed.). Curitiba: Editora Positivo.
- Fraser, M. T. D., Gondim, S. M. G. (2004). *Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. Paidéia 14 (28), 139-152 Universidade Federal da Bahia.
- Góes, M. C. R. de (2000). *A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade*. Cadernos Cedes, ano XX, n.50.
- Guimarães, D. S. (2007). *Intersubjetividade e desejo nas relações sociais: O caso dos jogos de representações de papéis*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. SP.
- Guimarães, D. S. (2010). *Articulações e implicações da noção de perspectiva no construtivismo semiótico-cultural para a compreensão das relações eu-outro: possível diálogo com o perspectivismo ameríndio*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. SP.
- Hammack, P.L. (2010). *The cultural psychology of Palestinian youth: a narrative approach*. Culture & Psychology 16 (4), 507-537.
- Ide, R. M. (2005). Uma análise das diferentes noções do cooperativismo na perspectiva construcionista. *Psicologia & Sociedade*; 17 (2): 70-78 Porto Alegre.
- Ide, R. M. (2006). Sobre as possibilidades de efetivação das cooperativas no cotidiano: uma aproximação construcionista. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 9, n.2, pp. 1-13 PUC São Paulo.
- Lewin, K. (1951). *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Louro, G. L. (1999). Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 9-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Madureira, A. F. do A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.

- Magnani, J. G. C. (1998). *Festa no Pedaco – cultura popular e lazer na cidade*. Editora Hucitec Unesp. São Paulo.
- Neiva-Silva, L. N., & Koller, S. H (2002). *O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia*. Estudos de Psicologia. 7 (2), 237-250 Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Novelli Júnior, J. B. (Coord.) (1980). *Circo paulistano – arquitetura nômade*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artística, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea.
- Pantano, A. A. (2007). *A personagem palhaço*. São Paulo. Editora UNESP.
- Pimenta, D. (2003). Antenor Pimenta e o circo-teatro rosário: uma história do circo-teatro no Brasil. Dissertação de Mestrado. ECA/USP. São Paulo.
- Ruiz, R. (1987). *Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Inacen
- Silva, E. (1996). O circo: sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado.
- Silva, E. (2003). *As múltiplas linguagens na teatralidade circense. Benjamim de Oliveira e o circo-teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. SP.
- Simão, L.M. (1998). Interação verbal e construção de conhecimento. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Simão, L. M. (1989). *Interação pesquisador-sujeito: a perspectiva de ação social na construção do conhecimento*. Ciência e Cultura. Revista da Sociedade Brasileira para o Congresso da Ciência. 41 (12): 1195-1202.
- Simão, L. M. (1992). Interação verbal e construção do conhecimento: aspectos do diálogo pesquisador – sujeito. Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília, v. 8, n. 2, p. 219-229, 1992.
- Simao, L. M. (2002). A noção de objeto e a concepção de sujeito em Boesch. In L. M. Simão, M. T. C. C. de Souza & N. E. Coelho Junior, *Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch* (pp. 87-96). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Simão, L. M. (2004). Semiose e diálogo: para onde aponta o construtivismo semiótico-cultural. In Souza, M. T. C. C. (Org). *Os sentidos de construção: o si mesmo e o mundo*: 13-24. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Simão, L. M. (2004). Alteridade no diálogo e construção do conhecimento. Em: L. M. Simão e A. M. Martinez (Orgs.). *O Outro no Desenvolvimento Humano – Diálogos para a pesquisa e a prática profissional em Psicologia*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 29-39.
- Simão, L. M. (2010). *Ensaio dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Sousa Junior, W. de (2008). *Mixórdia no picadeiro: circo, circo-teatro e circularidade cultural na São Paulo das décadas de 1930 a 1970*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
- Spink, P.K. (2003). *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *Psicologia & Sociedade*; 15 (2): 18-42.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: A sociogenetic approach to personality*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (2001). Comparative study of human cultural development. Madrid. Fundación Infancia y Aprendizage.
- Valsiner, J. (2006). Dangerous curves in knowledge construction within psychology. *Theory and Psychology*, 16 (5), 507-612.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies*. Los Angeles: Sage Publications
- Xavier, G. C & Santos, A. A. O (2009). *Exclusão escolar e a criança de circo*. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v3, n.2, p. 118-129.
- Wertsch, J. V. (1991). *Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action*. Cambridge: First Harvard University Press.
- Zittoun, T. (2004). Symbolic competencies for developmental transitions: the case of the choice of first names. Published in *Culture & Psychology* 10(2), 131-161.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semi-estruturada

Roteiro de perguntas-guia

- Como é ser alguém de circo?
- Você se sente diferente por isso?
- Fale sobre o seu cotidiano. O que faz?
- Qual é sua relação com as pessoas de fora?
- O que acha que as pessoas de fora pensam sobre o circo e os circenses?
- Como vê o mundo fora do circo?
- Já pensou em sair do circo?
- Gosta do que faz?

APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com M.C.A.

Idade: 36 anos

Data: 04/05/2012

01 Suara - Então, eu gostaria de saber de você como é que é viver no circo.

02 M.C.A. - Já tá gravando também?

03 Suara - Já.

04 M.C.A. - Ah! Tem que gostar muito Suara, a vida nossa aqui é cansativa, é um horário... é bom... uma área que a gente qué compartilhar com todo mundo que vem aqui. Então é gostoso, não é ruim não. Tem que se apaixonar pelo circo mesmo.

05 Suara - Você está aqui há quanto tempo?

06 M.C.A. - Olha, se tiver 17 anos eu tô mentindo, deve ter uns 16, 16 anos, de sair, eu saí 7 vezes daqui e voltei.

07 Suara - Como é que você veio parar aqui no circo? Sua família era de circo?

08 M.C.A. - Não, eu entrei numa cidade do interior do Rio, eu entrei como soldador.

09 Suara - Por que você entrou?

10 M.C.A. - Eu entrei porque... por querer conhecer o mundo também. Eu falei: “Ah! O pessoal viaja muito, eu vou conhecer”.

11 Suara - Mas você já conhecia o circo antes?

12 M.C.A. - Não. Não, aí o primeiro circo, eu entrei no circo como soldador, depois eu... me ofereceram um trabalho melhor porque eu tinha conversa né? Entrei como secretário, é... tipo... office boy. É office boy que a gente fala, catador de papel aqui do circo.

13 Suara - Como assim, catador de papel?

14 M.C.A. - Pega documentação, leva na prefeitura, leva no fórum, no bombeiro, dá entrada no pedido de alvará. Aí, dali, fui aprendendo a fazê secretaria. Aí virei secretário do circo também, aprendi fazê praça, arrumá terreno, fechá contrato pro circo, pro circo estrear na cidade.

15 Suara - Mas você me falou que nunca tinha ido antes num circo, por que que você pensou: “Eu vou lá”?

16 M.C.A. - Eu tava cansado daquela vida lá na cidade.

17 Suara - Como é que era a vida lá na cidade?

18 M.C.A. - Ah! É... muito amigo, muita bagunça; então ou você estudava, ou ia ganhar dinheiro. Então eu preferi ir trabalhá e ganhá dinheiro.

19 Suara - De que cidade você é?

20 M.C.A. - Rio Bonito.

21 **Suara - Onde é que fica?**

22 M.C.A. - É pra frente do... do Rio de Janeiro, Niterói, Manila, lá pra frente, passa a ponte Rio Niterói.

23 **Suara - Então, hoje você se considera circense?**

24 M.C.A. - Ah!... Eu tô, tô, tô querendo já sair fora, já.

25 **Suara - Ah! É? Do circo?**

26 M.C.A. - É.

27 **Suara - Como assim?**

28 M.C.A. - Eu me candidatei a vereador numa cidade, então tô, tô pra sair agora.

29 **Suara - Qual é a melhor parte de trabalhar no circo?**

30 M.C.A. - A melhor parte? Depois que estréia.

31 **Suara - Depois que estréia?**

32 M.C.A. - É.

33 **Suara - Por quê?**

34 M.C.A. - Porque depois que estreou, a parte ruim é a parte da mudança, que você tem que desmontá, carregá, guardá os material, chegá lá, montá de novo, levantá e botá tudo no seu devido lugar. Então... se a gente não deixa, uma coisa num acaba, tem direto.

35 **Suara - E depois que estréia, seu trabalho basicamente...**

36 M.C.A. - Não, aí já acaba. Vou pra propaganda, depois vou pra documentos, então algumas coisas mais eu tenho que fazer .

37 **Suara - E como é que é viver no circo, a vida do circo?**

38 M.C.A. - Do circo?

39 **Suara - É.**

40 M.C.A. - ... É uma coisa que vamo supor, você tá numa, aqui é um bairro... como se fosse um bairro, uma cidadezinha pequena, então a gente... no horário nosso depois das 6, a gente vai conversa com um, vai ver filme, sai pra fazer alguma coisa; mas tem que tá aqui no horário do espetáculo, que é as 8 e meia, sempre, né? Então acaba as 9 horas, 9 e meia acaba isso já.

41 **Suara - E durante o dia vocês fazem o quê?**

42 M.C.A. - Durante o dia? Trabalha, faz propaganda, fica dirigindo, perdido na cidade. (Sorri).

43 **Suara - Quer dizer, vive em função do circo?**

44 M.C.A. - É.

45 **Suara - Como é que é dormir no circo, acordar no circo, fazer as refeições no circo?**

46 M.C.A. - Não... é gostoso, que você sai, você come o que você quer também, faz o que você quer. Então, o circo dá comida, eu parei de comer no circo e faço em casa, então eu quero comer alguma coisa, vou lá, compro, faço.

47 **Suara - Você mora... você tem um trailer?**

48 M.C.A. - Eu tenho, eu tenho, eu moro no apartamento do circo. (Sorri).

49 **Suara - Onde que é o apartamento do circo?**

50 M.C.A. - Na frente, que é bilheteria e meu quarto. É casa de solteiro, sabe como é que é, né? É tudo bagunçado, (risos) tudo jogado.

51 **Suara - (Risos). Como que é a sua relação, assim, com o pessoal de fora do circo? Como é que vocês chamam as pessoas que são de fora do circo?**

52 M.C.A. - A gente chama de... não, tem um pessoal que chega novato no circo, a gente chama "lóca de praça", "lóca de praça", "lóca de praça".

53 **Suara - Como?**

54 M.C.A. - Lóca de praça.

55 **Suara - Lóca de praça?**

56 M.C.A. - É lóca de praça, porque é assim, é o pessoal que não entende, não sabe o que acontece. Que se vim uma ventania, e vim um temporal, a pessoa não vai sabê.

57 **Suara - Mas isso que você tá falando, são as pessoas que vêm fora pra trabalhar no circo, só na praça?**

58 M.C.A. - Isso, isso. Então, a gente sabe que vem um temporal, um temporal se vim forte memo, isso aqui cai. Nada que segura. Então a gente já faz um... chama... "pau de morto", deitado e socado com pedra. A natureza vem rancando tudo – não tem essa. Então a gente já põe um negócio bem forte; mas se vim muito forte memo, 200 km por hora, arranca.

59 **Suara - Arranca?**

60 M.C.A. - Arranca, cai.

61 **Suara - E se vem assim, você já passou por isso?**

62 M.C.A. - Já, mais num caiu... só a praça de alimentação, lá em Jundiá .

63 **Suara - Mas foi em hora de show ou não?**

64 M.C.A. - Tava entrando gente já. Mandamo o pessoal tudo entrá num túnel assim, pra fazer... A última mulher que saiu com uma criança caiu. Eu ia desce pra tirá ela e a criança, mais aí eu olhei assim, na hora... até eu chegá nela, dá tempo pra ela subi primeiro que eu. Aí eu vi que ela tava subindo, que o vento chacoalho a lona, ela entrô embaixo do túnel, aí caiu duas torre.

65 **Suara - Nossa!**

66 M.C.A. - Mais veio com granizo com tudo.

67 **Suara - E esse lóca de praça, eles não sabem?**

68 M.C.A. - Não sabem. O público mesmo, a gente... em primeiro lugar, a gente trata como se fosse um parente nosso, entrando aqui, né?

69 **Suara - E aí, ainda tem desses lóca de praça que vêm e vão embora com o circo?**

70 M.C.A. - Tem.

71 **Suara - Tem ainda?**

72 M.C.A. - Acha que é fácil, é só chega aqui e montá, depois num guenta, né? É pesado.

73 **Suara - E como é que é a sua relação com as pessoas de fora do circo?**

74 M.C.A. - Então, a gente trata eles como um parente nosso, distante.

75 **Suara - Não, não. Mas por exemplo, você sente algum preconceito por ser de circo e as pessoas de fora assim... Como é que você acha que as pessoas de fora vêem as pessoas que trabalham no circo?**

76 M.C.A. - É assim, a gente, a gente pro público é uma estrela. É como se fosse, a gente... assim uma pessoa bem vivida, famosa também. Então eles vê a gente assim, e isso a gente sai do circo, vai morar na cidade, aqui caba tudo, né? Aí apaga a estrela, aí a gente num tá mais... num é mais aquilo, então caba tudo. O pessoal a gente... até que eles num têm diferença não, eles trata a gente também bem.

77 **Suara - E você chega a fazer amizade?**

78 M.C.A. - Faz... eu tenho amizade de 5 ano já aqui. Aqui em Osasco, não (Ele se engana e corrige), aqui em Guarulhos e Osasco e Niterói, e todo lugar que vou, tem amizade.

79 **Suara - Então, você não sente preconceito das pessoas?**

(Neste momento o rapaz da sonoplastia aumentou bastante o som. Como começou a atrapalhar a entrevista, M.C.A. chamou um senhor para que o mesmo pedisse que o rapaz do som o abaixasse).

80 M.C.A. - Não, não.

81 M.C.A. - Ô, Tiozinho, pede pro Negão ali esperar um pouquinho ali. Ô, Ô, Coroa (risos), ô Coroa faz um favor pra mim ali. Espera aí, tá, Suara?

82 M.C.S. - Ô, Negão! Ô, Negão, baixa um pouquinho aí, Negão.

83 **Suara - Se você quiser nós vamos pra outro lugar.**

84 M.C.A. - Não tem como, chegou gente.

85 Senhor - Só isso, M., só isso?

86 M.C.A. - Fala pra ele baixá um pouco ali, pede ali. Fala que tá gravando um negócio aqui pra TV.

87 M.C.A. - Fala. (Dirigindo-se a mim).

88 **Suara - Então, você não sente preconceito assim... de fora?**

89 M.C.A. - Não, não.

90 **Suara - É... Quando vocês chegam na cidade, como que você acha que é o olhar das pessoas?**

91 M.C.A. - Ah! Eles fica interessado em saber como é que vai... como é que é... da onde se é... fica... trata super bem.

92 **Suara - Então ainda tem assim, um fascínio, né?**

93 M.C.A. - É.

94 Suara - Aí você falou que você tá pretendendo sair, você acha que você vai se adaptar?

95 M.C.A. - Não, eu já... eu me adapto sim, porque lá eu tenho amigos também, né?... Mais do que aqui, né?

96 Suara - Mas, que tipo de vida você pensa, por exemplo?

97 M.C.A. - Ah! A vida minha, voltar à vida normal, aqui não é vida...

98 Suara - Com horário fixo, essas coisas?

99 M.C.A. - Isto. É.

100 Suara - Você já falou que você já saiu sete vezes, né?

101 M.C.A. - Sete vez.

102 Suara - Quando você saiu, você foi pra outro circo?

103 M.C.A. - Não, não. Eu fui pra esta cidade mesmo: Ribeirão Preto; Jardinópolis – chama a cidade.

104 Suara - E você já sabe assim... quando que você pretende parar?

105 M.C.A. - Agora, acho que daqui uns quatro mês, né? Cinco mês. Num penso voltá mais não.

106 Suara - Sério?

107 M.C.A. - Chega já, né? Já tô com trinta e poucos ano, trinta e uns (risos).

108 Suara - E como é que é assim, nas viagens?

109 M.C.A. - Ah! É gostoso é... Antigamente era bom, agora a gente já tá acostumado, então não é mais aquilo. Então... já... virou rotina.

110 Suara - Você já trabalhou... como artista?

111 M.C.A. - Ah! Eu fui... balancei o trapézio umas vez, mas saí fora. Não quis mais não.

112 Suara - Balançar o trapézio é o quê?

113 M.C.A. - É... treiná pra fazê alguma coisa, sê “portô”, que fica pegando o pessoal lá.

114 Suara - É o “catcher” né, que eles falam, que fica deste lado daqui?

115 M.C.A. - Não sei se é “catcher”, é o que fica sozinho: “portô”.

116 Suara - Ah! Tá, tá.

117 M.C.A. - Aí eu peguei os... o dono falou assim: “Ó, M., você vai fazer secretaria e aí vai ficá ruim pra você fazê trapézio, então é melhor você fazê secretaria, que cê vai ganhá mais”. Aí eu saí; fui fazê secretaria.

* (Nesse momento, o rapaz do som aumentou o volume novamente).

118 M.C.A. - Ôôô, Negão? Tá gravando aqui, Negão! Ô, Negão?

119 Suara - Ele não tá muito preocupado, né?... E assim, você já trabalhou em outros circos?

120 M.C.A. - Hã?

121 Suara - Já trabalhou em outros circos?

122 M.C.A. - Trabalhei no M. F. Foi onde... Eu também sofri um acidente também lá: machuquei a vista, né? Aí depois fiquei um mês, vim embora e voltei pra cá.

123 **Suara - Como foi o acidente?**

124 M.C.A. - Foi em cima do trio elétrico lá, eu soltando rojão na estréia lá...

125 **Suara - Sério?**

126 M.C.A. - Aí, explodiu uma caixa assim ni mim, ó!

127 **Suara - ã-hã.**

128 M.C.A. - Aí fui pro hospital. Fiquei quatro dias, fiquei um mês fora, depois voltei.

129 **Suara - E você trabalhou quanto tempo lá?**

130 M.C.A. - Trabalhei... acho que cinco mês, seis.

131 **Suara - E aí você voltou pra esse circo, então?**

132 M.C.A. - É.

133 **Suara - Você saiu sete vezes e voltou pra este mesmo circo?**

134 M.C.A. - É.

135 **Suara - E assim, o que é que te faz voltar pra este circo?**

136 M.C.A. - Ah! A amizade do dono, né?

137 **Suara - Vocês são bastante amigos?**

138 M.C.A. - É. Eu evito um pouco agora, porque... se fico perto dele, tem serviço, aí já... tô me afastando dele já.

139 **Suara - (Risos). Como é que você acha então? Você falou que as pessoas de fora enxergam o circo assim, de uma forma normal e tal?**

140 M.C.A. - É.

141 **Suara - É... Como é que vocês chamam? Por exemplo: a pessoa que não é de circo, chama o de circo, de circense. Como que vocês chamam as pessoas que não são de circo?**

142 M.C.A. - Não de circo?

143 **Suara - É.**

144 M.C.A. - Ah! Num tem como... é... igual eu falei: chega aqui pra trabalhar, é lóca de praça no começo, né? Então...

145 **Suara - É, mas...**

146 M.C.A. - Não sendo de circo? É... não tem como... é ... eu ia falá... a gente não é normal também... a gente é circense; eles num é... é da cidade... não tem como.

147 **Suara - É, então é interessante, porque eu fico pensando nisso às vezes: como é que é... quem tá aqui e quem tá de fora? Como é que um vê o outro?**

148 M.C.A. - Então, a gente chega na cidade, a gente vê o pessoal diferente, vamô vê... Igual Santa Catarina... O pessoal lá tem uns que são hospitalar, tem uns que não, sabe? Tem uns que é arrogante, uns que não...

149 **Suara - Sempre tem?**

150 M.C.A. - Sempre tem. Então a gente trata a pessoa do jeito que ela é pra sê tratada. A gente aprendeu isso também. Você me trata bem, você vai sê tratada melhor. Então... é assim.

151 **Suara - Mas, por exemplo, chega a fazer amizade assim de ir na casa da pessoa?**

152 M.C.A. - Ah! Sim. Chamá pra fazê um churrasco; muitas vezes chamaram a gente já.

153 **Suara - E as pessoas te perguntam assim, como é que é morar no circo, essas coisas, ou não?**

154 M.C.A. - Não, pergunta... A gente fala tudo isso aí: aqui como é que é, a viagem, é... o temporal, é... montagem... desmontagem...

155 **Suara - Fala sobre as viagens. Vocês geralmente viajam mais longe, mais perto... Conta pra mim: como é que é?**

156 M.C.A. - Mas mais longe é melhor.

157 **Suara - Porque que é melhor?**

158 M.C.A. - Demora chegar lá. (Risos).

159 **Suara - (Risos).**

160 M.C.A. - Mais pertinho é ruim, que você vai rapidinho, já chega. Aí num...

161 **Suara - Então cê tá me falando que o legal é a estrada?**

162 M.C.A. - ã-hã.

163 **Suara - É isso que você acha legal ?**

164 M.C.A. - Eu viajei... Uma vez foi... 800 km.

165 **Suara - Com o circo?**

166 M.C.A. - Com o circo. Brasília, e depois, Santa Catarina.

167 **Suara - E vocês, vão todos juntos assim?**

168 M.C.A. - Não, não. Aí vai pingado, perdido. Um pega suas coisas, vai embora...

169 **Suara - Mas tinha um tempo que iam todos juntos, não tinha?**

170 M.C.A. - Tinha. Agora não tem mais.

171 **Suara - Por quê?**

172 M.C.A. - Na época dos bichos, né? Que tinha que tá os bichos tudo junto.

173 **Suara - Os animais?**

174 M.C.A. - É. Aí cabô, cabô isso aí.

175 **Suara - Sério? Mas não tem uma coisa assim de, se tiver acidente, essas coisas, na estrada?**

176 M.C.A. - Não.

177 **Suara - De um ajudar o outro?**

178 M.C.A. - Não, isso aí ajuda mesmo, isso aí ajuda.

179 **Suara - Então, antes de sair vocês combinam de... pegar tal estrada, por exemplo?**

180 M.C.A. - É.

181 **Suara - E tem mais amizade ou inimizade no circo?**

182 M.C.A. - Dentro do circo?

183 **Suara - É. Como é que é isso?**

184 M.C.A. - Eu vou falar a verdade. É igual um bairro, quando um vizinho não dá certo com o outro: sai uma fofoca, um fala mal do outro, um é falso com aquele lá. Tem uns que se dá bem, então... é desse jeito. É igual uma... é igual cê tá em casa: cê briga com o irmão, depois cê tá cum... brigado com o vizinho; o outro lado da rua tá brigado com aquele fulano...

185 **Suara - E como é que resolve isso?**

186 M.C.A. - Não! Fica assim!

187 **Suara - Não resolve?**

188 M.C.A. - Não. Fica... alguns são metido. Então tem uns que tá... tem o rei na barriga, né? Sempre tem.

189 **Suara - E isso reflete no trabalho?**

190 M.C.A. - Não. Cada um se põe no teu lugar, mas, sempre tem isso aí.

191 **Suara - E na hora de trabalhar, é normal, é tranquilo?**

192 M.C.A. - Uh-huh.

193 **Suara - Legal. Tem mais alguma coisa que você queira comentar, conversar?**

194 M.C.A. - Não. Manda um abraço pra turma que vai assisti você lá.

195 **Suara - (Risos). Obrigada!**

Após esse momento, entrego a câmera fotográfica a M.C.A., para que ele possa tirar suas fotografias. Ele me olha e diz:

196 M.C.A. - Então vamos lá fora, pois aqui dentro não tem nada a ver comigo.

197 **Suara - Me fala a história da primeira foto.**

198 M.C.A. - A primeira foto, foi onde eu fico sozinho, fico mais a vontade. Então, ali eu faço o que eu quero, mando, desmando. Então, é onde eu me ponho ali, entendeu? A outra, a bilheteria ali, que eu... também... é, a minha amiga trabalha ali, eu fico por aqui prestando atenção, e a saída aqui é quando eu for embora. É o caminho de pra ir e num voltá mais. (Risos).

199 **Suara - E a outra foto, você tirou quatro fotos?**

200 M.C.A. - Não, eu tirei aqui... a frente do circo só, mais pra... uma coisa aí pro pessoal de vocês vê como é que é a nossa... a nossa vida aqui. A gente, chega essas hora, não tem nada pra fazê, fica... sem nada... sem pensá. Então, a saída é pra ir embora, a última foto que eu tirei.

201 **Suara - É, legal.**

202 M.C.A. - O caminho de casa. (Risos).

203 **Suara - Muito obrigada!**

204 M.C.A. - Nada...

Após a entrevista, M. comentou comigo o quanto está insatisfeito com o salário que recebe no circo. Diz que trabalha cada vez mais e que recebe sempre a mesma coisa.

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista com C.K.

Idade: 71 anos

Data: 05/05/2012

01 Suara - Há quanto tempo a senhora está no circo?

02 C.K. - Em el 79... já son 33 anos. Nunca a gente pensou que vamos ficar tanto tempo, porque chegamos assinar o contrato de só de dos anos.

03 Suara - Mas lá, a senhora já trabalhava em circo?

04 C.K. - Normal... nasci em circo! Somos de generaciones de mãe, pai. Meu marido também era... era como se chama... hã... de generacione com cavalo, com carneiro, ursos.

05 Suara - Como chamava o circo?

06 C.K. - K. se chamava. Sólo que... até cinqüenta quatro “ejos” tiveram circo, meu marido com suo pai no? Tuveram circo até cinqüenta quatro, depois entrô comunismo e pegaram tudo. Pegaram tudo, tudo. Coleram animales, absolutamente tudo. E a gente... “ejos” se quedaron como empleados del Circo de Gobierno. Agora, nós... a gente trabalhava no circo K. e passamos automaticamente, como se fala? Na circo de governo. E eu, naquela época, tenia... catorze años no? Nasci em quarenta uno, em cinqüenta quatro tenia quatro años, no? Hã... catorze años. Y quando eu me casê com el, foi já dezoito. A dezoito años me case com el.

07 Suara - A senhora conheceu ele no mesmo circo?

08 C.K. - No. Na circo de pai de “ejos”. A gente trabalhô... era em circo mas pequenos... Meu pai também intento um año, a minha tia também... como era cirquinhos mais pequenos. Sólo que circo mais sério foi el circo de K., família K. E até senhor T., seguro que “ascutou”. El trabalhô em circo de, de K... e ainda tem um livro escrito, ele fez sua vida, no? Y lembro, y naquel libro que quem trabalhava no circo K. tenía... como se chama?... Oportunidade de salir pa fora, porque... son números de boa, estrutura, tência el circo, no?

09 Suara - O senhor T. é .. húngaro?

10 C.K. - É... bom, ele... El disse que é húngaro, yo... yo sê que tantos anos viu la Rumenia, mas pode ser que de origem húngara, no? Pode ser, no? Como eu também. Minha mãe era húngara e meu pai era checo, sólo que a gente nasceu todos em Romênia. Nascimos todos así, igual com os meus netos que nasceram aqui, pai é brasileiro, mãe é rumena, a criança o que é? Nasceu aqui, brasileiro. Así se fala no? (Risos). Bom... y nós tuvimos aqui um grande sucesso porque... hã... senhor O. Imagina que el “mais 2 años, mais 2 años”. Ficamos com ele dizeseite años, depois separamos e...

11 Suara - Dezesete anos no O. O.?

¹² C.K. - Dizesete anos no senhor O.O.. E depois de quatro anos fui pra Argentina, e não sei que aconteceu, que faliron. E así a gente trabalhô muito pouco tempo na... B. C. Só três meses e depois chegamos aqui. E minha filha A. se caso com Sr. B. P., segunda senhora de el.

Agora, que posso falar de nostra vida? No é fácil. No é fácil. A verdade é que quando é tempo muito bonito, quando tene um lugar muito bonito você é outra persona. Agora, quando a gente pega lugares donde tá (risos) chuva, lama, (risos)... eso no é fácil. Así que acho que... é muita gente pergunta: “E porque vocês fica em circo?” Porque acho que esa coisa que sempre você se muda, é... agora é melhor, agora é melhor, agora é pior. Sempre você tem aquela esperança que você vá a outra ciudad MELHOR (risos)... E así vai pra frente, no?

Depois a gente ensina seus filhos. Eu faço parte de outra generacion, no? Eu já tengo setenta um anos, no? Trabalhei até cinqüenta seis años, ainda pulando na cavalo, fazendo número de avión. Até cinqüenta seis año. Isso é, como se chama? Uma coisa muito... uma RARIDADE, (risos) porque... em general hã... se retira muito mais cedo, as personas de fazer. Passa pra outra coisa, vai domadora de cachorinho, vai fazendo outra coisa em lo picadeiro, faz menos, no? Assistente, no? Como tengo minha neta eu ensino... em general, no? Ensinê los filhos e los netos tambien. Tem aquel menina que tá com malabares, com los pies com bola...

¹³ **Suara - Ela é sua neta?**

¹⁴ C.K. - Quatro años ensine ella. Agora tenho outra netinha, que também estoy ensinando é... o trabalho com monociclo, parada de cabeça. Vamo vê que dá! Porque, a gente no obriga... no é uma obligacion que vá se lá de circo..., no é. Cada uno faz que quer, pero em general, quen nasce dentro de circo (risos) quere fazer... coisa de circo, no? Meu marido por exemplo, ele aprendeu e ele estudou dois años de faculdade de engenharia mecânica. Aquel avión que tá em picadero, é feito de el...

¹⁵ **Suara - Sério?**

¹⁶ C.K. - A idéia é original, tudo é feito dele. Porque el sempre adorô estas coisas de inventar las coisas. El ônibus, tambien é feito de ele. No existe outro ônibus como esse daqui. Existe em la América aquelas coisas que son muito bonitas, muito elegante tudo, sólo... sai um pedacinho pequeno, choca outro carro acabô. Esse no. Esto tá (risos) uma cosa... uma coisa pesada, pero uma cosa muito firme. El sempre adorô esas cosas... y ... como falê mãe, pai, queria que sigue ser engenheiro, no? Depois de dois años ele falô – “No quero mais. Eu voy segui a minha tradição”. El foi muito bom na acrobacia no cavalo, é muito bom, foi em todo o que el fez. Fez cama elástica, aquela que parate na cúpula. Trabalhô em avión comigo, e na cavalo, no? Toda família... é, mas o menos essa es nostra vida.

17 Suara - Com quantos anos começa a ensinar as crianças?

18 C.K. - Bom, depende de que você vai colocar pra fazer. Cada um tene sua... é, como se chama? Su opinion. Por exemplo, na ginástica “ejos” pega criança de las seis años. Solo que vida de ginastas é muita curta, muita curta. Já na vinte cinco, vinte e seis años, já no compete mais, porque já... cada vez tá... no póde fazer mais, chegar naquele topo que era, como Nadia Comaneci (Comunichi). Ela foi... fora de série, no? Tambiem tênia vinte e quatro año, já ela no... era mais para competir. Sólo apresentava umas cosas dela... así... é circo. As personas precisam até se aposentar (risos), no é verdadi? Así que a crianças, a gente no... no judia (risos). Por exemplo, myas netas, começaram com cavalo na cinco años. Sólo que coisa muito fácil, nada de coisa que você vai quebrá os manos, as pernas os ossos, no. Parada de cabeça por exemplo, a minha filha que tá casada com B. P., ela foi muito boa paradista de cabeça, na trapézio. Ela começou na catorze año. Por quê? Eu já tô já... já experiência de meu pai, que el começo a nosotros de sete años, oito años e a minha hermana já na quarenta año, já no agüentava mais. Así que já dexou esse número porquê, a coluna afeta muito. Quando você tá criança, num tá desenvolvida ainda tua, tuo, teu corpo, tua coluna, no? Así que só, como fala? Son unos números que podem... começar mais cedo, otros menos, mais tarde.

19 Suara - A senhora começou a trabalhar com quantos anos?

20 C.K. - Já tava no picadero na cinco años. Sólo fazia com meu pai coisa de acrobacia. Essa que pai segurava na mano, segurava em cima fazendo espacate, coisinhas só... era deitada na chom, me pegava de perna, levantava lá em cima, lá de baixo, coisas mais fáciles... Depois nos sete años comecei cavalo também, tênia um pônei pequeno, no? Nas sete años...

21 Suara - Era isso que eu queria saber. Quando começa ensaiar criança no cavalo, é um poneizinho?

22 C.K. - É... mais pequeño sí, sí, sí. Sólo que depois, eu passei na um cavalo, era tão alto que no chegava lá em cima (risos). Así...

23 Suara - (Risos). E como é que é parar, depois de tudo isso, parar de se apresentar no picadeiro?

24 C.K. - Como?

25 Suara - Como é que é parar, depois de trabalhar tanto tempo no picadeiro?

26 C.K. - Verdade é que no é fácil. Sobretudo é costume, no? Devagar, devagar... eu entrava na B. em picadeiro como “partner” e dava todo meu corazón... Recebi tantos elógios de, a todo mundo, quando chegava gente: “Senhora, no entra mais em picadero?”. Precisa entender que meus ossos também tá sofrendo, porque você quando entra lá, você dança, você fica e depois (risos)... pode ser... no sê. Pode ser você quando se afasta completamente, pode ser que é mais fácil, ficar em casa, no? Como dona de casa, sei lá.

Pero cuando se está em picadero, treina... dor sempre em seu coração, quando ascuta música. Tudo isso...

27 Suara - Ainda hoje?

28 C.K. - Ainda hoje, que sí. Tem esa coisa ascuto música del avión tudo. Era meu número, todo mundo gostava muito, porque... afinal, tudo é... é... amor pra essa arte. El amor. Certo, dinero é importante. É importante tambien você gana, no se quê. Sólo que, el amor é também... Sem amor... sem gostar... Eu acho em tudo, no é verdade? Muita gente trabalha em uma coisa num gosta. Você precisa passar... num lugar onde você gosta. Até essa coisa, eu falei minha vida, não pensei que eu voi conseguir vender... para público. E hoje em dia toy vendendo... e me sinto muito bem... porque...

29 Suara - A senhora esta vendendo o quê?

30 C.K. - Pipoca. Pipoca e batata. E... tengo tanto amor, que sea tudo bonitinho, que sea tudo fresquinho, como era em picadero. Así que por eso falo, precisa tener amor pelo que você tá fazendo. No é verdade? (Risos).

31 Suara - E amor no próprio estilo de vida também, né? Como a senhora estava falando... Por que às vezes é difícil, às vezes é mais fácil...

32 C.K. - É difícil, solo que você sempre pensa... Ah! Mañana vá será mejor, no é verdadi?

33 Suara - Qual é a melhor parte de morar no circo?

34 C.K. - A melhor parte?

35 Suara - É.

36 C.K. - Eu acho quando você chega num lugar (risos). Quando tudo tá no seu lugar. Porque última semana no é muito boa essa parte. Você precisa colocar tudo dentro, tudo fica sujo, imundo, (risos). Chegas a outro lado, começa a fazer a limpeza, parece que começa de novo... a outra vida. E também você tem essa sensación, no se si otros lo tem, eu tenho até hoje em dia, quando se desarma el circo, da aquela dor hã... que parece que nunca se vá levantar de novo. Y... se levanta, no? Porque esta é vida de nosotros, no?

37 Suara - Vocês nunca pensaram em sair do circo? A senhora nunca pensou em parar?

38 C.K. - Sí pensei. Sólo... a minha terra é Rumênia e eu tengo la dois apartamentos. Tengo la hermanas, duas hermanas. Minha mãe faleceu esso mês de janeiro agora e... pai também faleceu mais tempo atrás. Tengo hermanas, e podia voltar, tengo uma muito boa aposentadoria. Solo... aqui tengo los filhos. Isso também... eu tengo aqui sete netas, netos aqui, sete, e três está em Estados Unidos, porque tengo uma filha que se casô com brasileiro e fueron pra lá.

39 Suara - Mas trabalham em circo lá?

40 C.K. - Trabalharon em circo, agora de uns sete años, a minha filha se retirô, tá trabalhando como é... tá costurando coisas de ropa de circo, de lycra e bordando, na Circo

de Soleiy. Ela tene um... muito bom talento, é muito... porque também... vai olhar pra ela, já tene cinqüenta años... no é uma menininha...

41 Suara - Sua filha?

42 C.K. - Essa que tá na América já tene cinqüenta. Agora tengo outra que aqui tá fazendo a rola- rola, ela tene quarenta, também são números com muito perícólo. Também precisa pensar que pode fazer mais depois, no? Porque nessa idade não é fácil. Agora deixa aqui todo mundo, minha família, como se diz, no? É difícil, é difícil. Podia viver dentro de apartamento tranqüila, uno apartamento tá alugado, outro podia viver dentro muito tranqüila, no? Solo essa, essa coisa de ter, de ter os filhos, netos, no deixa (risos) corazón. Pode ser que um dia a gente vá parar. A minha filha tá com seu marido em Campo Limpo, tene um chácara, em centro de Campo Limpo. Tene chácara, tene a casa, tene terreno. Pode ser que um dia a gente fica parado num terreno e... nós ficamos cinco meses uma vez. Quebrô uma cosa em motor de ônibus e ficamô cinco meses, é... no fue fácil (risos).

43 Suara - É, por que não? Como é que é ficar parado?

44 C.K. - No fue fácil porque, a gente sempre pensa em los filhos, sempre pensa na la aparelho. El aparelho de avión precisa tener um manutenção, que só S. meu marido, sabe de essas coisas... É, quando chegamos depois de cinco meses já... la asa, la bomba del avión que tene um disparo, já tudo era acabado, tudo era... precisa você... em cima. Também tava unas cosas electricas que no correspondiam mas, no, no andava mais las icas, aquelas los ventiladores. E que precisa tener, la mia filha sempre fala – “Vem pra Campo Limpo, fica tranqüila lá”. Ela chega aqui solo sábado e domingo porque a criança, tene dois crianças, que son nascola, no? E vai ficar parados? Meu Deus! E vou pensar em otros também que se quedan aqui, no? No se cuando voy parar, pode ser sola (risos). E meu marido também, el fala: “Yo parado? Num só lugar? Así me voy pra casa, vivo dentro de apartamento.” E digo: “Você vai viver nada, dia intero? Agora foi para comprar tambien unos ferros, no se quê. Dia entero fica poco, poco, poco, poco, poco. Así que no apartamento, você vai fazer uma coisa esa? Pára! Que te joga fora de lá (risos). A gente teve casa... muito grande solo que...

45 Suara - Onde, aqui no Brasil?

46 C.K. - Em Rumania. Sólo que tiraron lo... época de comunismo, eles já chegaram fazer um centro cívico alá, onde está nostra casa, muito bonita casa... tiraron y deron apartamento para nosotros, daí aluguel. Una coisa muito poca, coisa que valor de casa pagava imposto de meio milion, deron oitenta mil para minha sogra e dois apartamentos... gente e... aluguel. Una injustiça no acha? (Risos). Sólo que vai tudo bom, no importa! Tudo passa. Tudo que passo, passo, no? E... aquela casa era muito bonita, pero asi fue... levaron y pronto.

47 Suara - Em que ano foi isto?

⁴⁸ C.K. - Quando levaron era... en oitenta quatro quando levaron. Primeiro cinqüenta quatro fue los circo, depois em oitenta quatro pegaron los casas porque, fazer um grande centro cívico. Até eso para ver como soy... no me siento... Depois nós compramos los apartamentos, trabalhando aqui a gente mandava dinheiro e compramos apartamentos hã... e acho que pra meu país aquele lugar onde estava nostras casas, que era oito mil famílias que “ejos” tiraron, fez um centro cívico... lindo, com unos edificios direita, esquerda, lá... Estes balcones cheios de flores, porque lá na nostra terra tem concurso até de melhor rua, com melhores... como se chama? Plantas e flôres. Eu soy orgulhosa de essas pequenas detalhes, porque quem chega para ver, é um país pequeno mas um país lindo, no? E mais agora, é los estrangeros chega e tá investindo em el país. Apesar que tô pensando, puxa vida, você vai querer uma cosa de tu tierra rumena, tene solo los chinos, solo los árabes, esto já no gosto muito. Ah! Tudo bom, eso aí já outra cosa (risos).

⁴⁹ **Suara - Qual foi a última vez que a senhora foi para lá?**

⁵⁰ CK - En el 2007.

⁵¹ **Suara - A senhora vai sempre? Sente saudades? Como é que é?**

⁵² C.K. - É si voy. Voy mas para ver a mia mãe, no? Agora é mais fácil, no precisa nem andar até lá, porque las crianças... yo no se mexer en essas... bom, porque a gente já vê a ... pessoa essas cosas, así que mas fácil ainda. Tengo uma hermana en la Austrália.

⁵³ **Suara - Sério? Que cidade que ela está?**

⁵⁴ C.K. - Em Perth.

⁵⁵ **Suara - Mas trabalha em circo lá?**

⁵⁶ C.K. - Ejós... el comienzo quando ejós chegaron lá, era asi para popular Austrália. No tência muita, muita gente. E... ejós pagaron no solo el passage pra lá, marido de Polônia e mia hermana rumena, ejós se conoceron em Alemanha y como se chama? Se casarón e foram pra lá, no? Pra Austrália. Deron tudo, começando com la faca, coler, apartamento, tudo. Sólo que no podia salir dentro de cinco años de lá... Y trabalhando, ejós trabalharon em circo... alá tem muito poco circo, no tem tanto circo como aqui, tanto circo. Ejós abriron un academia de esporte, hoje tem duas já.

⁵⁷ **Suara - Sério?**

⁵⁸ C.K. - Muito bem, tá bem.

⁵⁹ **Suara - Lá nessa cidade, em Perth?**

⁶⁰ C.K. - Exacto, em Perth. Tene alunos e é lindo muito lindo, que ejós já hoje em dia tene professores. Já no é só ejós dois quando começaram. Así que tudo... também precisa ser... eu acho também que depende de persona. Yo por exemplo, chegue na conclusa que a gente precisa viver a dia de hoje. Quem sabe que vá ser amanha, no? Agora otras personas gusta gastar tudo, no tem nada. Tá errado. También otros que segura, no tá bien, así que precisa ser sempre...

61 Suara - Equilíbrio.

62 C.K. - Equilíbrio, agora pra mim no precisa. La verdade é que a gente realizou tudo o que a gente queria, no? En nostra vida, na final o que você quer? Mas um artista de circo que tene uma boa casa, um bom carro, um bom trailer. Esso é, que em general nunca tem (risos).

63 Suara - Por que será que em geral nunca tem?

64 C.K. - (Risada) Porque tudo é caro... tudo. Um bom camión é muito caro, em comparason com quanta ganha la personas. É dificil comprar, no é fácil. E depois também... você viu, voy falar porque no... no é para no falar. A mia neta, tengo uma neta que no esta em esso circo. Salíron de aqui a trabajar em outro lugar, em outro circo. Ejós foram dois años em Alemanha, trabalharon muito, chegaram com dinero, compraron um terreno pra casa, compraron um lindo camión. Ainda estava aqui, nesse circo. Ejós vivem... mãe e pai de menino vivem em Campo Limpo, no? Em Campinas. Fueron com camión para Campinas, minha neta no estava com ele. Chegaron quatro com armas, lo tiraron, lo colocaron na chon, pegaron lo carro e levaron. Como se chama? Son uma cosas que a gente fica muito triste, e muito amargado.

Bom, a gente entende também, nós chegava, tência era cinqüenta milhones de populacion, hoje em dia é cento... sessenta, mas o menos así... Eso que nun tem esa control de natalidade. Não é fácil para país, no é verdade? Para dar trabalho para tudo mundo? E aqui vem los ladrones, cosa de droga, coisa de... mãe e pai que teve cinco, seis filhos, no tem como criá-los. Essa é la verdade. E acho que em todo lado tene essas problemas, no é só aqui, no e só aqui. Eu amo Brasil, como será mia, mia, como se chama?

65 Suara - Pátria.

66 C.K. - Mia pátria, porque chega aqui de trinta e três anos...

67 Suara - (Risos).

68 C.K. - Mais um poco vai ser a metade mia terra, metade aqui, no? E dá dó, da dó muitas vezes vendo unas cosas que acontece. Mas vai fazer o quê? Você no tem como se chama, de força de...

69 Suara - Impotente?

70 C.K. - No tem... exacto. No tem poder, também para fazer bem pra todo mundo. É impossível, no? É impossível, fazer quê?

71 Suara - Como é que é o dia a dia da senhora no circo, assim, quando acorda, quando... como que é a rotina?

(Neste momento desculpei-me pois, por estar distraída com a entrevista, acabei não tomando o café. A senhora C.K. lamentou dizendo...).

72 C.K. - Você deixou esfriar...

73 Suara - É que está tão bom o nosso bate-papo...

74 C.K. - Hum... eu levanto oito meia... e... depois dessa primeira coisa, que eu voy comprar pão, que yo no soporto comer pão de outro dia (risos).

75 **Suara - Sério? Todo dia a senhora vai comprar pão?**

76 C.K. - Todo dia eu voy comprar pãozinho, depois de essa, em general... agora quando começo eso frio, a gente parou poquinho, porque criança ficaram todo com tosse, com... Dez a onze meia tá ensaio, tá ensaiando com... com essa que tá com a monociclo...

77 **Suara - Sua neta?**

78 C.K. - Essa neta.

79 **Suara - A senhora que ensaia ela?**

80 C.K. - Eu ensaio ela, e meu marido faz os aparelhos.

81 **Suara - Todo dia a senhora ensaia?**

82 C.K. - Esto é en general todo dia, agora, depende de situación, no? Quando tem vários espetáculo no da. Já cheguei com ela a fazer cosa (virando-se para a escada) já esta escada de la tercera, tá pulando já, subindo até lá em cima. Tene doze años, no? Ela tá batendo as duas bolas, a gente tá buscando coisas... pra menina que no é trabalho de menina, é trabalho de... homens. Sólo que eu acho, que sempre precisa en circo renovar las cosas, que público vai gostando. Depois de essa... é hora de fazer comida, no? Na... uma como é que se chama? Uma hora é sempre santo (risos).

83 **Suara - (Risos). O almoço?**

84 C.K. - Quando no tem almoço pronto... já meu marido chega lá... Você chegava com dez minutos antes, vai ver sujo, imundo, e... chega de lá de atrás, que me mata. Toda a casa aquel chero de solda. Que chega: "Ascuta, meu estomago tá fazendo escândalo".

85 **Suara - (Risos).**

86 C.K. - Eu digo, tá pronto (risos). É... e a gente come, no? E depois, sempre de tarde tem coisa. O voy na cidade, adoro de andar. Nossa! Me parece andando na cidade parece que... a minha liberdade na rua (risada) porque todo dia vai, lavo, passo, tem tapete que tá sujo. No suporto tapete sujo. Coloca lá em cima de caixon e dale, dale. No é fácil pra mim porque, essa mano mia já tá... yo caí de la... armário e quebrô, como se chama? Las... no... no é músculo... é...

87 **Suara - Tendão?**

88 C.K. - Tendão. Aí eso es. Sólo que precisava operar. Primero custa muito caro e segundo, falei para meu marido eu nunca, yo nunca voy ensaiar bailarina mais picadero. Quanto tempo... yo posso trabalhar sem me molestar, yo no vay fazer nada e por quê? A minha filha fez operación, foi onze mil reais senhora, e ela tem dor. Solo yo no mexia a mano, hoje em dia o já voy até em cima, aqui já... começa a doer um poco. Faço o que eu posso fazer. Sempre tengo, antigamente eu adorava muito, como se chamava? Bordava las ropas de picadero, crochê, o pullover, tudo eu fazia. Agora hoje em dia los olhos tá dando problema,

vai óculos, no dá com óculos começa... mareia... e depois... a tarde passa tan rápido, tambien tá vendo aro de mia neta? Sempre toi buscando aros. No é muito pequeno, é muito grande. E... outra coisa, também antigamente adorava ler. Por culpa de esses olhos também no dá de ler, e... também tô olhando, como se chama? Adoro um bom filme, mas de vida, no de essas... de... ficcion estas cosas.

89 Suara - De guerra?

90 C.K. - Ainda que guerra... muitas vezes a gente vá olhar, sempre tá na história, na história de Hitler, história de tanta gente... no? Mussolini, esto tudo faz parte... yo era pequeña naquela época, eu peguei a guerra, no? Yo nasci em quarenta uno, e nós tivemos guerra até em quarenta sete, até quarenta cinco, así que como se chama? Essa cosa de história, gosto, e também la vida de los animales, a gente sabe coisas... A gente que tá pesquisando... sabe muito mais, e a gente more sem saber nada.

91 Suara - É verdade.

92 C.K. - No é verdad? (Risos). No sabe tudo, no sabe tudo. Que mais?...

93 Suara - Qual que é a parte ruim de morar no circo?

94 C.K. - Acho que a única coisa, quem gosta de circo, a parte eso, é só quando é lama, la miséria, nada mais. Só essa parte, que é mais, que é mais difícil em circo.

95 Suara - Lama e chuva?

96 C.K. - Lama e chuva e quando começa aquele vento. Você fica apavorado, fica de joelho pedindo - "Deus essa chuva"!

97 Suara - Porque o vento é um perigo para o circo, né?

98 C.K. - É, é. Quando começa a chover já todo mundo fica mais calmo, sólo que eu sempre penso em outra gente, que vive lá, na muro, quanta como se chama? Desgracia pra todo mundo, no?

99 Suara - Deslizamentos...

100 C.K. - Ai, ai. Muitas vezes a gente... nós olhamos na... na canal la Sky e é... noventa oito, onde é a verdade é que é Band, Band News, a gente só tá olhando e só coisas... só desgraça. Às vezes não queres ni...

101 Suara - Nem ver mais.

102 C.K. - Nem ver mais. Pero também, precisa ver. As veces passa coisa de nostra terra, outro mundo, no? Porque nós trabalhamos muitos años em Europa, no? Em várias lugares. Em Europa e no solo em Rumênia.

103 Suara - Como a senhora acha que as pessoas de fora, que não trabalham em circo... como vêem as pessoas de circo, em todos os países onde a senhora já foi?

104 C.K. - Bom... el circo... tem personas...

105 Suara - Tem algum preconceito, alguma coisa?

106 C.K. - No. Quem gosta de circo é uma parte da população, no? Que adora el circo. Agora você vai ver também la situacion del país. Agora, agora, eu me lembro quando que antigamente chegava na circo monte...

INTERRUPÇÃO - Neste momento uma senhora entrou no circo e nos perguntou sobre o espetáculo e o preço das entradas.

107 ? - Queria saber sobre como que é esta coisa de dez reais?

108 C.K. - Como?

109 ? - Dez reais.

110 C.K. - Todo dia é nove e noventa.

111 ? - Mas é tudo criança isso?

112 C.K. - Tudo.

113 ? - Ah! Tá. Não, porque eu liguei e era quarenta reais.

114 C.K. - No, isso foi show de fora. Agora, espetáculo de circo, agora é nove e noventa.

115 ? - Ah! Então tá bom. Só pra saber, porque antes era mais caro...

116 C.K. - E isso que ia falá, são personas que tene quatro, cinco filhos é difícil de chegar em circo. Agora, pra circo também é muito difícil com aquel dinerin, quando... esse dineiro já junta, paga todo mundo. Onde está el terreno? Onde está el luz? Onde está el água? Que tá com miles... depois de dois meses três mil gasto de água. Muito caro, el terreno também, um absurdo. Pra isso no pode cobrar só nove e noventa del comienzo, é impossível, no?

117 ? - Eu até falei assim: Ah! Se cobrasse pelo menos... porque desde que chegou aqui meu menino que... estuda ali, - "Mãe eu quero ir no circo! Mãe eu quero ir no circo!". Eu falei: "Eu vou ligar lá". Ele não paga, ele tem cinco anos, mas a gente paga quarenta.

118 C.K. - No, até três.

119 ? - Aí o marido quer vim, eu quero vim, é oitenta reais, né?

120 C.K. - No é cinco, é três años. Depois de três años paga.

121 ? - É?

122 C.K. - Si.

123 ? - Então, mais no caso, então acho que ele era vinte e cinco na época, porque as vizinha lá tudo queria vir também. Aí eu falei assim: Ah!...

124 C.K. - Passa que existe, existe um espetáculo, agora no sem tem no tem, domingo até dez años a criança no paga. Sólo que essa, essa coisa son de organizadas, por essa semana, no se. Sólo que a mãe, pai, paga, normal.

125 ? - Sei. ã-hã.

126 C.K. - E tambien no nove e noventa, quando ya así, mãe paga mais, a criança no paga. Así que... mais é a mesma coisa.

127 ? - Eu falei assim: “Até uns vinte reais, o seu pai, mais eu, mais vinte, quarenta. E você? Mais vinte. Nem ia sê tanto porque chegam aqui eles querem comer, né? “Ai eu quero batata”...

128 C.K. - Certo, certo.

129 ? - Mais... nossa eu amo essas coisa assim. Quando chega na cidade.

130 C.K. - Tá vendo senhora? Esso que ia falar. Quem gosta circo, é uma pequena parte. E mais a parte mais carente que adora circo. E não tem... todo muito possibilidade de chegar, porque todo mundo tá pensando: “Esse aí é pra comida, ou esse aí é pra”... Um exemplo, meu avión, tinha fogo. Quando eu cheguei, bujão de gás era cinco cinqüenta, quanto é hoje senhora?

131 **Suara - Acho...**

132 C.K. - Quarenta oito, eu paguei até quarenta oito reales... bujon de gás, que em quatro dia, uma fogo desse tamanho, quatro de dia acabô.

133 ? - A última sessão é que horas?

134 C.K. - É... até sexta feira, que é hoje já, hoje é oito meia. Agora manhana já é três, cinco, sete meia, oito.

135 ? - É, se eu vim eu venho hoje a noite, já tinha que comprar o ingresso?

136 C.K. - No, você chega na hora, porque já somo de muito tempo. Você encontra na hora.

137 ? - Tá bom, tá bom. Obrigada, viu?

138 C.K. - Thau. Tá vendo... eso queria falar. Agora la, la, la juventude. Vamo falá sinceramente, que gosto hoje em dia da juventude? Se junta, vamo na boate, na baile, vamo naquela lugares... sabe? Sabemos muito bem que acontece. Para segurar todo, nossa juventude é difícil. No vai lá, no pode, porque lá acontece así, acontece así. Aí, depois chegou na nossa... hoje... porque já acontece así, depois chegou nostra também, como se chama? Laptop, estas coisas de... que grava la todas coisas, essas coisas la música, monte de coisas elétrica, eletrônica que tá batendo em la cabeça de el.

139 **Suara - Do circo, né?**

140 C.K. - Porque você vai ver... eu quero saber quanta gente vai no teatro? No fala em ópera? Quem vai na ópera? Quem vai? A coisa mais linda que pode existir el ballet... e coisa... yo sempre me lembro porque na mia terra, a gente amava. Eu andava com... ía al teatro é outro mundo, porque tá, aquel teatro é tão limpinho, tan bonitinho. Você se sente muito bem, no? Agora, hoje em dia... a crianças não: “Voi ir na shopping, voy ir na McDonald’s, voy ir naqueles lugares”... Isso é la juventud de hoje. Ninguém no, no pensa: “Ai vamo ver un circo”, pra ver que de verdade... Que sucesso tem los bonecos? Que sucesso?... Pra essas crianças... puxa vida! Na final, que tá fazendo? Nada. Só tem aquela ropa, canta para la canta e chega o povo. La verdad esqueceron la beleza del corpo humano. Ninguém pensa quantos años tá ensaiando para chegar naquela perfeiçon... e

perícolo de todo dia. Así que no é fácil. El circo depois que tiraron los animales também piorou...

141 Suara - A senhora achou que piorou?

142 C.K. - Piorou sí. Muita gente chega e fala, porque fala uma coisa sincera senhora... ejos como el IBAMA... no fueron... no tem... para fiscalizar. No tem personal de fiscalizar aquel circo que tá judiando del animal. Aquel circo que no dá comida pra a animal, no... Botaron tudo mundo...

143 Suara - No mesmo pacote.

144 C.K. - No mesmo pacotinho, na mesma panela, como se fala. Tá erado. Quantos aviones? Quantos trem? Quanto caros? Todo dia more tanta gente... é verdade? Y no por isso parô el mundo. E caro se fabrica, avión fabrica, e así vai... Agora, alguém contô no, que no pode. Pelo menos el cavalo, que era la mais linda coisa de número de cavalo en picadeiro. Que até hoje em dia son gente que se lembra de nosotros. – “Ah, família del cavalo”. Cavalo, cachorinho, gatinho, son coisas que podia deixar. Pombo, um monte de coisas. Por que que na television aparece na Eliana esas coisas? Na Ratinho, por quê? No é discriminacion, esa coisa? Circo, porque alguém foi mais forte, no? Para tirar? Solo eso prejudicou muito nosotros, muito. No adianta! Son lugares onde uma criança nunca vio nenhum animal, tenia oportunidade quando chegava circo...

145 Suara - Para ver...

146 C.K. - Para ver el animal, no? Yo soy de acordo, porque eu tência empregado na limpeza de animales, estos dois ursinhos. Tência empregados e andava para ver todo dia, tá limpio? Porque ele no faz uma vez cocô, vai várias vezes. Precisa zelar, cuidar, no? Vocês no dá comida? Pelo amor de Deus! Um urso quando você no vai dá comida, te come em picadero. Você precisa dar comida mesmo (risos).

147 Suara - É.

148 C.K. - É... vamo fazer quê?

149 Suara - Como é que se chama as pessoas que não são de circo? Por exemplo: chega na cidade tem uma porção de gente que não é de circo, né? Do lado de fora. Como que a gente pode chamar estas pessoas? Como é que vocês chamam?

150 C.K. - A personas de fora?

151 Suara - É.

152 C.K. - No tem um nome especial... no...

153 Suara - Porque quem tá de fora, chama de... circense, né?

154 CK - Ah! Circense, é...

155 Suara - Daqui pra lá não tem um nome?

156 C.K. - Noooo!

157 **Suara - Então não tem?**

158 C.K. - No. No tem nome especial de... cada uno no....

159 **Suara - E como é a relação que a senhora acha, das pessoas de fora do circo com o circo?**

160 C.K. - Ah!... Son muitas personas que adora circo. Per exemplo, eu nunca tive problema na rua. Eu quando trabalha cavalos com mia família, porque eu no era muito pintada como mias filhas, todo jovenes queria pintar aquela pintura. Quando a gente andava junta, andava la pizaria, no existia... parava la gente, me tocava. Falava – “Oh senhora de família... falava quantos filhos? Yo tônia só três, porque a quarta menina era una menina que yo leve de Rumenia para ser quatro meninas. Que nós dois éramos seis na cavalo, e... no existia... depois de años a gente voltava e falava – “Senhora del cavalo.”

161 **Suara - Lembrava?**

162 C.K. - Lembrava. E a minha filha: - “Ma como todo mundo sabe de você?”. Filha, yo sempre fui uma, pintura é... bem suave, nunca gostei é... de ser así... como hoje em dia. Eles pintam com unos colores... que parecem unos macacos, digo pelo amor de Deus! (risos).

163 **Suara - (Risos). Parece que é outra pessoa.**

164 C.K. - Outra, completamente otra persona no? Yo, yo nunca tive problema falar – “Ah! É de circo? Nunca... Primeiro coisa que em minha terra também, começaram, precisava estudar, no existia ninguém, como se chama? Que no estuda. Precisava estudar e... trabajar, estudar e... no podia falar que yo... porque qualquer de aqui é um ignorante, no, no existe esta cosa. Agora, nossos filhos também, ellos precisam estudar. Agora, é verdade, eu tengo neta que é muito bom de cabeça, tengo uma neta que tá... no tá muito bem de cabeça, anda... faz devagar, lê pior que la outra. Eso tambien (risos) depende de la persona, la persona, no?

165 **Suara - Mas elas estudam?**

166 C.K. - Estudam.

167 **Suara - Aonde que elas estudam?**

168 C.K. - Agora... a problema, a problema é justamente esa cosa con lo... de estudar con lo circo. Por exemplo, ellas foram para pegar la papel, a una... onde esta la praça, no tem uma escola así? Diagonal?

169 **Suara - Si.**

170 C.K. - Uma escola así colorida?

171 **Suara - De esquina?**

172 C.K. - Exato. É... la que a gente vai embora. Fomos pegamos el papel, eles ficaram mais uma semana. Tá vendo? Agora pára de novo, vai pra lá, faz outra papelada que é sempre

um poco de problema com esas cosas de acompanhar la... Solo que... solo no tem nada a ver, ellos precisam estudar. Vai qualquer ciudad.

173 Suara - As escolas então aceitam a criança para ficar um mês, dois?

174 C.K. - Tenemos um mês, uma semana, tenem obligacion de pegar.

175 Suara - Sério?

176 C.K. - Porque tenemos uma lei... que tá aprovada, no? Que ellos... precisam receber la criança. No tem cadera? Precisa pega cadera (risos).

177 Suara - Mas como que ela faz prova, passa de ano, essas coisas?

178 C.K. - Faz. Faz, faz normal como todo mundo.

179 Suara - E ela não estranha?

180 C.K. - No... no que estranha, é... no tene nem tempo de fazer amigos (risos). A gente vai tan rápido a veces. Você fica só um mês, nu dá, até que se adapta no... já... a gente vai embora. Antigamente sí, a gente ficava três, quatro meses, era muito bem. Hoje em dia, como não tem muito público, sempre precisa sair, otra ciudad, outra esperanza (risos). Porque sempre, primero dos semanas é melhor, e depois, vai caindo la movimiento, no? Sempre...

181 Suara - Qual que é o tempo máximo que chega a ficar na cidade, senhora?

182 C.K. - Bom, já tenemos dois meses aqui. Agora fala dois meses ficamos, em general ellos ficam dos, três semanas, dos, três semanas... e mais... el no faz esta cosa, son circos que ficam quatro dias nada mais, e vai embora... já. Esso sí, isso é muito difícil, mudando de quatro em quatro dia... é triste mesmo... é triste. Porque você ni se acomodô já de novo... carega mala, decarega mala (risos).

183 Suara - (Risos).

184 C.K. - (Risos) Ah!...

185 Suara - Vocês já estão se preparando para ir agora né, a senhora já...

186 C.K. - Sí pero, pero já era quase, quase pra juntar tudo e depois falaram no, no. E nós ficamos mais uma semana.

187 Suara - Uh-huh.

188 C.K. - Así que...

189 Suara - Que dia que a senhora vai viajar? Agora domingo?

190 C.K. - Pode ser... no? Em general yo voy o antes, agora soy em uma posicion muito mala... precisa tirar tudo de aqui para poder voltar, o andar pra trás, subindo así. Porque precisa tirar tudo de aqui. En general, o soy primera, o última...

191 Suara - Hum.

192 C.K. - Porque el menino que me leva, el... el vá levando el circo, e depois leva nosotros. Porque meu marido já... el tene setenta seis años e já com la vista, já con...

193 Suara - Ele não dirige?

194 C.K. - Já, a gente não deixa ele dirigir, porque ele sempre... “vamos, vamos, dice: passamos” Ah! Eu precisava levar a direita, andamos aí eu precisava... Ah!, no. Minha filha falô – “Papai, você tá zero, acabou”. Así que no deixamos el mais...

195 **Suara - Então ainda não sabe o dia que a senhora vai?**

196 C.K. - No. Pode ser que... terça feira, pode ser... Esse depende só de ejos.

197 **Suara - E lá, estréia quando?**

198 C.K. - Sexta feira.

199 **Suara - Na sexta. E a previsão é ficar também um mês?**

200 C.K. - Como falo, depende de como vá...

201 **Suara - E quando que vocês voltam novamente para Guarulhos?**

202 C.K. - Ah! No sê quando... Yo tengo neta, esta que tá ensaiando monociclo, ela nascio aqui, na Estela Mar.

203 **Suara - Sério?**

204 C.K. - Nasceu na Estela Mar...

205 **Suara - Nossa!**

206 C.K. - Era gordinha, gordinha ...

207 **Suara - (Risos).**

208 C.K. - Aqui nasceu...

209 **Suara - Ah! Que bonitinha.**

210 C.K. - A gente a donde vai, lá...

211 **Suara - É... não tem como, né?**

212 C.K. - Tengo neta nascio Colombia, otra neta nasceu Argentina (risos).

213 **Suara - (Risos).**

214 C.K. - Otras Estados Unidos nasceron (risos), aqui em Brasil...

215 **Suara - Vida bonita, né?**

216 C.K. - É... eu como falo, a verdade é que precisa... amar teu lugar. E esa coisa, eu tenho muito trabalho com meu marido, el adora inventar las cosas... só que el no entende que no pode sujar toda a casa. Pprecisa ficar em sua esquina lá en su... tem lá... atrás tem su tajer. Não... el chega com tudo dentro, pisa cima de tudo... Ah! Vai fazer que? Essa é...

217 **Suara - A senhora se sente livre assim no circo, trabalhando?**

218 C.K. - Eu acho que... lá, lá... acho que la coisa mais livre possible. Porque... esa coisa de... la gente que... tá, trabalha na fábrica, fica, que hora levanta? Trânsito, vá... quando volta... tantas horas perdidas...

219 **Suara - Não vê o sol, né?**

220 C.K. - Pero sua vida, no é verdade? Son muita gente, no vê nem seu filho... só perto de la cama (risos). Así que nostra vida eu acho que... una vida bonita... também você, vocês...

hã... quando vai ver un ciudad dá um dó no coração, son ciudades... son de você se apega... eu sei lá... de um lindo parque... que a veces está... el centro de ciudad, a gente... no que son solo coisas... son coisas ruim também, no?

221 Suara - Sim.

222 C.K. - Por exemplo... onde vamos agora una otra ciudad, tivemos problema. Entraron em la E., los ladrones para robar e... a senhora de lá... apertô um boton e chegou a polícia na hora. Onde fugiram? Fugiron dentro de circo.

223 Suara - Foi esse tiro ali?

224 C.K. - Exato e começô tá, tá, todo lado a gente em picadero, todo mundo se jogô na palco... Meus netos sozinho lá... minha filha com meu genro pularon del palco, fugiron la, los ladrones de lado fugiron, entraron perto de carreta de ejos en dois lugares. Lá no entraron porque tem um grande cachorro... que se asustaron de cachorro e no entraron lá... pero imagina...

225 Suara - Que susto, né?

226 C.K. - Solo que sorte que ejos no tem arma. Quando chegou a polícia, a policia já foi perto de ejos... artistas já falaram tá lá, tá lá, e assim foram em cima de ejos... no fue... como se chama? Muitas vezes a gente pensa, se roba também... chega gente de fora, roba fio (risos).

227 Suara - Sério?

228 C.K. - Lo cabo, la... si... ferro... Só gente que... vende ferro... Verdade é que todo mundo precisa cuidar de sua coisa, vai faze o quê, no é verdade?

229 Suara - (Risos).

230 C.K. - Isto acontece, vai na... na apartamentos, vai em Rio, vai em todo lugar isso acontece essas cosas, no? No só em Brazile, toooodo lugar es...

231 Suara - E a senhora, vocês tem muitas amizades com as pessoas de fora assim... da cidade?

232 C.K. - Muito poco... Por exemplo, quando voy aqui encima na Dia, já me conocen – “Ah! Chegou senhora. Quanto tempo vai ficar?”. Lá na carne, lá na padaria, esos lugares onde a gente vai no, todo día, no?

233 Suara - Mas não dá tempo de fazer amizade?

234 C.K. - No... É impossível, impossível, impossível. Tem trabalho sempre né... é... vai fazer quê?... Esa es nuestra vida....

235 Suara - Mas se precisasse, a senhora faria tudo de novo ou mudaria alguma coisa?

236 C.K. - É... como se chama? Como... eu acho que no exista, a gente sempre faz, coisa erada no? No é que vai começar de novo, seeempre vai ser a mesma coisa.

237 Suara - Hum.

²³⁸ C.K. - Eu acho. Sempre vá ser a mesma coisa... eu acho... sempre vá ser a mesma coisa, sempre. Por exemplo, mia terra, todo mundo adora... como se chama? Son gente que tem aquela pé de meia, eu tenho pé de meia mia casa. Que aposentadoria que se junta, por que tengo possibilidade de trabalhar ainda aqui, e... a gente ganha aqui, no? Dá pensando assim muito pé de meia, já na mia idade, no é não. Eu quero uma... como se chama? Uma toalha bem bonita eu lo compro... Yo quero como se chama? Qualquer coisa de... pratos, de café, de sei lá, um... um tapete bonito, eu yo no, ai... no voy comprar. No... eu gosto de ter bonito, quando a gente pode, manhana, no é? Porque tenemos um exemplo aqui. Una senhora... que era... trabalhava na caixa... seu marido era... hã...como se chama...? Hã... levantava el circo, montava el circo. Ela sempre gostava muito de mi. Sempre falava muito pra mim – “Ai C. eu tenho tantas coisas bonitas, tapete, cortinas, cobre cama... aquelas... em cima de cama, tudo guardo lá, que um dia eu vou para”. Así você vai fazê igual que eu fez. Eu sempre sonhava volto pra casa, e nunca voltei. Pobrezinha, morreu ano passado... e tênia cinqüenta años...

²³⁹ **Suara - Nossa?**

²⁴⁰ C.K. - É nossa mesmo... Ela no aproveitou de suas coisinhas, no queria colocar dentro de trailer, e marido era así... tirá sapato. O meu no tira, no (risos).

²⁴¹ **Suara - (Risos).**

²⁴² C.K. - E nem así no me interessa (risos).

²⁴³ **Suara - (Risos).**

²⁴⁴ C.K. - Ni asi no me interessa (risos). Yo busco como posso, no? Hoje em dia... já de lá semana olhando para ônibus, que acabaram já mias janelas, precisa fazê otras já de alumínio, no? Ai tá sujo, tá imundo, solo que você agora com essa sujeira que tá aqui chovendo...

²⁴⁵ **Suara - Não vale a pena.**

²⁴⁶ C.K. - No vale, como se chama? Você vai notro lugar... até na ruta, chove. Você chega metade imundo (risos). Antigamente eu fazia... era chuva eu pegava já vassora com Omo e dale, dale, dale. Hoje em dia soy cansada também.

²⁴⁷ **Suara - Hum.**

²⁴⁸ C.K. - Soy cansada tambien. Tengo um poquinho problema na coraçon, é... insuficiência mitral. Disse que no tem remédio, no tem nada. Precisa cuidar, como é que se chama? Descansar mais, quem pode descansar? Ontem também fomos na ciudad, compramos agulhas para máquina de cozer. Subimos tooooda essa subida, laaaaá em cima... vamos... fomos na ciudad, paramos. A mia filha com neta queria açaí, elas adora essa fruta...

²⁴⁹ **Suara - (Risos).**

²⁵⁰ C.K. - Eu no quero, eu quero mi pastel (risos).

251 Suara - (Risos).

252 C.K. - Comi pastel, entramos em vários lugares para fazer compras. Este é nostro, como se chama? Divertimento. A gente se diverte. Olha lá ciudad, você senta, vai olhando pra todo mundo. Como core la gente. Aquela correria todo lado, para pan todo dia.

253 Suara - É...

254 C.K. - Ah! Son muitas coisa de falar, no é verdade?

255 Suara - É... muito obrigada Dna C.K.

256 C.K. - De nada, de nada...

Nesse momento eu já havia desligado o gravador para que ela pudesse tirar as fotografias, porém C.K. começou a comentar sobre o Sindicato e, por esta razão liguei o gravador novamente.

257 C.K. - El Sindicato de los Artistas, yo nunca conheci ejos, como yo no soy... no sê falar muito bem, nunca tuvo oportunidade de ver essa essa gente, no? Eu sempre falo: “Gente, precisa lutar. Pra quê?” Pra esso terreno. Pra circo, gente! Por que cada vez se levanta otros edificios, circo sempre chega jogado.

258 Suara - Vai ficando cada vez mais longe...

259 C.K. - Mais longe e... jogado. Quando pode existir um bom terreno... asfaltado, com banheiro.

260 Suara - Para receber o circo?

261 C.K. - Para receber el circo. Quando no está el circo, vai colocar estacionamento. Nunca vá perder, aquel lugar. Esso no pode fazer um particular, só... el tempo. Porque no luta para essa coisas? Você quer... que te pague melhor, el director de um circo? El no te vá pagar! Porque tene tanto gasto dessas otras coisas, que é normal que no podi... pagar, (risos) tengo razón, o no?

262 Suara - Sim.

263 C.K. - Esso precisa também. Lutar pra essas coisas. Essa gente que tem poder, no? De cuidar... essa era única coisa que eu... sempre falo essa coisa. Genti! Pela amor de Deus. Porque dá mesmo, você vai vir a genti, uno vive mais pa cima, água de lá, core pra outro lado, em todo lado precisa tener um terreno bonito. Esso aqui, isso aqui, vai em eléctrica, vai enchufando, exista. Eu trabalhei em la Alemanha, catedral era de lado de nosotros. Y el circo trabalhava de lado de catedral. Trabalhava num lindo terreno, com água, com banheiro, com luz. Se pode fazê unas coisas, ninguém vai falar vai ficar aqui perto de una igreja, mas tem tantas lugares que pode fazer uma coisa boa. Para mi? Yo já soy fora. Pra nova generacion que quiere ainda, que gosta ainda dessa vida.

²⁶⁴ **Suara - Mas é isto o que a senhora falou, a juventude está... parece desinteressada, né?**

²⁶⁵ C.K. - Tá, tá muriendo porque son muitas coisas, como se chama? Son muitas coisas eradas, no? De primera primeira para ser sempre num lugar... a gente entrava sempre na... na Carrefour. El Carefour tência sempre tereno para circo, lugares bonitas, tudo. Muito bom. Hoje em dia, tan caro que é impossível de entrar... impossible. A gente vive así, se mata... Quebra los camiones, porque esses lugares quando entra, quando sai, dá dó quando sai a camiones com tudo. Para sair fora, no es fácil, quebra tudo, por quê? Porque entra num lugar... que no tá adequado para um circo de este tamanho... é... muitas vezes... muitos falam - "Ah! Yo no quero mais saber, no se quê". Sei lá... Pode ser que eu sempre tuvo um amor muito grande... Minha mãe também, ela tremia quando entrava em picadeiro, ela nove de generacion de circo. Ela estudou quatro anho de Bele Arte, ela pintava muito bonito. Em cima de aquelas telas que se bordam e fez muitas, muitas pinturas, cópias fez minha mãe muitas coisa, e... ela adora isso. Depois quando se casou com meu pai... começou adorar el circo, chegaron los filhos, no tência tempo de pintar mais (risos) e... quando ela trabalhava aqui... essa por exemplo, esse número aqui (neste momento começou a me mostrar suas fotos) você vai ver. En todo eso sou eu, agora essa minha mãe, minha hermana, outra hermana. Esso número em cima dessa mesa, quando começamos era nós três depois entrô mia mãe. Cada vez quando se descia se fazia uma cosa de ballet.

²⁶⁶ **Suara - Uh-huh.**

²⁶⁷ C.K - Para descansar, no? Virava uma mano, todo mundo... levantava... no, ela já – "Ballet, ballet". Ela era tan séria (risos) com a gente, que a gente começava a rir (risos). Pai de baixo: "Eu mato vocês quando vocês sair" (risos). El nu gostava. Para ele também el picadeiro era uma coisa extraordinária de séria, entendi? É respecto... pra público, no importa que uma persona... Ai meu Deus, chegaram.

(Nesse momento seu marido chegou ao circo).

²⁶⁸ C.K - No importa que son dez personas, 100 personas, 1000 personas. Você entra, você precisa ser artista... lá dentro. E son pocas persona que... pensa como eu. (Risos).

²⁶⁹ **Suara – Hum.**

²⁷⁰ C.K - (Risada) Ai meu Deus, vai fazer quê senhora?

Após esse momento, solicitei que C.K. tirasse a foto. Ela ficou pensativa dizendo que não sabia muito bem o que fotografar. Reforcei que poderia ser de qualquer coisa ou lugar que lhe fosse significativo. Como estávamos sentadas ao lado de onde vende pipocas, ela me disse que aquele seria um bom lugar, pois era onde trabalhava. Contou-me que ela mesma

havia colocado um vaso com planta ao lado, porque gostava das coisas muito bem arrumadinhas.

Entreguei-lhe a máquina fotográfica e pedi que se sentisse a vontade. Ela então, solicitou que eu mesma tirasse a foto. Eu disse que não haveria nenhum problema. Ela se levantou e em seguida se posicionou também ao lado do mesmo local onde eu já havia fotografado. Em seguida perguntei se havia algum outro local que ela quisesse fotografar, e ele me disse que sua casa. A senhora C.K. também posou diante de seu ônibus.

No dia 19/06/2012, quando retornei ao circo para encontrar-me com dois participantes, entreguei-lhe uma cópia de suas fotos, e ela me disse:

²⁷¹ C.K. - Que boa lembrança, no?

Agradei novamente. Percebi que ela ficou olhando a foto o ônibus e perguntei a razão dela haver o escolhido para fotografar e ela me disse:

²⁷² C.K. - Normal, no? Sabes, meu marido nunca quise comprar trailer. Com o preço deste, ele poderia comprar cinco trailer... mas ele quis fazer este para nós... E minha casa é nossa realização...

Ao perceber que ela ficara emocionada ao comentar a fotografia, abracei-a e agradei novamente e, assim nos despedimos.

APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com P.S. e E.B.

Idade de P.S.: 48 anos

Idade de E.B.: 40 anos

Data: 04/05/2012

01 Suara - Como é que é viver no circo?

02 E.B. - Muito gostoso.

03 Suara - Gostoso por quê?

04 E.B. - Porque eu tenho quarenta ano de circo, fui nascido e criado no circo. Minha cara... (riso) já fala tudo, né? Quando vejo circo meu sorriso vem completo, né?... Que adentro, você entra no picadero você... vira a cabeça completo. Meu pai uma época teve mal, meu pai faleceu, no mesmo dia eu tive que trabalhar e mostrar o sorriso adentro do picadero.

05 Suara - Você era palhaço? Sempre foi palhaço?

06 E.B. - No. Eu fiz cama elástica, fiz arame, fiz monte de coisa. Aí... pintô um, um negócio pa mim fora do circo... Fiquei 15 ano parado, comprei uma casa... aí minha mãe chegou a falecer o ano passado, aí... meu irmão apareceu e eu falei: “vamo montá um circo pra nós”. Vendi a casa, falei: “vamo realizá o sonho nosso”... No deu certo porque tem que saber tocar. No é qualque um que toca... aí... no deu certo.

07 Suara - Mas chegaram a comprar tudo...

08 E.B. - No, eu tenho a lona, tenho tudo.

09 Suara - Você tem tudo?

10 E.B. - Tenho tudo do circo. O material meu tá tudo guardado. Como será que tô negociando ele, já tá a ponto de vendê ele. Tem uma lona de vinte e sete por vinte de dois mastros... toda parte de iluminacion, parte cadera, tudo, som, iluminação.

11 Suara - Investiram bastante então...

12 E.B. - Eu gastei casi oitenta mil real... e agora tô negociando ele. Tá a ponto de... vendê ele. Se eu vendê, eu já vou comprar um trailer pa mim e uma camionete pa mim, que tem bom estado... pa pode continua, né? Agora minha vida toda vai sê aqui. Acabá no circo.

13 Suara - Como você se sentiu no tempo que estava fora?

14 E.B. - Eu no hiva pro circo.

15 Suara - Não?

16 E.B. - Não.

17 Suara - Por quê?

18 E.B. - Porque sabia que me hiba a puxar.

19 Suara - Ía?

20 E.B. - Me puxar.

21 Suara - Puxar, quer dizer... Ah! Que ia te chamar?

22 E.B. - Me chamar de volta, então no hiba... É, eu morava em Bom Jesus dos Perdões, né? Neste momento a senhora C.K. passou por nós e me disse:

23 C.K. - Você não foi pra casa?

24 Suara - Não, eu já fui e já voltei! (Risos)

25 C.K. - (Risos).

26 E.B. - Eu morava em Bom Jesus dos Perdões, perto da Atibaia. Sempre este circo montava em Atibaia... meu sobrinho: “Vamo lá assistir”. “Não. Hoje que tenho um compromisso, tenho outra coisa pra fazê”. E nunca comparecia pra... nunca... nu í. Porque sabia que ia me acabá puxando. Aí aconteceu isso que faleceu a minha mãe, cabei vendendo a casa e falei: “Vamo montá o circo”, pra meu irmão. Chegamo um ponto que tocamos quatro meses o circo. No conseguimos tocá mais porque... tem que sabê manipula o circo. É um papel, é uma... uma polêmica, e nunca tivemos apoio de ninguém, né? Ni da Prefeitura, ni da Governo, ni do Estado. Intentamo procurá patrocínio e tudo, no conseguimos arrumá. Eu falei: “Qué sabê de uma coisa?” “Vamo guardá o material, vamo vê que nóis faz da vida”. Aí apareceu B.P. e oferecio serviço pra nóis. Já vai interá cinco mês que tá aqui.

27 Suara - Hum.

28 E.B. - Aí... até agora.

29 Suara - Do que mais você sentiu saudades quando estava fora?

30 E.B. - ... De tudo, do companheirismo, amizade com o pessoal... Aqui no circo é casi todo mundo... chega final de semana... segunda feira todo mundo faz uma vaquinha, “Vamô fazê uma vaquinha?” Todo mundo faz festa, faz churrasco, comparti um com outro. Eu, fora de fazê o palhaço, eu sô o cozinheiro do circo.

31 Suara - Ah! Sério?

32 E.B. - Eu que faço a comida pa... pros meninos.

33 Suara - Sério?

34 E.B. - É.

35 Suara – Hum. E onde, onde que é?

36 E.B. - A carreta da cozinha.

37 Suara - Ah! Depois você me mostra?

38 E.B. - (Acenou afirmativamente com a cabeça). E eu faço comida... e vou batalhando a vida assim... de pouco a pouco... Já tenho quarenta ano de circo, fiquei quinze ano afastado per sempre... tá no sangue, né?

39 Suara - Mas, você começou cedo então?

⁴⁰ E.B. - Fui nascido e criado em circo. Meus pais são de circo... fui nascido e criado no circo.

⁴¹ **Suara - E o tempo que você estava fora... você fez outra coisa?**

⁴² E.B. - Trabalhei... eu trabalho em construção civil.

⁴³ **Suara - Sei... é outro ritmo completamente diferente.**

⁴⁴ E.B. - Totalmente diferente.

⁴⁵ **Suara - Como é que você se adaptou, ou não adaptou?**

⁴⁶ E.B. - No me adaptei. Sempre me puxava o circo, só que... como eu tinha minha mãe doente, tinha dado derrame, eu falei: “Eu tenho que me adapta, né?”. Comecei como ajudante de pedreiro... depois fui pra pedreiro que... comecei a trabalhar em construção civil. Comecei a amarrar ferrage, comecei a trabalhá mai, fazendo mai coisa... Foi indo, foi indo e atrave de um amigo, que começou a me ensinar alvenaria, ele falo: “Não. Eu vou te ensiná a aprumá o tijolo”. Asi asi começou a ensinar a assentá cerâmica, piso, tudo, e foi indo... E hoje em dia, se procurá ali em Bom Jesus dos Perdões, se eu chegá, eu arrumo um serviço na hora. Porque eu arrumei uma freguesia muito grande, parte social, porque eu comecei só a trabalhar para persona... no Mafe, no Vale do Sol, condomínio chique. Enton, hiva arrumê muito prestígio, porque eu sempre gostei fazer coisas.

⁴⁷ **Suara - E as pessoas sabiam que você era de circo?**

⁴⁸ E.B. - Sabia, sempre fale.

⁴⁹ **Suara - E aí, o que eles achavam?**

⁵⁰ E.B. - Nunca acreditarom! Nunca acreditarom. O último amigo meu que... que eu falei pra ele que eu era de circo... eu chamei ele pra vim assisti o espetáculo aí em... na Atibaia. Fui alá visitar minha irmã, porque minha irmã mora em Bom Jesus ainda, chamei ele pá assisti o espetáculo, ele falou: “Eu não acreditava que você fazia...”

⁵¹ **Suara - (Risos).**

⁵² E.B. - “Realmente tive que ver com meus olho”. (Disse o amigo)

⁵³ **Suara - (Risos).**

⁵⁴ E.B. - “Pá acreditá, porque eu não acreditava no que vocês faziam”. Eu, pá quinze ano parado, eu ainda to meio... pacato, né? Porque eu faço a segunda base pá meu irmon, que como a dupla sertaneja, né, que faz a segunda voz. Eu faço a segunda parte pá ele, sempre eu tô... pá trás. Eu chicoteio ele, pá ele estorá, né?

⁵⁵ **Suara – Â-hã.**

⁵⁶ E.B. - Ele sempre faz o papel do engraçado, ento eu faço o “clow” pá ele. Tanto como pá mi sobrinho, eu... faço a escada pá eles, pá ele chicotá.

⁵⁷ **Suara – Uh-huh, vai dando a deixa...**

⁵⁸ E.B. - Eu vô dando a deixa. Só que a gente trata de no fala muito, a gente trabalha mais mimo. No se se você assistiu o espetáculo...

59 Suara - Assisti, assisti sim.

60 E.B. - Enton, nói trabalha mais, mais mimo. No sê qual dia que você vem, que eu... que eu faço o apito que eu bato em... meu sobrinho...

61 Suara - Eu acho que não foi do apito não.

62 E.B. - Eu bato, deixo meu sobrinho no chão, todinho.

63 Suara - (Risos).

64 E.B. - Eu encaro o público, chamo todo mundo pá porrada...

65 Suara - Hum.

66 E.B. - E o povo já começa a entrá em agressividade comigo, só que eu tenho que mostrá agressividade pá eles. Enton eu faço... como ele é o bonsinho... bato nele e no final toda música da Rivaldi, que eu vô intentá batê nele de novo, ele me tira uma flor.

67 Suara - Hum.

68 E.B. - Enton, son coisinhas que... vai encaixando, né? Antiguamente eu trabalhava muito com explosivo, né? Com bomba... coisa eso...

69 Suara - No próprio número...

70 E.B. - No próprio número de palhaço, pero como tá acontecendo tanta coisa hoje em dia... Efeito de bomba,... o povo já anda.... coisa assustado. Enton a gente tem que tratá de sabê outra cultura, puxá otra coisa pá distraí a cabeça das personas... Uma bomba você assusta uma persona, já a persona fica assustada, enton... nói trata de criá outros tipo de coisa.

71 Suara - Como que é seu dia a dia aqui? Do que é que você mais gosta?

72 E.B. - Que mais gosta?

73 Suara - É, do circo.

74 E.B. - É... eu, eu sô mais casero (risos). Eu fico mais no meu canto. Saio pá fazê as compra que eu tenho que fazê, assisto television que eu gosto de assisti o jornal, e durante o dia fico brincando por aqui, andando... o... tenho que fazê alguma coisa, invento alguma coisa pá mim fazê sempre.

75 Suara - Tem alguma coisa ruim assim... que você fala que no circo... isto daqui é ruim?

76 E.B. - Eu pá mim nunca foi ruim porque... eu fui criado e nascido em isso aqui, né? A única coisa é que ruim é... é o dia que chove, que não vem genti pá nói. A parte disso... pá mim no... já vira uma rotina pá nói... Quando a única coisa que acho ruim... é quando a gente fica muito tempo num lugar.

77 Suara - Ah! É?

78 E.B. - Me dá agonia, enton eu já quero...

79 Suara - Quanto que é muito tempo pra você?

80 E.B. - É dois meses. Do mesmo jeito que nói tá aqui já dois meses, dois meses, já... me satura... que vea a mesma coisa, direto... Já começa a me dar pânico, e já quero ir embora do lugar...

81 **Suara - A mesma cidade, o mesmo bairro, as mesmas coisas...**

82 E.B. - No gosto. É.... e, é como será que aqui em São Paulo, eu particularmente eu no gosto.

83 **Suara – Uh-huh.**

84 E.B. - Eu gosto mais do interior... São Paulo é bom, pá você comprá as coisa, comprá as coisas, pero pá morá, nu moro.

85 **Suara – Uh-huh.**

86 E.B. - Se fosse pá mim morá aqui adentro de São Paulo, nu moraria, nu moraria... tem muito di violência, no gosto, de São Paulo.

87 **Suara – Uh-huh.**

88 E.B. - E mais o “smo” e isso, que prejudica a gente.

89 **Suara - O que? O....?**

90 E.B. - “Smok”.

91 **Suara - Ah! É... a fumaça.**

92 E.B. - A fumaça.

93 **Suara - É...**

94 E.B. - Prejudica muito, mais que eu tenho problema de presson, entra no nariz e já começa a dá falta de ar, e aí tenho que ir direto na bombinha...

95 **Suara - Nossa!**

96 E.B. - Enton...

97 **Suara - Você chega... dá tempo de fazer amigo ou não, na cidade, quando o circo passa?**

98 E.B. - Dá. Dá pero eu sô meio fechado. Eu sô mai reservado, sempre meu canto... eu tenho, eu arrumo mas amizade quando voi no mercado, aqui no açogue memo, tenho amigo...

99 **Suara - Ah! É?**

100 E.B. - Converso com as persona, converso com as meninas da, do caixa. Outro dia a menina: “Ô, arruma um ingresso”. Eu falei: “Vô vê se te arrumo”. Arrumê, e levê. Enton as personas comunica com a gente.

101 **Suara - Você se sente diferente das outras pessoas por ser de circo?**

102 E.B. - No... no.

103 **Suara - Como é que é?**

104 E.B. - Eu me sinto um ser humano igual que os outro.

105 **Suara - E as pessoas?**

106 E.B. - Lógico...

107 **Suara - recebem o circense igual?**

108 E.B. - Lógico, tem as persona... tem um poco de receio da gente...

109 **Suara - Tem?**

110 E.B. - Pensa que... como aconteceron monte de coisa, é... um leon pegô um menino, otra coisa, isso, isso, enton... a parti disso, eu acho que não... ao contrário... a persona qué sabê, é curiosa... A persona é curiosa de fora... qué sabê o que nói faz, como nói mora, deixa de sê... A vida cotidiana igual que os outro, é normal... Você tem seu banheiro, tem seu lugar pá tomá banho, pá cozinhá, pá fazê tudo... Entonces vivo uma vida comum e corriente, só que eu mora em uma coisa... menor que uma casa, né? Pero a vida cotidiana nossa é igual que... que afora. Eu morava em uma casa de... um quarto. E eu tinha que abri a janela... porque no agüentava morá dento de uma casa... Eu me sufocava, me dava falta de ar...

111 **Suara - Isso é bom, né? De morar em trailer, por exemplo?**

112 E.B. - No, eu no moro em trailer. Moro em uma carreta, que é do circo.

113 **Suara - Ah!...**

114 E.B. - Como será que eu...

115 **Suara - Mas você divide ela com outas pessoas?**

116 E.B. - No.

117 **Suara - Essa carreta?**

118 E.B. - No, no. Ali divide a metade minha e a metade da cozinha.

119 **Suara - Ah!...**

120 E.B. - Só que eu tenho outro quarto, eu tenho dois quarto aqui no circo...

121 **Suara - Hum.**

122 E.B. - Eu tenho uma moradia aqui, só que vez em quando eu durmo na moradia, e vez em quando eu durmo alá na cocina, né?

123 **Suara - E porque, como é que você faz essa...**

124 E.B. - Hã?

125 **Suara - Quando que você dorme em um, quando é que você dorme em outro?**

126 E.B. - Quando a carreta fica torta.

127 **Suara - (Risada).**

128 E.B. - Fica así... (risos). Eu escolho a melhor, né? No sô bobo.

129 **Suara - (Risada).**

130 E.B. - Enton, eu vô pra outro, então tem que tirá as coisas porque alá tem, um beliche...

131 **Suara - Hum.**

132 E.B. - A carreta menor tem beliche, tem geladera, tem banheiro, tem pia, tem tudo.

133 **Suara - Uh-huh.**

134 E.B. - Enton, quando a carreta tá meia torta... aí: “Eu no vô dormi aqui, voi dormi a lá na cozinha, que tem cama de casal”, falo... Fico na outra.

135 **Suara - E como que é a viagem? É bom viajar, pegar estrada?**

136 E.B. - Bom, minha vida toda foi así, né? Toda... Vira rotina pá mi... já tô acostumado isso aqui. Lógico que a gente... sempre eu peço pa Deus, sempre nói chegá bem, né? Porque as viaje por si, son perigosa...

137 **Suara – Uh-huh.**

138 E.B. - Como tá hoje em dia o trânsito... cê tem que tomá cuidado, né?

139 **Suara - Você se imagina fora do circo de novo? Que reflexão você faz sobre isto?**

140 E.B. - Se eu pararia... eu me adapto, porque... eu quando saí, foi uma porrada que eu tomê... que foi difícil o começo... pero tendo braço e mão... ninguém morre de fome.

Neste momento um senhor se aproximou e perguntou:

141 - Que hora começa? Oito e meia?

142 E.B. - Oito e meia.

143 - Quanto que é que de adulto?

144 E.B. - O preço tá lá na frente....

145 **Suara - Mas hoje o preço vai ser dez reais...**

146 - Dez?

147 **Suara - É. Adulto e criança também.**

148 - O circo de hoje, mudifico muito...

149 **Suara - É, né.**

150 E.B. - Qué dá uma olhadinha? Pode subi ...

151 - Eu sei que o começo do Tonico e Tinoco foi do circo, né? Mudô muito....

152 **Suara - É...**

153 - Mudô, mudô muito.

154 **Suara - É.**

155 E.B. - E agora modificou, antigamente as lona era tudo de... de tecido...

156 **Suara - E você teve... vivia no circo nesse tempo que era de tecido ainda?**

157 E.B. - Já... eu morei de barraca... tinha que fazê valeta...

158 **Suara - Valeta?**

159 E.B. - É... nas barraquinha pá nu entrá água. Aquelas barraquinha de camping, tudo... Eu passei sufoco.

160 **Suara - Sério?**

161 E.B. - Tinha que viajar em cima de camion, em cima dos camion em cima. Quando era nu Chile, um colcho vai agasalhando... viajá... Eu passei perrelho no começo... quando era pequeninino, pero a vida... a gente foi entrano, entrano, a vida toda esa é aqui.

162 **Suara - Quem era de circo, seu pai, sua mãe ou os dois?**

163 E.B. - Quem era de circo... era meu pai... minha mãe era de fora.

164 **Suara - Da cidade.**

165 E.B. - Da cidade.

166 **Suara - Como é que você chama as pessoas que são de fora do circo?**

167 E.B. - He...

168 **Suara - Como é que a gente pode chamar?**

169 E.B. - Pessoa de fora memo, ô lóqui de praça...

170 **Suara - Lóqui de praça é... aquele pessoal que o circo contrata pra ajudar...**

171 E.B. - Pá ajudá.

172 **Suara - Ah!**

173 E.B. - É pessoa de fora... entendeu?

174 **Suara - Mas, você sente que o circense faz uma separação com as pessoas que não são de circo, ou não?**

175 E.B. - ...Eu falo uma coisa que, hoje em dia não tem... como fala? ...Tem tanta gente de fora que trabalha melhor que um, que um artista de circo, porque já vi persona de fora fazê um número melhor que pessoa de dentro do circo. Tá tudo modificado. E tá así... essencialmente... Tá bonito.

176 **Suara - Mas... e as pessoas que moram na cidade?**

177 E.B. - Como?

178 **Suara - Então, as pessoas que não são de circo nunca vieram trabalhar no circo e vivem fora da cidade, como é que você vê essa pessoa que mora, sei lá, em apartamento?**

179 E.B. - No porque... eu já morê fora... enton pá mim.... eu acho normal, porque já me acostumê tanto com um circo como fora, né? Enton, já morê quinze ano fora. Enton pá mim, se eu tive que o dia da amanhã pará de circo, eu sei que no vá sê fácil...

180 **Suara - Por quê?**

181 E.B. - Porque eu gosto mais de circo que... morá fora. Porque afora vira uma rotina, do trabalho pá casa.

Neste momento o irmão se P.S. se aproximou e comentou:

182 P.S. - A gente somo de tradição circense, a gente somo de família de circo, uma vida toda. A gente pára, normal que a gente sente... de pará... e, tendo um bom emprego...

183 E.B. - Só que vira monótono pá nói, vira rotina, porque... todo dia mesma coisa, né? Da casa pro trabalho, de casa pro trabalho... Enton vira rotina. A mesma coisa você vai avenida... é... São Paulo, é... alá em no centro. Do centro a casa, de sua casa ao centro. Así todo dia fazê a mema rotina, tem uma hora que você...

184 **Suara - Mas o circo de certa forma não vira rotina?**

185 E.B. - Não.

186 Suara - Não?

187 P.S - Não porque... no é rotina, porque já semana que vem já tamô mudando. Tem um parenteses diferente da pessoa da cidade. Hoje tô morando olhando esse prédio, amanhã no tô mais. É tudo, tudo diferente.

188 E.B. - E a...

189 P.S. - O circo grande a gente mora dos mês, três...

190 E.B. - E já pá nói já ...

191 P.S. - Já começa...

192 E.B. - É o que eu tava falando, porque já incomoda, começa atrapalhá, né? Vira rotina.

193 **Suara - Que interessante.**

194 E.B. - Vira rotina.

195 **Suara - (Dirigindo-me ao irmão que ainda se encontra em pé, ao nosso lado). Então, eu estava falando pra ele me dizer, qual que é a melhor parte de morar no circo.**

196 P.S. - Como?

197 **Suara - Qual é a melhor parte de morar no circo? O que você acha?**

198 P.S. - Como a melhor parte?

199 **Suara - Qual que é o melhor do circo, na sua opinião?**

200 P.S. - Olha nói somo de família de palhaço, por exemplo, nós a parte de ser de família de palhaço, nós fazemô palhaço porque a gente gosta...

201 **Suara – Hum.**

202 P.S. - E... eu acho que transmitir alegria, recibir o afecto do público, é gratificante. À parte do circo, a gente faz espetáculo beneficente, quando a gente pode, quando vamo trabalhá pá asilo. Já fuimo trabalhá casa de recuperacion de menor.

203 E.B. - Em FEBEM já fumo já a trabalhá.

204 P.S. - De palhaço.

205 **Suara - Levando o número de palhaço?**

206 E.B. - Isso... já fuimo em presídio.

207 P.S. - Eu tenho um filho caçula... de onze ano.

208 **Suara - Que é esse garoto que entra com vocês?**

209 E.B. - É.

210 P.S. - Isso. Eu queria que ele aprendesse um número... ele tá aprendendo, mas ele já tem... parece que el sangue de que el quiere sê palhaço. El qué sê palhaço, el qué sê palhaço. E a gente não pode cortá o braço dele porque... eu sô pobre, inclusive ele estuda... Ele estuda e eu quero que ele continua estudando, pra no forçar, que ele tem uma profissão lá fora, porque quando ele tem uma profissão, ele vai te uma opção própria.

211 **Suara - Hum.**

212 E.B - Olha, meu pai...

213 P.S. - Nada forçado é bom.

214 E.B. - Meu pai me ensino fazê tantos números, cama elástica, arame, essas coisa... e que eu fui me defini? Palhaço... porque isto daí, foi toda vida... nossa. Meu pai foi palhaço a vida toda, e foi puxando, puxando geraçon... Aí meu irmon... eu... meu outro irmão que mora na Bolívia, também palhaço. Enton isso já nasceu no sangue. Igual que meu sobrinho, ele faz um número de rola-rola, pero sempre ele gosto mais do palhaço.

215 **Suara - Rola rola é aquele...**

216 E.B. - Do cilindro...

217 P.S. - Do cilindro.

218 E.B. - Ele tem um número, pero só que no gosta. Gosta do palhaço.

219 **Suara – Hum.**

220 E.B. - Enton, a gente tem que...

221 P.S. - Y el, por incrível que parece, ele tem el la alma...

222 E.B. - A carisma.

223 **Suara – Uh-huh.**

224 E.B. - Enton isso tem que nascer na persona.

225 P.S. - Nadie, nadie transpasso nada pra el. Isso aí nasce... espontâneo, qualquer pessoa eu acho que...

226 E.B. - Porque pinta a cara, qualquer um pinta.

227 **Suara - É.**

228 E.B. - Pero vamô vê na hora de trabalha, né? Qualquer um pinta a cara.

229 **Suara - Porque tem, tem técnica pra ser palhaço, não é?**

230 P.S. - Tem, tem, tem.

231 E.B. - No. Tem que tem dom, que nasce cada dentro da persona.

232 P.S. - E la técnica também, porque... por exemplo, tem que ter bom voz... tem que sabê conhecê o público, porque quando você tá meio... sendo cansativo, partí pra outra...

233 **Suara – Uh-huh.**

234 P.S. - É uma... essa dominacion, você aprende... com o tempo, por exemplo... ele, as cara que ele faz, os gesto, a, a, a, a espontaneidade dele... eu... (sorri) eu no posso colocar nele... é dele mesmo.

235 **Suara – Uh-huh.**

236 P.S. - Isso aí... é dom, é dom.

237 **Suara – Uh-huh.**

238 P.S. - Por exemplo, eu descobri que... parte de secretaria... que yo nunca tinha feito...

239 **Suara - É, ele tava me contando.**

240 P.S. - Y... era nosotros mismo.

241 E.B. - Nói montava, desmontava.

242 **Suara - Fazia tudo.**

243 E.B. - Tudo.

244 P.S. - Aí eu tinha que arrumá terreno, ir conversá com el pessoal, pá, pá, quando me di conta eu percebi que era um profissional naquela área e....

245 **Suara - Não era mais palhaço...**

246 P.S. - No. No, no era palhaço, só que...

247 **Suara - Hã...**

248 P.S. - Só que son é... áreas, que a gente desconhece.

249 E.B. - Nunca tinha feito, nunca tinha feito.

250 P.S. - Aí eu falei... puxa...

251 E.B. - Eu como ajudante pedrero, no? Fique casi dos año, foram me ensinado, ensinado, e eu fui olhando. Porque eu sô curioso. Que eu gosto de aprendê as coisa e começe sentá piso, começe a... sentá bloco, sentá batente, porta, tudo, e foi dando dinheiro. O que mas foi dando dinheiro pá mim, foi sentá piso.

252 **Suara – Uh-huh.**

253 E.B. - Porque é quinze real, dez real o metro.

254 **Suara – Uh-huh.**

255 E.B. - Enton fui ganhando o pão com isso, compre riscadera, maquita...

256 P.S. - Ele parô de circo, e vivio da vida da cidade, né? Por vários anos. Eu só consegui pará um ano. Só que... eu me perdi eu... eu...

257 **Suara - Neste um ano, você se perdeu?**

258 P.S. - Me perdi, me perdi. Me desorientado totalmente, de circo. No tinha contacto com ninguém. Sabe quando você... te coloca no meio da Amazônia?.

259 **Suara – Uh-huh.**

260 P.S. - Fiquei sumamente solitário.

261 **Suara - Mas você, fez o quê neste um ano?**

262 P.S. - É... bicos. Bicos ma... é... praticamente as persona te oferecem aquel trabalho mas pra te ajudar.

263 **Suara – Uh-huh.**

264 P.S. - Porque... funcion de pedrero, nunca fui pedrero... Carregá camion, nunca fue mia funcion. Porque siempre fui artista circense, carregar camion, descarregar camion no y...

265 E.B. - Son experiência que...

266 P.S. - No é, no é, no é...

267 E.B. - É bom aprender.

268 P.S. - É bom, é bom por exemplo, que você tem uma... uma carta embaxo da manga, mais... no é área da pessoa. Porque... é... nós já viajamo por toda America del Sur, meus filho tambem. E que acontece? A gente tem um currículo, como artista. E você para, por

exemplo... eu parê entre Mairiporã e São Paulo. Cachoera se chama o lugar... Um lugar que no tem NADA... O primero mês, “Ah! Bom descansar, com muito verde, que lindo!” Depois deste um mês, no... você pensa que... falei: “No, yo voy tentar pára aqui”. Meu filho já tinha colocado lá pra estudar, falei? “Vô vê como... como vá permanecer aqui”... mai... é... como operário da cidade... tinha dias que no tinha nim pra comprá uma passage de ônibus... Aí... é diferente, é diferente, vai trabalha numa profissão de afuera, numa lanchonete não tem nada a ver comigo.

269 E.B. - Porque o personal anda afora tá acostumado ao salário que ganha, aquel salário. Enton já vira una rutina o salário del.

270 **Suara - Já sabe quanto que pode gastar...**

271 E.B. - Quanto que pode gastar e quanto no gastar. A gente no... Ganha por semana... e a gente sabe que esse dinheiro vai vim toda semana, entendeu? Enton, a gente sabe o que vai gastá e gasta. Chega na segunda feira nói tem, de repente nói gasta tudo. Pero já nói sabe que na segunda feira tem, no? E o persoal?...

Neste momento M.C.A. me cumprimentou desde a entrada do circo.

272 M.C.A. - Aí Suara?

273 **Suara - Tudo bom? (Para M.C.A.).**

274 M.C.A. - Aí, vai dar certo heim?

275 **Suara - É... (Risos).**

276 E.B. - E o personal de fora no. Se gasta hoje, só vai recebê só o dia cinco do otro mês, o sinô dia vinte que, que é vali.

277 **Suara – Uh-huh.**

278 P.S. - Eu vô falá um negócio... cê já trabalhô em circo, no?

279 **Suara – Uh-huh.**

280 P.S. - Eu acho... pra meu ponto de vista, que vida de circo... viajando em circo internacionales, é ... no tem vida melhor... pelo fato que gente conhece muito.

281 E.B. - E sim pagá nada!

282 P.S. - Eu e meus filhos viajamo de balsa pra Manaus. De Porto Belo a Manaus. Eh... cinco dias de balsa, com los trailer em cima, as carreta. É uma aventura que... eu acredito que ni cara mais rico de aqui de São Paulo, a lo melhor fez essa aventura. Y pescando aquel pequenininho, pescando um bagre pequenininho.

283 E.B. - E si lo mas rico fô fazê, tem que gastá, tem que desembolsá, e a gente no. Vai ganhando e conhecendo... Isso que é o bom...

284 **Suara – Uh-huh.**

285 P.S. - Aí... eu acho que a vida de circo é rica em termos de cultura, muito rica... Meu filho tem onze anos, ele vai na escola. Na escola as crianças de onze anos, perde longe... Ele é mais... mais evoluído. No é que seja inteligente, sino que tene mais mundo.

286 Suara - Mais vivência, mais vivência de mundo, né?... Você deixaria o circo de novo?

287 P.S. - No. No porque... eu sô pai soltero. Eu tenho um minino e uma minina dezesete anos e.... quisas quando eu parê, no sê si foi... si foi a hora certa... Se tinha me dado certo, capaz que tinha definido pará, ma... em, em na volta, é... meus filhos gostaram muito pela vida do circo... E nasceron no circo y... quem sou eu para cortá... os braço deles? Y... graças a Deus a gente tem... como se fala? A gente tem um pequeno número na vida dos circos. Enton, não tenho nada, nada, nada a perder, mais convivência, mais convívios com los circenses...

288 Suara - Isso quer dizer que vocês sempre vão... vão ter trabalho?

289 P.S. - Ah! Com certeza.

290 Suara - Né? Porque... em outros circos já conhecem o trabalho de vocês...

291 P.S. - A gente já tem proposta. A gente já no foi embora porque... aqui também tamos tranqüilos... Estamos a gosto no picadeiro. Ninguém dá palpite...

292 E.B. - Ninguém fala, faz assim, faz assim, no. A gente que manda em nói, nói que define o que vai fazê.

293 Suara - Uh-huh.

294 E.B. - Se tem dia que... son quatro entrada que nói fai. Hoje nói no vamo fazê, vamo fazê isso hoje. Mudá as coisa da frente pra trás, nós faz o que bem entendi. Ninguém fala da empresa, no você tem que faze isso.

295 Suara - Aí muda a rotina que você estava falando, que não é bacana.

296 E.B. - É.

297 P.S. - Tem que comunicá o...

298 E.B. - Só o som. Nói vamo fazê isso. Vamo modificá isso, isso, isso. Só pá ele entrá com a música certa. A parte disso, nói que comanda nói memo, no é empresa chega no, "Vocês tem que fazê isso, tem que fazê isso." No. É nói memo que comunica entre nói mesmo. Vamo fazê isso? Ah! Vamo modificá eso? Vamo deja eso?

299 Suara - E como é que vocês aprenderam a ser palhaços?

300 E.B. - Nosso pai.

301 P.S. - Si.

302 Suara - É como seu filho agora! (dirigindo-me a E.B.).

303 E.B. - Meu pai trabalhava com minha mãe também. Minha mãe fazia clones...

304 P.S. - Mi história é diferente, porque meu pai era palhaço e trabalhava com minha mãe que era mestre de cerimônia...

305 Suara - Mestre de cerimônia...

306 P.S. - É a que atende o palhaço.

307 E.B. - A segunda vói, como música sertaneja.

308 P.S. - Uma escada.

309 **Suara - Ah! Tá.**

310 P.S. - Aí, que acontece?... Y siempre trabalharon em trio, minha mãe, outro palhaço e meu pai. Aí faltô parcerero de meu pai e... yo era muito delicado com a parte de circo, eu gostava de circo y no gostava. Eu fazia trapézio, fazia cama elástica, muchos números, ma... palhaço nunca... Aí meu pai me platico la necessidade...

311 **Suara - Seu pai o quê?**

312 P.S. - A necessidade. Aí que acontece? Eu entrei... no senti nada, no... mi afecto...

313 E.B. - Trabalhô por trabalhar.

314 P.S. - Com a cabeça baixa, ma... foi passando o tempo, foi passando o tempo e... A gente vai descobrindo... o dom que as pessoas tem. Aí eu... fazia trapézio, fazia isso, larguei tudo e... o trapézio e... fiquei só de palhaço. Por exemplo, o palhaço, tem o cômico, e tem... a escada. Aí eu sô palhaço, e o pequeno também parece que vai ser palhaço, porque ele, ele predomina, mai... Eu no fala: "Você vai fazer isto"...

315 E.B. - Porque tem que desenvolve sozinho. Lógico que a gente dá conselho, dá "comida de toco" como fala? No é así? A gente intenta explicá pá ele... pá nu... caí, pá nu haver erro. Quando a gente vê que ele tá agradando nói empurra el pá que el contunue. Quando vê que no, já dá tesorada, vamo cortando. Eu já vô falando devargazinho: "Corta!" entendeu?

316 **Suara - Uh-huh.**

317 E.B. - Aí, incentivando ele lógico....

318 **Suara - Com quantos anos ele está?**

319 P.S. - Ele, onze.

320 **Suara - Onze.**

321 E.B. - A gente no obriga ele trabalha. Ele trabalha quando qué, quando qué.

322 **Suara - Sí, sí.**

323 P.S. - Aqui eu fale que meu filho participava mai... na hora que qué brincá, vai brincá, e na hora que tá cansado, vai descansar...

324 E.B. - Porque você não pode forçá uma criança.

325 **Suara - A partir de quantos anos ele já teve interesse de entrar?**

326 E.B. - De pequeno que ele gosta!

327 P.S. - Pequeño. Ele tem muita habilidad pra as coisa.

328 E.B. - Y el gosta das coisa. Ele agora... ele juntô um dinheirinho este final de semana, que ele vende uns negocinho. Já vai mandá fazê um aparelho pá ele.

329 **Suara - (Risos).**

330 E.B. - Vá mandá fazê um cubo. Enton, com isso aqui nasce dele. Ele ganha seu dinheiro vendendo suas coisas, porque ele vende algumas coisas pro pessoal, né? Brinquedinho, tudo. Junta seu dinheirinho e...

331 Suara - Ele vende na hora do espetáculo?

332 E.B. - Na hora de espetáculo. Enton junta y: "Pai eu quero compra isso"... Compra. Enton, nasce dele. A gente no força ele, no faz isso... Enton... ele sozinho vai escolhendo, as atitudes. Solo que a gente dá conselho pra ele.

333 P.S. - Nunca pode forcá, porque... se você força uma pessoa, com dezesete, dezoito ano, ele... fica cansado.

334 Suara – Uh-huh.

335 P.S. - Leva mais como...

336 Suara - Brincadeira.

337 P.S. - Brincadeira. E você trabalhava... Em que circo você trabalhou?

Nesse ponto E.B. pediu licença para se retirar. Perguntei se ele poderia tirar as fotos como havíamos comentado, e ele me disse que seria uma pena tirar a foto naquele momento, pois o circo já estava um pouco desmontado. Perguntei quando seria uma boa oportunidade e ele me disse que quando estivessem no outro terreno, ou seja, na próxima localidade. Concordei, agradei e nos despedimos.

Em seguida, retomei a entrevista com P.S. que me disse estar disponível para continuarmos. Ele justificou a saída de seu irmão comentando que, como ele era o cozinheiro, deveria preparar a comida para os rapazes do circo.

Conversei um pouco com ele sobre a minha experiência em circo, conforme havia me questionado. Ao retomarmos a entrevista, ele iniciou dizendo que, para quem já havia trabalhado em um circo, era muito difícil sair. Continuou dizendo que:

338 P.S. - ... Quem pisa na cerrage, aquela poesia, que disse, né? Que quando sae... Quem pisô, é dificultoso de pará de, de circo. É mais do que uma historia, sino que... a pessoa se habitua. Por exemplo, os horário. Chega sete, oito hora que tá mais o meno preparado para horário do espetáculo e vc tem... é automático. Em compensação na cidade, você chega sete horas: "Nossa! Tinha que me arrumá". E esse aí, pra caí a ficha... demora.

339 Suara - Hum.

340 P.S. - Demora. Quando eu parê, eu parê um ano, quando chegava cinco hora... já tava dormindo... cinco hora da tarde, porque veía... Foi indo, foi indo, foi indo que, esperava o horário, esperava o horário que chegava uma hora que já estava cansado. E como no tinha nada pá fazê... o que tinha? Deitá. E quando era seis hora, tava dormindo.

341 Suara - Hum.

342 P.S. - Mai... o circo es, é... É una poesia... é una poesia.

343 Suara - É. É uma poesia. Você acha que as pessoas de fora entendem o circo, como ele é?

344 P.S. - No. Acho que no. Acho que no porque, a pessoa de fora é... como a gente acostumado a fazer entrevista... Todo mundo pensa que todo mundo come junto, que dorme junto, que todo mundo é amigo, que todo mundo... somos todo família... Esse é a vison da pessoa de fora. Mai... no circo, é uma empresa como qualquer outra. Cada um é... na sua, cada um com sua família. Eu por exemplo tenho meu irmão, que tem as coisas dele, e eu tenho meus filhos, que mora comigo ma... a union existe entre eu e meu irmão, o resto... son companheiros de trabalho.

345 Suara - Hum.

346 P.S. - Ma no existe aqui: “No eu tenho raiva daquele lá”...

347 Suara – Uh-huh.

348 P.S. - Cada um... tem su... departamento, no? Porque... somos tão pouco e vai haver discusson essas cosas, no...

349 Suara - Mas você acha que as pessoas de fora têm algum preconceito com quem é do circo? O que você acha?

350 P.S. - No.

351 Suara - Você não sente isso?

352 P.S. - Acho que no. Porque... eu sempre tive grandes amigos, da alta, no debaixo y... y sempre tive amizade com pessoas que... sabem dialogar e como eu **sê** dialogar, enton no me posso juntar com... no, no digo depreciando o lixeiro...

353 Suara - Sim.

354 P.S. - Solo que lixeiro no vai tá passado nada pra mim. Aí... mas sempre tive grandes amigos, grandes amigos, de... de prefeitos, médicos é... Este tipo de pessoa quando faz uma amizade, quando conhece o circo, eles tem outra impression. A lo melhor pensa que... muita gente pode pensar que estas artista mora fora, que vem assistir o espetáculo: “No, esse aqui deve morar em hotel”, ou... o pensamento: “No, deve dormir tudo em nesta carreta alí”. Cada um... como se fala? Uma mentalidade aberta, no? Tem muita gente que desconhece circo. Mas gente que é preparada, sabe que no é o sistema...

355 Suara – Uh-huh.

356 P.S. - Sabe e... sabe como funciona o sistema de... los artistas, que no son permanente do circo também.

357 Suara – Uh-huh.

358 P.S. - Sabe que somos igual que um jogador de futebol que donde... rola mais dinheiro... igual, você sabe disto... mas... eu acredito que o circo tava caindo... quando BC tomou frente no Brasil...

359 Suara – Uh-huh.

³⁶⁰ P.S. - Porque... ele começou comprar os circos das empresas, o que aconteceu? Se comprava seu circo, seu funcionário ficava sem emprego, aí comprava o circo do outro e os artistas daquele circo ficavam sem emprego. Aí ficou muita gente, você sabe, inclusive até eu. É... aí quando BC que ficou... Cada artista tem a sua taxa, seu valor artístico, não?

³⁶¹ **Suara – Uh-huh.**

³⁶² P.S. - Igual que jogador de futebol. Um jogador ganha mais, outro menos... Aí que acontece? Quando fui a trabalhar com BC, fui obrigado, naquele tempo, a trabalhar por cento e cinquenta reais por semana.

³⁶³ **Suara - Em que ano foi isto?**

³⁶⁴ P.S. - Faz... uns... uns dez anos atrás. Aí que acontece? Que... pra quem já ganhava trezentos, quatrocentos e cinquenta dólares por semana... ganhar cento e cinquenta reais... E fui obrigado porque... a família. Me pagaram como... qualquer outro palhaço... No interessava o meu nível. No interessava o... meu currículo... Y por factor de... de família, tive que... tive que aceitar. Aí... e así como eu, muita gente, muitos artistas. Ali era... era batata, cenoura, pepino, abóbora...

³⁶⁵ **Suara – Uh-huh.**

³⁶⁶ P.S. - Não havia melancia... que sei lá... Era só aquilo lá e... você queria o não queria, o não você tinha que andar trabalhando nos circos pequenos de bairro e... e... Como se fala? Periferia... andar com tua família, com teus filhos... Lugares que... a vezes não é nem bom entrar...

³⁶⁷ **Suara – Uh-huh.**

³⁶⁸ P.S. - Então... aí foi a opção acertada... e ... BC monopolizou os circos no Brasil, e... quando eu... ele saiu... y eu comecei a analisar... que ele... ele queria fechar todos os circos de Brasil... Inclusive eu vi ele comprar circos inteiros e jogar no pátio lá... lá da... de Santa Catarina. Comprar pra... pra eliminar com sua pessoa.

³⁶⁹ **Suara - Pra não ter mesmo...**

³⁷⁰ P.S. - Isso. Aí eu... falei assim... eu falei uma frase así... “Esse homem não é de circo. Eu nunca trabalharia com ele”... E tive que trabalhar... porque eu falei así... um factor né... é... ele, ele sabe o valor artístico... BC sabia os valores artísticos, mas acontece o seguinte, que... como ele tinha poder, ele tinha dinheiro, tinha... dominô, dominô o Brasil... Aí fez o que ele quis, porque inclusive quando trazia números de Europa, era dos mil, três mil dólares que tinha que pagar... um artista que trazia para lá... E nós como éramos... os porquinhos da América do Sul, falando así né, em termos baixo... ele, ele abusava das famílias, das famílias brasileira, eu não... não falei graças a Deus que ele tenha morrido BC, porque é feio falar isso aí, mais... é... em um certo ponto eu falei... que foi até bom, pelo fato que...ele morreu e já fizeram quatro, cinco circos dele.. Estão renascendo os circos... os circos. Aí que acontece? BC contratava você com o teu número... te pagava por exemplo, dos mil

dólares y, de uma cidade para outra, ele parava tua moradia e tomava medida de teus aparelhos... e depois pegava quatro, cinco empregado e ensaiavam así, escondido... Aí você trabalhava mais um tempo... e tudo o que você demorô años em aprender, ele te tomava em uma semana... Por eso que... eu vi muitas coisas em BC... muitas, muitas... é... um circo que... que tinha muito fiscales... da empresa, e... eu sempre fui um artista que tive meu gabarito, meu nome... em circos. Llegavam fiscales que... que ni, ni te cumprimentavam... Eso aí era completamente desagradable, porque eu falo, a gente trabalha, dá nosso suor em lá parte artística cada um, isso cuando, e vem um cara así que... só porque trabalhava para... pro BC... no te cumprimentá... mas tambien de mia parte, yo fazia de conta que el tambien no existiam. Porque para mi estas personas no son nada (aumenta tom de voz), eu sô artista. Y morrio BC, W. tá de portero ali na... aqui na... como llama?... Ah! Meu Deus do céu... é... no C.S aqui... e fica aí dando sopa, um dos fiscal do B.C. Aí eu falo: “Como a vida dá volta né”... Agora... ele me cumprimenta... agora: “Uh, tudo bem? Como tá família? Y llegamo lá, el llegava com a pasta, carros importados... ele estava na dele. Nós ficavamos praticamente numa crise... nacional e, uma crise nacional, que era o no era...(tosse). Aí eu saí de B.C., trabalhe cinco años...

371 Suara - Chegou a ficar cinco anos lá?

372 P.S. - Cinco anos, cinco anos... Aí... é... daí fui pra o irmon do dono desse circo... o circo médio... Aí, pá, pá, o sistema era diferente a mi estilo de... ritmo de trabalho. No tem nada a falar, sino que... eu era uma pessoa, que no tava no local certo... Aí... aí trabalhe seis meses, aí me ficô nos Portugal que... fuimo... pra Santa Catarina, fuimo pra Manaus também... também trabalhe ma cinco ano também... Uma boa empresa. Só que... anda muito, muito, muito. Viaja mil quilômetro, oitocentos, termina no domingo, na sexta feira tá estreando na outra cidade, é desgastante.

373 Suara – Uh-huh.

374 P.S. - E... só em São Paulo em la region, pra nós é mais tranqüilo, que nós temos famílias paradas também, né? E como se pode falar?... A gente no tem a casa própria, mas um ponto mais fixo, de referências...

375 Suara – Uh-huh.

376 P.S. - E você fazia o que? Você?

Como já era a segunda vez que ele me perguntava sobre o que eu fazia no circo, nesse ponto, comentei um pouco mais sobre o meu passado e a minha história como circense. Em seguida sugeri que P.S. tirasse a fotografia mas, assim como seu irmão, também comentou que seria melhor aguardar quando o Circo estivesse em outra localidade. Em seguida, nos despedimos.

No dia 19/06/2012 regressei ao Circo, para que ambos pudessem tirar suas fotografias. Abaixo segue o que comentaram sobre cada uma delas.

³⁷⁷ **Suara - Conta pra mim, essa foto aqui... cada foto que eu te mostrar me conta porque que ela é importante e significativa, por favor.**

³⁷⁸ P.S. - Este aí é u, u, um dos lugares principal de, de nossa família... porque é donde seria nosso camarim, nosso encontro. Donde nós prepara nossa esquete... a gente se comunica... pra poder entrar em cena... e... também fico sentado no camarim, de repente pra meditar e refletir das coisas que... o que que tá certo, o que que está errado... e.... descansar também.

³⁷⁹ **Suara - E essa terceira foto?**

³⁸⁰ P.S. - Bom, isso é o palco do circo né, que representa nosso picadeiro e também o lugar de ensaio dos artistas que ficam treinando, como você tá vendo ali, o rapaz tá alongando e é uma das partes importantes do circo também. Bom, a cadeira representa para mim um monte de coisa, por exemplo... e... me influe a alma que... que... representa por exemplo, infinidade de públicos, e também, quando não tem muito público e... a gente que tem o papel de responsável de fazer o palhaço... e de querer fazer reir, nós qué vê essas cadeiras sempre lotadas, sempre lotadas. Bom... esse aí, como tava falando, eu tente demonstrar o palco por completo... pra identificar que a responsabilidade de um artista quando entra em um escenario daquela dimension. Tem que ser completamente profissional e disposto e estar preparado mentalmente para dar conta do recado, porque es uma grande responsabilidade.

Bom, eu mostre essa parte da lona... eu tinha tirado outra foto da lona mais, eu queria identificar a lona, por exemplo, se... se... se significa por exemplo, o teto de todos os artistas, que trabalham em um palco. Também por exemplo, sendo uma mãe, porque protege todos os funcionários que trabalham em um circo, essa semelhante lona, es uma grande mãe... Isso... son las cortinas que representam também a entrada, o palco donde desfilam grandes artistas como trapezistas, malabaristas, os palhaços e... e... os funcionários que montam e desmontam, tem que passar por meio da cortina também.

³⁸¹ **Suara - Muito obrigada mais uma vez por me receber, muito obrigada.**

³⁸² P.S. - De nada, de nada.

Abaixo seguem os comentários das fotografias de E.B.

³⁸³ **Suara - Então você tirou esta foto aqui né...**

³⁸⁴ E.B. - Do palco do circo.

³⁸⁵ **Suara - É, conta pra mim...**

³⁸⁶ E.B. - É esse daqui é aonde nós trabalha, né? Tudo o que tem de nossa vida é ali, a alegria, a tristeza, tudo vem dali. O ganha-pão de cada dia nosso, tudo... pertence ao picadeiro, tudo de bom. E aí a marquete eu mostre, que é a coisa mais linda que tem o circo. Pá mostrá qual é a coisa mais linda que nós tem... o fruto bonito do circo, é tudo, em geral. Não tem nada que você pode ficá triste olhando. Eu cada vez que olho está marquete, eu fico alegrado... Eu sorrio com os olho... fico contente. Por isso, foi a primeira coisa que eu quise mostrá prá você, é a marquete... até você ficou empolgada, no ficô?

³⁸⁷ **Suara - É muito lindo!**

³⁸⁸ E.B. - Coisa mais linda, isso aí... E esse na hora do espetáculo, o pessoal olha e tá bobo de olhá isso aí. Até eu. Eu sempre cada vez que passo aqui, tenho que olhá lá por dentro. Quando chego aqui, parece um brinquedo de criança. Lindo! Eu adoro vê isso aí.

APÊNDICE E - Transcrição da entrevista com L.E.

Idade: 52 anos

Data: 06/05/12

Ao encontrar L.E. ela comentou que estava de saída para caminhar. Ainda do lado de fora do trailer perguntei-lhe onde costumava caminhar, e ela disse que no Bosque Maia aqui de Guarulhos. Ao entrarmos, me sentei, liguei o aparelho gravador e comentei:

01 Suara - É muito bacana este Bosque aqui, não é?

02 L.E. - Ai maravilhoso! Nossa! Eu falei, eu vou levar ele junto comigo. Eu falei outro dia, fiz amizade com o pessoal aí do... do... aí a gente faz amizade aí eu falei - "Ai eu vou levar este bosque junto para Interlagos". Porque não é todo lugar quem tem uma coisa desta dentro de São Paulo.

03 Suara - E você sabe que a gente mora aqui pertinho e quase não vai, né?

04 L.E. - Sério?

05 Suara - É que não dá tempo, é corrido. Aí quando você vê...

06 L.E. - Mas você tem que tirar horas, se programá, levantá mais cedo. Se for atrás de frio você não vai, a hora passa...

07 Suara - Aí quando vê, já foi...

08 L.E. - Ah! Eu deixo tudo. Deixo casa, largo tudo e vou, porque senão depois eu fico aqui com aquela... sabe igual quando você come demais? Aí você fica com aquela coisa de culpa?

09 Suara - Você é tão bonita, o que é que você faz?

10 L.E. - Ah! Nada... É fiz sim alguma coisinha no meu rosto, um preenchimento... Eu já fiz com cinquenta e poucos anos...

11 Suara - Sério? E você só tem o B?

12 L.E. - Só tenho o B.

13 Suara - Você nasceu no circo?

14 L.E. - Nasci no circo teatro.

15 Suara - Que era de onde, de São Paulo?

16 L.E. - É do Estado de São Paulo, do interior. Só rodava interiorzinho assim de São Paulo.

17 Suara - Mas quem era do circo, seu pai ou sua mãe?

18 L.E. - É na verdade, era a minha mãe, né? Que sempre foi de circo, de família de circo. Aí ela conheceu meu pai, casou...

19 Suara - Seu pai era da cidade?

20 L.E. - De Catanduva, do interior de São Paulo.

21 Suara - Como foi que eles se conheceram?

22 L.E. - Ah!... Porque circo antigamente, circo pequeno, voltava todo ano na mesma cidade. Ela já tinha um roteiro já.

23 Suara - Ah!

24 L.E. - Então todo mundo conhecia o palhaço – “Aí, o Circo do Piquito.”, vamos supor: “Chegou na cidade”. Nossa! Então todo mundo esperava, uma vez por ano, o circo voltava na mesma cidade. Não rodava longe, ficava mais naquela rota.

25 Suara - Hoje em dia não volta mais uma vez por ano?

26 L.E. - Não, até volta. Eu falo cidade pequena que era circo teatro, circo pequenininho, circo que ficava um mês, dois na cidade, levava show...

27 Suara - Qual que é a diferença do circo teatro, este circo aqui a gente chama como?

28 L.E. - Circo pica..., circo assim que eles fala circo de tiro, circo de picadeiro. Mudou, não tem mais circo teatro que roda assim.

29 Suara – ã-hã.

30 L. E. - Era circo mais pequenininho, levava show. Era Chitãozinho e Xororó, era todo esse show antigamente. Nesse circo que eu nasci.

31 Suara – ã-hã.

32 L.E. - A gente morava de barraquinha de lona...

33 Suara - E você tem lembrança deste tempo?

34 L.E. - Ah!... Fotos não tenho, né? Porque tenho sim da minha mãe, porque ela guarda. Fotos que até tô fazendo um projeto que era... a moça até mandou pedi as fotos, mas era assim no circo do interior.

35 Suara - Pra registrar essa... a história?

36 L.E. - É porque a Cultura agora, né tão assim, premiando pessoas que... agora tem uma nova lei que saiu na Cultura. Pessoas que... assim, sempre trabalhô pra cultura, pessoas assim tipo no anonimato, que nunca teve uma carteira assinada, que se tem algum tipo de registro, muitos anos trabalhando. Então tá sendo premiada, todo ano. Então eles pega o que, o que a pessoa tem de registro.

37 Suara - Hum.

38 L.E. - Então eles fazem, tipo é um projeto.

39 Suara - Caramba, que bom.

40 L.E. - É um projeto. Já várias pessoas amiga minha...

41 Suara - De quem que é esse projeto, é da Secretaria...

42 L.E. - É Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Até a moça que é filha do P.B. a P. que sabe qual é o nome do projeto.

43 Suara - Hum.

44 L.E. - A P. (referindo-se a uma pessoa) então, já foi contemplada várias pessoas.

45 Suara - Mas aí ganha alguma premiação?

46 L.E. - Não. Tipo assim...

47 Suara - Em dinheiro?

48 L.E. - É. Ganha um prêmio em dinheiro, vinte mil reais e agora também já tá na lei, agora falta... não sei quando que vai sair, pra ter uma aposentadoria,

49 Suara - Nossa!

50 L.E. - Todas as pessoas que contribuiu pra cultura.

51 Suara - E você tá fazendo isto pra sua mãe?

52 L.E. - É. Eu tô fazendo pra minha mãe e depois pra mim também, né. Porque eu também vou querer uma coisa. Porque eu tenho muito registro meu, né? Uma história.

53 Suara - É uma vida toda no circo?

54 L.E. - É uma vida toda no circo. Então porque muitos anos atrás, há muitos e muitos anos, então, as pessoa nasciam no circo, criava e morria no circo, nunca tinha uma... não pensava em ter nada lá fora... Porque hoje em dia as pessoas, a maioria filhos de circense de quarta geração, terceira geração, já tem outro conceito. As crianças, neto e bisneto de, de antigo de circo já, já qué... Não qué mais ficá no circo.

55 Suara - Sério?

56 L.E. - Já querem estudar, já pensa em ter alguma coisa lá fora. E na minha época de criança a gente nem imagina que... o mundo lá fora, em saí. A gente era uma continuidade daqui.

57 Suara - Hum.

58 L.E. - Então hoje em dia é mais difícil sim pras pessoas verem seus neto. Você nasceu, você é uma terceira geração de circo, aí você vê que a sua família tá indo pra outro lado assim, não tá mais abraçando a sua causa. Então aí as pessoas fica mais triste, né? Os velhos, a gente chama de cirquero, cirquero mais velho, vai ficando mais ...

59 Suara - Então, como você acha que vai ser o futuro do circo?

60 L.E. - Ah! Eu vejo o futuro do circo, na minha opinião né, que cada um tem sua opinião vou expressar minha opinião, que eu acho. Que vai ser bem difícil a vida de circo. Eu acho que vai ser bem... assim, eu acho que o teatro vai entrar. Você vê, o teatro põe alguma coisa de circo, tá ganhando mais espaço do que o circo, o teatro.

61 Suara - Hum.

62 L.E. - Porque circo tá mais escasso, acabando. Porque circo pequeno que eu nasci de teatro, não tem mais.

63 Suara - Hum.

⁶⁴ L.E. - Quantos anos que deixou de existir circo teatro? Tipo assim, esse circo mambembe que hoje eles chamam né, mambembe, entre aspas né, porque a gente vivia... Era ruim, mas era bom. Eu lembro dos tempo maravilhoso. A gente chegava na cidade... Nossa! As criança corria atrás daqueles caminhão. A gente viajava, né? Em cima de caminhão lotado, daquela cidade pequenininha... O circo lotava, né?

⁶⁵ **Suara - Hum.**

⁶⁶ L.E. - Né? Então... Acabou.

⁶⁷ **Suara - Qual que era a coisa ruim, quando você fala que era ruim mas era bom?**

⁶⁸ L.E. - Ah! A parte ruim era que a gente não tinha nenhum conforto. Pra começar a gente tinha uma lâmpada só dentro de casa. Nas barraca era um bico de luz...

⁶⁹ **Suara - A barraca era de...**

⁷⁰ L.E. - De lona.

⁷¹ **Suara - Ficavam quantas pessoas?**

⁷² L.E. - Ah! Cabia uma família, né? Depende. Cada um tinha o seu tamanho de barraca. Então não tinha geladeira, a gente não tinha uma água gelada. A gente só tinha um bico de luz. A gente que tinha que tomá banho de bacia. Na minha época de criança, dentro da barraca, tinha poca coisa, era mala de, de madeira né, pra gente por as coisa em cima do caminhão do dono do circo, pra ir pra outra cidade. Então se você queria uma coisa assim, não tinha né, o conforto que hoje tem.

⁷³ **Suara - E vocês eram uma família de quantas pessoas?**

⁷⁴ L.E. - Ah! Nós era em seis, com meus irmão.

⁷⁵ **Suara - Eram quatro irmãos?**

⁷⁶ L.E. - É. Então... é lógico, hoje em dia a tecnologia, a gente tem internet dentro da minha casa aqui (risos). Eu tenho... Nossa! Durmo bem assim, tenho meu chuveiro, tenho minha casa, viajo...

⁷⁷ **Suara - Tem televisão...**

⁷⁸ L.E. - Tem televisão, tudo. Então... se naquela época minha mãe tivesse uma vida dessa no circo... Era uma vida sofrida. E eu falo assim, as vezes eu vejo assim, strass né, que hoje em dia as ropa mudaram... agora também já mudou as ropa de circo. Teve uma época... aí a gente comprava, a gente chegava naquelas cidade um pouco maiores, a gente ía no comércio aí achava aquelas lantejoula grande. A gente se apaixonava pelo brilho. Nossa! É como se fosse um strass. Como é que chama aquele strass que eu não sei?...

⁷⁹ **Suara - Swarovski?**

⁸⁰ L.E. - É. A gente bordava ropa. Nossa!... Era... depois vieram os strass né, todo mundo... Eu tive acesso ainda trabalhando... Então era uma coisa mais né? O brilho, as pluma. Hoje em dia acabô muito também né, eu acho que sim, o circo vai ser eu acho que daqui a dez anos vai tá bem... Vai sobreviver eu acho os espetáculos de fora, muita coisa né, que já tá

vindo, espetáculo de fora. Porque tá difícil artista né? Ninguém qué mais ensaiá um bom número...

81 Suara - Hum.

82 L.E. - As pessoas tão deixando mais né, ninguém tá mais abraçando...

83 Suara - Que número você fazia?

84 L.E. - Eu fazia força capilar...

85 Suara - Sério?

86 L.E. - Circo teatro ainda eu peguei bastante entrada em comédia. Eu já fui bailarina de circo...

87 Suara - Você trabalhou até quanto tempo? Faz tempo que você parou de sair?

88 L.E. - É faz dez anos na verdade, que eu parei de trabalhar, que depois surgiu outro trabalho. Na época que eu parei de trabalhar foi neste circo aqui até. Trabalhei várias empresas, várias, várias, várias.

89 Suara - Empresas?

90 L.E. - De circo assim...

91 Suara - Ah! De circo?

92 L.E. - É. A gente fala empresas né, de circo, tipo cirqueiro, tipo V. empresa, várias várias que já acabaram, B.G.B.C. Fui casada doze anos também. Meu marido era domador...

93 Suara - Hum.

94 L.E. - E a gente viajou muito, e faz quinze já que eu tô separada...

95 Suara - Hum.

96 L.E. - E é assim a vida no circo. Eu acho que tá, vai ficá mais difícil sim, porque hoje em dia ninguém qué ensaiá um bom número. As pessoas qué ensaiá uma coisa fácil. Não qué ensaiá mais de quatro, cinco meses. Qué ensaiá três, quatro semanas já qué pô qualquer coisinha. Já fala que é numero. Já qué trabalha. Então vai difícil né, você montá um bom espetáculo hoje no Brasil...

97 Suara - Porque antes os números eram mais elaborados?

98 L.E. - Era mais elaborados é. Então hoje em dia, a juventude do circos, que nasceram que tem família no circo, já num, num abraça mais essa causa né, já vê, já tem outro, outra cabeça. Já querem estudá. Aí já vê já quero sê aquilo: "Ai porque eu quero pará de circo." Você não ouvia ninguém falá isso na minha época: "Quero pará de circo". Isto não existia no vocabulário nosso. Os idoso até morreriam, morriam no circo também... Agora hoje em dia não, as pessoas, as menina falam, os menino...

99 Suara - E você já pensou em parar?

100 L.E. - Ai... pra ser sincera já. Às vezes eu penso sim. Ainda não parei porque eu não tenho condição... pra mim ainda eu acho, não de... assim... eu penso sim em parar.

101 Suara - Parar quer dizer o quê?

102 L.E. - Pará de circo é morar numa cidade.

103 Suara - Num lugar fixo?

104 L.E. - Numa casa, sonho assim... é bom né você vai nos lugar. Aí eu vejo, eu entro numa loja que falo - "Aí meu Deus se eu tivesse..." a gente fala uma pra outra, "Se eu tivesse uma casa"... vamo supor, a gente podia comprá um relógio desse, colocá na minha cozinha - "Aí se eu tivesse uma sala, né?" A gente sempre imagina assim, sempre vem aquela esperança, ou a gente as vez fala - "Quando eu tivé minha casa, quando tivé minha casa". Então... você já fala assim por quê? Porque você já qué ter...

105 Suara - Mas você acha que esse fato de você querer ter assim, porque que será? Será que a dez anos atrás você pensava assim também?

106 L.E. - Não, não pensava. A dificuldade acho de hoje em dia. Você vai ficando... não sei. Você vai pegando uma idade, você vai vendo a vida mais diferente. Você qué assim, uma coisa mais tranquila, né?

107 Suara - Hum.

108 L.E. - E... ano passado eu comecei pensá que a gente começou viaja muito. Engraçado, eu nasci viajando, cê vê, há cinquenta ano que eu tô em estrada. A gente pegou há dois anos agora. A gente viajou muito. Começou viajá muito por Goiás. Dá pulo assim de quinhentos, seiscentos quilômetros de uma cidade pra outra...

109 Suara - Hum.

110 L.E. - A gente foi pra Goiás, a gente foi pra Brasília, foi pra Minas. Voltei pra São Paulo, fui pro sul, tudo assim no ano, assim, bem rápido. Então eu fiquei meia... abalada nessas viaje. Me abalô muito porque, cansada e assim... vendo diferente, não querendo. Aí a gente... eu voltei pra São Paulo ano passado. Aí agora nós vamo ficá uma boa temporada pra essa região, que adoro São Paulo. Quando cheguei daqui três semana me mandaram pro Rio Grande do Sul, assim aquela viagem longa, a estrada. Aí a gente fica meio com medo. Chega ai viagem de longe. Quanto? Seiscentos, setecentos, trezentos kilômetro de uma cidade pra outra. No começo tudo você acha gostoso, né? Mais depois você acha... anda muito, você fala: "Aí seu eu tivesse um canto pra mim ficá, ficá parada, aí que delícia"...

111 Suara - Mas você acha que você se adaptaria, ficar parada?

112 L.E. - Olha, vou ser sincera com você. Tudo depende da situação que você pára. Você acostuma sim.

113 Suara - Hum.

114 L.E. - Qualquer pessoa se acostuma numa vida tranquila. É, senti falta? Sente. Saudade? Sente sim. A gente sempre vai tê aquilo no coração. Você nunca vai deixá as suas origem pra trás, nunca. Porque eu tenho uma amiga minha que nasceu no circo T., tá lá no sul, a

V. A família dela circense, e depois de muitos ano o pai faleceu, a mãe, ela... parô nos amigo que já era de circo parado. Se formô em cabelereira tá com quarenta e poucos anos e... ela tem paixão pelo circo. Ela nasceu no circo. A família dela é uma circense. Então ela trabalhô em várias empresa grande, o pai dela tudo. Aí ela fala, a gente teve com o circo lá, nossa, ela não saía daqui. A paixão dela é circo sabe... mas é que nem, ela tem a profissão dela, ela se encaixou direitinho. Então todo mundo acostuma sim. Pode ser um circense da quarta geração, se você parando com uma estrutura, estruturado. Ah! Você acostuma sim... se parar.

115 Suara - E como é que é viver no circo, por exemplo, porque aqui trabalha, tem os amigos...

116 L.E. - Aqui a gente trabalha, aqui é uma cidade. Aqui tem pessoas que conversa que num sai daqui, é igual uma cidade assim... família entre aspa, né? Porque você tem as suas diferença, cada um tem a sua vida, eu tenho minha casa. Essa aqui é minha casa, é meu espaço, tenho meu salário, faço da minha vida o que eu quero, recebo, como, ninguém me dá nada. Eu vivo do meu trabalho, do que eu faço, que é tenho uma venda também que me ajuda, vendo maça do amor que é minha. E as pessoa é... poucas... as amizade que a gente tem, com o outro. Assim... é um oi. A gente quase não vai muito na casa do outro. É pouco assim, a gente se encontra mais na praça de alimentação, que você se reúne ou quando eu trabalhava no fundo no camarim que as pessoas, que a gente se encontra pra... se pintá, maquiá... principalmente quando eu era bailarina, trabalhá. É um oi. A nossa amizade é de fundo de circo e de frente...

117 Suara - Hum.

118 L.E. - De todo mundo, mas quando acontece uma coisa com alguém, junta todo mundo pra ajudá...

119 Suara - Hum.

120 L.E.- Se acontece alguma coisa com você, são as pessoas bem unidas assim... mais eu, falá pra você que são pessoas... que a gente somos assim... não. De repente eu vejo, eu nunca fui ali no fundo do circo, na casa da outra moça que chama L. também. Eu acho que faz um ano que eu não vou na casa dela, que eu não entro na casa dela, no trailer dela. A gente conversa sim, mais... nem ela aqui assim... como uma comparação. Tem pessoas assim, lógico mais chegadas que vive aqui. A P. que eu vi ela nascê, que ela é como se fosse filha também. O filho dela me chama de vó. Então não tem como, a gente tem já uma ligação muito forte já. Então ela vem, senta aqui, - "Ai vó". Nossa! Eu não vivo sem o filho dela né. Então é assim o circo, o dia a dia...

121 Suara - Qual é a melhor parte de viver no circo?

122 L.E. - A melhor parte, é a gente viajá bastante, que nem eu te falei, que é bom e é ruim e assim ao mesmo tempo estrada né, eu já tô cansada e... você conhece muitos lugares

diferente, muita cultura diferente. Pessoas de repente passa uma vida sonhando fazê uma viagem pra aquele lugar, e vai e fica, e a gente vai e mora naquele lugar, a gente registra as coisa, a gente conhece. Que nem Brasília, cidade maravilhosa. Fiquei encantada com Brasília. Porque eu tive lá muitos e muitos anos e não dava muita importância pra esse tipo de cultura na minha época. Eu tive lá tinha uma vinte ano por aí e meu pensamento era outra coisa, mas dessa vez que eu voltei ano passado, eu já fui querendo sabê da história de Brasília, de Juscelino, quis saber tudo. Eu fui em museu. Tudo o que você pudé imagina lá eu fui, pra mim vê, pra mim conhece. Agora eu aproveito o máximo da cidade que eu vô...

¹²³ **Suara - Hum.**

¹²⁴ L.E. - Sabe, registrando em praia Santa Catarina, Florianópolis, Rio Grande do Sul, Nordeste, Chile, então e agora a cidade, quando eu vô em lugares turístico né, eu aproveito bastante, adoro...

Observação: Neste ponto, um homem bateu na porta do trailer de L. e a chamou. Ela respondeu desde o lado de dentro, sem abrir a porta. Foi um rápido diálogo referente à bilheteria.

¹²⁵ **Suara - Estávamos falando das viagens, que agora você aproveita, né?**

¹²⁶ L.E. - É... quando a gente chega em lugares assim turístico principalmente, a gente viaja conhece muito lugar bonito, a gente anda muito, viaja. Então agora eu aproveito bastante esses lugar, as praia, os museu né, que eu gosto... que nem Brasília. Então cidade maravilhosa. Eu já tive lá mas não tinha prestado atenção como Brasília é uma cidade linda.

¹²⁷ **Suara - Você foi com um outro olhar agora?**

¹²⁸ L.E. - Fui com outro olhar, tudo eu olho agora diferente, não sei. Tudo eu olho assim com outra coisa. Sabe... achei maravilhoso.

¹²⁹ **Suara - Você se sente diferente por ser de circo? Diferente das outras pessoas?**

¹³⁰ L.E. - Sinto sim, eu sinto. Muitas vezes, depende do lugar que eu vô, eu não falo que sou de circo.

¹³¹ **Suara - Sério?**

¹³² L.E. - É.

¹³³ **Suara - É? Por quê?**

¹³⁴ L.E. - Ah!... Eu não sei. Tem pessoas não, que acham, - "Ai você do circo né, que legal! Me conta. Nossa! Adoro". E tem pessoas ainda que você fala que é de circo, te olham você de outra maneira. Você sente que ficam mais... você sente que fica mais restringida, não sei, assim... te olha com inferioridade... - "De circo"... Às vezes, mas tem sim.

¹³⁵ **Suara - Mas eles chegam a falar?**

¹³⁶ L.E. - Ah! Não. Num chega, mas não precisa fala. Você sente já o tratamento que você tem.

¹³⁷ **Suara - Hum.**

¹³⁸ L.E. - Igual você vai comprar alguma coisa numa loja... alguma coisa assim... eu não dou endereço, não falo circo, nada. Passo cartão, nada nada não falo nada. Às vezes pergunta assim, falo - “Ah! Eu moro num bairro, onde tá o circo. É ali que eu moro”. Em cidades assim, a gente já teve tipo nas praia aqui de Caraguatatuba, a gente tava montado num lugar bem central, num bairro bem chique mesmo, aí a gente... eu ia fazê caminhada tinha umas senhora lá toda elegante, todas assim, elas pegaram amizade comigo e uma senhora, mãe do menino que até faleceu ano passado, que era uma companheira minha que eu lembro dela sempre, lembro porque ela era uma companheira minha, faz um ano que ela faleceu, até vou mostrá a foto dela, ela deve tá até aqui me ouvindo, essa abusada.

¹³⁹ **Suara - (Risos).**

¹⁴⁰ L.E. - Essa senhora aqui.

¹⁴¹ **Suara - Olha que linda!**

¹⁴² L.E. - Então, era uma... assim, ela faleceu assim, desse jeitinho, com esse rosto maravilhoso dela, então ela...

¹⁴³ **Suara - Ela era de onde?**

¹⁴⁴ L.E. - Era do circo.

¹⁴⁵ **Suara - Ah! Era do circo?**

¹⁴⁶ L.E. - Era de circo. Nasceu e se criou no circo ela... Então eu sinto falta dela. Sinto falta porque ela foi uma companheira minha. Assim uma companheira de amizade. “Dona S., vamo em tal lugar?, “Vamo”. “Vamo pra caminhada?”, “Vamo”. E ela de manhã, um dia tava chovendo, ano passado foi, ela... o trailer dela tava até sem toldo e ela tava lavando roupa na minha máquina, aí ela falô, - “Ai acredita que eu tenho um monte de ropa ainda pra lavá?” Eu falei, - “Porque a senhora não vem lavá aqui? O toldo da senhora tá rasgado. A senhora lava aqui, não sei o quê.” “Ah não! Vou lavá lá em casa”. Ela foi ligá a máquina dela, tava desligado uma chave, tava sem luz. Ela foi segurando o fio dela, aí o fio descascado ela levou um choque, aí deu é... coisa fulminante, como é que chama? Aí ela caiu e já...

¹⁴⁷ **Suara - Nossa!**

¹⁴⁸ L.E. - Então sempre que eu falo dela, eu fico emocionada.

¹⁴⁹ **Suara - Aqui mesmo no circo?**

¹⁵⁰ L.E. - É aqui no circo, é... eu tava até... na época... eu tava mal também, eu tava não sei o que que eu tava assim, com uma febre no dia. Aí vieram me chamar e eu não quis ir ali eu falei – “Ai não, eu num vô, leva ela”... Quando levaram ela já tinha... não vi mais ela também. Sabe foi uma coisa... não quis vê mais. E a gente tava em Caraguá e eu lembro

nóis fizemo umas amizade. Todo dia nós ia e essas senhora tava lá, cum joguinho lá na praia. Elas chamou nós, - “Ah num sei que”, a gente conversamo. Aí pelos papo delas perguntaram – “Vocês moram aonde? Vocês são daqui mesmo?” “Não a gente somos de São Paulo, a gente tá aqui passando uma temporada”... Não sei o quê...

¹⁵¹ **Suara - Hum.**

¹⁵² L.E. - Aí a gente quando encontrava, ela falava – “Ai as paulistas chegaram!” Num sei o quê?

¹⁵³ **Suara - (Risos).**

¹⁵⁴ L.E. - Então a gente falava que não, depende das pessoas assim, a gente ainda tem sim um pouco de... Olham a gente de outra maneira assim, fala que é de circo...

¹⁵⁵ **Suara - Preconceito?**

¹⁵⁶ L.E. - Ainda tem... é...

¹⁵⁷ **Suara - Mas você passou por alguma situação que te deixou constrangida mesmo?**

¹⁵⁸ L.E. - Não. Nunca assim... Só de... assim de senti que as pessoas que... depois que soube também que eu tinha uma amizade... que souberam que eu era de circo, assim já... deu uma excluída assim, mais... né? Que não tem, pessoas que ainda não tem um conhecimento como é que é circo. Então as pessoas não sabe... tem muitas pessoas muito ignorante ainda. Existe. Mesmo que... que tenham estudo, ainda elas acham sabe de circo, cigano. E na verdade eu tenho amizade com tanto cigano... também, que são pessoas maravilhosa. Adoro. Amo de paixão!

¹⁵⁹ **Suara - Sério?**

¹⁶⁰ L.E. - Nossa! A gente conhece, a gente sempre se fala por telefone. Tem um bando de cigano que eu conheço, amigos, amigas que são pessoas maravilhosa.

¹⁶¹ **Suara - Que você conheceu onde?**

¹⁶² L.E. - Conheci assim andando. A gente tá num lugar eles também, a gente fazia aquela amizade. A gente fazia um churrasquinho aqui, eles lá também, eles tem um modo de vida. Aí já falam que é ladrão, que o cigano róba. Tem essa mania né, o pessoal. Não, eles vive do trabalho deles, vendendo uma coisa, vendendo outra. Ninguém tá roubando nada, eles tão vendendo, já é a cultura deles, né? Então é gostoso.

¹⁶³ **Suara - O que é que diferencia assim, na sua opinião o circo, o pessoal do circo e eles?**

¹⁶⁴ L.E. - Ah! Porque a vida deles é completamente diferente. Até hoje eles gostam de viver em barraca, vive vendendo porta em porta, as mulheres querem lê sorte... aquela coisa né. Deve ser pior né... porque... pessoas na rua né, te abordando...

¹⁶⁵ **Suara - Mas pela amizade que você tem com eles, você percebe que eles gostam desta vida?**

¹⁶⁶ L.E. - É, gosta...

167 Suara - Assim... eles morariam de outro jeito?

168 L.E. - É morariam sim, lógico. Eles tem toda a condição de mora bem, eles comem bem, veste bem, tem tudo que... não tem, não passa falta de nada. Assim, são pessoas que gostam de gastá, tem dinheiro próprio, tem seus carro, então eles gostam daquilo entendeu? Então, se eles tão bem, e eles tentam também passar pros filhos e pros netos deles, só que pra eles também... Que nem uma amiga minha, chama Estoina ela, os filhos vai se desvencilhando também, por quê? Começa ir na escola, já não quer. Então já começa... a querer de outra maneira, então quando cresce não quer mais sê também, seguí. Fala que não é nem cigano, fala assim né, que é... vai saindo também (risos) é difícil...

169 Suara - Como é que você acha que as pessoas de fora do circo, vêm quem é de circo? O que você acha que eles pensam, o que eles acham?

170 L.E. - O que eu acho que eles pensam, assim, que a gente, assim... "Ai, que gente de circo pessoa suja". "Pessoa que dorme com todo mundo". "Como será que deve ser a vida de pessoas de circo"? "Acho que dorme com todo mundo, home com mulhe". Assim, tipo assim, um dorme com outro, com outra. Muitas pessoas acho que pensam dessa maneira. "Ai dorme tudo misturado". "Ai como será que é"? "Será que tomam banho"? "Ai pessoa suja". Ai ai não sei...

171 Suara - Hum.

172 L.E. - Alguma coisa assim. Eu acho que eles pensam dessa maneira, pode até ser que não (risos) mas...

173 Suara - É que tem gente que não sabe né, não dá mesmo pra saber.

174 L.E. - (Risos).

175 Suara - (Risos).

176 L.E. - Então dá essa impressão, que eles pensam dessa maneira.

177 Suara - É por causa talvez do estilo de vida né, que é muito diferente.

178 L.E. - Estilo... é diferente ainda. E antigamente era bem mais pior né lógico. Hoje em dia você vê que a gente sempre tá na televisão, e... a mídia também sempre no circo, nos bastidor e fala como é. Então tem muita gente assim que já tirou isso, esse conceito da cabeça, poucas pessoas que pensam aquilo sobre nós circense (risos).

179 Suara - Como é que você chama as pessoas que são de fora do circo, assim... tem um jeito de chamar?

180 L.E. - Ah!... (risos) as vezes fala lóqui de praça...

181 Suara - Lóqui de praça?

182 L.E. - É (risos) os lóqui de praça.

183 Suara - Então, mas lóqui de praça, não entendo...

184 L.E. - Tipo assim, essas pessoas de, de praça assim. A que não entende nada. Eles acham que a gente... na verdade são eles, que a gente não é nada daquilo, a gente qué

passa isso... um pro outro. Eles não é nada daquilo que eles acha da gente, porque se eles soubesse bem da gente... A gente tem sim uma cultura. A gente viaja muito, a gente conhece muitas coisas... não é nada daquilo. Então... a gente fala que é o que eles acham de nós, que eles acha dele... que não é nada daquilo... então a gente fala isso...

185 Suara - Mas lóqui de praça é...

186 L.E. - Pessoas de praça, que não tem entendimento, que não entendi nada de circo, na nossa vida e... faz um conceito daquilo.

187 Suara - Hum.

188 L.E. - Põe aquilo na cabeça que a gente é isso, é aquilo.

189 Suara - Tá, é que eu tinha entendido... que teve um rapaz que me falou de lóqui de praça, e eu pensava que fosse só as pessoas que o circo contrata pra montar as ...

190 L.E. - Não.

191 Suara - Pra ajudar a desmontar o circo, não é isso?

192 L.E. - Não, o pessoal fala, - "Você é lóqui de praça". Eu vou parar vou ser lóqui de praça, é tipo um dizer assim, circense...

193 Suara - Pra dizer...

194 L.E. - Tipo, se eu quiser parar assim... eu vou pará de circo, vou arrumá uma casa e vou ficar aqui, aí minhas amiga fala: "Aí você vai virá lóqui de praça, é?"

195 Suara - Ah... entendi, entendi.

196 L.E. - Aí vou vira lóqui de praça !

197 Suara - Ah!

198 L.E. - É assim que funciona.

199 Suara - Mas pra você, o que significa ser de circo?

200 L.E. - Olha pra mim é... eu nasci e me criei nessa vida e abraçaria essa causa... com todas as garra... até o fim. E mesmo um dia se eu consegui parar, se eu pará de circo, eu não sei o amanhã o que tá reservado pra mim, pode ser que eu pare, pode ser que eu desencarne antes ou não sei, né o que que vai acontece, mas sempre eu vou... abraçar esta causa com carinho. Vou lembrar sempre. Vou falar bem, e... nasci e me criei e... sobrevivi, não tenho nada que fala de circo. Pelo contrário, me ensinou muita coisa boa, viajei muito, conheci esse Brasil do Chuí ao Oiapó... Conheci várias cultura, sofri, chorei, ri é como a vida é, né? Então... foi muito bom, levei muita alegria, fiz meu número... trabalhei bastante... fiz força capilar... fiz um monte coisa.

201 Suara - Você aprendeu a fazer com que idade? Como é que foi?

202 L.E. - Olha, eu na verdade, eu comecei em circo pequena. Em circo teatro a gente começa a trabalhá cedo, oito, nove anos a gente já vai fazendo alguma coisinha. Entra numa caixa de magia, entra numa coisinha. Circo teatro a gente usa sempre... usa criança,

né? Pra teatro, pra circo teatro, tudo. Sempre trabalhei desde criança pra ajudá minha mãe...

203 Suara - Quem foi que te ensinava?

204 L.E. – A minha mãe, meu pai, né? Porque né, a gente tinha que ajudá também, tipo assim ajuda. Aí comecei a trabalhá, fazê meu número. Aí meu salário ía tudo pra minha mãe, pro meu pai pra ajudá, meus irmão... que eram pequeno, que na época de circo pequeno a gente ganhava pouco, meu pai. Então a gente tentava já trabalhá cedo pra ajudá né, te um salário a mais...

205 Suara - Você lembra dos ensaios?

206 L.E. - Ah! Lembro. Nossa! Os ensaio são como hoje assim... quem ensaia assim... que nem a dona C.K. ensaia a tataraneta dela, é igual. Sempre ensaiando de manhã. Era bem rígido, mais até do que hoje. A gente tinha que... tinha aquela hora mesmo, como se fosse horário de escola, era obrigação você aprendê aquilo. A mãe da gente também determinava aquilo que a gente ia fazê. As vezes você não tinha muita escolha na época, de querer fazê seu número. Eu gostava, eu queria fazê uma contorção, era o que eu adorava, ai eu queria tanto... aí a sua mãe decidia por você... fazer uma corda indiana, que ela já fez, já... cada um já tem... que nem, eu gosto de força capilar...

207 Suara - Hum.

208 L.E. - E a minha família não tem ninguém que faça força capilar...

209 Suara - E você aprendeu, você... quantos anos...

210 L.E. - A deu vontade já, depois já de catorze anos de idade já, tinha uma senhora no circo, eu pedia pra ela e ela me ensinou .

211 Suara - Hum.

212 L.E. - Porque eu sempre tive vontade de fazê isso, então as vezes a gente acabava fazendo o que a mãe da gente queria, a família da gente, já era número de família, então...

213 Suara – Hum.

214 L.E. - Então aí eu queria fazê outra coisa né, mai... tinha que fazê aquilo que a mãe da gente, lógico, era outra obediência.

215 Suara - Como é que foi para você parar de ir?

216 L.E. - Trabalhar?

217 Suara - É, de ser artista.

218 L.E. - Ai foi muito difícil. Este dia... foi terrível.

219 Suara - Mas você chegou um dia ou... você foi se preparando?

220 L.E. - Não, foi... eu tava trabalhando e... depois... daqui tinha um monte de artista já. Foi em Santos, e... tinha uma moça que trabalhava há tempo aqui, uma senhora que até foi embora do circo e tava precisando de gente pra bilheteria, precisava... aí - “Quem que eu vô pô?...” Só que aí eu mesma pedi pra dona do circo - “Ai você no qué por eu na

bilheteria?”. “Porque as vezes eu fico assim, cansada, tipo assim, entrar no bailado tudo”. Tinha que ficava até o final. Na época do inverno, você faz o teu número mas você tem que ficar esperando o final pra dá a volta na pista. Às vezes eu ficava lá trás falando assim – “Ai que vontade de ir embora, que frio” né? Você tem que ficá até o final do espetáculo. Aí eu pensava, - “Na bilheteria, dá o intervalo eu já vou pra minha casa”. Aí ela falo: “Ah, eu vou vê. Vou fala com o P.B. né? De repente”... “Depende, como tem bastante bailarina, tem bastante número...”. Aí a moça foi embora, não conseguiram arrumá na época, puseram eu de provisório, mas só que o primeiro dia que eu fui pra bilheteria, que eu me vi sem uma maquiagem, sem um cílio, foi terrível pra mim. A hora que eu via as outras no picadeiro toda maquiada... É difícil, você se vê... sem maquiage. Você se vê outra pessoa. Anos você se maquiando na frente do espelho, de repente você chega um dia... que o espetáculo, roda o primeiro dia você tá vendo e você tá fora e as pessoas lá dentro, no bailado, aquela agitação... Nossa! Aí as meninas: “Nossa, você tá sem maquiage, no sei o quê”, ai deu sim uma tristeza em mim, me deu.

221 Suara - O que passava pela sua cabeça?

222 L.E. - Ai acabou tudo, que será, tô velha, acabou, ai não sei o quê. Aquela tristeza, aquela angústia, mas depois foi passando...

223 Suara - E depois de quanto tempo passou?

224 L.E. - Ai uma semana já foi passando, não deu uma semana, já fui.... né?

225 Suara - Você tava com quantos anos então, quando você parou?

226 L.E. - Ah! Uns quarenta e poucos... quarenta e dois.

227 Suara - Então você já tá faz tempo na bilheteria?

228 L.E. - Aqui faz, aqui faz, já faz tempo. Ah, já faz tempo já que eu sou financeira.

229 Suara - Sério?

230 L.E. - É faz tempo que tô no financeiro aqui. Mexo com as contas, faço borderô, faço tudo essa parte.

231 Suara - Ah! É você que faz tudo, que paga o pessoal?

232 L.E. - Quem paga é a mãe dela, dessa menininha linda aí ó. Ela é neta da dona C.K.

233 Suara - Ela é netinha da dona C.K.?

234 L.E. - É... a romena.

235 Suara - Tudo bom...? (Dirigindo-me à criança que havia acabado de entrar no trailer).

236 L.E. - Você falou com ela ontem?

237 Suara - Nossa como você é linda.

238 L.E. - Fala bom dia né, K.

239 K - Bom dia.

240 **Suara - Deixa eu dar um beijo em você? Nossa! Que coisa mais bonita, né? Quer sentar aqui pode sentar.**

241 L.E. - Ela é linda. Ela eu vi nascer também.

242 **Suara - Sério? Quantos anos que ela tem?**

243 L.E. - Ela tem nove. Aí então a vida da gente é essa. Isso que eu quero te dizer. Adoro o circo. O circo é maravilhoso.

244 **Suara - Como é a sua rotina, o seu dia? Você falou que levanta cedo, né?**

245 L.E. - Vou pra caminhá né? Faz muito tempo que eu caminho...

246 **Suara - Em qualquer praça?**

247 L.E. - Em qualquer lugar, em qualquer cidade, eu procuro sim, já é...

248 **Suara - Quanto tempo você caminha geralmente?**

249 L.E. - Ah! Duas horas por dia, todos os dias dependendo do parque né, que eu vô mais cedo né, que eu consigo. Sempre tento ficá duas horas caminhando, na parte da manhã.

Neste momento L.E pergunta para a criança que está olhando a foto se S.

250 L.E. - Quem é? Criou ela, a dona S. Adorava. Era a paixão dela essa menina.

251 **Suara - E ainda assim, acontece muito acidente no circo?**

252 L.E. - Ah! Não. Pouco agora né, pouco. É não tem mais animais, mais nada.

253 **Suara - Você acha que a retirada dos animais foi bom...?**

254 L.E. - Não, foi ruim.

255 **Suara - Foi ruim?**

256 L.E. - Foi.

257 **Suara - Por quê?**

258 L.E. - Porque o público vinha mais por causa dos animais também, né?

259 **Suara - Vinha mesmo?**

260 L.E. - Vinha, é... chamava né...?

261 **Suara - Uh-huh.**

262 L.E. - As criança, tudo. É um conjunto. Era um conjunto. Foi uma tristeza tirá.

263 **Suara - Você chega a fazer amizade com o pessoal de fora do circo?**

264 L.E. - Faço. Tenho bastante amizade também com gente de cidade, de praça.

265 **Suara - Dá tempo de fazer amizade?**

266 L.E. - Ah! Dá, dá sim. Quando a gente fica tempo, que nem igual aqui dá, dois meses...

267 **Suara - Que tipo de vínculo que dá pra fazer?**

268 L.E. - Ai eu tenho sim que... pessoas assim de longe, do interior assim de São Paulo, que a gente se liga, a pessoa liga. Quando vem pra essa região tenta passá aqui, vem dorme na minha casa... Tem uma dona de loja também que mora lá em Franca, aí como a gente tá aqui, ela compra as coisas da loja dela aqui na, na Zé Paulino. Aí ela veio aqui, deu uma passada correndo. Ela veio antes de dia, dormiu saiu bem cedo pra ir pras compra, né?

Então a gente tem esse tipo ainda né, que vê a gente como uma da delas né, e trata a gente normal. Quando tá perto vai na casa, almoça na casa das pessoas. A gente tem muita amizade.

269 Suara - Sério?

270 L.E. - Muita amizade mesmo nesse Brasil, muita. Eu tenho uma agenda, meu telefone as vezes toca e eu fico até meio - “Nossa, quem é?” “Ai você não tá lembrada de mim? Que não sei o quê”. Aí eu fico, ai meu Deus, - “Ah tá... Sabe?”

271 Suara - Se você decidir parar mesmo, você tem uma idéia onde você iria morar, que cidade? Você conheceu tanta coisa, né?

272 L.E. - Ai eu gostaria na verdade, eu falo assim eu gostaria de morar assim, no sul ou em Florianópolis que é uma cidade maravilhosa. Aquelas ilha, aquelas praia que a gente ia lá. Aquelas praia da Joaquina né? Aquelas ilha, e eu me sentindo assim... sabe? (Risos)

273 Suara - (Risos) Quanto tempo vocês ficaram lá?

274 L.E. - Fiquei por dois meses (risos). Nós saía todo dia, você pensa... Eu largava minha casa. Eu não quero sabê de casa. Se eu morro a casa fica, o serviço fica. Sabe que vida de dona de casa não tem fim, o almoço, louça, roupa. Largava tudo. A gente cada dia, a gente ia numa praia diferente, ia lá pra conhecer. E pegamo muita amizade lá também, naquelas praia mara... aquele povo lindo, pessoas linda, educadas, sabe? Pessoas maravilhosa, lá do sul.

275 Suara - E você deixou amigos lá?

276 L.E. - Deixei bastante amizade lá também. Lá tem uma amizades assim de gente com dinheiro né, que a gente pode... eles chama a gente pra ir fim de ano e tudo lá. Eles fala: “Vocês qué vim pra cá?” Porque o circo pára, então, a gente vai pra lá na praia.

277 Suara - O circo para em que mês?

278 L.E. - Dezembro.

279 Suara - Para quanto tempo?

300 L.E. - Para um mês.

301 Suara - Hum.

302 L.E. - Aí cada um vai pra onde qué...

303 Suara - Hum.

304 L.E. - Então as minhas amizade chama... a gente fica: - “Ai quando que a gente vai?”

305 Suara - E você viaja mesmo?

305 L.E. - Viajo sempre, sempre assim pra ir na casa de amigos, assim... se eu tô na praia assim... eu num, num saio não, se o circo na época pára na praia, eu não vou pra lado nenhum não. Fico por alí mesmo, mais se tá tipo aqui em Guarulhos, eu tenho amizade em Praia Grande, eu tenho amigos meu que tem casa lá: - “Ai vocês vão tá em tal lugar, vem

pra cá L., vem, vem, vem”. Aí a gente pega e vai pra lá, fica lá. Final de semana a gente leva as coisa, leva colchonete, as coisas... aproveita e racha as coisas... da comida é...

307 Suara - É uma festa!

308 L.E. - A gente vai nos Atacadão. Aí a gente compra as coisa também, bebida, a gente passa assim... Aí volta... é bom, é bom. A gente trabalha o ano todo né, aí depende onde a gente tá também, né?

309 Suara - Hum.

310 L.E. - Se tá por aqui, se tá pra outro lado... sul... pra onde tá. Se tá nas praia a gente aproveita fica na praia. Que nem neste ano a gente tava na praia, nós tava em Balneário Camboriú.

311 Suara - É lindo.

312 L.E. - Foi lindo, maravilhoso.

313 Suara - No verão ainda vocês estavam lá, né?

314 L.E. - Tava no verão... nas praia da Laranjeira, aquelas praia linda...

315 Suara - E você consegue saber pra onde vai?

316 L.E. - Não, não sabe nunca, não tem rota, não tem. Não tem nada.

317 Suara - Quer dizer, depende de muita coisa?

318 L.E. - De muita coisa. Você vê, nós tava em Brasília ano passado, hoje nós já tá aqui. Amanhã já... estava no sul estes dias, 3 meses atrás... já tá aqui...

319 Suara - Mas é bom assim, sem saber onde...?

320 L.E. - É bom é... é... É ruim porque você também não pode programar muitas coisa, né? Você fica meio assim... Eu como meus médico é na Unicamp, eu faço um tratamento na Unicamp há muitos anos. Então quando tá nessa região aqui, eu aproveito ir lá remarcá as minha coisa. Eu faço tudo lá meu check up de...

321 Suara - Sério?

322 L.E. - De ano a ano. Faz mais de dez ano que eu faço tratamento na Unicamp de circulação, de tudo...

323 Suara - Os exames, aqueles básicos que a gente tem que fazer sempre?

324 L.E. - Tudo lá na Unicamp. Tanto é que lá nem sai as coisas. Eu faço, ficam lá arquivados as pasta minha. Eu tenho minhas pasta lá.

325 Suara - Hum.

326 L.E. - E às vezes eu fico longe, às vezes eu marco, né?E às vezes não dá pra mim vim. Aí eu vou que nem agora, a gente vai fazê... ali, eu vou lá na Unicamp remarcá umas coisa, que ano passado eu não fui.

327 Suara - Hum.

328 L.E. - Aí chega lá pra assistente social, porque direto a moça fala: - “Ah não sei o que lá...”. Direto eu sei já os lugar certo. Vô na assistente social que sabe que eu sô de circo. Aí

eu falo: “Tava em Brasília não deu pra vim”. Falo pra assistente social: “Vê se você consegue me encaixá, pra falá com o médico pelo menos...”. Por que sempre médico diferente lá, né.

329 Suara - Hum.

330 L.E. - Aí ela, - “Vem pra cá. Vem então daqui um mês, quinze dias.” Eu falo: “Tá ótimo”. Então elas remarca. Eu passo lá no computador, volto, vô, faço dali uns mês já faz meus exame. Dali quinze dia vô e pego. Como funciona lá, o médico lê tudo pra mim e fica as pastas lá né. Porque eles não deixa tirá as pasta de paciente de lá. Ai eu adoro lá a Unicamp. E nós já conhece tudo lá. Já levei várias pessoa aqui do circo lá. Uma amiga minha aqui que tinha estrabismo, operô lá e tudo, conseguiu.

331 Suara - Sério?

332 L.E. - Sério. Devido assim ao conhecimento que eu tenho das pessoas que eu já fiz amizade lá. Tem pessoas antiga que trabalha lá, assistente social... pessoas mais assim que mexe com pasta essas coisas assim, conhecido assim: “Oi L. Ai do circo, quanto tempo. Ai voltou? Tá aonde? Então até me ajuda assim, elas me ajuda encaixá. Eu adoro porque elas tem o poder na mão, se quiser, tem como, lógico que tem, né? Que nem eu falo, guarda de trânsito, se é uma coisinha só ele pode por uma multa ou não.

333 Suara - Claro!

334 L.E. - Nas estrada as vez eu fico, nossa, por uma coisinha dessa né, não tem nada a vê.

335 Suara - E quando você viaja, você viaja com este trailer?

336 L.E. - É. Eu tenho uma caminhonete que puxa.

337 Suara - Você mesma vai...

338 L.E. - Não. Meu filho dirige.

339 Suara - Ele que vai dirigindo?

340 L.E. - É. Vai dirigindo eu vou dentro da camionete.

341 Suara - E aí tira tudo?

342 L.E. - Ah! Poca coisa que desce. Não. Tira só algum enfeitinho, o resto vai como tá. Tudo fixo, tudo fixo é minhas coisa. Só abaixo um pouco as coisinha aqui, meus perfume no quarto. Já tô até arrumando minhas coisa, mais meu neto veio aqui, que ele é abusado, ele arrancô tudo as coisas que eu guardei. Aí ele fica tirando...

343 Suara - Você tem um filho só, e um neto só?

344 L.E. - É. Não é neto, é filho da P. que me chama de vó.

345 Suara - Ah! Entendi.

346 L.E. - É sobrinho dela.

347 Suara - Ah!

348 L.E. - E ele vem aqui e ele fala: “Na casa de vó não. Não tem brinquedo na casa da vó”. Ele não quer vir muito aqui.

349 **Suara - (Risos).**

350 L.E. - (Risos). Ele gosta da sky, de desenho. Aí ele vem, vai lá pra minha cama, ele mexe nos meu elefantinho que eu gosto. Aí ele começa pôr um pertinho do outro. Aí ele vai embora, deixa daquele jeito meu quarto, cê pensa né. Então pra mim ficá conversando com a mãe dele, até deixo né, ele mexê (risos).

351 **Suara - (Risos) Que bonitinho!**

352 L.E. - Essa daqui também oh! Essa daqui era terrível quando era pequena.

353 **Suara - Sério?**

354 L.E. - Ai eu lembro dela. Ela vinha aqui, ela não conseguia nem subi a escada. Não, ela não conseguia por a mão na televisão. Pra você vê, ela ficava assim em pé, de pontinha de pé pra tentar ligar a outra televisão que eu tinha aí. Olha o tamanho já...

355 **Suara - Não é?**

356 L.E. - A gente vê nascê, crescê, a gente pega um amor... Imagina... Só falta ensaiá um número só, essa preguiçosa, que já tá mais do que na hora. Na idade dela, eu já trabalhava já.

357 **Suara - Você pensa nisso? Que número você pensa em fazer?**

358 K. - Eu já faço.

359 **Suara - Você já faz?**

360 L.E. - Ela entra cá mãe dela, na magia.

361 **Suara - Sério?**

362 L.E. - Você tem que fazer um número pra você, igual a B., igual suas prima...

363 K. - Ah!...

364 L.E. - É preguiçosa ela. No começo ela reclama muito. A vó dela não gosta de pegá ela pra ensaiá, chora, reclama...

365 **Suara - Sério?**

366 L.E. - É mole.

367 K. - Eu não.

368 L.E. - Ela é mole. Ela - "Ai dói aqui, num quero"...

369 **Suara - (Risos).**

370 K. - É que dói quando faz espacate em mim.

371 **Suara - Quando faz espacate?**

K. fez sinal de afirmativo com a cabeça.

Ao notar que L. já estava se atrasando, pois começara a ficar inquieta, finalizei, agradecendo-lhe pela atenção e entrevista.

372 **Suara - Muito obrigada, L.**

373 L.E. - Imagina, imagina. Precisando de qualquer coisa ...

374 **Suara - Obrigada mesmo!**

Neste momento passei a máquina fotográfica a L. e solicitei que tirasse as fotos. Ao perceber que ela estava com K., perguntei:

375 **Suara - Você quer se sentar com ela?**

376 L.E. - Senta amorzinho. Minha ciganinha linda... Já viu cigana loira?

377 **Suara - Ela é linda.**

378 L.E. - Cigana loira, não tem...

Perguntei se podia tirar uma foto delas e L. me disse que sim. Aproveitei e tirei uma foto de L. com K. e outra de L. sozinha, mas a fim de preservar suas identidades, optei por não expor estas imagens. Em seguida, passei a máquina fotográfica para L. e lhe disse:

379 **Suara - Você pode tirar mais agora de onde você quiser. Pode ser daqui de dentro, de lá de fora.**

380 L.E. - Ai eu vou tirar ali de fora...

381 **Suara - Pode tirar, fica a vontade...**

382 L.E. - Daqui da lona...

383 **Suara - Você falou o palhaço... porque o palhaço é o símbolo do circo?**

384 L.E. - Ah! É... imagina... igual pipoca e maça do amor...

385 **Suara - (Risos).**

386 L.E. - (Risos).

Regressei ao circo no dia 19/06/2012, onde tive a oportunidade de entregar as fotos à L.E. Neste momento perguntei-lhe porque ela havia tirado as fotos desde o seu trailer, da lona do circo e ela me disse que o circo era sua vida, seu amor, seu mundo. Comentou que hoje só o vê de fora.

387 L.E. - Eu não entro no picadeiro, lá é do artista, é sagrado, é respeito.

APÊNDICE F - Transcrição da entrevista com A.R.P.

Idade: 54 anos

Data: 05/05/2012

01 Suara - Eu queria saber a história, porque... me parece que o seu irmão foi o primeiro a ir ao circo...

02 A.R.P. - É. Essa é uma história... de... 30... quase quarenta ano atrás, né?

03 Suara - É?

04 A.R.P. - É... Eu tenho um irmão mais velho que... acompanhô também que não tem nada a ver com o circo. Acompanhô um... um pessoal do... do... do... Era circo teatro naquela época... E ele acabou acompanhando, né? E o dono do circo foi pedir pra minha mãe. Que eles era da região de Jundiaí... e como minha mãe morava ali por perto, não autorizou, né? Mas... não teve jeito, este mais velho foi pro... pro circo.

05 Suara - Porque que é que ele foi?

06 A.R.P. - É... ele gostava, né? Acabô... como o pessoal do circo era de... era de Jundiaí, né? Num era circo que andava muito... Aí a minha mãe até concordou que, com ele fosse e... Aí passou-se os ano, ele saiu desse circo, foi trabalhar num circo grande... e... um dia nas férias, nas minhas férias de escola, eu fui pra... ficar nas férias... e acabei gostando e acabei ficando.

07 Suara - Quantos anos você tinha na época?

08 A.R.P. - Uns catorze ano.

09 Suara - Caramba!

10 A.R.P. - E acabei ficando nesse circo... e... ali comecei a entrá quando faltava pessoas, né? Que nem faltô palhaço eu entrei... e aí fui aprendendo, né?

11 Suara - Mas quando você chegou já foi pra... pra pista?

12 A.R.P. - Não, não. Fui vender pipoca, né? Fui ajudar o meu irmão...

13 Suara - Ele fazia o que, o seu irmão?

14 A.R.P. - Ele fazia a parte de palhaço, ele era o chefe dos palhaço lá, né?... E aí quando faltou, precisou pra entrar num táxi maluco lá, que é aquele carro que explode, pra fazê uma pontinha, né?

15 Suara – (Risos).

16 A.R.P. - E acabei entrando... E acabei gostando e acabei ficando... Aí passando uns ano, nós saímos do circo, e o meu irmão sempre falava de montar os nossos “pauzinho”. Montá pauzinho é o começo... de um circo pequeno, né? Aí nós montamo o circo, e...

17 Suara - O senhor já tinha quantos anos, tinha passado quanto tempo?

18 A.R.P. - Ah! Já tava com dezenove ano.

19 Suara - Foi rápido então.

20 A.R.P. - É foi rápido. E aí... de lá pra cá o circo foi crescendo, crescendo, né?... E teve uma época aí que meu irmão... ele gostava de circo pequeno, não gostava de circo grande... que o circo pequeno ficava mais nas praça, né? Armava ficava 2, 3 meses...

21 Suara - Por que, qual que é a diferença?

22 A.R.P. - A diferença é que ele, o circo pequeno, tem aqueles drama, comédia... então ele, é uma maneira de diferenciá um espetáculo do outro. Então o circo pequeno acaba ficando mais na praça... E antigamente também tinha aquele show sertanejo que vinha no circo, né?... E agora o circo grande, que é o circo de tiro, o espetáculo é repetido... não tem como mudar, então quem tem que mudá é o circo, né? E aí, aí o circo foi... foi mudando... e nós começamo a fazer quatro dia cada cidade, qué dizer, um final de semana: sexta, sábado, domingo e segunda... E eu peguei este estilo de circo e ele não gostava... E o circo foi crescendo, crescendo... mudou o nome, né? De "T" passou para "H", depois de "H" passou pra "DPAC"... e hoje nós tamo aí num... num dos maior circo do Brasil aí.

23 Suara - Mas, como foi tocar um circo sem ter esta experiência?

24 A.R.P. - Não, a experiência veio já de pequeno, né? Já junto com... é... de quando eu entrei até dezenove ano, você vai adquirindo já uma... uma certa...

25 Suara - Mesmo sem a experiência de como fechar praça por exemplo, estas coisas assim?

26 A.R.P. - Então, aí aí sim, aí num num, nós aprendemo mais com isso tocando mesmo, né? Porque a necessidade já... mas sempre tem pessoas né, que não precisa ser o dono, propriamente, para fazer as praça, né? Então tem o secretário, que ía na frente pra fazer as praças... que até então quando o circo pega um, um tamanho grande, tem que te as pessoas na frente, né? Linha de frente que fala, né?... E essa pessoa vai abrindo a praça e a gente vai fazendo, né?

27 Suara - E você... hoje, você não mora mais aqui no circo?

28 A.R.P. - Não, moro... moro. É que quando o circo fica perto da, da sede né, aí a gente aproveita e curte um pouquinho mais, né?

29 Suara - Mas se não...

30 A.R.P. - Mas quando sai... vai pra Brasília, muda de Estado né, aí não, aí a gente já fica mais, né?

31 Suara - Como é que é morar no circo?

32 A.R.P. - Ah! É gostoso, né?

33 Suara - É?

34 A.R.P. - É gostoso.

35 Suara - Qual é a melhor parte?

36 A.R.P. - Ah! A parte boa é que você mora dentro do, do, do do... digamos aí, dentro da fábrica, né? Quer dizê, num tem esse trabalho todo como tem as pessoas que moram na cidade né, de... tê que pegá ônibus ou de pegá carro, pegá trânsito, né? Você tá dentro ali do, do... do que é teu né, no caso né... e passa a ser um costume. E a gente acostuma tanto com a... com a vida itinerante que, quando o circo fica parado, como nós estamos aqui há dois meses, já... a gente qué mudá. Sabe, parece que fica no sangue aquilo, né?... Então a gente não vê a hora já de ir pra outra cidade, como se diz né (risos).

37 Suara - Neste período todo você pensou em fazer outra coisa? Teve um momento em que pensou em desistir?

38 A.R.P. - Ah! É... o problema do, do circo no Brasil. O circo ele tá, ele tá muito abandonado né, é... Ele não tem... apoio político... de maneira nenhuma, né? Você vê... os terrenos hoje que, que pertencem ao... que pertencem ao Estado ou pertencem ao Município... Eles proíbe de armar o circo... eles não deixam né, eu... eu não sei o porquê né, de uma história milenar né, num tê... é... esses terreno gratuito... E hoje nos tamos passando por uma dificuldade grande, de locação de área... porque antigamente, mesmo você... uma área grande, nós trocávamos com... permanente... com ingresso... né? Era rara as vezes a gente pagava um terreno. Sempre quando a gente ia pedí um terreno... o dono do terreno: - "Não. Dá uns ingresso pra gente dá pra família". E fazia aquela troca.

39 Suara - Isso há quanto tempo atrás?

40 A.R.P. - Há uns... quinze ano atrás... mas eu, eu falo sempre que os dono do terreno, eles não tem culpa, né? Porque hoje, hoje o imposto é muito caro. Então uma área grande parada, custa muito dinheiro... Que nem aqui... aqui este local aqui é setenta, quase oitenta mil reais de IPTU por ano. Então, o dono do terreno tem que cobrar, né? Então é aonde entra a dificuldade, que você paga terreno caro, a mídia é muito cara... né? E nós num temo... apoio nenhum, que nem eu falei né, dos ingresso é, é promocional né, de...de estudante né. Eu acho muito bonito isso, mais em contra-partida o que que você tem contra isso? Nada. Você não tem um, um, um, uma troca disso aí, porque é uma lei cultural, né?... É... o circo é cultura... mais o, os governo, eles misturam uma, uma coisa particular com teatro. O teatro é do, do governo né, é municipal... Cada cidade tem um teatro... Então isso é do governo, isso ele pode exigir que as peças cobre meia né... meia entrada. Agora, o circo não. O circo... o circo não é do governo. Ele não pode exigir isso aí. Seria a mesma coisa dele falá... é... "Vai no mercado de fulano de tal lá e... que... vai ter que... vai pagar metade dos preço", né? Então eu acho isso muito bonito, concordo até com isso aí... mais que em contra-partida que desse o terreno, né? Que desse banheiro, luz, água... que a maior dificuldade do circo é isso aí, né? É luz, água, terreno e... e a gente vê que... desse lado aí nós tamos abandonado... Você vê o circo do... o Circo de Soleil, né?... Tão famoso

que não precisa de ajuda, né?... Aliás ele... ele pode ajudar os demais, né?... Até hoje ele tem apoio do governo dele, até hoje o Soleil tem apoio... e... e o brasileiro? Ele... não sei, as empresa brasileira... eles, eles acham o circo brasileiro é como um circo mambembe, né? Como... né, tem medo de colocar marca dele né, no... você vê aí a, a , a verdade que é tão forte você vê que o Soleil é um circo né, é um circo, é o mesmo espetáculo... Nós temos artista daqui, que saiu daqui e tá lá trabalhando lá. Quer dizer, você vê... se o artista sai daqui do DPAC trabalha no Soleil, quer dizer é um nível de... né... muito alto, né? Tá certo que lá é uma outra realidade, né? É um... o Soleil é uma, uma produção, né? Você vê que nem ele gosta de mandar os números pra televisão. Por quê? O artista dele na televisão, no Faustão, ou no Gugu, algum, algum... você vê aquelas apresentações pra divulgar o circo? Eles acham... pra eles péssimo isso aí. Eles não gostam... porque o artista vira comum, né? Ele fica um artista comum, porque não tem aquela produção que o picadeiro do Soleil tem... Então eles mandando um artista pra televisão, eles fazem propaganda contra né, que num vai ver é o mesmo número, mais lá o número morre... É o que acontece com a gente. Nós não temo esta produção toda, né? Mais em si, os... os artistas são iguais, não tem diferença nenhuma... e a diferença é que lá paga seiscentos reais e aqui paga trinta... Essa é a grande diferença, né?

41 Suara - E você sente que ainda tem essa coisa que você falou, que as pessoas acham que o circo no Brasil ainda é... mambembe?

42 A.R.P. - Ah! Tem... tem... tem, tem.

43 Suara - Você sente algum tipo de...

44 A.R.P. - Pra você ter uma idéia, pra você tê uma idéia, eu tava assistindo o programa da H. Na época, e o meu circo não era... tava caminhando pra ser um dos grande... mas ainda não era, ou ou era, mas não entrô, o nome ainda não tinha entrado, né?...

45 Suara - Oficialmente.

46 A.R.P. - Isso. E eu ouvi... eu ouvi a H... não falando por mal não, porque ela teve nos Estados Unidos, antes mesmo do Soleil fazê o Brasil. Ela teve nos Estados Unidos e ela falou: "Gente! Olha, vocês não tem noção do que é o Circo de Soleil". Quer dizer... é... é... colocando o Circo de Soleil no, no último patamar e... de repente ela falou, não por maldade, né? Ela quis explicar o que era o Soleil, né? - "É muito diferente do nosso cirquinho". Ainda falou assim, "cirquinho"... é diferente do "cirquinho" O.O., do "cirquinho" é... G.. Quer dizer, ela simplesmente falou de duas potência do Brasil, né?... Circo muito grande... ela colocou como um nada, perto de um Soleil. Então é a mentalidade dela, talvez ela não falou para ofender, ela quis só colocar a diferença, mas se ela tivesse talvez falando Solei e um circo mambembe mesmo, né? Não. Ela pegou dois circo de top e jogou como se fosse mambembe. Então é... por aí... é... é... é por mais que seja... é... é... é grande, bonito, espetáculo limpo... né... a diferença é muito grande... Então o brasileiro hoje, circo, fala em

Soleil, né? Tem pessoas que não tem o poder aquisitivo para assistir, mas caba indo, caba dando um jeito, caba vendendo coisas e caba indo... Então é... é... é eu acho que precisava mais entrar na cabeça do empresário né... porque tem a Lei Rouanet, né. A Lei Rouanet é... é... é... o empresário, ele não tira dinheiro do bolso pra... pra podê... patrociná um espetáculo, ele tira parte que deveria de dar para o governo. Então, é uma coisa muito fácil de, de... de... é só querer, né? Mas ele tem medo, né? Tem medo de, de... não sei...

47 Suara - E quando você se apresenta como de circo, você sente que as pessoas... Qual que é a reação que as pessoas têm? Há alguma diferença, você nota, sente isso?

48 A.R.P. - É... tem, né? Não as pessoas que conhece a gente né, que vê que não é por aí, né?

49 Suara - É né.

50 A.R.P. - É. Mais as pessoa de fora, ficam com receio, né? Depois não. Depois vem essa pessoa que tem o pensamento completamente errado né, no no caso né, ele caba, ele caba, pedindo até desculpa, né? “Nossa, a gente não esperava que fosse assim, né?” Aqui mesmo, aqui teve problema aqui com o muro alto desse aí. Tive que tirá a carreta aqui do lado aqui, porque falaram que... que as pessoas ía subi, ía pulá pro lado de lá. Então... existe o preconceito, né?

51 Suara - Hum.

52 A.R.P. - É que nem o preconceito de branco e negro, né? A turma fala, fala, fala, fala mas o preconceito ele é claríssimo, né? Porque se... vai fazê um... você vai assisti um filme aí o... o... o... o cara que é o mau, ele coloca o negro, você vai numa casa de show o cara pra impor né, é... é o segurança, é negro, quer dizer é, é claro né, a... a... a... o preconceito, é claro né. Mudam né, eles fazem de tudo pra... se vê, tem um, um... um comercial coloca né, um negro. Quer dizer, é tudo coisa forçada, porque na verdade há, né? Porque se existe, se existe, até hoje eu tô falando isso porque eu tenho amigos negro que é... que trabalha muito em... segurança, né... e eles falam né, porque que colocam a gente, a preferência é pra negro de, de segurança... né, pra impor né, pra botar medo, pra... então é clara né, ele mesmo fala isso aí, aberto né.

53 Suara - Que tipo de... o que que você acha que as pessoas que são de fora do circo, pensam sobre as pessoas de circo?

54 A.R.P. - Pensa que é cigano... que num tem... num tem... como é que fala? Parada, né? Num tem sede, no caso né. Num tem casa, num estuda, é sujo... é tem esse pensamento.

55 Suara - Hum.

56 A.R.P. - Ainda tem, né?

57 Suara - Tem?

58 A.R.P. - Antigamente tinha muito mais, né? Antigamente era bem crítico mesmo isso aí... Cê tinha que pegá um abaixo assinado, né? Conversá com as pessoa, pras pessoa autorizá

a... a... ao proprietário do terreno autorizá a gente a entrá. Então o dono é: “Por mim não tem problema né, mais o vizinho... tem isso, tem aquilo né. Então é complicado.

59 Suara - Você já se imaginou fora do mundo do circo?

60 A.R.P. - Como assim?

61 Suara - Parar... deixar, fazer outra coisa?

62 A.R.P. - Não, eu eu já tô me afastando um pouco, né?... Mas pará? Isso aqui nunca vai para. Porque tem meus filhos, né? Então...

63 Suara - Assim, como é que você se sentiria se a partir de amanhã você não fosse mais de circo?

64 A.R.P. - Não, eu... eu acho que... claro né, como, como eu era fascinado por, pelo circo... porque eu gosto das coisa bem, bem, bem certinha, bem arrumadinha... e hoje, e hoje, eu a renda do circo não tá dando. Num tá dando pra mantê o que eu queria, entendeu? O que era o circo DPAC uns ano atrás, não tá num... num tem como, num tem como, então você vai largando, você vai virando um circo comum.

65 Suara – ã-hã.

66 A.R.P. - E eu nunca quis ter um circo comum... eu quis sempre sobressaí... mais o que te obriga a virá um circo comum é a... é a... é a falta de bilheteria, né? Falta de... de recurso, né? Você não tem recurso.

67 Suara - Você falou que o circo fascina. O que exatamente fascinava ou... fascina ainda?

68 A.R.P. – Não. Fascina ainda. O problema é que... não, é que...

69 Suara - O que exatamente do circo?

70 A.R.P. - É... é... é o melhor, eu tô no melhor entendeu. Eu sempre quis ter o melhor circo... quase consegui, mas hoje eu tô chegando a realidade que é impossível. É como o Silvio Santos falou: “É impossível passar a Rede Globo”. Você ouviu ele falá outro dia?

71 Suara - É.

72 A.R.P. - Eu cheguei a conclusão que é impossível, né?

73 Suara – Uh-huh.

74 A.R.P. - ... quase, tomô o lugar as vezes aí, na nalgums nalguns pico aí e... realmente aos domingo ele domina ainda, mais ele tá vendo que ele já tá com uma idade que daqui a pouco num... e num vão... porque o Silvio também quis afastar do, da televisão, você soube, né?

75 Suara - Sim.

76 A.R.P. - Ele quis dar uma afastada e de repente ele viu que, quando ele saiu, ele perdeu até o segundo lugar.

77 Suara - Hum.

78 A.R.P. - Então ele teve que voltá pra... só que ele não é eterno, né? Então ele sabe que aquilo num, na hora que que ele faltá, vai cair pra terceiro, quarto né? Então o meu gosto não era se isso, né? Num digo ultrapassá o Soleil que é impossível também né, mas sê o top, né? Mas eu tô vendo que num... num tem, num tem público pra isso.... é é é como outro dia eu expliquei até pro senhor A.V.... é o circo nosso tá tão... como se diz, assim, desacreditado... que se eu pegá o meu espetáculo colocá no Circo de Soleil e o de Soleil no CN... ele vai andá uns bons ano ainda com o meu espetáculo... e eu não vou pagá a primeira semana da folha do Circo de Soleil...

79 **Suara - Hum.**

80 A.R.P. - Entendeu? Sendo a mema coisa.

81 **Suara – ã-hã.**

82 A.R.P. – Né? Como eu lá, artista que foi lá. Tenho artista que tá na Alemanha... mas você não consegue.

83 **Suara - Hum.**

84 A.R.P. - Porque... seria... seria um cantor... um cantor de verdade, não estes cantor de hoje... um cantor mesmo, é... competi com um desses que estóra agora... canta, né? Mas num consegue fazê o que o outro faz. Então, não adianta num... é fora da realidade... Então, eu acho que... que o circo, ele deveria de de de de lançá um artista que você fala assim: “Eu vou contratá aquele artista e vou trazê aqui”... e se o povo soubé que aquele artista tá aqui, ele vai vim assistir, tá entendendo? Então você vai em busca do estrela, né?

85 **Suara - Hum.**

86 A.R.P. - Mas no circo do brasileiro não é assim. Lá fora não, lá fora o cara vai aonde tá o, o bom artista, mesmo sendo do circo. Até Europa é assim... né? Fulano de tal: “Nossa! Fulano de tal tá no circo tal! Vamo lá vê ele”? Mas aqui não. Aqui eles põe dentro de uma sacola e amarra, né?

87 **Suara - Você sente então, diferença do circo de fora, vamos supor do México, dos Estados Unidos? Será que eles são mais aceitos pela...**

88 A.R.P. – Ah! Não. São... são... são... são... são sim, sem dúvida.

89 **Suara – População?**

90 A.R.P. - Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma... né. Claro que também não é todo mundo, né? Eles querem coisa boa, mas aqui não. Aqui... aqui... aqui... aqui não. Aqui é diferente aqui... “Olha eu fui lá, é tão bom!”, mas não volta mais, entendeu? E num... num sei é coisa de brasilei... é cultura né... é cultura. E... pelo que tá acontecendo, eu acho que... que... que vai se perdendo cada vez mais... porque hoje... antigamente, o circo ainda... ainda era... era... Bom, tinha que ser sucesso porque era a única diversão que tinha, né? Mas... tinha uma cultura, né? Os pais levavam os filho ao circo né, chegava o circo, não,

levava. Aquela criança... vai levar o filho com certeza, né?... Ela vai dá sequência, né? Não digo assim fanático, mais vai ao circo.

91 Suara – ã-hã.

92 A.R.P. - Mas hoje o que, o que que vai acontece com o circo? Se tem pessoas aí com quarenta, cinquenta anos que nunca foi ao circo. Os filho dele... como que, que, que o filho dele vai ao circo, se o pai nunca levou? Então, vai ficando cada vez mais crítica a situação no, no circo brasileiro... né? Você vê a retirada dos animais... né? Isso foi uma perca muito grande que o circo teve... porque além do circo... é... usar os animais como ensino pras criança né... que hoje uma criança da cidade, não sabe nem o que é uma galinha, não sabe nem... né? E o circo vinha cum... cum... cum o zoológico e ensinava o que era o leão, o que era o tigre, o que era o elefante, né? Então era uma maneira de... de... de... de mesmo de aprendizagem, né? E simplesmente o brasileiro, a lei brasileira né, os... que quem faz as lei é os político né, e hoje você vê os político, a qualidade dos políticos que nos temos né, tem... se até o presidente num era formado a nada e foi presidente. Você vê então, são pessoas sem... conhecimento nenhum... Se repente proíbe sem fiscalizá. Eu concordo que... vamo fiscalizá, vamo vê quem maltratá. Não pode maltrata nem um cachorrinho, nada né? Mas tinha que tê uma fiscalização pra vê quem é quem. De repente aquilo que eu falo né, eles põe num saco, amarra e pronto. Não, não, não pode e acabô. O que que é isso?

93 Suara - Hum.

94 A.R.P. - Que nem a lei, né? Ela... ela... ela é crítica ao circo... é proibido... é proibido, é... proibido animais em atividade circense, quer dizer, ela mata. É só no circo. Então a preocupação não é com o animal, porque se fosse com o animal... é proibido exibição, e e e no caso o o o o exibição, e nem colocá os animais exposto a trabalho, em qualquer atividade.. você concorda comigo? Por quê em circo? E abre todo o campo pra todas as... Eu não entendi a lei, não entendi. Mas quem fez a lei não tá preocupado com o animal. Ele não qué ela no circo e acabô. Fim de papo. Por que o rodeio tá aí? Continua levando os animais na televisão como eu levava também, né? Quer dizer, o animal é pra ficar na selva né, mas não é pra ficar na televisão também. E hoje não, hoje ela é proibida em circo. E é séria... é cinquenta mil reais de multa se tiver. Tiraram a pomba do mágico, tiraram o cachorrinho do picadeiro. Sabe, tiraram tudo. Então, é complicado... As lei mesmo elas vão, vão encurralando o circo de uma maneira que num...

95 Suara - Como que você vê o futuro?

96 A.R.P. - Olha, não sei viu! Eu... vai ser bem crítico... vai ser bem crítico...

97 Suara - E até os artistas, você percebe que é o mesmo nível dos artistas de hoje, comparado aos artistas de antes? Como você vê isto?

⁹⁸ A.R.P. - ... É o... quase não tem, né?... (risos). Antigamente tinha muito artista, né? Hoje já... os pais já tão... dos, do, dos circense, eles já tão colocando o filho pra estudá, mas não estudá simplesmente pra aprendê alguma coisa, pra estudá e se formá, né?

⁹⁹ **Suara - E sair do circo?**

¹⁰⁰ A.R.P. - Vai se formá pra fica no circo? Não tem lógica, né? Não tem... porquê. O circo é, é, é, eu sei também que o circo é uma escola né, uma escola muito grande né. Mais... qué dizê, ela te ensina... te ensina você vive, né? Ensina você... é que nem a Xuxa. A Xuxa pediu a a a molecada do circo pra fazê um quadro. Outro dia faz tempo já, pra fazê um quadro lá porque ela sabe que a criança do circo... eles são atirado, né? Eles sobe no trapézio, sobe na corda. E tinha um... começaram né, o programa, e o, e os menino da cidade num... num “cabava” o quadro porque num, num conseguiam fazê os testes que tinha que fazê lá. E de repente deu uma idéia lá, não sei o diretor lá,: “Vamo trazê criança de circo!”. Aí começou colocá criança de circo. Aí começou a dá ibope, né? No... no... porque elas são mais atirada, né? Não é a criança que vai na escola, vem pro apartamento, fica trancado. Então... é nisso tudo a gente agradece muito que, que abre muito campo pra, pra, po, pra criança né, pro homem de circo né. Mais eu acho que a tendência é é ficá bem crítica mesmo viu.

¹⁰¹ **Suara - Hum.**

¹⁰² A.R.P. - Com a tirada dos bicho, já... deu uma queda de, de mais de sessenta por cento, né? E agora entra aí u, u, as internet da vida... aí (risos). Hoje a criança não vai nem no portão (risada).

¹⁰³ **Suara - Fica só ali, né?**

¹⁰⁴ A.R.P. - (Risos). Mais é... é uma pena né, é uma pena... porque a cultura do, do circo é milenar,né? É a primeira diversão do mundo, né? Você vê, na antiga Roma quando, quando... jogavam lá pra lutá com os leões lá, o circo surgiu daí, né? Você sabia disso, né? Ele começou daí. Então é, é muito antiga né... pra í mexendo assim... o, o circo que fez todo o zoológico, não é o zoológico que fez o circo, é o contrário, o circo fez o zoológico. Primeiro os animais do circo, depois pro zoológico.

¹⁰⁵ **Suara - Hum.**

¹⁰⁶ A.R.P. - Né?... Eu acho que deveria de respeitar né... um pouco mais né... porque é... você entra numa história de circo, num tem como contá uma história de circo, quer dizer, daqui pra frente num sei como é que vai ser as história né, mas não tem como você começá uma história, escrevê um livro que não entra os animais. Você vai fazê uma letra, uma música falando de circo que não entre o elefante? Que não entre... Sabe é uma história muito forte!

¹⁰⁷ **Suara - ã-hã.**

108 A.R.P. - E de repente acaba assim!... Agora, se fosse mundial, né? Não. É no Brasil... tem leis também fora, tem leis nos Estados Unidos tem, na Argentina tem... mais ali... não fizeram a lei de proibição... fizeram uma lei...

109 **Suara - Contra os maus tratos...**

110 A.R.P. - Realmente quem né, quem não pode tê, num vai tê, né? Aqui não, aqui... assinaram e pronto. No Rio de Janeiro assinaram entre quatro parede. Num, num foi um representante do circo pra sequer discutir. Simplesmente sentaram, assinaram e pronto. É proibido e fim... Então é... qué mais jogado que isso? Não tem, né? Mais... agora, os menino vão continuá com certeza né, porque eles gosta também, porque na verdade eles que são os circenses né ... eu, eu entrei pro mundo do circo...

111 **Suara - ã-hã. Eles... são os seus filhos?**

112 A.R.P. - É. Eu já tô fazendo uma lona na Itália, nós temos cinco lona aí.

113 **Suara - Sério?**

114 A.R.P. - Essa que tá aqui é italiana também, mas as lona nacional, elas duram pouco e... e não tem tanta segurança, né?

115 **Suara - Hum.**

116 A.R.P. - Contra... temporal, estas coisas. Já tamo fazendo uma outra na Itália. Estreamo em outubro...

117 **Suara - Aonde vai estrear a lona?**

118 A.R.P. - Deve ser Campinas... e... se nada atrasá, né? Vamos estreá ela senão vamos estreá uma outra mesmo né, que nos temo aqui... mais... a programação é pra estrear em outubro...

119 **Suara - Você fala que eles são circenses por terem nascido já...**

120 A.R.P. - É. É, já tem meu netinho, né?

121 **Suara - Já tem o netinho...**

122 A.R.P. - E então vê se segue, né? Agora eu não sei até quando eles vai segui, né? Então eu já tô procurando umas coisa mais na cidade né, pra fazê coisas mais parada. Não digo que não né, claro vou tá sempre no circo mais não na cabeça, né? Então vai ficá mais pra eles. E assim eu espero que outros também... dono de circo continue né... mais que tem hora que dá vontade pará tudo, dá!

123 **Suara - Você senta com seus filhos e vocês falam sobre isso? Como é que vai ser e tal?**

124 A.R.P. - É porque eles, eles me acompanharam né, do meu capricho pelo circo né. Eu não entrava assim com o chão.. era cimentado, era carpetado sabe? Era um outro nível né. Claro que no começo não, mais a hora que eu peguei um certo tamanho, aí eu tinha prazer de fazer, né? Com fonte, com aquário dentro do circo, mais isto tudo... precisa de dinheiro, né? Cada vez que vai carpetá uma sala de espera é quatro, cinco mil reais e depois não

serve mais né ... e.. vai ficando velho, não tem jeito, né? No máximo por duas cidades você usa, tem que jogar fora. Depois tem o cimento que você usa, né? Mesmo a pedra né, é caríssima né, pedra de construção... fica... Então... do jeito que eu quero tocá o circo, eu tô num... Num tô feliz com isso, entendeu? Essa é a minha... porque pra se de qualquer jeito... não dá né?...

125 Suara – ã-hã.

126 A.R.P. - Tem que sê tudo pintadinho, manutenção de caminhão, manutenção de carreta, manutenção de pneu, manutenção de palco... né... de cortina de de de roupas de de... e é muito caro.. e e e infelizmente o brasileiro acha que o circo, ele, ele, ele, nem todos, né? Porque se fosse todos nós távamos bombardeados de vez né, mais a maioria acha que o... Ele sabe a diferença de um fusquinha pra um BMW sabe muito bem, mas eles não sabem de um circo pro outro, sabe? Pra começá pela segurança, você colocá teu filho debaixo de uma lona que vai vim um ventinho qualquer e vai cair tudo em cima? Então eles não vê essa diferença. Diferença de espetáculo, diferença de segurança... eles não vê. Então, acha que o outro cobrou cinco real, você também tem que cobra cinco. E não é assim. Hoje um circo desse no mínimo aqui, era pra tá cobrando cinquenta, cem, cento e vinte, cento e trinta reais. Cento e trinta no mínimo... mais tá cobrando aí quinze, trinta, vinte. As vez baixa pra dez, e mesmo assim o povo ainda não vem. Então é difícil. Como que você dá segmento num... Então, você vai vendo tudo feio, sem pintura. Quebrô ali, amarrô, aí você perde segurança, perde tudo, né? Então, eu não concordo com isso, discordo de tudo isso... mas vamô vê até onde vai (risos).

127 Suara - Obrigada, muito obrigada por sua atenção.

128 A.R.P. - Que isso?

Após este momento entreguei a máquina fotográfica ao senhor A.R.P. para que ele tirasse as fotos, porém ele voltou a comentar sobre o circo, como segue:

129 A.R.P. - Mais de quarenta carreta. E as carreta, elas servem pra... divulgação né... outdoor ambulante. Que antigamente até isso podia fazê, né? As passeata, né? Então você engatava dez caminhão e e e e ia os animais, com jaula né, as carretas, fica um outdoor andando, né?

130 Suara - Não pode mais?

131 A.R.P. - Proibido. Proibido carro de som, proibido dá pranfleto na... na... inviável, né? Você fica inviável de fazê as coisas...

132 Suara - Essa primeira foto que você tirou ali, porque que é importante?

133 A.R.P. - Então, porque o o... ninguém tem isso, né?

134 Suara - Ah!

135 A.R.P. - Essa idéia de, de fazê uma entrada pela carreta... e... até o B. C. quando veio aqui falo: “Olha, nunca tire isso aqui... nunca tire isso aqui, porque é, é o diferencial, né?

¹³⁶ **Suara - E essa aqui?**

¹³⁷ A.R.P. - É, as duas né? Então como nós tinha muito, eu tive a ideia né... falei: “Vamo fazê uma escadaria na própria carreta” e servi né... de, de passarela né, de... E aí eu coloquei isso e nunca consegui tirá... mais ela é bonita também no terreno bonito, entendeu? O circo fica bonito no terreno bonito, não como esse... né? Isso aqui é um terreno que... não tem condição de armá, né? Mais nós num temo mais área... Então você tem que entrá e... geralmente quando você começa arrumá, vem a chuva... atrapalha tudo... porque tem que ficá tudo alinhadinho né, de frente... túnel batendo com túnel, né? Quando armei no no... aí no Center Norte, no Anhembi que são terrenos bons. Mais hoje num cede mais, né? O circo mesmo ele “tano” digamo assim, faltando pintura... ele dá uma outra visão, né? Agora num terreno feio... se montá um Soleil aqui fica feio (risos).

¹³⁸ **Suara - (Risos).**

Após A.R.P. haver comentado sobre suas imagens, agradei novamente por sua atenção e por me haver concedido a entrevista tão prontamente. Ele sorridente também agradeceu dizendo ser esta uma forma de ajudar a escrever a história do circo e que isto contribuirá para manter sua cultura e tradição. Em seguida nos despedimos.

APÊNDICE G Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano.

Caso este termo de consentimento contenha termos, palavras ou informações que você não compreenda, solicite explicações à pesquisadora, para que todo o documento seja compreendido na sua totalidade.

Prezado (a) Senhor (a): Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa:

“O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano”.

O objetivo desta pesquisa é conhecer o cotidiano da vida no circo, através do ponto de vista e da perspectiva dos próprios circenses. Esta pesquisa é muito importante para nos ajudar a compreender qual é a visão que as pessoas que se dedicam ao circo têm sobre o seu cotidiano e sobre a atividade que desenvolvem.

A sua participação, portanto, é muito importante e ela se dará da seguinte forma: o senhor (a) participará de algumas conversas com a pesquisadora Suara Bastos a respeito do tema/objetivo da pesquisa, referentes ao cotidiano da vida circense.

A partir daí, outras questões poderão surgir no diálogo em torno desse tema, que poderão ou não ser livremente respondidas pelo senhor (a).

As conversas serão gravadas por um aparelho gravador de áudio ou vídeo, e serão posteriormente analisadas. Durante as conversas a pesquisadora pedirá que o senhor (a) tire quantas fotografias quiser, podendo aparecer nas fotos ou não, de qualquer coisa que o ajude a descrever como o senhor (a) se vê dentro do circo, de forma a retratar o seu cotidiano, ou seja, o seu dia a dia. Não é necessário que o senhor (a) tenha experiência prévia em fotografia.

Rubrica do sujeito de pesquisa ou representante legal: _____

Rubrica do pesquisador: _____

Com as fotografias em mãos, a pesquisadora solicitará ao senhor (a) que comente suas fotos por escrito ou oralmente, procurando descrever seus significados pessoais.

A duração prevista da pesquisa é de 3 (três) anos. As conversas serão agendadas em horário e local definidos de comum acordo entre a pesquisadora e o senhor (a). Os arquivos contendo a gravação em áudio e/ou vídeo de nossas conversas ficarão seguramente guardados e poderão ser utilizados apenas para objetivos da presente pesquisa, assegurando-se sempre a sua confidencialidade, sigilo e privacidade. Estes arquivos serão eliminados após a conclusão da pesquisa. Alguns trechos do diálogo poderão ser selecionados para transcrição. O conteúdo transcrito poderá ser utilizado na produção de textos científicos, porém sua identificação não será divulgada em nenhum momento.

As fotografias tiradas pelo senhor (a) que permanecerão para seleção e posterior publicação, serão as que não possam identificar de nenhuma maneira o circo ou alguém do circo, garantindo desta forma a privacidade de todos.

Este estudo não apresenta nenhum tipo de risco ou prejuízo ao senhor (a). Os benefícios esperados com essa pesquisa dizem respeito sobre o aprimoramento dos estudos sobre o circo e seu cotidiano e um maior entendimento sobre a cultura circense.

Você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Informamos que o (a) senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, também, que sua participação não deverá acarretar em nenhuma despesa para o (a) senhor (a). A sua participação é totalmente voluntária. Mesmo concordando em participar da pesquisa por meio da aceitação deste termo, você tem a liberdade de retirar o consentimento a qualquer momento e, portanto, deixar de participar do estudo.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

Endereço: Av. Professor Melo Moraes, 1721 – Cidade Universitária – CEP 05508-030 – São Paulo – SP – Telefone: 3091-1012 – E-mail: danilosg@usp.br

Rubrica do sujeito de pesquisa ou representante legal: _____

Rubrica do pesquisador: _____

Pesquisadora principal: Suara Bastos

Rua Cônego Valadão, 1522 sala 3 – Vila Augusta – Guarulhos – CEP 07111-040

SP – Telefone: 3431-4999 – E-mail: suara@usp.br

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário (CEP-HU)

Endereço: Av. Prof. Lineu Prestes, 2565 – Cidade Universitária – CEP: 05508-000 – São

Paulo – SP – Telefone: 3091-9457 – Fax: 3091-9452 – E-mail: cep@hu.usp.br

Dados de Identificação do Sujeito da Pesquisa (ou seu responsável legal)

Nome do sujeito da pesquisa ou representante legal:

Nº do documento de identidade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino Data de Nascimento: ____ / ____ / ____

Endereço: _____

Telefone: () _____

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento e que compreendo que sou livre para retirar-me do estudo em qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

São Paulo, _____ de _____ 2012.

Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal

Suara Bastos

Universidade de São Paulo/Instituto de Psicologia

Programa Psicologia Experimental

Rubrica do sujeito de pesquisa ou representante legal: _____

Rubrica do pesquisador: _____

APÊNDICE H - Fotos tiradas na primeira visita ao circo

Figura 36. Imagem da entrada do estacionamento do circo “D.P.A.C.” (Foto: Suara Bastos).

Figura 37. Imagem de uma das carretas do circo “D.P.A.C.” (Foto: Suara Bastos).

Figura 38. Imagem da entrada principal do circo “D.P.A.C.” e de parte do estacionamento.
(Foto: Suara Bastos).

Figura 39. Imagem da parte de baixo das arquibancadas. Caminho que dá acesso da entrada ao fundo do circo. (Foto: Suara Bastos).

Figura 40. Vista parcial das arquibancas. (Foto: Suara Bastos).

Figura 41. Vista de parte dos camarotes e da arquibancada. (Foto: Suara Bastos).

Figura 42. Vista da entrada central que dá acesso às arquibancadas e camarotes.
(Foto: Suara Bastos).

Figura 43. Vista de parte do picadeiro. (Foto: Suara Bastos).

Figura 44. Vista da parte interna da lona do circo. (Foto: Suara Bastos).

Figura 45. Vista da parte interna da lona e da cortina que dá acesso ao centro do picadeiro.
(Foto: Suara Bastos).

Figura 46. Vista da cortina que dá acesso ao centro do picadeiro.
(Foto: Suara Bastos).

APÊNDICE I – Fotos da casa de C.K.

Figura 47. Fotografia da sala de C.K. (Foto: Suara Bastos).

Figura 48. Fotografia dos pratos decorativos de C.K. (Foto: Suara Bastos).

Figura 49. Fotografia dos pratos decorativos de C.K. (Foto: Suara Bastos).

Figura 50. Vista do quarto e do banheiro de C.K. (Foto: Suara Bastos).

Figura 51. Vista parcial da sala e da cozinha de C.K. (Foto: Suara Bastos).

Figura 52. Vista da cozinha e da parte frontal do ônibus de C.K. À esquerda vê-se o lugar do motorista. (Foto: Suara Bastos).

ANEXO A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Hospital Universitário da Universidade de São Paulo - HU/USP

PROJETO DE PESQUISA

Título: O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano.

Pesquisador: Suara Maria Bastos Maruoka

Versão: 1

Instituição: INSTITUTO DE PSICOLOGIA (USP)

CAAE: 00711012.2.0000.0076

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 12275

Data da Relatoria: 13/04/2012

Apresentação do Projeto:

O circo e suas construções de sentido: um olhar para a perspectiva do circense sobre seu cotidiano. Pesquisador: Suara Maria Bastos Maruoka. Proponente: INSTITUTO DE PSICOLOGIA (USP).

Objetivo da Pesquisa:

Investigação com um estudo de caso de uma instituição específica, levando em conta o olhar para a perspectiva dos circenses entrevistados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Participarão os adultos que trabalham em um circo que consentirem assinando o TCLE. Não se esperam benefícios dos participantes, e o risco tende a zero, pois trata-se de uma entrevista semi estruturada a ser respondida pelos sujeitos de pesquisa (Anexo I) até saturação dos dados. Há possibilidade de criação de novos dados a serem acrescentados aos conhecimentos da trama e urdidura psicológica das populações circenses. Como uma das características dos circos são o viajar constante, não se pode definir a priori qual o circo será estudado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa interessante por debruçar-se sobre uma micropopulação ainda pouco estudada, mesmo sendo indivíduos que fascinam o imaginário comum.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE extenso mas contemplando desde a resolução 196/96 e sua última modificadora.

Recomendações:

APROVADO

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

SAO PAULO, 18 de Abril de 2012

Assinado por:
Mauricio Seckler